REVISTA

DO

ARCHIVO PUBLICO MINEIRO

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

DE

Aurelio Pires

DIRECTOR INTERINO DO MESMO ARCHIVO

ANNO XXI — 1927

FASCICULO II — ABRIL A JUNHO

BELLO HORIZONTE
IMPRENSA OFFICIAL DE MINAS GERAES
1927

Summario deste fasciculo

		PAGINAS
I	*Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes...*	101
II	*A Proclamação da Republica em Minas Geraes. O 15 de Novembro em Ouro Preto.....*	146
III	*Bernardo Guimarães na intimidade.. .....*	183
IV	*Faculdade de Medicina de Bello Horizonte (Subsidios e documentos para a historia da fundação da mesma...*	193
V	*Indice dos livros do Archivo Publico Mineiro.....!*	275

COLLABORAÇÃO

Acceitam-se, para serem insertos nesta *Revista*, os artigos que nos forem offerecidos, uma vez que sejam elles escriptos em termos convenientes e que tenha sua materia interesse real para os fins do *Archivo Publico Mineiro*.

REVISTA

DO

Archivo Publico Mineiro

99

REVISTA

DO

ARCHIVO PUBLICO MINEIRO

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

DE

Aurelio Pires

DIRECTOR INTERINO DO MESMO ARCHIVO

ANNO XXI — 1927

FASCICULO II — ABRIL A JUNHO

BELLO HORIZONTE
IMPRENSA OFFICIAL DE MINAS GERAES
1927

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 81
Data 03/07/95
BIBLIOTECA

101

Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes

(Origem; historico; fins; séde)

(DA DIRECÇÃO)

102

Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes

O Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes completou vinte annos de existencia a 16 de junho do corrente anno de 1927.

A sua origem foi a seguinte:

Em 1901, o *Diario de Minas*, de Bello Horizonte, proclamava a necessidade da fundação de um Instituto Historico, neste Estado. Contemporaneamente, com insistencia digna de applausos, o distincto mineiro dr. Nelson de Senna, fazia um appello, nesse sentido, a diversos homens de lettras, capazes de realizarem tal *desideratum*.

Finalmente, o Club «Floriano Peixoto», desta capital, por iniciativa e proposta de seu benemerito socio, coronel Julio Cesar Pinto Coelho, nomeou uma commissão composta dos seguintes socios do mesmo club: dr. Antonio Augusto de Lima, dr. Prado Lopes, dr. João Luiz Alves, dr. Francisco Alves Junior, coronel Francisco Bressane, dr. Olyntho Meirelles, dr. Estevam Pinto, major João Libano Soares, coronel Julio Pinto Coelho e dr. Pedro Sigaud, para promoverem uma reunião publica, na qual fosse ventilado o magno assumpto da fundação do *Instituto*.

Essa reunião, realizada a 16 de junho de 1907, na sala das sessões da Camara dos Deputados ao Congresso Mineiro, nesta capital, foi o posto de partida do actual Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes.

Conforme a acta, então lavrada e publicada no *Minas Geraes*, a 18 desse mesmo mez e anno e na *Revista do Archivo, Publico Mineiro* (anno XIV, de 1909), estiveram presentes a essa reunião as seguintes pessoas.

Dr. João Pinheiro da Silva, João Eloy da Costa Camello, dr. Benjamin Jacob, desembargador José Joaquim Fernandes Torres, dr. Gaspar Ferreira Lopes, desembargador Francisco Julio da Veiga, dr. José Alves Ferreira e Mello, dr. Arthur Ribeiro de Oliveira, desembargador João Braulio Moinhos de Vilhena, desembargador Amador Alvares da Silva, coronel Simeão Styllita Cardoso, dr. Pedro Lessa, desembargador Edmundo Pereira Lins, dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, coronel Fran-

cisco Ferreira Alves, dr. Henrique Salles, desembargador Antonio Luiz Ferreira Tinoco, dr. Carlos da Silva Fortes, Aurelio Pires, Gustavo Penna, desembargador Carlos Honorio Benedicto Ottoni, dr. Heitor de Souza, dr. Antonio da Silveira Brum, dr. Cornelio Vaz de Mello, dr. João Evangelista Barroso, coronel João de Almeida Lisboa, dr. Gabriel de Oliveira Santos, dr. Joaquim Francisco de Paula, dr. Aristoteles Dutra de Carvalho, dr. Gabriel Valladão, dr. Camillo de Britto, dr. Francisco de Paula Rocha Lagoa, desembargador João Emilio de Rezende Costa, coronel Manoel Fulgencio Alves Pereira, dr. Juscelino Barbosa, dr. José Tavares de Mello, dr. João Pinheiro de Miranda França, dr. Waldomiro de Barros Magalhães, desembargador José Antonio Saraiva, dr. Julio Horta Barbosa, dr. Antonio Benedicto Valladares Ribeiro, desembargador Eugenio de Paula Ferreira, desembargador Francisco José Alves de Albuquerque, dr. Modesto de Faria Bello, dr. Virgilio Martins de Mello Franco, major Antonio Francisco Vieira Christo, dr. Agostinho Pereira, dr. Arthur da Silva Bernardes, dr. José Gonçalves de Souza, dr. Tito Fulgencio Alves Pereira, Francisco de Paula Souza, dr. Josino de Paula Britto, Arthur Joviano, coronel Juvenal Coelho de Oliveira Penna, dr. Rodolpho Jacob, dr. Carlos Toledo, Joaquim Nabuco Linhares, coronel Antonio de Carvalho Brandão, José Ribeiro Vianna, dr. Francisco de Assis Barcellos Corrêa, padre João Martinho de Almeida, Jefferson Darphe Mourão, Adolpho Pibeiro Vianna, dr. Walfrido Silvino dos Mares Guia, dr. Josaphat Bello, dr. Antonio Augusto de Lima, dr. Bernardino de Lima e dr. Francisco Mendes Pimentel. Fizeram-se representar os drs. Antonio Gonçalves Chaves, Manoel Thomaz de Carvalho Britto, Aureliano Magalhães e Olavo Andrade.

O sr. dr. Antonio Augusto de Lima, depois de pronunciar um notavel discurso, que foi publicado, na integra, na acta acima referida, propoz, entre outras medidas, que fosse acclamado o dr. João Pinheiro da Silva, então Presidente do Estado, para presidir ás sessões preparatorias. Este ultimo, depois de salientar a importancia da fundação do Instituto, nomeou, para constituirem a commissão encarregada de redigir os respectivos Estatutos, os srs: drs. Virgilio Martins de Mello Franco, Rodolpho Jacob, Albino Alves Filho, Antonio Gomes Lima, Carlos Honorio Benedicto Ottoni, Francisco Julio da Veiga, Carlos Toledo, Aurelio Pires, Gustavo Penna, J. E. de Rezende Costa e Antonio Benedicto Valladares Ribeiro.

Em sessão de 12 de julho do mesmo anno, foi eleita a primeira directoria do *Instituto*, a qual ficou assim composta: presidente, dr. João Pinheiro da Silva; 1.° vice-presidente, desembargador João Braulio Moinhos de Vilhena; 2.° vice-presidente, dr. Virgilio Martins de Mello Franco; 3.° vice-presidente, dr. Carlos Honorio Benedicto Ottoni; thesoureiro, desembargador Francisco Julio da Veiga; 1.° secretario, dr. Francisco Mendes Pimentel; 2.° secretario, dr. Juscelino Barbosa; orador, dr. Diogo de Vasconcellos.

A sessão solemne da installação do *Instituto* realizou-se no dia 15 de agosto de 1907, com brilhantes demonstrações de jubilo e de bons augurios.

Ao declarar installado o *Instituto*, pronunciou o dr. João Pinheiro, seu primeiro presidente, o seguinte discurso:

«Meus senhores:

Ao Estado de Minas faltava, para systematisação completa da sua vida social, a instituição que ora inauguramos.

Coube-me, por parte dos dignos consocios, a honra insigne de os presidir, inferior, em todo caso, á magnifica generosidade que a inspirou e tão grande como a minha gratidão.

Em nome delles, devo agradecer aos hospedes illustres, que nos vieram honrar com sua presença, e trazer-nos o prestigio proprio e o das corporações que representam. Sobreleva, entre ellas, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, notavel pela vastidão do trabalho que já effectuou, cenaculo do pensamento brasileiro no que tem de mais erudito no saber, de mais illustre na longa tradição dos nomes venerados, realizando uma obra grandiosa de desinteressado amor da Patria.

A creação do Instituto Historico Mineiro foi uma bella inspiração de seus iniciadores, porque corresponde a uma necessidade que ha muito se fazia sentir—o estudo da historia de Minas Geraes, com o proposito dos associados de a ella se consagrarem.

Aos menos reflectidos poderá parecer, talvez, que taes estudos mais participam dos prazeres intellectuaes menos uteis, si é possivel a gradação, do que das fecundas e positivas cogitações da actualidade, na solução premente de problemas mais necessarios, que resguardem o futuro, melhorando-o.

Si é certo que o trabalho intellectual que se exercita no passado, traz sempre, para o coração, o consolo dos exames serenos e o conforto dos julgamentos em que as paixões arrefecidas deixam dominar inteira a belleza da justiça calma e definitiva (e nenhum prazer mais puro e tambem mais nobre lhe póde ser equiparado), ha ahi ainda, além do puro prazer intellectual, forças positivas governando a actualidade, e elementos poderosos sustentando o presente e dirigindo o futuro, no ensinar ao homem que deve confiar sómente nesta justiça, que nunca falta, contra a onda das paixões ephemeras e dos interesses passageirosque desapparecem com o tempo que os creou, para deixar, eterno e duradouro, o que foi feito no serviço da Humanidade e da Patria, que nunca morrem.

E', pois, fonte de innegavel elevação para os actos da vida.

Na historia, por mais longinquo que seja o facto que ella registra, de que auctoridade crescente se reveste elle, a cada passo e a cada momento, para as almas de elite que respiraram o doce

atmosphera do passado? Como santifica, unge e eleva o sagrado amor da Patria e a propria materialidade das cousas a ellas ligadas? Quem ha por ahi que, ao visitar a antiga séde da capitania, a de nossas a mais legendaria cidade, que Villa Rica foi e Ouro Preto é, quem ha que não sinta a mysteriosa influencia, resumbrando de seus vestustos edificios a rememorar por exemplo, a epica tragedia que foi o primeiro sonho da Independencia?!

Lá, as pontes de pedras, seculares, junto ao largo de Dirceu, lembram o passaro mensageiro das saudades desoladas de Gonzaga, que as devia transpor para levar á sua Marilia o coração sem esperança do poeta encarcerado, misturando com os amores da noiva os amores da Patria.

O passaro, de certo, não levou as lembranças, mas trouxe para a historia o murmurio longinquo dos versos immortaes e, com elles, o nome da formosa mineira com a rememoração dos sacrificios pela liberdade de nossa terra.

Na antiga rua de S. José, a lembrança revive o chão salgado pela tyrannia para que nem a herva brotasse, por ter sobre elle se erguido uma casa em que se agasalhára o coração de um homem livre: e o infamado daquelles dias é um immortal da historia americana.

Nesta mesma Ouro Preto, a Casa dos Contos acorda sempre, no coração, o terror do estrangulamento mysterioso de Claudio, revivendo eternamente a historia do despotismo que mata ou de que se escapa sómente pela porta escura e melancolica do suicidio, attrahindo um olhar misericordioso para o velho poeta e velho jurisconsulto, revolucionario aos72 annos de edade.

Si a historia santifica a propria materialidade dos logares que a ella se ligam, tambem nos dá licções mais altas e de caracter bem mais generalizado.

E' ella que nos ensina a confiar no Direito, na Justiça, na Liberdade, no Bem e na victoria definitiva dos sagrados principios da consciencia humana, vencendo obstaculos, ensanguentados ás vezes, eclipsados por periodos, mais ou menos longos, na sequencia dos tempos, negados e tentados destruir neste ou naquelle ponto da terra por usurpadores poderosos—e, entretanto, vencendo sempre nestas lutas milenarias da Humanidade em marcha.

As suas licções fortificam, pois, a consciencia do cidadão para os deveres do altruismo, sobreelevados sempre á grosseria dos interesses materiaes, egoistas e passageiros.

Nem se diga que ella assignala tambem licções de prolongado aviltamento dos povos e nelle o exemplo das deshonras do homem e, por isso, não pode ser «a mestra da vida».

O progresso humano, destas mesmas licções de servidão, ás vezes universal, tira forças de reacção tão grandes como foi o

proprio aviltamento, e muito mais duradouras do que elle: a palavra vingadoura de Tacito, fulminando, atravez das edades, a ignominia de Roma, com ser uma epopéa da Liberdade e do Direito, é disto um exemplo, fazendo pelo bem da humanidade muito mais do que, para a sua deshonra passageira, fizeram todos os Cesares dissolutos.

De par com os estudos propriamente da erudição, devem ser feitos e principalmente, os que vizem uma utilidade humana, procurando, pela imparcial observação do passado, induzir leis que regulem o presente para que o futuro seja melhor que ambos. E' o dever moral necessario e dignificador dos esforços bemfazejos.

Ao lado do trabalho penoso e multiplicado que os bandeirantes e garimpeiros deixaram pelo sólo inteiro de Minas e que testemunhamos nas montanhas, cujos seios rasgaram, na profundeza dos rios que revolveram, no deserto que povoaram, nas mattas virgens que devassaram e nos templos magnificos que da terra elevaram para os céos, mostrando com a sua fé o seu poderio,—deixaram tambem, nos in-folios dos archivos, nas reclamações dirigidas ao governo d'El-Rei, nas respostas de ultramar, nos roteiros, nas informações dos governadores sobre os descobrimentos felizes, como sobre as fundas desillusões dos garimpos sem riquezas, nas narrações das proprias luctas ensanguentadas,—deixaram toda uma historia de audacias inauditas e invenciveis paciencias; na qual o amor da liberdade do sertanista, a sua resistencia physica aos trabalhos inclementes, a sua iniciativa individual intensa, a doçura dos costumes na aspereza da vida, são a riqueza moral incomparavel que nos cumpre apurar e guardar, como as origens da vida da estremecida terra mineira.

Para este nobilissimo fim é creado este Instituto.

A todos os homens de boa vontade se depara, neste pensamento, o ensejo de bem servir a uma causa commum, para que, herdeiros de tantas grandezas, nós, os representantes da geração actual, possamos accrescel-as para os nossos filhos.

E o futuro, que deve receber sempre boas licções do passado, não encontre falhas, meus senhores, as dos dias que estamos vivendo, na obra do engrandecimento de nossa terra».

Os fins do *Instituto Historico*, definidos nos arts. 1.º, 2.º e 3.º dos respectivos Estatutos, são os seguintes:

«Investigar, colligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e á geographia de Minas Geraes, e á archeologia, ethnographia e lingua de seus indigenas;

Manter correspondencia com as sociedades e academias extrangeiras de egual natureza, bem como com as associações congêneres existentes na Capital Federal e nos diversos Estados da Republica, para mais facil desempenho dos fim a que se propõe;

Publicar, uma ou mais vezes por anno, uma *Revista*, na qual se conterão os seus trabalhos (actas das sessões, discursos do presidente e do orador, relatorio do 1.º secretario, lista dos socios, etc).

Até fins do anno de 1926, proximo findo, foram os destinos do *Instituto* dirigidos pelos seguintes presidentes :

1. Dr. João Pinheiro da Silva.
2. Desembargador João Braulio Moinhos de Vilhena.
3. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco.
4. Desembargador Carlos Honorio Benedicto Ottoni.
5. Desembargador Antonio Arnaldo de Oliveira.
6. Dr. Rodolpho Jacob.

Em fevereiro do corrente anno de 1927, por iniciativa do actual sr. Presidente do Estado, dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, entrou essa associação scientifica em nova phase, como se vê das seguintes noticias, publicadas no orgão official dos poderes do Estado :

Sua memoravel sessão de hontem.—As homenagens prestadas ao sr. Presidente Antonio Carlos.—Os discursos do presidente e do orador da antiga directoria.—A oração do sr. Presidente do Estado.—A eleição e posse da nova directoria e das commissões do Instituto.—Outras notas

Depois de sua installação, sob a presidencia de João Pinheiro da Silva o grande e inesquecivel estadista mineiro, o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes realizou hontem a mais memoravel e promissora de suas sessões, inaugurando, sob os auspicios do sr. presidente Antonio Carlos, uma nova phase de trabalho patriotico pela reconstrucção de nosso passado, em busca da grandeza do presente e da preparação do futuro de nossa terra.

O vivo interesse e a sympathia despertados, entre quantos vivem da intelligencia em nosso meio, pela iniciatica dos que estão empenhados na obra do renascimento da instituição destinada a ser um dos orgãos notaveis de affirmação da cultura mineira, fazem esperar que o Instituto realize, daqui por deante, os nobres e elevados fins de sua creação, concorrendo efficazmente para o progresso e para a civilização de nosso Estado.

A sessão de hontem realizou-se, no salão nobre do Conselho Deliberativo, ás 2½ e meia horas.

A essa hora, alli chegava o sr. presidente Antonio Carlos, acompanhado dos srs. dr. Mario de Lima e commandante Oscar Paschoal, secretario e ajudante de ordens da Presidencia do Estado, sendo recebido na escadaria de entrada do Conselho, pela antiga directoria do Instituto que o introduziu no salão, onde o acolheram calorosas palmas de todos os presentes.

Alli já se achavam os srs. dr. Francisco Campos, secretario do Interior; dr. Bias Fortes, secretario da Segurança e Assistencia Publica; dr. Gudesteu Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura; dr. Christiano Machado, prefeito da Capital; dr. Abilio Machado, director da Imprensa Official; dr. Hugo Werneck,

presidente do Conselho Deliberativo; d. Antonio dos Santos Cabral, arcebispo de Bello Horizonte; os socios, drs. José Magalhães Drummond, por si e pelo «Diario de Minas»; dr. Eduardo Borges da Costa, Copernico Pinto Coelho, Theophilo Ribeiro, Aurelio Pires, Caio Nelson de Senna, Mario Augusto Teixeira de Freitas, Eduardo Santos Maia, coronel Ferreira de Carvalho, Carlos Góes, Guilherme Halfeld, Gustavo Penna, professor Honorio Guimarães, Benjamin Lima, dr. Lourenço Baeta Neves, José Eduardo da Fonseca, Miguel Ramos de Lima, Ernesto Sperling, dr. José Alves Ferreira de Mello, Raphael Fleury da Rocha, Arduino Bolivar, Carlos Felicissimo, João Lucio Brandão, por si e pela Academia Mineira de Letras, Abilio Barreto, dr. Teixeira de Salles, dr. José Oswaldo de Araujo, coronel Socrates Alvim, Camillo Prates, além de muitas outras pessoas de nosso escol social; o padre Leão Medeiros Leite, por si e pelo «Horizonte»; tenente Edson Neves, por si e pelo commandante do 1.º Batalhão da Força Publica; Pasi, consul da Italia; dr. Telles de Menezes, Francisco Marinho Junior, coronel A. F. Vieira Christo, Oscar Bhering, Arthur Rezende, José Eduardo do Amaral, tenentes Humberto Castello e Clarindo Valladares, representando o 12.º Batalhão de Infantaria; Hugo Guthier de Oliveira Gondin, Olavo Bilac Pinto, dr. Belisario Tavora Filho, Nicolau Nunes Horta, Sylvio Lana, João Meira Machado, dr. Leandro de Castilhos, dr. Pedro Aleixo, J. Guimarães Menegale, José de Alkmim, por si e por esta folha; Cleveland Maciel, Euzebio de Britto, 1.º tenente Antonio Coelho dos Reis, dr. Francisco de Assis Magalhães Gomes, dr. Waldemar Magalhães Lopes, dr. Aristides H. O. de Oliveira e Roberto A. Teixeira de Vasconcellos.

O sr. dr. Mendes Pimentel estava representado pelo sr. dr. Rodolpho Jacob.

Excusaram-se de comparecer, por carta, os srs. drs. Arthur da Silva Bernardes, Fernando Mello Vianna, Léon Renault e Joaquim Nabuco Linhares.

Assumindo a direcção dos trabalhos, como presidente de honra do Instituto, a convite do sr. dr. Rodolpho Jacob, depois de abrir este a sessão, o chefe do Estado convidou a tomar logar na mesa a seu lado s. exc. revdma. d. Antonio Cabral.

Saudando ao sr. presidente Antonio Carlos, o sr. dr. Rodolpho Jacob proferiu o discurso abaixo, que foi muito applaudido.

DISCURSO DO ANTIGO PRESIDENTE DO INSTITUTO

«Permitti, sr. Presidente do Estado, antes de, com mais abundancia e eloquencia, vol-o exprimir o illustre nosso orador official, que, em breves palavras, vos diga tambem, como me

cumpre, o nosso vivo jubilo ao ver-vos no seio do nosso gremio, o nosso grande reconhecimento pelo nobre e esclarecido desvelo com que haveis por bem de acompanhar e animar os nossos trabalhos.

Ao Instituto, após o carinhoso amparo do seu inolvidavel fundador, não faltou, de tempo em tempo, é justo dizel-o, sr. Presidente, a assistencia dos vossos illustres antecessores. Afortunadamente, em nossa terra, as cousas da intelligencia não encontram essa indifferença e desdem, dos homens publicos, *politicorum supercilium*, que, não sem irreverente exaggero, increpou um philosopho mal humorado.

Mas, si devemos, assim, reconhecer esse anterior valimento do poder publico, comtudo, sr. Presidente, temos particular motivo para, do vosso auspicioso governo, esperar um patrocinio mais largo, mais continuo, mais disciplinado. E' que, a seu tempo, com o senso do momento e do que póde dar de todas as forças peculiares do seu espirito, cada dirigente deve ter uma como missão propria, e é nossa fé, sr. Presidente, que a vosso tempo viestes fazer uma obra, não só de justiça, de paz, de liberdade, como de intelligencia e de cultura.

Haveis de vossa estirpe e da vossa formação os grandes estimulos do constructor social, que não faz trabalho solido sem essa argamassa, que é a educação do seu povo, a qual não é affeiçoada sómente nas escolas, nos templos, nos lares, sinão tambem nesses institutos affins destinados ao cultivo das boas letras, das artes, das sciencias, das cousas da patria.

Tendes, em particular, um sentimento seguro dos beneficios que á communhão póde trazer o zelo deste nosso sodalicio. E' primeiro esse aguilhão que para a acção do presente nos vem dos grandes feitos e dos bons exemplos dos maiores. Esse incitamento se aviva quando, como para vós, ha um grande nome que honrar. Quizestes ser, sois em muito, sr. Presidente, o que foram os vossos antepassados. Em vossos actos reconhecemos o vasto pensamento de José Bonifacio, o enthusiasmo liberal de Antonio Carlos, a austeridade, o senso medido e justo de Martim Francisco.

Mas, si o estimulo do passado tem, assim, essa maior virtude quando vem de directos ancestraes, a todos, entretanto, elle aferrôa, a todos confere brazões no que de bom e de grande fizeram os nossos communs avoengos.

Outro grande bem que sabeis nos dá o trato com o passado e deve ser particularmente grato ao amigo fiel, que sois, da justiça, é esse animo sereno e isento com que entramos a ver os homens e as cousas do nosso tempo. No contubernio com essas

sombras venerandas, que nos acolhem sem paixões, aprendemos a não nos perturbar ao choque das que agitam aos nossos coevos. Como nos affazemos a ter sómente por justo o julgamento dos homens quando os acompanhamos em toda a inteira sequencia dos seus actos e da sua vida,—o dos factos quando os observamos não isolados, mas tambem em suas causas e effeitos, vimos a ser assim mais prudentes e mais reservados quando consideramos uns e outros em um só momento dessa serie, em um só élo dessa cadeia.

Como o do preterito, o estudo da terra e do homem no presente, é, sentis tambem, uma escola de virtude e de devotamento, que nos ensina a tirar de uma e de outro todo o bem que podemos doar á communhão. O senso geographico integra o senso historico. Bem ama a terra, pensais como o poeta, quem bem a conhece.

Cumpro tambem um dever, sr. Presidente, em nome do Instituto, que é o mais velho dos nossos gremios intellectuaes, em, a este primeiro ensejo, vos agradecer o generoso arrimo que tendes por bem prestar por egual aos nossos illustres companheiros, e, o que mais releva, a um nosso esforço uno e solidario.

Aqui, outrosim, nesse Syllogêo, que projectaes, avulta accentuadamente o vosso pensamento constructor. Nesse trabalho de vizinhos, não nos quereereis sómente, com o vosso favor efficiente um estimulo mais activo na applicação propria de cada um, mas, tambem, um zelo mais vivo no trato de tudo que é collectivo, de todas as cousas do bem publico.

E' um pequeno corpo de Estado, um precioso meio de governo que vos preparaes e aos vossos successores. Ponde, em verdade, em labor, em cada uma sua officina, esses já existentes e tantos outros aggregados intellectuaes quantos importe instituir ao pensamento attento aos interesses nossos diversos, materiaes e moraes, e tereis, sem duvida, em breve, esta grande cousa, que nos falleceu, sem a qual nenhuma sociedade caminha de pé firme, e vem a ser o que chamamos uma opinião, um espirito publico.

E' essa unidade moral que, sabeis, nos conduz a uma acção harmonica e disciplinada. Porque não a temos, é que o nosso trabalho é fraccionario, nervoso, feito de saltos. Por carencia de planos bem definidos e amadurecidos é que, sem um esforço seguido, as nossas administrações são menos efficientes e productivas. Ora, isso que entre nós não póde fazer o nosso livro, que não é favorecido e bastante lido, a cathedra, porque tem uma acção restricta, a imprensa, que só interpreta e doutrina para o dia, os partidos, porque, sem contraste, não podem ter programmas, —isso, vêdes bem, não descabe esperar dessa universidade de corporações e actividades intellectuaes.

Desse viveiro fecundo sahirão, em grande numero, para arena mais vasta e mais gloriosa, os servidores idoneos da cousa publica, os que, preparados e munidos de ideaes, souberam aguardar o seu tempo, sem a aspereza das ambições prematuras ou a audacia dos vulgares luctadores pela vida.

Essa grande obra, que seria, ella só, um titulo de benemerencia para um governo, a levareis a effeito, estamos certos, sr. Presidente, assim como outras não menos ingentes, com o mesmo amplo descortino e o mesmo zelo extremoso pelo bem publico!

DISCURSO DO ORADOR OFFICIAL

Dada, em seguida, a palavra ao sr. dr. José Eduardo da Fonseca, leu o orador official do Instituto o seguinte discurso, mais de uma vez interrompido por enthusiasticas palmas da assistencia.

Meus senhores.—Venho trazer ao sr. Presidente do Estado as homenegens do Instituto Historico, desobrigando-me assim de tarefa grata ao meu coração, gratissima á minha consciencia.

Bem sei que é cedo para fixar de modo definitivo a physionomia politica do egregio mineiro. Ainda se não fundiu o bronze que lhe vae receber a effigie. A jornada gloriosa de s. exc. está distante do termo, não podendo, não devendo ser esta a hora de cunhar medalhas que se eternizem. Nem seria eu o artifice idoneo. Mas, cumpre dizel-o, na legião indecisa de typos parecidos que formam o *clan* politico do Brasil, tendo todos ou quasi todos, administradores e legisladores, o mesmo *ar de familia*, s. exc. não se parece com nenhum outro.

Já se tentou explicar a singularidade, vendo-se na sua pessoa o representante e continuador de uma linhagem de estadistas e parlamentares, cujas mãos robustas ergueram os alicerces da nação. Compararam-no ao eupatrida atheniense ou ao patricio romano. Disseram-no depois um authentico fidalgo. Ora, o fidalgo, no sentido ordinario da palavra, é *o filho de alguem*, filho d'algo. Nada mais do que isso. E o merito supremo do sr. presidente Antonio Carlos consiste em ser individualmente *alguem*, com uma profunda e inconfundivel marca pessoal, que o separa de seus avós, de seus collateraes e de seus proprios companheiros de lida profissional ou de acção partidaria, que estão respirando o ar da nossa época. Elle é elle, muito embora comprehenda e doutrine que a politica é a severa escola de renuncia, em que o individuo desapparece no partido para levar á victoria o ideal commum. Elle é sempre elle.

Começa a carreira como simples promotor de justiça, á semelhança de qualquer outro, que não tivesse nas veias o sangue dos Andradas. E á tribuna do jury, em Minas, nunca mais subiu quem se lhe avantajasse.

Passa depois a advogar, examinando com paciencia e amor as hypotheses vivas do drama judiciario. Em vez de apagar-se ao *usus fori* e ao texto dos praxistas reinicolas, desprende o seu espirito de tudo isso e nutre-o de idéas modernas, das idéas que estavam no ambiente mental do tempo.

Era, porém, um predestinado. A politica, por mysteriosa influencia hereditaria no desabrochar das vocações, havia de attrahil-o. Dahi a actividade jornalistica. Monta imprensa em Juiz de Fóra — e o jornalismo provinciano rehabilita-se com a sua erudição discreta e a sua dialectica segura. Inimigo da emphase, do entono e do logar commum, torna-se, desde logo, escriptor perfeito, admirando-se-lhe no estylo profundamente caracteristico tudo quanto se admira nos mestres — bom senso, medida e clareza, symetria, rythmo e equilibrio. Os editoriaes do seu, do nosso *Jornal do Commercio* podiam trazer a assignatura de Ferreira de Araujo, ou Alcindo Guanabara.

E' dessa forja do pensamento democratico que sáe, em setembro de 1902, para superintender a pasta das Finanças. Conheci-o então, em dia longinquo da minha adolescencia, quando principiava a ser hospede da tribuna escolar, para a qual me volto sempre, commovido e saudoso,—visto como foi, do alto della, que vi desfilarem aos meus olhos deslumbrados pelo espectaculo da vida que amanhecia os vultos representativos da mentalidade mineira, reunidos nesta metropole sertaneja que acabava de nascer. Vejo-os ainda. E' Gastão da Cunha, ultima vibração da tribuna hellenica, ouvida ao sol dos tropicos, por um anachronismo, que foi milagre historico ou favor da Providencia. E' David Campista, magnifico exemplar da civilização brasileira, não só pela abundancia da cultura intellectual, como pelo requinte da cultura social. E' Affonso Penna, o pae, mineiro da velha rocha, em cujo peito bateu o coração do Brasil, naquella hora attribulada em que a demagogia e o caudilhismo ameaçavam a nossa existencia republicana e o sangue de irmãos violentamente espadanava no litoral e na fronteira, inspirando e dictando o manifesto politico que a historia recolheu como documento do mais vigoroso e intrepido civismo e, sobretudo, como irrecorrivel sentença condemnatoria das tentativas restauradoras.

Vejo-os ainda... E' Gonçalves Chaves, grande patriota e grande jurisconsulto, de quem se poderia dizer, como do consul romano se disse, que nada temia sinão a deshonra. E' Estevam Lobo, o solitario do gabinete, que deu á cathedra e á tribuna parlamentar alguns dos maiores e dos melhores dias que ellas tiveram nos tres primeiros lustros da Republica. E' João Luiz Alves, advogado de nascença e orador de raça, que, ha pouco, desceu ao tumulo abençoado pelos proprios antagonistas, o

que provou, mais uma vez, que, entre nós, as luctas partidarias nunca impediram que se dobrassem os joelhos e as mãos se juntassem em prece pela alma de um adversario. E' Azevedo Junior, cujo romantismo politico enrouquecia em declarações de amor a uma republica ideal, como o poeta lyrico se estenúa em juramentos de fidelidade á mulher amada,—esquecido, todavia, de que, dois seculos antes, a intuição divinatoria de Bacon já tinha proclamado que as republicas ideaes são como as estrellas: estão muito altas, muito altas, para que possam dar luz. E outros que Deus nos tem conservado para gloria da nossa terra: Edmundo Lins, Mendes Pimentel, Augusto de Lima, Affonso Penna Junior, Afranio de Mello Franco, Tito Fulgencio...

Foi no convivio desses homens verdadeiramente superiores, dos mais notaveis que já se encontraram juntos no ambito de uma pequena capital de pouco mais de quinze mil habitantes, que o sr. presidente Antonio Carlos começou a revelar a sua forte individualidade, com os dons que a singularizam—a energia tranquilla que tem uma obra a realizar e vae realizal-a, a voz de commando que se faz obedecer sem ordenar, a sensibilidade do artista que se disfarça na serenidade do diplomata, sem temer que a irreprehensivel correcção de attitudes, inalteravelmente mantida ainda quando todos os punhos crispados se erguiam em desespero para as alturas, deixasse duvidas sobre o ardor pugnaz do combatente, investido, afinal, por um plebiscito consagrador, por um consenso unanime, por uma eleição que foi uma apotheose, nessa grande magistratura politica que é a presidencia do Estado de Minas Geraes.

Ahi, no posto culminante, ainda é, sem duvida, um homem de partido, mas já se acha acima dos partidos pela consciencia das responsabilidades que pesam sobre o Primeiro Magistrado. Recomeça, por isso, a politica dos principios e dos ideaes, preferivel á dos emprehendimentos e das realizações nesta hora incerta de crise moral, abrigando-se para logo na protecção da liberdade eleitoral como medida preservadora do regimen que o Paiz adoptou. Porque a Republica é o voto.

Eis o motivo pelo qual todos lhe bemdizem o nome, e vozes outr'ora dispersas se unificam agora na solidariedade do mesmo regosijo e do mesmo reconhecimento.

S. exc. é hoje pessoa sagrada: está, como o chefe que commandava as legiões de Carthago, envolto no véo mysterioso de Tanit, a deusa que traçava o curso dos destinos da Patria. E, nelle envolto, passará á historia politica do Brasil, fulgurando, em eterna fulguração, ao lado do primeiro Antonio Carlos, cuja gloria quiz Deus que sómente fosse egualada, na defesa e na pratica da verdade eleitoral, por um homem do seu sangue!»

A ORAÇAO DO SR. PRESIDENTE DO ESTADO

Respondendo ás saudações que lhe acabavam de ser dirigidas, o sr. presidente Antonio Carlos pronunciou, entre repetidos applausos, de todos os presentes, a oração que aqui reproduzimos:

«Por Minas Geraes, mais do que por mim, eu vos agradeço o acolhimento fervoroso com que me recebeis, ao considerardes o renascimento do nosso Instituto Historico e Geographico.

Certo, pessoalmente, muito me desvanecem as carinhosas palavras com que, acima dos meus merecimentos, me enalteceram os dois rutilantes espiritos, cujos elogiosos conceitos me confortam e me estimulam.

Mas é como filho do nosso grande Estado e como aquelle a quem está cabendo, nesta opportunidade, o zelo maximo pelo seu presente e pelos seus destinos futuros, que eu vos affirmo a gratidão que me inspiram o fervor e o enthusiasmo que estaes deliberados a consagrar á obra benemerita da nossa cultura historica.

Em verdade, descortinando aos olhos dos mineiros contemporaneos e da mocidade, que ora se apparelha para as luctas de amanhã, os fastos do nosso passado, efficazmente concorrereis, pela influencia das lições e do exemplo que elles encerram, para que os nossos destinos sigam a linha grandiosa que lhes traçaram os ideaes e o esforço das gerações a que estamos succedendo.

Procurando reviver os commettimentos de que, sob tantos e tão altos aspectos, foram capazes as energias dos nossos antepassados; evocando, seguidamente, as virtudes dos nossos ancestraes, suas aspirações na ordem moral e material, sua tenacidade e abnegação em as realizar, a nobreza dos seus propositos, sua poderosa envergadura no esforço pelas conquistas da civilização, —teremos de nos sentir maiores; e, confiantes no genio que delles herdámos, mais aptos para as grandes construcções, que a tantos respeitos, nos cumpre continuar e multiplicar nesta opulenta e futurosa terra mineira.

Um povo que no seu passado inscreve as paginas, impressionantes pelo soffrimento e pela vitalidade, que foram as das *Bandeiras*; um povo que ostenta nos seus brazões a epopéa que foi o desbravamento e o dominio do sertão e que ahi soube e poude plantar a riqueza; um povo que se formou e cresceu ao influxo dos attributos da mais firme austeridade moral e que jamais vacillou em padecer na defesa das suas aspirações civicas e dos seus direitos,—é um povo que aos seus descendentes legou a consciencia da victoria nos embates da vida, desde que elles, amando carinhosamente as tradições herdadas, se esforcem por fortalecer e aprimorar as qualidades de caracter que o atavismo lhes assegura.

O orgam principal para, em beneficio das gerações futuras, descrever a terra e o homem desses tempos idos, tem de ser este instituto, a cujo renascimento vos estaes compromettendo.

A historia de Minas Geraes está ainda por ser feita. Exceptuem-se a obra devida aos talentos e á pertinacia de Xavier da Veiga e aquella creada pelo espirito radioso e benedictino de Diogo de Vasconcellos, e não se deparará ao estudioso desses assumptos sinão a leve narrativa de episodios esparsos ou monographias que, embora meritorias, valem apenas como ligeiros lineamentos para as grandes generalizações que o historiador do futuro terá de lançar.

Ainda que permaneçamos em a simples narração de episodios, o concurso do nosso Instituto, para a obra historica, que surgirá um dia, será proeminente; e bastará pequeno esforço para que, collaborando pela fórma de conferencias mensaes, cada um de nós, projectando luz sobre tantos factos ainda obscuros, decisivamente contribúa não só para a systematização que terá de vir, como para que—o que é relevante—permaneça vivaz o amor e a admiração pelos homens do passado e pelos feitos que lhes illustram a vida.

Felicito-me, senhores, pela opportunidade que se me abre de, vindo em vosso auxilio, cumprir um dever que me parece adstricto á funcção de presidente do Estado de Minas Geraes.

Não apenas a este Instituto Historico, mas tambem a todas as sociedades sabias existentes nesta Capital e no Estado, assim como a todo o esforço individual, em prol da nossa cultura literaria, scientifica ou artistica, o poder executivo, emquanto me couber o seu exercicio, assistirá com a sua protecção, capacitado de que, por tal fórma, se desempenha de compromisso que lhe é imposto pelo interesse publico.

As nações valem muito pelo seu progresso material, mas o seu valor maximo, hoje e sempre, terá de ser aquilatado pelas producções da intelligencia e pelos emprehendimentos do coração.

Assim pensando e nessa orientação pretendendo agir, só me cabe, neste intante, com a renovação dos meus agradecimentos, affirmar os calorosos, applausos á vossa iniciativa e a segurança do meu constante e decidido amparo ao Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes."

OUTRAS NOTAS

Logo após, o sr. professor Luiz Pessanha, antigo secretario do Instituto, leu a acta da sessão anterior, que foi approvada, sem discussão.

O sr. dr. Magalhães Drummond, depois de fazer o elogio dos grandes serviços prestados ao Instituto pela ultima directoria, propoz

que, por acclamação, se elegesse e se empossasse a nova, para cuja constituição apresentou os seguintes nomes:

Presidente, dr. Aurelio Pires; vice-presidente, dr. Gustavo Penna; orador perpetuo, dr. Diogo de Vasconcellos; orador electivo, dr. José Eduardo da Fonseca; 1.° secretario, dr. Mario de Lima; 2.° secretario, Joaquim Nabuco Linhares; thesoureiro, Emilio Mineiro.

Fez o mesmo em relação á organização das commissões do Instituto, com a apresentação dos seguintes nomes:

Commissão de fundos e orçamentos:—Desembargador Tito Fulgencio dr. Pedro da Matta Machado, Antonio de Carvalho Brandão, dr. João Carvalhaes de Paiva, Theophilo da Costa Lage e Abilio Barreto.

Commissão de estatutos e redacção da Revista;—Dr. José de Magalhães Drummond, dr. Orozimbo Nonato da Silva, dr. Arduino Bolivar, dr. Carlos Góes, dr. Abilio Machado, dr. Alberto Alvares.

Commissão de trabalhos historicos:—Dr. Lucio dos Santos, dr. Rodolpho Jacob, dr. Cypriano de Carvalho, dr. José Eduardo da Fonseca, dr. Daniel de Carvalho, dr. Theophilo Feu de Carvalho.

Commissão subsidiaria desta:—Monsenhor João Martinho de Almeida, professor Leopoldo Pereira, Pelicano Frade, Joaquim Nabuco Linhares, dr. Léon Renault.

Commissão de trabalhos geographicos:—Dr. F. Mendes Pimentel, senador Valladares Ribeiro, dr. Lourenço Baeta Neves, dr. Benedicto José dos Santos, dr. Alvaro da Silveira, dr. M. A. Teixeira de Freitas.

Subsidiaria desta:—Dr. Jacques Maciel, dr. Pedro da Matta Machado, dr. Olyntho Meirelles, dr. E. Borges da Costa, Socrates Alvim.

Commissão de archeologia, ethnographia e linguas indigenas:—Dr. Nelson Coelho de Senna, dr. David Rabello, dr. Francisco de Magalhães Gomes, dr. Hugo Furquim Werneck, dr. capitão Herculano de Assumpção, dr. Alexandre de Carvalho Drummond.

Commissão de pesquisas de manuscriptos e documentos:—Dr. Noraldino Lima, dr. Thomaz Brandão, dr. Domingos Porto, dr. José B. Olinda de Andrada, dr. Augusto Versiani Velloso, dr. Argemiro de Rezende Costa.

Commissão subsidiaria da precedente:—Dr. Francisco Brant, dr. Domiciano Vieira, dr. Arthur Guimarães, dr. Antonio Affonso de Moraes, professor Sebastião Corrêa Rabello.

Commissão de biographia:—Sr. arcebispo d. Antonio Cabral, dr. Estevão Leite de Magalhães Pinto, dr. Juscelino Barbosa, desembargador Francisco de A. Barcellos Corrêa, dr. Gustavo Penna, dr. Claudio Alaor B. de Lima.

Commissão de admissão de socios:—Dr. Antonio Rodrigues Coelho Junior, desembargador Raphael de Almeida Magalhães, dr. Claudio da Silva Brandão, desembargador Antonio Arnaldo de Oliveira, professor Luiz Pessanha, dr. João Lucio Brandão.

Ambas as propostas do sr. dr. Magalhães Drummond foram approvadas, declarando o sr. presidente Antonio Carlos eleitas, e desde logo empossadas, a directoria e as commissões acima nomeadas.

Em seguida, o sr. dr. Rodolpho Jacob justificou e pediu, em breve discurso, a nomeação de uma commissão que delineasse um plano sobre o modo mais conveniente de se realizarem as projectadas conferencias mensaes do Instituto.

Approvada essa proposta, o sr. presidente Antonio Carlos nomeou para a commissão lembrada pelo orador os srs. drs. Diogo de Vasconcellos, Augusto de Lima, Aurelio Pires, Nelson de Senna, Rodolpho Jacob, Juscelino Barbosa e José Eduardo da Fonseca.

Encerrando, a seguir, a sessão, ás 22 e meia horas, o sr. presidente Antonio Carlos communicou aos presentes a auspiciosa nova de que a a primeira e a segunda conferencia do Instituto, em sua nova phase, se realizarão nos dias 7 e 21 de abril proximo, sendo oradores os srs. conde de Affonso Celso e dr. Antonio Augusto de Lima, o que causou a mais grata impressão em toda a assistencia.»

(Do MINAS GERAES, de 27 de fevereiro de 1927).

A memoravel sessão com que essa corporação scientifica inaugurou hontem a serie de suas conferencias mensaes

A data historica hontem transcorrida, assignala para o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes o inicio brilhante e promissor de uma nova phase de trabalho intelligente e fecundo, com a inauguração da serie de conferencias que a sua directoria acaba de promover, após a memoravel sessão magna ha mez e pouco realizada sob o enthusiastico applauso dos que se interessam pelo crescente progresso mental de nossa terra.

Coube ao sr. conde de Affonso Celso, consagrado intellectual e professor illustre, dar inicio a esse trabalho de remarcada relevancia, falando-nos de uma das figuras de maior gloria e grandeza no antigo scenario politico do Brasil, qual seja a do visconde de Ouro Preto, cujo nome a Historia revive, na sua incorruptivel justiça, como um symbolo de dedicação patriotica e de exemplar civismo.

A' hora marcada, chegava ao edificio da Camara dos Deputados o sr. presidente Antonio Carlos, que, além de por seu ajudante de ordens, commandante Oscar Paschoal, era acompanhado pelos srs. dr. Bias Fortes secretario da Segurança e Assistencia Publica; dr. Gudesteu Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura; dr. Christiano Machado, prefeito da Capital; e dr. Abilio Machado, director da Imprensa Official.

A' porta da Camara, foi o chefe do Estado recebido pelo sr. dr. Aurelio Pires e demais membros da directoria do Instituto Historico e Geographico, que o conduziram até a Mesa, onde s. exc. tomou assento para presidir a sessão.

A entrada do sr. presidente Antonio Carlos no salão foi acolhida com calorosa salva de palmas da assistencia, que, á passagem de s. exc., se poz de pé.

Instantes após, dava entrada, egualmente, no salão da Camara dos Deputados o sr. conde de Affonso Celso, que, acompanhado dos membros da directoria do Instituto, foi recebido sob demorada salva de palmas.

Occupando a presidencia da sessão, o chefe do Estado, que tinha á sua esquerda o sr. conde de Affonso Celso e, á sua direita, o sr. Arcebispo de Bello Horizonte, disse que o Instituto inaugurava, de modo memoravel, a sua nova phase, ouvindo a palavra de uma das grandes personalidades do paiz, tanto no Brasil passado como no Brasil contemporaneo, sobre um thema que era particularmente grato ao coração e ás tradições do povo mineiro. Deu, logo após, a palavra ao orador do Instituto, dr. José Eduardo da Fonseca, que dirigiu a seguinte saudação ao sr. conde de Affonso Celso, sendo calorosamente applaudido:

«Meus senhores.—Nada mais facil do que louvar a vida e a obra do sr. conde de Affonso Celso. Da sua mentalidade dir-se-ia com justeza que parece um instrumento maravilhoso, a que não faltasse nenhuma corda. Advogado e parlamentar, jornalista e professor, poeta e conteur, homem de salão, requintado como Garrett, e homem de lucta, intransigente como Rochefort, revelou sempre aptidões multiplas e complexas, que fariam o orgulho e a gloria de muitas existencias. Excusado fôra recordal-o: E' escriptor insigne e orador surprehendente; é pensador de amplo descortino e jurisconsulto de grande tomo; é ainda um artista, no sentido real desta palavra aviltada; é, sobretudo, um varão integro, corajoso, desinteressado, recto e benigno, que, na sua nobre vida intensamente vivida, soube honrar e praticar sempre a dignidade humana!

Poeta, foi quem primeiro, entre nós, afinou a sua lyra magica pelo divino instrumento de Heredia ou de Lecomte, proporcionando-nos, com as Telas Sonantes, novos rythmos e novas vibrações, sem falar nas joias sideralmente fulgidas e irreprehensivelmente cinzeladas que se encastoavam com o seu nome nas folhas academicas. Isso occorria no tempo em que o espirito escolar teve uma exuberancia, que se não renovou, achando-se reunidos debaixo do tecto sagrado do mosteiro de S. Francisco, que foi a casa da sua mocidade, Theophilo Dias, Julio de Castilhos, Silva Jardim, Assis Brasil, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima, Eduardo Prado, Valentim Magalhães, Pedro Lessa e Julio Mesquita, de cuja

mão, enregelada pela morte, acaba de tombar a penna intrepida, que é uma reliquia da nossa imprensa.

Tribuno, flammejava-lhe na palavra a paixão da Liberdade, quando as senzalas e os ergástulos ruraes, que se levantavam aqui e além, iam ser destruidos pela propaganda redemptora, numa época de immaculado idealismo politico, em que havia mais fidelidade a sentimentos e principios e menos apego a interesses e gloriolas. Falava-se ao espirito e ao coração. O estomago nada entendia... Por isso mesmo, Rossinante não estava gordo como um bácoro, nem D. Quixote se achava entregue de corpo e alma ao seu rendoso commercio de seccos e molhados.

Felizes os que, como o sr. Conde de Affonso Celso, puderam fugir á corrente utilitaria desta hora perturbada e souberam permanecer fieis ao ideal do inicio da carreira!

Dahi o motivo pelo qual as acclamações, que glorificaram a sua juventude, quando os sonhos se lhe repontavam na alma com a mesma espontaneidade e profusão com que as rosas desabrocham na primavera, resoam até hoje e vêm coroar-lhe de louros a cabeça encanecida, trazendo aos seus cabellos brancos a severa alegria do dever cumprido e a doce impressão de que o sol de tantos raios da primeira edade esteja rebrilhando agora, como resplandeceu outr'ora no fragor das luctas que fizeram a Abolição e a Republica. Assim, o passado e o presente reunem-se, confundem-se ou unificam-se no mesmo triumpho, ao longo curso de sua existencia digna, fecunda, exemplar.

O homem realizou o ideal do patriota, que tenta vincular, numa perfeita continuidade historica, as aspirações do presente ás conquistas do passado — para que um seja o prolongamento do outro e o futuro seja a continuação de ambos.

Sem duvida, é essa uma obra de esclarecido e vigoroso civismo, — obra que nunca foi tão necessaria como nos dias que correm.

O sentimento propriamente brasileiro, si ainda o possuimos, é tenue, frouxo, bruxuleante, quasi apagado. As grandes instituições nacionaes, a pouco e pouco, extinguiram-se na tradição, e desapparecem, um a um, os grandes nomes nacionaes, substituidos pelas celebridades caboclas da provincia.

Cumpre formar, pois, uma como escola de resistencia ás varias causas dissolventes e desaggregadoras, que nos ameaçam.

Dessa escola seria o sr. conde de Affonso Celso o professor incomparavel, o magnifico reitor — pela pureza da fé e pela plenitude da visão, pela competencia technica e pela auctoridade moral.

Assim o comprehendeu o sr Presidente do Estado, quando em nome do Instituto Historico, lhe pediu nos recordasse aqui a vida do famoso estadista que foi seu pae.

Bem inspirado andou o sr. Antonio Carlos.

Ninguem estremeceu mais a Patria do que o visconde de Ouro Preto. Amou-a na grandeza e na gloria; amou-a na desventura e no exilio. A terra extrangeira, com o esplendor do seu progresso, não teve encantos para elle. Tambem a ilha divina, cujos outeiros eram eternamente verdes e cujo céo era perpetuamente azul, augmentava em Ulysses as saudades da sua Ithaca longinqua, cada vez mais amada, á medida que cresciam suas desgraças e se avolumavam as legiões de pretendentes.

Ha esse traço de similhança entre o mytho da epopéa hellenica e o super-homem dos tempos heroicos da nossa vida politica.

Ninguem estremeceu mais a Patria do que o immortal brasileiro.

«Não existe, na Republica, logar para mim»—são delle as palavras, lançadas numa pagina commovedora, em que se sentem a melancholia e o desalento de quem nada mais espera e a nada mais aspira: «Não existe, na Republica, logar para mim; mas não posso viver longe do Brasil».

Depois... depois refugiou-se na dignidade do silencio...

Terminando, rogo ao eminente compatriota, herdeiro forçado do genio e das virtudes do visconde de Ouro Preto, que se digne receber as homenagens do Instituto Historico».

Após o discurso do sr. professor José Eduardo, o sr. presidente Antonio Carlos deu a palavra ao sr. Conde de Affonso Celso, que por espaço de mais de uma hora, discorreu, com a facilidade de exposição, a elegancia, a clareza e o brilho de linguagem do palestrador fascinante que é, sobre o thema: «Traços moraes do visconde de Ouro Preto», interrompido, mais de uma vez, por enthusiasticos e repetidos applausos da assistencia, notadamente quando, em surtos de eloquencia, falou nos grandes exemplos de energia moral de seu inolvidavel pae e encareceu as virtudes civicas do povo mineiro.

Eis, em pallido resumo, o que foi a magnifica e encantadora conferencia do sr. conde de Affonso Celso:

O sr. conde de Affonso Celso começou agradecendo as muitas demonstrações de sympathia e acatamento com que foi obsequiado desde que pisou o solo de Bello Horizonte.

Agradece especialmente o honroso convite para inaugurar a nova phase do Instituto, installado, ha vinte annos, pelo emerito e saudoso João Pinheiro.

Filho de Ouro Preto, não applaudiu, em começo, a fundação da nova Capital de Minas. Hoje, como mineiro e como brasileiro, orgulha-se do que, em Bello Horizonte, se tem conseguido.

Ouro Preto e Bello Horizonte completam-se, harmonizam-se, representando uma a tradição e o passado, outra o progresso e o

futuro; são o verso e o reverso da mesma preciosa medalha, duas facetas do mesmo diamante; attesta Ouro Preto a grandeza das antigas gerações, Bello Horizonte a das actuaes, merecendo tanto umas como outras identica veneração.

Conheceu a região da presente Capital quando era apenas um pouso de viajantes e se chamava Curral d'El Rey; revendo-a agora, lembra-se dos contos de fadas em que camponezas se transformam de repente em princezas e rainhas.

Apresenta ao Instituto Historico de Minas as fraternaes saudações do Instituto Historico Brasileiro, cujos primeiros estatutos foram approvados pelo grande filho de Minas, Bernardo Pereira de Vasconcellos, em abril de 1839, e que foi presidido, durante 27 annos e meio, por outro mineiro illustre, Candido José de Araujo Vianna, marquez de Sapucahy.

Quando se installou o Instituto de Minas, o Brasileiro fez-se representar em Bello Horizonte por uma commissão de que fizeram parte o secretario perpetuo dr. Max Fleiuss e o barão de Studart.

Agradeceu ainda o orador a delicada, a primorosa gentileza do thema que lhe suggeriram: a de falar do seu maior amigo, do seu maximo motivo de orgulho, do seu guia, do seu exemplo vivo, daquelle a quem tudo deve, do seu saudosissimo pae, o visconde de Ouro Preto.

Não dará delle uma biographia completa: traçará apenas algumas linhas de seu perfil moral, narrando alguns factos mais caracteristicos da sua individualidade.

Nascido a 21 de fevereiro de 1837, em Ouro Preto, fallecido na mesma data, de 1912, em Petropolis, exerceu elle os seguintes cargos de eleição popular: juiz de paz, deputado provincial, deputado geral, senador do Imperio, e entre outros de nomeação: official de gabinete de dois presidentes de São Paulo, secretario de Policia de Minas, inspector da Fazenda Provincial, procurador fiscal da Fazenda Geral; Ministro da Marinha, do Imperio e da Fazenda, presidente do Conselho de Ministros, conselheiro de Estado, veador da Imperatriz, professor da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

Recebeu varias condecorações extrangeiras.

Escreveu numerosos livros sobre Direito e Politica; fundou e redigiu varios jornaes.

Desde estudante, distinguiu-se tanto pelo talento e applicação, como pelo caracter sobremodo altivo.

O orador narra interessantes episodios para o comprovar.

Na assembléa provincial e na geral destacou-se como orador de primeira ordem e grande trabalhador nas commissões.

Eleito 1.º secretario da Camara, entrou, como Ministro da Marinha para o gabinete de 3 de agosto de 1866.

Tinha menos de 29 annos, foi um dos mais jovens ministros da Monarchia.

Diziam jocosamente os jornaes da época que elle, com a proverbial economia dos mineiros, se formára, se casára, fôra funccionario publico, deputado provincial, deputado geral e ministro de Estado, usando a mesma casaca.

A pasta da Marinha, naquella quadra, uma das mais difficeis, da guerra do Paraguay, era de summa responsabilidade. O joven Ministro geriu-a admiravelmente, organizando victorias memoraveis. Quando a deixou, a nossa esquadra era a primeira da America.

Sahindo do governo em 1868, era, apesar da sua pouca edade, um chefe, um estadista consagrado. Dedicou-se então á advocacia e á imprensa.

Em 1876, voltou á Camara, como opposicionista ao governo conservador.

Em 1879, foi escolhido senador do Imperio e nomeado Ministro da Fazenda, pasta que administrou durante pouco mais de um anno. Conquistou ahi a nomeada de habilississimo financeiro. Suas ideias e projectos sobre importação, exportação, cambio, moeda, bancos, etc., ainda hoje têm opportunidade.

No Senado, no Conselho de Estado, prestou valiosissimos serviços, collaborando, pela iniciativa, discussão, emenda, em toda a legislação da época.

«Res non verba; agere non loqui», era a sua divisa.

Em fins de 1888, convocou, com os outros senadores liberaes, um congresso do Partido para assentar o programma que deveria ser executado si o mesmo Partido fosse chamado ao poder. Reuniu-se em maio de 1889 esse congresso e adoptou, entre outras largas reformas, a de ampla descentralização administrativa, sem, comtudo, chegar á federação, defendida pelo sr. Ruy Barbosa, mas que muito poucos votos alcançou.

Incumbido de organizar o Ministerio um mez mais tarde, o visconde de Ouro Preto propoz-se a realizar o programma, tão adeantado que um deputado exclamou, ao ouvil-o, na Camara :— E' o começo da Republica!

Analysa o orador os actos do Ministerio Ouro Preto, que durou apenas 160 dias.

Quatro desses actos bastam para illustral-o: a conversão dos juros da divida externa; o estabelecimento da circulação metallica; o recolhimento do papel moeda, que estaria extincto em cinco annos, si o Governo Provisorio não houvesse rescindido o contracto respectivo; a solução do litigio das Missões com a Republica Argentina.

Dois factos relevantes cumpre assignalar: a insistencia com que o Visconde quiz que Ruy Barbosa fizesse parte do Governo; as attenções dispensadas a Floriano Peixoto, que com elle serviu até o fim.

Defende o orador esse Ministerio da pecha de inimigo das classes armadas.

Não; elle o foi, apenas, do militarismo, do caudilhismo militar, que levanta e derriba dictaduras; queria, ao contrario, as classes armadas fortes e prestigiosas, mas disciplinadas, subordinadas á lei e ao poder civil, defendendo a lei, combatendo os inimigos da lei.

Defende-o egualmente de haver sido o causador da queda da monarchia, queda determinada por muitas, remotas e graves causas.

O visconde de Ouro Preto, escreveu Quintino Bocayuva, foi chamado á ultima hora, como medico eminente para salvar um enfermo quasi desenganado. Empregou, de modo extraordinario, todos os recursos da sciencia e da dedicação; mas não podia fazer milagres. Cahiu, porque lhe faltaram, de repente, todos os elementos com que contava. Cahiu, porém, de pé, sobranceiro, impondo-se ao respeito e á admiração dos proprios adversarios.

Banido, enfermo, com escassos recursos materiaes, injuriado, calumniado, tendo perdido todas as posições a que ascendêra, jamáis proferiu uma palavra contra a Patria.

Firme nas suas convicções monarchicas, declarou que, si a nação livremente sancciona-se o advento da Republica, dever era de todo o brasileiro digno contribuir, na medida da sua capacidade, para que, respeitadas as normas da moderação e da justiça, pudesse o novo regimen augmentar a grandeza e a prosperidade nacionaes.

Durante o exilio, matriculou-se, como estudante, em cursos de Economia Politica e Finanças.

Regressando ao Brasil, após a revogação do banimento, tentou organizar, com os conselheiros João Alfredo, Lafayette, Andrade Figueira e Carlos Affonso, o partido monarchista.

Fundou o jornal «Liberdade», que foi empastellado, sendo assassinado o seu gerente, coronel Gentil José de Castro.

Nessa occasião soffreu tambem o visconde uma tentativa de assassinato.

Obrigado a refugiar-se no extrangeiro, septuagenario, com os padecimentos physicos aggravados, trabalhou ainda esforçadamente, publicando—«A Marinha de outr'ora», «O Credito movel», a «Decada republicana».

Nos ultimos annos, dedicou-se ao Instituto Historico e ao ensino de Direito, tornando-se diligente e competentissimo professor.

A mocidade academica adorava-o, elegeu-o seu paranympho em mais de uma occasião.

Era uma grande compensação, porque a juventude traduz a voz antecipada da posteridade.

Teve, porém, outras compensações, como a amizade constante do Imperador e da familia imperial. O conselheiro Affonso Penna dirigiu-lhe bellissima carta, a 17 de novembro de 1889, endereçando-a para o visconde de Ouro Preto, em sua gloriosa prisão. O conselheiro Rodrigues Alves, quando ministro da Fazenda da Republica, pediu-lhe conselhos sobre a sua gestão financeira. O Estado de Santa Catharina o nomeou seu advogado na questão de limites com o do Paraná. A Prefeitura da Capital Federal deu o nome delle, mediante honrosissimo decreto, a uma rua da cidade. O mesmo fez a de São Paulo.

Teve a morte serena e resignada dos justos, no dia em que completava 75 annos de edade, 21 de fevereiro de 1912, no meio da consternação da familia, de que era chefe austero e carinhosissimo, e de innumeros amigos e admiradores.

Tal foi, em pallido escorço, a vida desse homem que, partindo de modestas condições, chegou, sem favoritismo, graças apenas ao seu merito, até onde, sob o Imperio, podia alguem chegar; que trabalhou, luctou, soffreu como poucos; que, tambem como poucos, conheceu horas de triumpho e horas de amarga adversidade; mas que na bôa ou na má sorte, na grandeza ou na desgraça, sempre, invariavelmente, em toda parte, mostrou, de par com peregrina intelligencia, eximias virtudes, as virtudes genuinamente mineiras, de labor, de perseverança, de firmeza, de lealdade, de honradez, de energia, de coragem civica e de patriotismo.

Muito se orgulhava elle de haver nascido em Minas; Minas muito póde, muito deve orgulhar-se de tal filho.

Ao terminar a sua espledida palestra, foi o sr. conde de Affonso Celso demoradamente applaudido pela assistencia, entre a qual se viam professores dos varios estabelecimentos de ensino superior da Capital, officiaes do Exercito e da Força Publica, representantes de diversas associações scientificas, medicos, advogados, engenheiros, jornalistas, escriptores e numerosas familias da nossa alta sociedade.

Entre os presentes, viam-se além dos auxiliares do governo já referidos, os srs. dr. Fernando Mello Vianna, vice-presidente da Republica; drs. Mario de Lima e Olinda de Andrada, secretario e official de gabinete da Presidencia do Estado; desembargador Raphael Magalhães, presidente do Tribunal da Relação; major Raymundo Felicissimo,

pelo sr. dr. Francisco Campos, secretario do Interior; dr. João Lucio Brandão, presidente da Academia Mineira de Letras; capitão dr. Herculano Teixeira de Assumpção, pelo sr. general Diogenes Tourinho, commandante da 8.ª Brigada do Exercito; deputado Angusto de Lima, da Academia Brasileira de Letras; dr. Rodolpho Garcia, pelo Instituto Historico Brasileiro, e professor Paulo Parreiras Horta.

Encerrando a sessão, o sr. presidente Antonio Carlos, depois de agradecer a fidalga gentileza do sr. conde de Affonso Celso, vindo inaugurar a serie de conferencias mensaes do Instituto, disse, entre applausos de todos os presentes, que as ultimas palavras a serem proferidas, naquella memoravel sessão, deviam ser sómente as que bem traduzissem a veneração dos mineiros pela memoria do visconde de Ouro Preto, de cujos talentos peregrinos e virtudes modelares era herdeiro integral o orador que acabava de ser ouvido, com encanto, pela selecta assistencia.

A's 22 horas, terminava a conferencia, que propiciou a Bello Horizonte uma das mais brilhantes festas de intelligencia e de cultura que aqui já tivemos.

A commissão de recepção nomeada pelo Instituto para a sessão de hontem, era composta de seu presidente, professor Aurelio Pires, e de mais os seguintes socios: drs. Mario de Lima, Rodolpho Jacob, Magalhães Drummond, sr. Joaquim Nabuco Linhares, e dr. Abilio Machado.

Durante a sessão, tocou, em frente ao edificio da Camara dos Deputados, uma banda de musica da Força Publica.

(Do *Minas Geraes*, de 8 de abril de 1927).

A sua sessão solemne de hontem — O discurso do orador official — A conferencia do professor Aurelio Pires

Com a sessão solemne que hontem realizou, o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes propiciou ao nosso mundo culto uma festa radiosa de intelligencia e de amor ao passado, pela qual já se póde julgar plenamente victorosa a phase de seu renascimento, sob os auspicios do sr. presidente Antonio Carlos.

Quantos estiveram hontem no salão da Camara dos Deputados trouxeram a grata convicção de que o Instituto, fazendo renascer entre nós o interesse e o gosto pelos estudos historicos, poderá ser, dentre em pouco, um dos elementos mais efficientes e mais uteis de engrandecimento da terra mineira.

A sessão de hontem, commemorativa da gloriosa data de 21 de abril, teve a presença de todas as pessoas representativas da intellectualidade de nosso meio.

A's 14 horas, chegava á Camara dos Deputados o sr. presidente Antonio Carlos, acompanhado do seu official de gabinete, dr. Olinda de Andrada, e do seu ajudante de ordens, commandante Oscar Paschoal, com os srs. dr. Gudesteu Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura; capitão J. Gabriel Marques, assistente militar do sr. dr. Bias Fortes, secretario da Segurança e Assistencia Publica; dr. Christiano Machado, prefeito da Capital; dr. Abilio Machado, director da Imprensa Official, e varios outros auxiliares da administração.

Recebido, á porta do edificio, pelas srs. professor Aurelio Pires, dr. Gustavo Penna e dr. Lourenço Baeta Neves, presidente e socios do Instituto, foi o chefe do Estado introduzido no recinto das sessões da Camara, onde toda a assistencia, de pé, saudou s. exc. com rumorosa salva de palmas.

A concurrencia era das mais numerosas e selectas, vendo-se entre os presentes os srs. dr. João Lucio Brandão, presidente da Academia Mineira de Letras; directores e alumnos dos estabelecimentos de ensino da Capital, capitão dr. Herculano Teixeira de Assumpção, representante do sr. general dr. Diogenes Monteiro Tourinho, commandante da 8.ª Brigada de Infantaria do Exercito, senadores, deputados, jornalistas e grande numero de familias da nossa alta sociedade.

Occupando a cadeira da presidencia, o chefe do governo mineiro abriu a sessão, explicando os bellos e elevados objectivos deste, em breves phrases, que foram muito applaudidas. Logo após, deu a palavra ao sr. dr. José Eduardo da Fonseca, orador do Instituto, que proferiu a brilhante saudação abaixo, terminada debaixo de calorosos applausos.

O DISCURSO DO ORADOR OFFICIAL

«Meus senhores. — O Instituto ouviria hoje o maravilhoso, o excelso, o altissimo poeta das Contemporaneas, que não teve antecessores nem continuadores na evolução literaria do Brasil. Foi poeta-philosopho, quando seus irmãos em Apollo não iam além de um lyrismo sensual, cheio de gritos de lascivia, que lembram os faunos dos bosques sagrados de Hellenia. Do corpo do Orpheu dos tropicos, mais do que do mytho immortal, deviam apoderar-se as bacchantes das selvas...

Poeta-philosopho, a principio, Augusto de Lima comprehendeu depois que a poesia não póde aviltar-se em pagem da sciencia, porque a purpura da realeza se não deve converter em libré de lacaio. Viu tambem que a philosophia positiva da sua

iniciação scientifica era uma philosophia negativa, assim como o evolucionismo e o pragmatismo, que vieram mais tarde, não passavam de simples hypotheses, apparentemente verdadeiras para uns, evidentemente falsas para outros.

Todavia, do desmoronamento de tantos systemas e de tantos sonhos, salvou-se o ideal christão, florindo entre as ruinas de uma sciencia fallaz a roseira mystica. Libertava-se, assim, a aguia captiva.

Nesta hora, o crente interromperia a traducção dos poemas de São Francisco de Assis para que o patriota commemorasse o martyrio de Tiradentes.

—A Arte, a Fé, e a Patria... Onde maiores ideaes? Foram os ideaes desta grande vida. Por elles, Augusto de Lima ascendeu, muitas vezes, ao infinito e, com elles, viveu minutos eternos de belleza perfeita.

Circumstancias imprevistas obstaram a vinda do eminente cidadão a esta Capital. Quiz Deus, porém, que hoje fosse uma data de gloria para o nosso pensamento. E a tribuna destinada a Augusto de Lima vae ser occupada por Aurelio Pires, meu mestre e meu amigo, cuja altiloqua eloquencia é propria, como nenhuma outra, a agitar as palmas da apotheose e os ramos de carvalho no dia santo dos mineiros, quando a familia da montanha, religiosamente, evoca o Proto-martyr, que foi a suprema expressão da grandeza moral da nossa raça.

Interprete official do Instituto, venho apenas trazer ao nosso preclaro presidente, a quem Deus multiplique os triumphos, os agradecimentos collectivos da corporação, que dirige, pela presteza e benevolencia com que annuiu a um convite de ultima hora».

Findo o discurso do orador official, o sr. presidente Antonio Carlos deu a palavra ao 1.º secretario do Instituto, sr. dr. Mario de Lima, para ler o final da sentença condemnatoria de Tiradentes e de seus irmãos de gloria e de infortunio, o que foi feito num ambiente de religioso silencio e funda emoção de toda a assistencia.

Pelo presidente da sessão, foi dada, em seguida, a palavra ao sr. prof. Aurelio Pires, que leu a seguinte conferencia, a qual em todos deixou a impressão de uma pagina magnifica de encantadora scintillação litteraria, vibrante eloquencia, proveitoso ensinamento civico e ardente amor á grandeza luminosa do passado de nossa terra:

A CONFERENCIA DO PROFESSOR AURELIO PIRES

Senhores e senhoras.

«E' honra e interesse dos povos, que foram grandes, venerar suas memorias. Nellas está como que cifrada a acròpole ideal, que as defende e presidia contra a insolencia e a cubiça dos extranhos.

De feito,—accrescenta o auctor da *Galeria dos varões illustres de Portugal*,— quando um povo intenta mostrar ao mundo quaes são os titulos que lhe asseguram o direito á independencia, não é apontando na carta as suas fronteiras e allegando a existiencia material que pode, nos amigos, excitar o respeito da sua liberdade, e conter, nos cubiçosos, os impulsos da ambição.

Não lhe basta ser, apenas, uma fortuita aggremiação de homens consociados, para, mais commodamente, subsistirem no estreito circulo de uma vida sem nome e sem reflexo. E' preciso que, na seiva da nação, exista insuflado e vivacissimo o bafejo, que o espirito alimentado de uma idéa, de uma tradição, de uma gloria, lhe esteja animando o corpo sem cessar.

E' forçoso que os seus feitos lhe assignalem logar illustre no presente conturbenio das nações, e attestem que este povo, cooperando efficazmente na progressão da humanidade, é necessario ao concerto e á harmonia do mundo civilizado.

E' por isto, meus senhores, que o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, um de cujos fins precipuos é investigar e colligir documentos concernentes á historia de nosso Estado; é por isto que esta associação, conscia de que a commemoração do passado é a melhor preparação do futuro, vos convocou hoje, aqui, para commemorarmos uma de nossas datas maximas, para relembrarmos um acontecimento que derrama luz intensa nas paginas de nossos fastos, para evocarmos a figura esculptural, épica, apostolar, do immortal montanhez, do excelso martyr, de *Tiradentes*, emfim, cujo nome, tendo já transposto as galerias da historia, se incorporou ao nosso patrimonio moral, ingressou no escrinio opulento das caras tradições do livre povo mineiro.

Aquillo a que Ricardo Jorge chamou a plutarchização dos grandes homens,—é, antes de tudo e no fim de tudo, uma moral em acção. Tão certo é que vivemos dos que foram, dos que polarizaram a nossa existencia com a sua orientção poderosa.

Em boa hora, portanto, esse Instituto avocou a si a celebração de nossas grandes datas, e a rememoração de nossos grandes homens, pois «sem o culto posthumo, sem o fervor dos adeptos, não ha peanha que a carcoma do tempo não derrube prestes», e o nosso glorioso patricio foi bem daquelles em que o barro humano emerge do lodo da terra e se transubstancia na essencia superior e indefinivel dos que povoaram a summa serie dos heroes, dos agiologios e dos grandes vultos da humanidade.

Não é meu intento, meus senhores, desenrolar ante vossos olhos todos os episodios sublimes e tragicos que assignalaram a Conjuração Mineira, cujo epilogo sangrento foi o supplicio inominavel de Tiradentes. Nem, tão pouco, vos repetirei a biogra-

phia modesta, humilde, e, ao mesmo tempo, grandiosa e inspiradora, do heroe mineiro.

Tudo isto já vem vindo narrado, esmerilhado, recontado, decantado, em prosa, em verso, em musica, por orgãos mais auctorizados, entre os quaes o do nosso altissimo poeta, Antonio Augusto de Lima, o qual, si não fôra circumstancia inopinada e fortuita, é que deveria estar aqui, neste momento, enaltecendo e illuminando esta tribuna, que me vi forçado a usurpar, com grande damno para a memoria daquelle a quem estamos cultuando, e prejuizo ainda maior para vós outros, que viestes honrar-me com vossas attenções.

Demais, a historia de Tiradentes, aqui, em Minas, já passou para o dominio da lenda, a qual se repete á roda da fogueira nocturna, quando as estrellas accendem o fulgor sereno de seu brilho, na profundeza azulada de nosso céo, emquanto o vento ulúla e geme nas franças de nossas florestas magestosas, do mesmo modo que a historia da meiga e soffredora Evangelina era repetida, pelos simples lavradores Acadianos, emquanto o velho oceano inquieto bramia em seus penhascosos e retumbantes antros. A Tiradentes, em Minas, ajusta-se bem o que o poeta disse de Turenne, na França: «On parlera longtemps de sa gloire sous la chaumière».

Da Conjuração Mineira, que, como labéo, foi cognominada Inconfidencia, por haver sido uma conspiração pela liberdade, sob o dominio de um absolutismo brutal; dessa arrancada atrevida de um povo opprimido e vilipendiado contra uma metropole gananciosa e avára; desse sonho de poetas, como, por escarneo foi chamado esse anhelo ardente pela liberdade de uma nacionalidade, que se esboçava, e em que se destacam figuras como a de Gonzaga, o doce poeta enamorado, de Claudio Manoel da Costa, a alma de Catão, de Alvarenga Peixoto, o espirito espartano; e de tantos outros, que rasgaram em nossos annaes essa esteira de luz, cujo brilho ainda vem até nós; desse episodio historico, de significação tão elevada, convém que saibamos tirar as consequencias que delle se desdobram, e deduzir os factos que de seu bôjo se desentranham.

Só assim conseguiremos realizar o sabio preceito de Flaubert, segundo o qual, «lendo a historia e interessando-nos pelas gerações mortas, aprenderemos a ser indulgentes para com os vivos e a soffrer menos».

Atravéz das justiças immanentes da historia, a derrota dos vencidos tem sido, muitas vezes, a condemnação dos vencedores.

E' por isto que, ainda hoje, volvidos 136 annos, o nome do obscuro alferes de cavallaria, que se chamou Joaquim José da Silva Xavier, ainda é pronunciado com orgulho e relembrado

com admiração agradecida. E' porque nunca perdeu o equilibrio moral perante ameaças e soffrimentos, e porque soube ser um grande patriota extreme, no sentido nobre e elevado da palavra.

O patriotismo! Não ha palavra que tenha sido mais ampliada, mais torturada, mais restringida, mais deformada do que esta.

Um jornalista nacional, conhecido pela fórma paradoxal de seus conceitos, escreveu, certa vez, que patriotismo não é manifestação de bandeira, nem gritos contra os extrangeiros, quando elles affirmam sua superioridade; patriotismo não é a fanfarronada de ficar eternamente na immundicie, dizendo que nós somos uns heroes, porque os voluntarios da Patria fizeram prodigios na guerra do Paraguay. Patriotismo é demonstrar, no conceito das nações, o seu valor egual ou maior do que os outros, na industria, na arte, no progresso. Foi assim que se fez a Republica dos Estados Unidos do Norte: é assim que nos faremos nós, — terra da America, terra nova, terra de energias novas, terra de deslumbramento.

Um outro escriptor, e este extrangeiro, disse, em uma de suas paginas de ouro: «Ha, em primeiro logar, o nobre patriotismo dos patriotas: esses amam a patria, não dedicando-lhe estrophes, mas com a sinceridade grave e profunda dos corações fortes. Respeitam a tradição, mas o seu esforço vae todo para a nação viva, a que em tôrno delles trabalha, produz, pensa e soffre: e, deixando para traz as glorias conquistadas, occupam-se da patria contemporanea, cujo coração bate ao mesmo tempo que o seu, procurando perceber-lhe as aspirações, dirigir-lhe as forças, tornal-a mais livre, mais forte, mais culta, mais sabia, mais prospera, e por todas estas nobres qualidades eleval-a entre as nações. Nada do que pertence á patria lhes é extranho: vão por entre o povo educando-o, procurando-lhe mais trabalho, e organizando-lhe mais instrucção, promovendo sem descanço, os dois bens supremos, — Sciencia e Justiça.

Põem a patria ácima do interesse, da ambição, da gloriola; e, si têm, por vezes, um fanatismo estreito, a sua mesma paixão diviniza-os. Tudo o que é seu o dão á patria: sacrificam-lhe vida, trabalho, saude, força. Dão-lhe, sobretudo, o que as nações necessitam mais, e o que só as faz grandes: dão-lhe a verdade. A verdade em tudo, em historia, em arte, em politica, nos costumes. Não a adulam, não a illudem. Gritam-lhe' sem cessar, a verdade rude e brutal. Gritam-lhe: «Tu és pobre, trabalha; tu és ignorante, estuda; tu és fraca, arma-te! E, quando tivéres trabalhado, estudado, quando te tivéres armado, eu, si fôr necessario, saberei morrer comtigo!».

Eis o nobre patriotismo dos patriotas!»

Não devemos, porém, amesquinhar tão nobre termo, confundindo-o com esse localismo deprimente e dispersivo, que Roosevelt denominou «maligno espirito de parochia, estreito patriotismo de campanario, provincial, ou estadoal, que subordina a nacionalidade ao bairrismo e retrata, em nosso tempo, o federalismo incoherente da antiguidade grega, das Republicas medievas da Italia, e dos retrogados Estados da Allemanha, antes de Bismarck».

A solidariedade nacional exige que não olvidemos a nossa terra; que não deixemos concentrada toda a vida nacional nos litoraes agitatados, abandonando, numa inconsciencia de prodigos sem tutella, osesplendores do céo, e os encantos das paizagens, e os deslumbramentos reconditos das minas, e as energias virtuaes do sòlo, e as transfigurações phantasticas da flóra, entregues á contemplação, ao estudo, ao enthusiasmo e á gloria de alguns homens de outros climas, a ponto de,—como disse Euclydes da Cunha,—ainda hoje procurarmos noticias do Brasil nas velhas paginas de Saint-Hilaire.

E' lastimavel esse alheiamento de nossa terra, que nos faz crear a extravagancia de um exilio subjectivo, que della nos afasta, emquanto vagueamos, como somnambulos, pelo seu seio desconhecido.

Dos sertões,—accrescenta Eucyldes,—pouco sabemos, além de sua etymologia rebarbativa—desertus. Falta á nossa arte e ás nossas iniciativas a seiva materna, sendo as mesmas incolores, inexpressivas, incaracteristicas, tolhiças e inviaveis.

As nossas mesmas descripções naturaes recordam artisticos decalques, nada havendo, nas mesmas, do arremessado impressionante dos itambés a prumo, do aspero rebrilhante dos cêrros de quartzito, do desordenado estonteador das mattas, do diluvio tranquillo e largamente esparso dos enormes rios, ou do mysterioso e quasi biblico das chapadas amplas... E' que a nossa historia natural ainda balbucia em seis ou sete linguas extrangeiras, e a nossa geographia physica é um livro inédito.

No conhecido livro,—O ideal americano,—reputado como um compendio de virilidade social e de honra politica incomparavel, Roosevelt, o grande professor de energia, o rispido evangelista da vida intensa e proveitosa, malsinando o patriotismo de campanario, considera ainda peor o cosmopolitismo, essa especie de regimen colonial do espirito, que transforma o filho do paiz num emigrado virtual, vivendo esteril, no ambiente ficticio de uma civilização de emprestimo. Parecem escriptas para nós aquellas paginas severas, riçadas de repentinose vivos golpes de ironia, porque entre nós, affirma um de seus commentadores—entre nós, é que se faz mistér repetir longamente e

monotonamente mesmo, que «mais vale ser um original do que uma cópia, embora esta valha mais do que aquelle»,—e que ser brasileiro de primeira mão, simplesmente brasileiro, mau grado a molestia do titulo, «vale cincoenta vezes mais do que ser a copia de segunda classe, ou servil oleographia, de um francez, ou de um inglez.»

Entre nós, fala-se, a cada passo, no perigo americano e no perigo allemão. Temores vãos!, — exclama um grande patriota. —O perigo real e unico está dentro das nossas fronteiras: é o perigo brasileiro, revelado no afrouxamento dos laços da solidariedade nacional; nesse peccaminoso amor da novidade, que se demasia no olvido das nossas tradições; nesse entibiamento da fiscalização moral de uma opinião publica que se desorganiza, dia a dia, e cada dia se torna mais inapta a conter e corrigir aos que a affrontam, que a escandalizam, e que triumpham; nessa situação economica inexplicavelmente abatida e tombada sobre as maiores e mais fecundas riquezas naturaes; e, por toda a parte, os desfallecimentos das antigas virtudes do trabalho e da perseverança, que já foram, e ainda o serão, as melhores garantias do nosso destino.

No livro, ha pouco citado, de Theodoro Roosevelt,—este incomparavel propagandista das virtudes heroicas attribue as garantias de successo de sua terra, menos aos prodigios de actividade e ao assombro de uma riqueza material sem par, do que ás bellissimas tradições de honra e efficiencia, traduzidas, na ordem politica, pelos nomes que se inscrevem entre os de Washington e de Lincoln, e, na ordem social, pelo repontar ininterrupto dessas emoções generosas que propellem os verdadeiros estadistas e sem as quaes as nações se transmudam «em trambolhos obstructivos de alguns tratos de superficie terrestre». Não lhe bastam as virtudes da economia e do trabalho; superpõe-lhes a glorificação permanente da honra nacional, da coragem e da audacia, do altruismo, da lealdade e das grandes tradições provindas das façanhas passadas, formando capacidade crescente para as empresas maiores do futuro.

Nessa ordem de idéas, elle cae de rijo sobre o politico tortuoso e solérte, que, malignado pelo obliquo incuravel da visão moral, faz da politica um meio de existencia e suppre com a esperteza criminosa a superioridade do pensar; o doutrinador esteril, que não transforma a vida numa força activa e combatente; o indifferente que resmoneia aggressivo contra a corrupção politica, e não intervém, num protesto vigoroso e alto, definido por actos decisivos; o jornalista que não exercita uma critica intrepida dos homens e dos partidos, ou se desfaz em lisonjarias indecorosas... e, sobre todos elles, os que formam a platéa louvaminheira, não

só para lhes explorar as acções como para lh'as divinizar e applaudir, garantindo-lhes, no mesmo lance, a impunidade dos crimes e a recompensa dos males perpetrados...

Disse, ainda ha pouco, com a justeza de sempre, o nosso eloquente orador official, que o dia de hoje é o Dia Santo dos mineiros. Ora, os dias de festa são-no, tambem, de confissão e penitencia, e como não ha confissão perfeita sem satisfacção de obra e proposito firme de emenda, aproveitemos o ensejo que a data nos proporciona, para, reconhecendo os erros passados e penitenciando-nos dos mesmos, corrigirmo-nos delles, invocando, como exemplo a seguirmos, a figura luminosa de Tiradentes, tornada sagrada pelo martyrio, de Tiradentes, que foi modelo infrangivel de virtudes excelsas: patriotismo, abnegação, coragem de pensamento, absoluta sinceridade, gosto da iniciativa e da responsabilidade, e, acima de tudo, amor da verdade.

Meus senhores. O octogenario Ramalho Ortigão, a quem, segundo um de seus biographos, o trabalho quotidiano de escriptor tinha mantido na penna uma seiva eterna de mocidade, uma espuma de fresca alegria, e que, trabalhando constantemente, dir-se-ia que, no fundo de seu tinteiro, que jámais deixou enxugar, se conservava sempre um resto da primitiva tinta ridente com que, em moço, elle começou a escrever, Ramalho Ortigão nos conta, em uma de suas melhores paginas, o seguinte:

«Os aldeões da Dalarnia, entre as montanhas norueguezas, ao partirem cada madrugada para os trabalhos dos campos, fecham, ainda hoje, as portas de suas casas, unicamente com um laço de corda, e deixam posta a mesa, com um pão e uma escudélla de leite, para o extrangeiro que passa. O povos civilizados procedem como os doces e rudes lavradores do Dal: fecham as suas fronteiras apenas com um fio, e têm sempre posta a mesa para o hospede, com o pão da liberdade e com o leite da philosophia».

Sempre que releio esta pagina de encanto tão suggestivo, na qual se vê como a civilização moderna, pelo seu principio de solidariedade humana, tornou a dar á hospitalidade o antigo sentido sagrado dos tempos biblicos,—sempre que a releio (e nunca, depois de sua morte, o faço, sem que a vista se me turve da mais commovida admiração), acóde-me logo, á mente, esta carinhosa Minas, —terra do nosso amor e do nosso orgulho,—na qual é permanente e ininterrupto occulto da fraternidade.

E' em nome desse culto, e sob a inspiração dos sentimentos que elle desperta, que tenho a honra de convidar-vos a fazerdes commigo uma rapida evocação de algumas das principaes figuras do passado da terra mineira, cujo povo, simples e magnanimo, participa da natureza das montanhas onde nasceu, as quaes, de

baixo de seu exterior, ás vezes, rude, occultam veios preciosos do mais puro ouro.

Tal evocação será inspirada por esse livro extraordinario de Julio Dantas, *A Patria Portugueza*,—obra louvada em portaria do governo da Republica irmã e approvada para premios escolares.

Encontra-se, no epilogo de tal livro, uma synthese magnifica, evocação assombrosa das grandes figuras que perpassam, palpitantes e vivas e actualizadas, nas paginas vibrantes e ardentes do mesmo.

Toda vez que a folheio, lembra-me o passado desta nossa heroica Minas, e, guardadas as proporções, e transportando para aqui o scenario magestoso que Julio Dantas nos pinta, com colorido tão vivo, — eu sinto, tambem, como elle sentiu, a respeito de Portugal, que—a almade Minas, como uma vibração luminosa, palpita, estremece em cada folha, em cada aza, em cada pedra, no gesto religioso dos velhos troncos patriarchaes, no tinido longinquo dos chocalhos dos rebanhos, no soluço das aguas, no uivo formidavel da tempestade,—e aza, e pedra, e tronco, e folha, e agua, e tempestade, tudo resplandece, grita, réza, esplende, murmura:

Minas! Minas!...

E' a alma fremente do passado que atravessa, como um clarão, a terra heroica e adormecida. E' a alma da raça que refloresce, que revive, que renasce, que arrasta comsigo, na torrente de suas energias novas, tudo quanto, no passado, foi gloria, sonho, belleza, pensamento, — tudo quanto foi côr ou som, luz ou rythmo, sorriso ou lagrima, — tudo quanto, um momento conteve em si, no tumulto das multidões, na vertigem dos tempos, um arranco, um lampejo, uma scintillação da Patria!

E as velhas imagens, e as sombras distantes, e as antigas figuras, como um galope coruscante, como um tropel vertiginoso, devoram a terra negra, passam cavalgando nuvens, no ouro tranquillo do poente e cobertas pela poeira dos tumulos, esfarrapadas pela neve do tempo, heroicas, renascidas, arquejantes, acordam de seu somno de espectros, povoam as montanhas escalvadas...

Agora, são os *bandeirantes*, os primeiros povoadores do nosso territorio, os quaes embalados pelos sonhos de riquezas fabulosas, no silencio das noites passadas no seio das florestas virgens, ou no mourejar dos dias calidos, cheios de fadiga e de emoção, sem testemunhas dos seus labores e sacrificios, luctando com os indios, com as féras, com as intemperies, com as hostilidades de uma natureza selvagem e bravia, que occultava avaramente os seus thesouros, em jornadas ponteadas de dores e de agonias, em meio de desenganos pungentes, desbravaram os nossos sertões inhospitos,

que ficaram balizados pelas ossadas de muito desses atrevidos aventureiros.

Logo, é a figura torturada de Felippe dos Santos, o patriota-martyr, amarrado, em Villa Rica, a 16 de julho de 1720, ás caudas de quatro cavallos bravos, montados por piões, arrancando cada um por seu lado e, assim barbaramente morto e esquartejado, por haver passado por sua alma, num relampago, num clarão, numa aureola, a alma rebelde, a alma ardente, a alma genorosa de todo um povo opprimido.

— São os *garimpeiros*, os incorrigiveis devassadores das demarcações interditas que no ultimo quartel do seculo 18.º, na extensa zona do districto diamantino, davam o unico traço varonil que ennobrece aquella quadra, e, unicos elementos fixos numa sociedade movel, de emigrantes, iam capitalizando as energias despendidas naquelles assaltos ferocissimos contra a Terra. Desviavam os rios; invertiam-lhe as nascentes, ou torciam-n'os, cercando-os; e, por vezes, alevantavam-n'os, inteiros, sobre os mesmos leitos. Todo o Jequitinhonha, adrede contido e alteado por uma barragem, desviou, certa vez, por um bicame colossal, de grossas pranchas presas de gastalhos, deixando em secco, poucos metros abaixo, o cascalho sobre o qual fluia ha millenios... E alli embaixo, centenares de titans tranquillos, compassando as modinhas dolentes com o soar dos almocafres e alavancas, labutavam, cantando descuidados, tendo por cima o diluvio canalizado....

Assim foram crescendo. De sorte que—continúa Euclydes da Cunha—quando a metropole, exaggerando a antiga avidez ante a fama dos nossos descobertos, se demasiou em rigores e prepotencias para tornar effectivo o monopolio da extracção, isolando aquella zona de todo o resto do mundo, e armou exercitos contra os *garimpeiros*,—estes, alcandorados nos *itambés* a prumo, desafiavam os rijos capitães-generaes, endurados nas refregas da India, e, relampeando no subito fulgir das descargas, das tocaias; derivando em escaramuças pelos talhados dos montes; arrebentando ás boccas das velhas minas em abandono, de repente escancaradas numa explosão de tiros — os «desaforados escaladores da terra», os anonymos conquistadores de uma patria, zombavam, triumphalmente daquelles apparatos guerreiros, espectaculosos e inoffensivos.

São, ainda, no fim desse mesmo seculo 18.º, os *Conjurados mineiros*, de cujo seio generoso e magnanimo se destaca a figura esculptural de *Tiradentes*, que, desmaterializando-se, com o tempo, já se vae transformando, para nós, em symbolo de civismo, de nobreza d'alma, de patriotismo sem macula.

A essa mesma época pertencem dois perfis femininos, a lançarem sobre a escuridão da tragedia em que redundou a *Inconfi-*

dencia, a doce luz suavissima do amor e da dedicação da mulher: é a primeira *Marilia*, cujo vulto esbelto e donairoso, mostrando-se de longe, das conhecidas janellas da casa, que ainda existe, em Villa Rica, aos olhos apaixonados do ouvidor-poeta, na brancura offuscante das madrugadas nevoentas, ou ao esplendor sanguineo dos occasos de fogo, obrigou o sentimental *Dirceu* a trocar a toga solemne de juiz pela tunica de panno grosso de poeta da Arcadia, e a espalhar por aquellas collinas ouropretanas, amadasdas musas, eglogas de rimas doloridas, de anseio e de amor, com que architectava, no sonho, um futuro que não veiu».

E' a segunda a figura empolgante de Barbara Heliodora, a quem a tradição attribue intelligencia pouco commum, grande inspiração, raro cultivo e belleza não vulgar.

Erguendo-se, magestosa e varonil, do fundo escuro de uma época de oppressões, de covardias, de delações, de desfallecimentos lamentaveis,—merece bem a heroica senhora a designação que lhe deu João Lucio, o escriptor patricio,—de «Cornelia Mineira», a qual, depois de haver entregue as ultimas joias aos prepostos da justiça real, tomou, pela mão, os filhos, unicos supérstites de uma vida opulenta e feliz, e abandonou, com dignidade estoica, o lar, cahindo, de um salto brusco, na noite, sem aurora, da loucura.

Ainda nos tempos coloniaes, é Antonio Francisco Lisbôa, o Aleijadinho, novo Praxitelles, architecto e esculptor, no qual, a natureza, por um capricho doloroso, accendeu a scentelha do genio em um corpo de monstro.

—Nos primordios do seculo 19.º, Bernardo Pereira de Vasconcellos, genio essencialmente organizador e previdente, o verdadeiro mestre do parlamentarismo do Brasil, no reinado de Pedro 1.º e no periodo da Regencia; Evaristo Ferreira da Veiga, parlamentar e jornalista, redactor da inesquecivel *Aurora Fluminense*, ao qual se devem a unidade da patria e a salvação do principio da liberdade da imprensa; Bernardo Jacintho da Veiga, fundador do mais antigo instituto de ensino superior do Estado, a Escola de Pharmacia de Ouro Preto, que completou, a 4 do corrente, 88 annos de existencia proveitosa; Theophilo Ottoni, *amicus populi, libertastisque sacerdos*.

No dominio das letras, é o bardo dos *Cantos da Solidão*, o fecundo romancista do *Garimpeiro* e do *Ermitão do Muquem*, Bernardo Guimarães, uma das mais nitidas encarnações do espirito nacional, e cuja figura ha de avultar ainda na historia do pensamento brasileiro.

Apesar de emmudecida a sua lyra e de quebrada a sua penna, —a sua voz não morrerá de todo, porque, durante a vida, elle serviu nobremente a Arte, e esta, pela palavra de um de seus mais

elevados cultores, disse a cada um de seus eleitos, com firmeza e com certeza»: «Tu não morrerás inteiramente. Teu pensamento, manifestação melhor e mais completa de tua vida, permanecerá intacto, sem que contra elle prevaleçam todos os vermes da terra; teu riso de um momento reviverá nos risos que fôr despertando, e tuas lagrimas não seccarão, porque farão correr outras lagrimas»!

— No clero, são o primeiro bispo de Diamantina, D. João Antonio dos Santos, que encarnou, em Minas, o typo bemfazejo do bispo Bemvindo, de Victor Hugo, e o conego Joaquim José de Sant'Anna, vigario de Ouro Preto, cujas bodas de ouro com a Egreja, que eu tive a fortuna de assistir, em 1887, foram uma festa que se notabilizou pela distribuição, apedido delle, de centenas de cartas de alforria a escravos, então existentes, havendo sido orador dessa commovente cerimonia aquelle que, ha poucos dias, illuminou esta tribuna com seu verbo scintillante, o Conde de Affonso Celso, então em plena florescencia de uma juventude ridente e triumphante.

— Na jurisprudencia, são os dois provectos codificadores do direito patrio, Lafayette Rodrigues Pereira e Joaquim Felicio dos Santos.

— Na engenharia, Christiano Ottoni, o perfurador do grande tunel da Estrada de Ferro Central do Brasil.

— Na medicina, basta citar Joaquim Vieira de Andrade, o medico dos pobres do norte de Minas, e Cicero Ferreira, o fundador da nossa Faculdade de Medicina, frequentada, hoje, por mais de 400 alumnos.

— Na milicia, o general Carneiro, o heróe do cêrco da Lapa, onde tombou gloriosamente, defendendo a legalidade.

— Na esphera politica, são:

Affonso Penna, a quem devemos nossa modelar Faculdade de Direito, um dos florões de nosso ensino superior;

Chrispim Jacques Bias Fortes, o fundador do Gymnasio Mineiro e do Archivo Publico Mineiro;

Antonio Olyntho... (perdoae, senhores, este desabafo de meus sentimentos fraternaes!), Antonio Olyntho dos Santos Pires, professor, jornalista, politico, que teve a honra de assignar os primeiros actos de Minas republicana, como seu governador interino, e que como as aves daquella floresta encantada, do celebre poeta polaco, quando sentiu que ia morrer, deixou os esplendores do Rio de Janeiro e veiu pedir á carinhosa e amada patria mineira os sete palmos de terra do descanço final;

João Pinheiro da Silva, a figura oracular, a vontade tranquilla e forte, alma formada de um plasma luminoso, caracter feito de crystal purissimo, exemplo militante, que sabia ensinar a seus governados o caminho seguro da grandeza, porque sabia que todas as

crises economicas se resolvem pelo trabalho pertinaz do governo e do povo, e que todos os defeitos moraes se corrigem pela acção educadora dos estadistas.

Nesta ephemera perigrinação pelo incerto areal da vida, póde apagar-se rapidamente o rasto dos que bem serviram a seus similhantes pela vontade e pela razão; mas o rasto de seu espirito e o rasto de sua alma,esses não se apagarão nunca no céo ideal do pensamento e da bondade.

Por isto, do tumulo de João Pinheiro ha de irradiar luz perenne que clareará o horizonte da Republica, nas horas mais annuviadas, isto é, o esplendor de uma vida que foi, até ao ultimo alento, animada e alimentada pela fé no trabalho e pela perseverança na virtude;

Raul Soares, o morto de hontem, que, em hora aziága, encarnou, aqui, em Minas, o espirito da legalidade, e, como aquelle soldado que, no campo de batalha de Alba, foi encontrado morto, conservando, nos dedos crispados, estrangulado, um corvo que tentàra bical-o, ainda moribundo,—elle, tambem, já nos ultimos dias de vida, teve ainda forças para ajudar a estrangular a anarchia que ameaçava devorar-nos.

—E', senhores, — para fechar esta galeria, que se prolongaria demasiado, si nella quizessemos enquadrar todos os vultos mineiros de que poderemos orgulhar-nos,—é, finalmente, um outro morto de hontem, sobre cujo tumulo poderão já ter murchado as flores que o perfumaram, mas ainda não seccaram as lagrimas que o orvalharam; é Affonso Arinos, o escriptor fundamente nacional, cuja literatura, no livro e no jornal, foi comparada a uma larga ponte batida de sol, lançada entre o passado e o presente, e onde, ao lado de muita saudade, ha muita esperança, — cuja literatura, repito, foi sempre um claro espelho onde se reflectiam o seu tradicionalismo e o seu nacionalismo.

Conta-nos Bilac que um poeta, amigo das arvores, como todos os poetas, disse, um dia, que, quando encostava o ouvido ao grosso cortex de um tronco da matta, ouvia, lá dentro, as lôas harmoniosas da seiva, na sua circulação criadora e triumphal. Assim, tambem, quando se folhêa o volume em que Arinos celebra a vida sertaneja, ouve-se circular por elle, em hymnos ardentes, a prophecia de uma grandeza futura para a terra, que todos nós tanto amamos.

Como é formosa aquella pagina do *Pelo Sertão*, em que Arinos glorifica um velho burity, «veneravel eponymo dos campos», mais edoso do que a nossa raça, perdido no meio de uma planicie verde! E' assim que elle lhe fala, com ternura e veneração:

«Si, algum dia, a civilização ganhar essa paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te-

serve de sóco, velho Burity perdido. Então, como os hoplitas athenienses, captivos em Syracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores á narração das proprias desgraças nos versos sublimes de Euripedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a propria destruição, comprando teu direito á vida, com a poesia selvagem e dolorosa que sabes tão bem communicar. Então, talvez, uma alma amante das lendas primévas, uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia, não permittindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações extinctas, uma pagina sempre aberta, de um poema que não foi escripto, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra! »

Senhores. Toda esta ronda de mortos que acabei de perpassar, por um momento, diante de vossa imaginação, toda essa multidão, como a que foi evocada no livo citado, de Julio Dantas, ruge, alastra, lateja, como um só coração, bramindo, cantando, chorando o nome de Minas. São milhares de braços escuros que se levantam, erguidos pelo mesmo sonho, convulsos do mesmo amor, crispados pelo mesmo odio,—toda a maré negra, sagrada, ululante, virginal, do povo, cortando como uma rajada, como um turbilhão, como uma tempestade, o extase dourado do poente. A mesma vibração, o mesmo grito de Patria sae das entranhas da terra, levanta em cachões as espumas de nossas cachoeiras, soluça como o vento das florestas, humedece de lagrimas os olhos das proprias féras. Em cada pedra de muralha, em cada crista de fraguedo, em cada lage de tumulo, ha uma voz que brada, ha um coração que sangra, ha uma memoria que ruge. E desses gritos de Patria, destes farrapos de grandeza, dessas memorias de seculos, dessa poeira para sempre morta,—quanta bravura, quanta energia, quanta fé reflorirá, eternamente viva!

No retorno universal dos tempos e das almas, os mortos resurgirão dentro de nós; a alma da raça, purificada e liberta, renascerá, estuará em torrentes de poder e de força, - e Minas, em vez de supplicar uma cruz para morrer, gritará por umas azas para voar!

Tenho concluido. »

Repetidas e enthusiasticas palmas coroaram as ultimas palavras do conferencista, que foi abraçado e felicitado pelas pessoas do governo, pelos consocios do Instituto e por muitos outros cavalheiros.

Encerrando a sessão, o sr. presidente Antonio Carlos disse, entre applausos, que se congratulava com o Instituto, pela esplendida conferencia que se acabava de ouvir, toda ella repassada de grande eloquencia e do mais puro sentimento patriotico, e agradeceu o comparecimento das pessoas presentes.

A's 15 horas e meia, findava a sessão solemne, que foi das mais brilhantes e significativas commemorações que a data de hontem já teve em nosso meio.

—Durante a solemnidade, tocaram, no saguão da Camara e no recinto da sessão, as duas bandas de musica de Força Publica.

(Do *Minas Geraes*, de 22 de abril de 1927).

Realizou se, ante hontem, 22 do corrente, na Faculdade Libre de Direito, desta Capital, uma sessão ordinaria do *Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes*, á qual estiveram presentes os seguintes socios: professor Aurelio Pires, dr. Gustavo Penna, dr. Mario de Lima, Joaquim Nabuco Linhares, desembargador Francisco Cleto Toscano Barreto, dr. Mario Augusto Teixeira de Freitas, dr. Caio Nelson de Senna, dr. Juscelino Barbosa, professor Honorio Guimarães, dr. Rodolpho Jacob, professor Luiz Pessanha, capitão dr. Herculano Teixeira d'Assumpção, dr. Orozimbo Nonato da Silva e coronel Socrates Alvim.

Aberta a sessão e approvada a acta da sessão anterior, o professor Aurelio Pires, presidente do Instituto, proferiu as seguintes palavras:

«Meus illustres consocios:

Depois da memoravel sessão do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, de 26 de fevereiro ultimo, em que, sob os auspicios do actual sr. Presidente do Estado, foi, definitivamente, reorganizado o mesmo Instituto, — é esta a primeira vez que nos reunimos, em sessão ordinaria, só o tendo feito, até então, em tres sessões solemnes.

Prevalecendo-me, pois, da circumstancia actual, venho cumprir o dever, imposto pela minha consciencia, de apresentar-vos agradecimentos mui sinceros, por haverdes homologado, generosamente, a lembrança de meu pobre nome para o honroso cargo de presidente desta aggremiação, em sua nova phase.

Attribuo o vosso procedimento magnanimo, para commigo, ao desejo, de vossa parte, de premiar os esforços de um velho professor que, tendo tido sempre a alma e o coração voltados para o lado espiritual da vida, não consentiu jámais que, em seus labios, esmorecesse a palavra da fé.

Cumprido este dever de consciencia, peço-vos permissão para convidar-vos a cumprirmos, juntos, um outro dever de coração: o de lançarmos um olhar de enternecida saudade á memoria veneranda e querida daquelles que, hoje desapparecidos de nosso convivio, dirigiram os destinos deste Instituto, com mão segura, orientação firme e abnegação patriotica. São elles: João Pinheiro da Silva, desembargador João Braulio Moinhos de Vilhena, desembargador Carlos Honorio Benedicto Ottoni e senador Virgilio Martins de Mello Franco. Este preito de saudade

deve extender-se, egualmente, a todos os demais companheiros arrebatados pela morte, durante os vinte annos transcorridos, de 1907 a 1927. Si é certo, — como disse um dos pensadores mais profundos de nossa raça, que «a morte não extingue, transforma; não aniquila, renova; não divorcia, approxima»; si é certo que, quando suppomos mortos e separados de nós aquelles a quem amávamos, é, então, que elles estão mais presentes, no intimo de nós mesmos, no fundo de nosso ser, na face de nossas acções; si é assim, todos esses mortos amados continuarão a viver em nossa lembrança e a animar-nos com os estimulos de sua vida operosa e bem vivida.

Aos que, ainda vivos, para o nosso bem, e que prestaram ao nosso sodalicio os serviços abnegados de seu patriotismo, como presidentes do Instituto, aos srs. desembargador Arnaldo de Oliveira e dr. Rodolpho Jacob, — a expressão de nosso profundo reconhecimento, pelo que fizerem para a efficiencia dos fins collimados pelo mesmo.

Nesta nova phase em que acaba de entrar e nosso Instituto Historico, para iniciar a qual me foi designado o alto posto, a cuja eminencia, vossa generosidade me collocou, — conto com a collaboração imprescindivel de todos e de cada um de vós, — para gloria deste cenaculo e proveito moral para o nosso Estado».

Em seguida, o mesmo sr. deu conhecimento á Casa de que o sr. professor dr. Francisco Mendes Pimentel, director da nossa Faculdade Livre de Direito, havia cedido generosamente uma das salas dessa Faculdade para a séde provisoria do Instituto Historico, ficando resolvido que se enviasse ao referido professor a exprssão do reconhecimento do mesmo Instituto.

Passando-se á apresentação de moções, indicações e projectos, o professor Honorio Guimarães, obtendo a palavra, fundamentou a triplice indicação seguinte:

a) Que se lançasse na acta da sessão do dia um voto de pesar pelo fallecimento do esforçado educador e operoso socio do Instituto, professor José Polycarpo;

b) que se enviasse ao sr. Presidente do Estado a expressão do reconhecimento do Instituto, pela acção que s. exc. tem desenvolvido, no sentido de incrementar a efficiencia do mesmo;

c) que, ao organizar-se a Historia de Minas, segundo um dos fins do mesmo Instituto, se solicitasse, para tal, a collaboração das Camaras Municipaes, das directorias de grupos escolares, dos inspectores technicos e de todos os professores primarios do Estado, no sentido de enviar, cada um delles, o historico e a descripção geographica das localidades onde exercitam a sua acção.

As duas primeiras indicações foram unanimemente approvadas. Quanto á terceira, ficou adiada a respectiva discussão até que seu auctor apresente, por escripto, o plano por elle suggerido verbalmente.

O sr. Gustavo Penna leu a seguinte indicação, que é unanimemente approvada:

«Ha seguramente dezeseis annos, confiou-me o commendador Carlos Pinto de Figueiredo, já fallecido, e que residia no Rio de Janeiro, a incumbencia de receber e entregar á Prefeitura de Bello Horizonte dois magnificos bustos dos marquezes de Paraná e de Barbacena, que elle offerecia á nossa Capital.

Esses dois magnificos trabalhos de esculptura, talvez por serem de bronze, ficaram guardados e esquecidos no armazem do almoxarifado, entre picaretas, enxadas e arame farpado. Alguns annos depois, sendo secretario do Interior o dr. Affonso Penna Junior, eu chamei sua attenção para esse facto, lembrando-lhe que o busto do marquez de Paraná ficaria bem collocado á entrada da respectiva Secretaria. E assim se fez.

O busto do marquez de Barbacena, do grande Felisberto Caldeira Brant Pontes, ainda lá está no almoxarifado, não coberto pela nobre patina do tempo, e sim pela irritante poeira, natural naquelle deposito de materiaes! E como o dia 13 de junho proximo é anniversario da sua morte, indico que a mesa do Instituto Historico solicite do sr. Prefeito a collocação, na praça da Liberdade, de uma herma, destinada a receber o busto do homem que foi um dos mais notaveis filhos de nossa terra, e cuja existencia merecia ser mais conhecida e, por isso, mais admirada».

Assignada pelos socios M. A. Teixeira de Freitas, Juscelino Barbosa, J. N. Linhares, Gustavo Penna, Herculano Teixeira d'Assumpção, Orozimbo Nonato da Silva e Luiz Pessanha, é lida pelo primeiro dos signatarios e approvada pela Casa a seguinte indicação:

«Os socios do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, abaixo assignados:

Considerando que não podemos ainda contar com a iniciativa particular para a conveniente vulgarização, em edições apropriadas, do já bantante rico patrimonio intellectual do povo mineiro;

considerando tambem que podem contribuir poderosa e decisivamente para o progresso do Estado, em todos os sentidos, uma vez postos ao alcance do publico em geral, os thesouros literarios, artisticos, historicos, geographicos e scientificos que os nossos inexplorados archivos e a não menos desconhecida e inaccessivel bibliographia de escriptores mineiros ou relativa a coisas e pessoas de Minas Geraes escondem avaramente ás pesquizas dos estudiosos;

e considerando, finalmente, o largo espirito liberal e progressista, o vehemente enthusiasmo e a vontade forte com que o eminente Andrada actualmente á testa do governo de Minas vem procurando conhecer e satisfazer as necessidades e as aspirações da communhão mineira na ordem intellectual e moral;

Têem a honra de propôr que o Instituto patrocine, junto ao governo do Estado, o alvitre de dar-se continuidade á publicação official da Collectanea literaria, historica, geographica e scientifica, cuja organização se iniciou, com os melhores fructos, sob os auspicios da Commissão Mineira do Centenario, confiada á reconhecida capacidade dos illustres consocios drs. Rodolpho Jacob e Mario de Lima.

Os signatarios ainda suggerem, com a devida venia, que, estando presente á sessão o sr. dr. Rodolpho Jacob, auctor do magnifico programma traçado inicialmente aos alludidos trabalhos de vulgarização, se digne nol-o relembrar esse prezado confrade, afim de que o Instituto possa deliberar com melhor conhecimento de causa sobre o objecto desta indicação.

Bello Horizonte, 22 de maio de maio de 1927».

O sr. dr. Rodolpho Jacob, nominalmente chamado á tribuna, usando da palavra, expôz largamente o plano a que obedeceu a organização da Collectanea, constante da indicação transcripta, e demonstrou a importancia da mesma e a necessidade de se concluir esse trabalho, já iniciado, achando-se parte delle já publicada e outra parte já organizada e entregue á Secretaria do Interior.

O sr. Presidente, informando á Casa que a commissão nomeada pelo sr. Presidente do Estado para organizar o plano de conferencias mensaes, a serem realizadas pelo Instituto, se acha desfalcada, por estar um membro da mesma enfermo e dois outros occupados no desempenho de funcções que os prendem alhures; e ponderando que ha urgencia de ultimar-se, quanto antes, a elaboração desse plano, para que se iniciem as conferencias, designou, para substitutos dos membros impedidos, os socios dr. Lucio José dos Santos, dr. M. A. Teixeira de Freitas e dr. capitão Herculano Teixeira d'Assumpção, e marcou o dia 26 do corrente, ás 14 horas, para uma reunião, em sua residencia, da referida commissão.

Estando a hora adeantada, levantou-se a sessão.

(Do *Minas Geraes*, de 24 de maio ue 1927).

Desde sua fundação, em 1907, até hoje, tem o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes funccionado em diversos edificio publicos e particulares, cedidos, generosamente, pelas respectivas directorias, taes como Camara dos Deputados, Senado Mineiro, Conselho Deliberativo, Faculdade Livre de Direito.

E' pensamento do actual sr. Presidente do Estado, seu benemerito reorganizador, dotal-o, dentro em pouco, de séde condigna e propria, que o liberte do vexame permanente de estar obtendo, por emprestimo, sédes provisorias, e que o colloque em condições de poder realizar sua elevada finalidade historica.

Da Direcção

147

A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA EM MINAS GERAES

O 15 de novembro em Ouro Preto

POR

Antonio Olyntho dos Santos Pires

148

A proclamação da Republica em Minas Geraes

O 15 de Novembro em Ouro Preto

A ascenção do partido liberal ao poder, a 7 de junho de 1889, encontrou o partido republicano muito fortalecido em Minas.

Tinhamos tido, a 27 de maio, uma eleição senatorial, a ultima a que alli se procedeu durante o periodo monarchico; e a ella haviam concorrido, arregimentados, disputando a victoria, os tres partidos—liberal, conservador e republicano. Os nossos candidatos á lista triplice eram Joaquim Felicio dos Santos, João Nogueira Penido e Francisco Honorio Ferreira Brandão.

O partido republicano estava tão pujante e tão coheso que, durante muitos dias seguidos, os nomes de nossos tres candidatos figuraram na frente em todas as apurações feitas pela imprensa, o que quer dizer que tivemos victoria nas cidades ligadas pelo telegrapho ou pela estrada de ferro, isto é, nas mais adiantadas. E a votação dos nossos candidatos só começou a ceder á dos nossos adversarios quando chegaram as baterias das localidades mais afastadas, subjugadas ao dominio dos mandões da politicagem e onde era difficil o accesso das idéas novas. Mesmo assim, no resultado final do pleito, entrou um candidato republicano na lista triplice e os dous outros vieram logo após.

Tal resultado foi o seguinte:

1.° Horta Barbosa—conservador.

2.° Joaquim Felicio—republicano.

3.° Carlos Peixoto—conservador.

Seguindo-se:

João Penido—republicano.

Francisco Honorio - republicano.

Cezario Alvim—liberal etc.

Foi assim que o partido liberal, ao subir ao poder, encontrou os republicanos mineiros. Era uma força a temer e, portanto, a combater.

O Conselheiro Affonso Celso, Visconde de Ouro Preto, ao assumir as responsabilidades do Governo, como chefe do gabinete, viu o perigo e procurou conjural-o; e o fez sem perda de tempo, não só incluindo no seu programma a autonomia das provincias, com presidentes electivos, a liberdade de cultos, a temporariedade do Senado etc., como reconhecendo belligerante o partido nascente, que perseguiu e procurou abater, como adversario que era.

Foi das mais agitadas e notaveis, dos ultimos dias do imperio, a sessão da Camara dos Deputados em que se apresentou o gabinete de 7 de junho para formular o seu programma governamental.

O deputado padre João Manoel, orador emerito e escriptor primoroso, recebeu o gabinete com uma oração vibrante, em que atacou de frente o regimen monarchico e terminou no meio de calorosos applausos da assistencia, fazendo echoar pela sala das sessões um enthusiastico:— *Viva a Republica!* No meio dessa agitação, levantou-se o sr. Visconde de Ouro Preto e conseguiu empolgar o auditorio com uma replica brilhante, prompta e convencida, na qual accentuou desde logo:—«Viva a Republica, não! Viva a Monarchia! essa Monarchia tão democratica, tão abnegada e tão patriotica, que seria a primeira a conformar-se com os votos da nação e a não lhes oppôr o menor obstaculo, si ella, por seus orgãos competentes, manifestasse o desejo de mudar as instituições. E era por isso que a servia; não era um aulico».

O seu discurso foi vivamente ponteado de apartes, que replicava com promptidão.

Declarou que não ameaçava a ninguem, que o seu programma não era de oppressão, mas, sim, de concessões; que queria doutrinar e convencer; que vinha salvar o Imperio com a bandeira de seu partido,—o programma do partido liberal, que havia sido votado em solemne congresso recentemente reunido no Rio de Janeiro.

Esse programma se resumia no seguinte:

— o alargamento do direito do voto;—a autonomia dos municipios e das provincias, sendo a base dessa reforma a eleição dos administradores municipaes e a nomeação dos presidentes de provincia, mediante listas organizadas pelos votos dos cidadãos;—a liberdade de cultos e seus consectarios;—a temporariedade do Senado;—a reforma do Conselho de Estado, que perderia o caracter politico, conservando, apenas, o administrativo;—a liberdade de ensino e o seu aperfeiçoamento;—a lei det erras —a reducção de fretes;—a expansão das vias de communicação.

No seio do partido liberal, havia uma forte corrente que não se contentava com a autonomia das providencias e exigia a Federação. Essa idéa congregou 19 votos no Congresso Liberal.

O sr. Visconde de Ouro Preto, porém, nunca foi partidario da Federação; era uma voz dissonante no seio de seu partido, o qual não incluiu esta medida, francamente, no seu programma, pela opposição desse chefe prestigioso.

Depois de amplamente debatida no Congresso Liberal, devido a opposição do sr. Visconde de Ouro Preto, o partido incluiu em seu programma—«que ficaria livre ao primeiro organizador do Gabinete optar entre a Federação e a autonomia das provincias, conforme as circumstancias aconselhassem».

E que a Federação era a idéa mais carinhosamente afagada pelo partido, prova-o a declaração do sr. Saraiva, outro eminente chefe liberal, quando, por occasião da apresentação do Gabinete de 7 de junho, deu conta á nação, da tribuna do Senado, do convite que teve do imperador para organizar o Gabinete, antes de ser chamado o sr. Visconde de Ouro Preto.

O sr. Senador Saraiva declarou que, fallando ao Imperador, mostrou-lhe os progressos da idéa republicana e encarecêra-lhe a conveniencia de fazer a Federação; ao que retrucou o Imperador: «Sr. Saraiva, o senhor sabe que eu nunca fui obstaculo ás idéas adeantadas».

De tudo isso se conclue que a Federação era a medida mais fundamente arraigada no espirito da maioria dos dirigentes do partido liberal; e que a autonomia, que figurava no programma do Ministerio Ouro Preto, ia se transformar em Federação durante as discussões parlamentares. Ninguem tinha duvidas sobre isto; discutia-se na imprensa partidaria sómente a Federação, relegando todos para segundo plano a autonomia, julgada insufficiente para satisfazer as aspirações nacionaes.

Ruy Barbosa, numa das mais brilhantes fulgurações de sua penna adamantina, chegou a dizer: —«Ou a monarchia faz a federação, ou o federalismo faz a Republica».

O presidente do Conselho e o Ministerio da Justiça, que eram as figuras de mais destaque do gabinete de 7 de junho, eram ambos senadores por Minas, onde fizeram sua carreira politica e onde tinham seus melhores amigos.

Conheciam, pois, alli, o terreno da lucta e tinham elementos para leval-a avante. De modo que a perseguição e as ameaças aos republicanos foram mais intensas em Minas do que em outras provincias, como São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, onde tambem a propaganda republicana era tenaz, e o partido se avolumava e se fortalecia.

O Visconde de Ibituruna, nomeado Presidente de Minas, era um mineiro de tempera antiga, educado na escola severa da lealdade e da justiça.

Amigo do Imperador e do Visconde de Ouro Preto, elle cumpria, á risca, o programma que o seu partido havia traçado pelo verbo do presidente do Conselho de Ministros, de cuja confiança era o depositario fiel.

De modo que, no governo da Provincia, elle revelou immediatamente o seu proposito de não dar tréguas aos republicanos, cuja propaganda era mistér abafar por todos os modos.

Alguns actos administrativos revelaram inilludivelmente esse proposito: a exoneração de Sebastião Sette, de professor do Lyceu de S. João d'El-Rey, a do velho Cezimbra de agente do correio de Marianna, etc.

Sebastião Rodrigues Sette e Camara era professor de inglez e de francez no Lyceu de S. João Del-Rey, custeado pelos cofres da provincia. Naquella cidade, dirigia elle a *Patria Mineira*, folha de propaganda republicana, a qual, como era natural, criticava actos administrativos, passiveis de critica, embora usando sempre de linguagem commedida e conveniente, como geralmente o faziam quasi todos os outros orgãos republicanos mineiros.

Apezar de excellente professor e funccionario de irreprehensivel proceder, cahiu no desagrado dos chefes liberaes locaes, que reclamaram do Presidente da provincia a sua exoneração.

E, para escarmento dos republicanos, esse acto de violencia foi feito, no mez de outubro de 1889.

Sebastião Sette o commentou na *Patria Mineira* com uma nobreza e uma elevação de vista notaveis, que chamaram para a sua causa pessoal e para a da propaganda republicana as maiores sympathias, mesmo de adversarios desapaixonados.

João Pinheiro, como presidente da Commissão Central Permanente do Partido Republicano Mineiro, mandou-lhe, a 31 de outubro de 1889, um officio em que lhe dizia:

«E' o fim desta levar-lhe não sei si os meus sentimentos, não sei si os meus parabens pela demissão que lhe acaba de ser dada pelo governo da provincia. Entre tantos e tão grandes serviços que o meu amigo tem prestado á causa da Republica, tornando-o um dos seus mais distinctos batalhadores, o caso dessa demissão, além de encerrar uma confissão de sua nobre altivez, é, ao mesmo tempo, a sagração do seu devotamento; é uma recommendação para o reconhecimento dos 6.000 mineiros republicanos que já o distinguem ha muito tempo.

Todos sabem que, no grupo da monarchia, não encontrarão, para substituil-o, nem illustração, nem escrupulos tão grandes como os do amigo, no exercicio do magisterio.

Saúda-o, em nome da Commissão Central, João Pinheiro».

O velho Cezimbra era agente do correio de Marianna, havia muitos annos, e servia a contento da população e de seus superiores. Nunca havia sido encontrado em falta ou em irregularidade; mas como assignou, com o filho, o manifesto republicano, foi exonerado, mal se iniciou a situação liberal.

De modo que não podiamos contar com a tolerancia dos governantes, e tinhamos razões de sobra para recear as ameaças que chegavam ao nosso conhecimento.

Nessas condições, resolvemos transformar em *Sociedades Secretas* os Clubs Republicanos que existiam formados por muitas das localidades mineiras e cujo numero augmentava de dia para dia. Agindo ás

occultas, poderiamos melhor preparar os elementos de resistencia e congregar os recursos para a lucta, que (tudo fazia presumir) ia se deslocar, do terreno pacifico da propaganda, para o da aggressão material.

Combinada, em Ouro Preto, pela Commissão directora do partido, a organização das *Sociedades Secretas*, e fixado um codigo para nossas communicações, foi João Pinheiro incumbido de ir pessoalmente se entender com os directores da politica republicana nas mais importantes cidades da provincia, começando pela Matta, afim de podermos continuar a agir em commum, em qualquer emergencia que se offerecesse.

Para essa missão reservada, partiu Pinheiro nos primeiros dias de novembro.

Pelos dias 10 ou 12, appareceu, na redacção do *Movimento*, um moço, procurando João Pinheiro. Eu lhe disse que este amigo se achava ausente, e que não sabia onde. O moço me disse que havia chegado do Rio na vespera e viéra axpressamente incumbido de trazer uma carta de Quintino Bocayuva a Pinheiro, tendo dado a sua palavra de honra de que a entregaria pessoalmente e que o procuraria onde estivesse, fôsse onde fôsse.

Como receiavamos de tudo, não quiz lhe revelar o paradeiro de Pinheiro, e o moço não quiz tambem confiar a carta nem a mim, que fiquei incumbido de tudo o que se referia ao partido e ao *Movimento*, nem a Francisco Barcellos, que ficou com os negocios do escriptorio de advocacia de Pinheiro.

Era uma *carta de prégo*, que o moço trazia, onde, talvez, Quintino nos puzesse a par do que occorria no Rio. Nunca pude sabel-o ao certo.

De modo que ignoravamos, em Ouro Preto, tudo o que se tramava no Rio para a proxima proclamação da Republica.

A não ser a passagem daquelle emissario pela Capital Mineira, não tivemos que assignalar, na primeira quinzena de novembro, outro acontecimento que nos prendesse a attenção.

O dia 15 passára sem maior novidade; foi um dia como qualquer dos que o haviam precedido. Estive, do meio dia ás cinco da tarde, na redacção do *Movimento*, e por lá me appareceram poucas pessôas, além dos amigos de todos os dias.

O Pinheiro estava ausente, na organização dos *Clubs Secretos*, de modo que eu estava só na redacção do *Movimento*. Tinhamos marcado para dezembro uma eleição provincial, a que o partido ia concorrer, na esperança de fazer, pelo menos, vinte, dos sessenta deputados que deviam ser eleitos. As adhesões choviam de todos os lados, enthusiastas, espontaneas, firmes e resolutas, para a proxima campanha eleitoral. Eu me occupei, nesse dia, quasi exclusivamente, com o serviço de adhesões: lendo a correpondencia dos co-religionarios e as folhas republicanas que nos erão enviadas; extractando dellas o que se relacionava com o

partido; seleccionando o que devia ser publicado; redigindo as noticias e commentando o que daquellas leituras devesse sel-o.

Pouco depois das cinco horas da tarde, deixei a redacção do *Movimento*, onde trabalhavam só os compositores, e fui para casa. Nada de anormal havia pelas ruas que atravessei, ruas Direita, de Tiradentes, Largo da Alegria, rua do Rosario, até a Agua Limpa, onde residia.

A's 6 horas, comecei a jantar, em companhia de minha familia e do meu irmão Aurelio Pires, que encontrei em nossa casa.

Ainda não tinhamos terminado, quando bateram á porta e eu proprio fui receber, na escada, das mãos de um dos nossos empregados da typographia do *Movimento*, um telegramma assignado por *José Augusto Vinhaes, director dos Telegraphos*, no qual se nos communicava que «O Povo, o exercito e a armada haviam proclamado a Republica». Era laconico e expressivo esse despacho telegraphico;—li-o e reli-o mais de uma vez no decurso de um minuto; e foi tal a minha emoção e alegria, que minha mulher me perguntou, assustada:

— Alguma cousa lá em casa, no Rio?

— Não, disse-lhe eu, e accrescentei—está proclamada a Republica!

— Isso é alguma caçoada do Pinheiro, retrucou ella.

— Não pode ser, respondi-lhe. O telegramma é sssignado pelo Vinhaes, como director dos telegraphos; e a repartição telegraphica não o transmittiria, si fosse mera brincadeira.

Nessa epocha me communicava assiduamente com o Tenente Vinhaes, porque eu era o correspondente telegraphico d'*O Paiz*, em Ouro Preto, e o Tenente Vinhaes era o encarregado da secção telegraphica na redacção daquella folha do Rio.

Não quiz terminar o jantar. Sahi immediatamente com Aurelio Pires e fomos ver o que se passava pelas ruas. Fui me encontrando, pelo caminho, com amigos ou meros conhecidos que inquiriam de mim anciosos:

— Que ha de novo?

— A Republica proclamada, respondia-lhes laconicamente. E continuava a caminhar em direcção á rua de Tiradentes, ou de S. José, que era propriamente o centro da Cidade, da reunião de grupos e dos commentarios. Antes de lá chegar, ouvi os clarins do corpo de Policia que tocavam *promptidão* em todas as quebradas que circumdam a velha capital mineira.

Na rua de S. José, já encontrei differentes grupos formados que commentavam os acontecimentos.

— E' verdade—inqueriam de mim, quando passava pôr elles,—é verdade o que está correndo pela cidade, que o presidente da provincia recebeutelegramma do Rio, noticiando tumultos, que o exercito havia proclamado a Republica e que o Ministerio está preso?

—Sim, é verdade, —respondia com segurança. Não sei o que o Presidente recebeu; mas eu tive telegramma noticiando a proclamação da Republica.

—Proclamação da Republica, como ? exclamavam os mais exaltados. Isso é invenção dos Republicanos! Canalhas !

Serenamente, ouvi algumas dessas explosões de nossos adversarios e, sem lhes retrucar, continuava a andar, já em companhia de alguns amigos, rematando a minha prosa nesses grupos sempre com a mesma phrase, dita com segurança de quem está conhecedor de uma situação que eu presumia apenas:

— Sim; a Republica está proclamada, apoiada no exercito e na armada, que são republicanos; e o Imperador não tem elementos nem dedicações para destruir a nossa victoria.

Deixava os grupos onde se commentava de modo mais vario a minha proposição, e me dirigia para a estação telegraphica, na Rua Nova, e, depois, para a rua Direita, onde estava a redacção do *Movimento*.

Antes de lá chegar, encontrei-me com os Drs. Francisco Barcellos e Quintiliano Nery, que ião á minha procura.

Erão dous correligionarios, o primeiro companheiro de escriptorio de João Pinheiro, e o segundo engenheiro que estava executando, por empreitada, o servico de aguas e exgottos de Ouro Preto. Depois de uma ligeira palestra, em que trocámos felicitações e commentarios pelos successos, o Barcellos seguiu commigo, e o Nery foi pôr de promptidão o seu pessoal, trabalhadores portuguezes e hespanhóes, em numero de cêrca de quatrocentos, para acudir a qualquer emergencia que se tornasse necessario.

Nas proximidades da redacção do *Movimento*, encontrei grande grupo formado, na sua totalidade, de correligionarios, de estudantes da Escola de Minas, da de Pharmacia, e de outros amigos.

Os *Vivas á Republica* erão ininterruptos, apezar da prohibição policial, que, havia mais de um mez, punia com severidade taes «gritos sediciosos» !

Demorei-me pouco na redacção, que deixei entregue aos cuidados de João Proença, Calógeras, Cupertino de Siqueira, Joaquim Santos, e de outros amigos que lá estavão e que conheciam onde guardavamos alguns explosivos que ali tinhamos, para o caso de um ataque á typographia. Esses rapazes, que erão quasi todos alumnos do curso superior da Escola de Minas, pernoitaram no *Movimento*.

Fui para casa, onde Domingos Porto, Henrique Renault, Francisco Alves e outros correligionarios já se achavam commentando, no meio da maior expansão e alegria, os acontecimentos do Rio, que outros telegrammas recebidos já detalhavam melhor.

Não sahi mais de casa, e lá estiveram diversos amigos até cêrca de meia noite. Já sabiamos então que Deodoro era o Chefe do Governo Provisorio e os nomes de todos os Ministros; que Cezario Alvim havia sido nomeado Governador da Provincia de Minas e que Deodoro telegraphára ao Visc onde de Ibituruna appellando para o seu patriotismo, afim de se conservar no Governo da Provincia até chegar o Delegado do

Governo Provisorio; que os chefes conservadores de Ouro Preto, confraternizando com os seus adversarios, os liberaes, tinham ido juntos para o Palacio do Governo insistir com o Visconde de Ibituruna, para que resistisse e não entregasse o governo da Provincia aos republicanos; que lá a discussão era acalorada e apaixonada; que os republicanos de Juiz de Fóra e de Barbacena ja estavão senhores do governo local, etc.

A noite de 15 para 16 foi passada em grande anciedade. Trovejava e chovia. Diversas vezes, durante a noite, bateram á porta, para entregar telegrammas urgentes que me erão dirigidos. Por mais de uma vez, suppuz que ia ser preso por ordem do governo ou atacado por algum adversario exaltado. A nossa casa ficava no bairro da Agua Limpa, que era mal illuminado por lampeões de petroleo, muito distanciados uns dos outros, e o negror da noite excitava a imaginação, para dar nascimento a essas phantasias. Quando, ao romper do dia, abri as janellas da casa, divisei o Antonio Papagaio, esgrouviado estafeta dos telegraphos, que sympathisava com a nossa propaganda republicana e que, de longe, me acenava com um feixe de telegrammas e fallava, na sua meia lingua atrapalhada, cousas que eu só pude comprehender depois que o fiz repetir com calma. Disse-me que, quando elle foi entregar ao Visconde de Ibituruna o telegramma de Deodoro, em que este lhe communicava a proclamação da Republica e a nomeação de Cezario Alvim para Governador da Provincia, Ibituruna exasperou-se e ameaçou de prisão o estafeta e o telegraphista, por estarem a fazer pilherias de mau gosto e perigosas, e dizia que ia telegraphar ao Barão de Capanema, director dos Telegraphos, para exoneral-os. Foi Antonio Papagaio quem o chamou á razão, retrucando que o seu chefe já não era mais Capanema e, sim, Vinhaes, por cuja ordem ali tinha ido fazer a entrega do telegramma em questão.

Papagaio contou-me diversos episodios occorridos com os personagens politicos mais em evidencia e me disse, em nome do chefe da estação telegraphica, que este recebêra ordem do Director dos Telegraphos para que não entregasse nem expedisse telegrammas sem o meu *visto*. E' excusado dizer que declinei de exercer esta censura, recommendando, apenas, que detivesse, para nosso melhor exame, os telegrammas alarmantes que pudessem comprometter a causa das instituições nascentes.

Durante o dia, entre as numerosas visitas que tive, fui procurado pelos Srs. Antonio Carlos de Araujo Bastos Junior e Henrique da Silva Borges, agente e fiel da estação de Ouro Preto, da Estrada de Ferro de D Pedro 2.°, hoje Central do Brasil, os quaes declararam que erão republicanos de ha muito e que vinham pôr á minha disposição os seus prestimos e os serviços do pessoal da Estrada sob suas ordens; que eu ficasse tranquillo pelo lado da Estrada, que estava por elles vigiada, inclusive o Tunnel do Tripuhy, que se dizia ia ser destruido, para impedir que chegas-

sem a Ouro Preto o Delegado e as forças que o Governo Provisorio mandasse.

O Palacio do Governo continuou cheio, no correr de todo o dia e toda a noite de 16. A entrada era franca a todos, — liberaes e conservadores, que lá iam saber dos successos, commental-os, alvitrar planos de resistencia á implantação da Republica etc. Nós mesmos destacavamos, ás vezes, alguns dos nossos, dos menos conhecidos, que penetravam no Palacio, ouviam as discussões e vinham contar-nos planos de resistencia que ali eram tramados. Em toda essa emergencia, o Sr. Visconde de Ibituruna conservou a calma, o bom senso e o equilibrio que sempre revelou na vida.

Quando os próceres da politica monarchista em Ouro Preto lhe diziam que a autoridade não tinha o direito de capitular deante do Levante de Quarteis e que lhe cumpria resistir a todo transe á Republica, não cedendo o governo ao Delegado nomeado pelo Governo Provisorio, o velho titular respondia com palavras ungidas de patriotismo e cheias de bom senso, mais ou menos nesses termos:

— «Pelo Imperador, de quem sou amigo, e pela monarchia de que sou adepto fervoroso, daria, de bôa vontade, tudo o que me resta de energia e dedicação e até a propria vida; mas não se trata disso, presentemente. Que adeantaria ao Imperador e á monarchia a nossa resistencia aqui? Poderia ella livrar o velho imperante do exilio, ou contribuir para restaurar a monarchia, que não encontrou uma dedicação, quando lhe faltou o apoio das classes armadas? A nossa acção, de longe e isolada, seria puramente platonica: ella se traduziria, apenas, pelo sacrificio de algumas vidas, — desses moços que, durante a propaganda, não hesitavam em offerecel-as á sua causa e que hoje, mais do que nunca, as dariam na hora do seu triumpho.

E eu não tomo a responsabilidade do derramamento inutil desse sangue, porque a elle seguir-se-iam a remessa, para aqui, de batalhões, mais sangue e mais desgraças, até a realização do que os Senhores pensam que nós podemos evitar».

Graças ao bom senso desse velho servidor da monarchia, não tivemos a lamentar aquelles males; e os intempestivos arreganhos dos improvisados conselheiros diluiram-se nos successos subsequentes, para se crystallizarem em adhesões ao novo regimen, dahi a dias.

Nós, por nossa vez, os republicanos de Ouro Preto, exultavamos de alegria, nos preparativos para a recepção do Delegado do Governo Provisorio, que os telegrammas do Rio nos diziam ser o Dr. Cezario Alvim. Da typographia do *Movimento*, fizemos sahir diversos boletins, que eram fartamente distribuidos pelas ruas, dando noticias das occurrencias do Rio e das provincias, e dos primeiros decretos e actos do Governo Provisorio.

A's 4 horas da tarde, recebi, do dr. Antonio Felicio dos Santos, um telegramma, procedente do Rio, no qual elle me communicava que

seguia para Ouro Preto, levando o Governador de Minas e perguntando se era necessario levar força, pedindo resposta urgente para a Estação de Entre Rios. Respondi que os animos estavam apparentemente calmos, sendo desnecessario vir força, si já não estivesse de marcha, e que nós ancelavamos pela chegada do Governador, para a implantação da Republica em Minas.

O dr. Felicio, depois de uma longa e proveitosa excursão eleitoral pelo antigo 6.º districto de Minas, por onde o partido republicano havia apresentado sua candidatura, regressára para o Rio no dia 14. Foi meu hospede, em Ouro Preto, de 13 para 14 de novembro, e eu lhe expuz toda a situação de nosso partido, inclusive a ausencia do Pinheiro, na organização secreta dos nossos Clubs.

De modo que o dr. Felicio assistiu á proclamação da Republica no Rio, teve ensejo de falar aos membros do Governo Provisorio e de esclarecer a situação de Ouro Preto; e como o dr. Cezario Alvim não tivesse telegraphado communicando haver-se empossado do governo, o dr. Aristides Lobo, Ministro do Interior, encarregou ao dr. Felicio de ser portador de um officio para mim, mandando que eu assumisse, immediatamente, o governo, caso o dr. Alvim não o tivesse feito ainda. Este officio, provavelmente, teria sido mandado a João Pinheiro, si elle não se achasse, na época, ausente de Ouro Preto, como foi dito.

Delle foi portador o dr. Felicio, que viajou para Ouro Preto em trem especial, na noite de 16 para 17, trazendo em sua companhia o dr. Aristides Maia, activo propagandista da Republica e deputado republicano na Assembléa Provincial de Minas.

Tendo noticiado, em boletim, a chegada do Governador para a manhã de 17, fizemos os preparativos para recebel-o, certos de que era o dr. Cezario Alvim que chegaria. Encommendámos um almoço para lhe ser offerecido no Hotel Martinelli, que era o melhor de Ouro Preto; comprámos todos os foguetes e bombas de dynamite que havia em Ouro Preto; preparámos pessoal de absoluta confiança, para se incumbir de atacal-os, dos morros que circumdavam a Estação da Estrada de Ferro; convidámos os nossos correligionarios, alumnos da Escola de Minas e da de Pharmacia, para, encorporados, irem, com seus respectivos estandartes, receber o governador na estação e armámo-nos todos para resistir a qualquer aggressão ou ataque que, constava, seria feito aos republicanos e ao Governador, por occasião de sua chegada.

Pela noite, os animos não se achavam calmos; havia movimento desusado nas ruas; esvoaçavam pela cidade boatos, ameaças e enthusiasmos; nos grupos commentavam-se, com calor e diversamente, os acontecimentos; o corpo de policia continuava em rigorosa promptidão; não havia em Ouro Preto nenhuma força de linha, porque, pouco antes e por motivos politicos, havia sido de lá retirado o 9.º batalhão de Cavallaria, deixando, apenas, o tenente Espindola e o Alferes Benevenuto Magalhães, que ficaram, por doentes.

Os republicanos que representavam minoria no seio da população, achavam-se, porém, apparelhados para o caso de qualquer conflicto, que não provocariam, aliás, em nenhuma hypothese.

De modo que, para mim, foram de grande trabalho e de cansaço o dia e a noite de 16. Recolhi-me á casa tarde, porque estive grande parte da noite na redacção do «Movimento», combinando e preparando o que fosse necessario para a solemne recepção do Governador, que esperavamos ás 7 horas da manhã do dia 17.

O dia 17 era domingo. A manhã estava radiante de sol; as montanhas se destacavam azues na atmosphera diaphana, que envolvia a velha capital mineira; o Itacolomy emergia do fundo, descoberto, sem uma nuvem a empanar-lhe o vulto, e dominava o panorama, como que desejoso de assistir ao epilogo do grande drama que começára a desenrolar-se a seus pés, em Villa Rica, um seculo antes, e de que elle fôra testemunha, desde o primordio.

Antes das 7 horas, estavamos a postos:—na plataforma da estação, nos achavamos, os directores do partido e da imprensa republicana e quasi todos os correligionarios de Ouro Preto; a parte posterior da estação estava occupada pela Escola de Minas e pela de Pharmacia, encorporadas; e nos môrros circumvisinhos achavam-se amigos de confiança para acudirem a qualquer emergencia que se désse.

Havia na estação muita gente extranha ao nosso grupo; na multidão que ali se agglomerava, vimos numerosos adversarios de nosso credo, o que confirmava as nossas suspeitas de aggressão; e quasi todos os officiaes de Policia ali estavão á paisana, inclusive o Commandante, o Cel. Victoriano de Moura, espadaúdo, alto, gordo e de oculos escuros, como sempre.

O trem só chegou ás 9 horas; quando elle apitou para annunciar a sua approximação, saudámol-o com colorosos e repetidos vivas á Republica, ao Governo Provisorio, ao Dr. Cezario Alvim, ao exercito e á armada. Os *hurrahs* que reboavam sem cessar, nas quebradas, casavam-se com o estrugir de milhares de foguêtes e de bombas de dynamite, atiradas de todas as eminencias que dominam a estação.

Ao saltar do trem, o Dr. Felicio dos Santos pediu silencio e leu, em voz alta, o seguinte officio, fazendo-me, em seguida, entrega do mesmo:—

> «Illmo. Sr.—E' portador deste officio o dr. Antonio Felicio dos Santos, que segue para ahi em uma commissão delicada.
>
> V. S. deve saber que o dr. José Cezario de Faria Alvim foi investido de chefe politico da Provincia, pelo Governo Provisorio da Republica.
>
> Como, porém, até esta data, não nos tenha elle communicado ter assumido as funcções de seu cargo e bem possa ser que o não tenha feito, pelo presente officio fica V. S. nomeado, provisoriamente, emquanto não se expede o competente decreto, para

substituir aquelle digno cidadão nas funcções que, como primeiro director politico, lhe cumpria exercitar.

Assim, pois, caso se verifique a prevista hypothese, V. S. assumirá, immediatamente, a direcção dessa Provincia e o seu governo.

Nesta data, expede o Ministerio da Guerra ordens ao commandante da força de linha ahi estacionada para que faça recolher a essa capital todos os contingentes esparsos da mesma força, afim de ficarem sob as ordens de V. S.—Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889—Illmo. Sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires - (assignado) Aristides da Silveira Lobo».

A leitura desse officio foi uma grande surpreza para mim e para todos os que ali nos achavamos. Finda a mesma, ouviram-se mais vivas e acclamações, emquanto eu recebia abraços de congratulações do povo que enchia litteralmente a plataforma da estação. O Coronel Victoriano Moura, commandante da Policia, rompendo a multidão, foi ao local onde eu me achava e, depois de pedir-me licença, carregou-me e atravessou commigo a estação, indo ao local onde estavam postados, em fila dupla, os nossos correligionarios, alumnos da Escola de Minas e da de Pharmacia. Suspeitei, a principio, que o cel. Moura me houveesse prendido e pensei em reagir, mas cobrei immediatamente a calma, que tão necessaria se tornava naquella hora, e esperei o desfêcho dos acontecimentos. Com grande surpreza, vi, então, que o cel. Moura me erguia sobre a multidão, exclamando:—

—Meus senhores, viva o Governador da Provincia, aqui presente! Viva o senhor Governador da Provincia!

E continuou a levantar os mesmos vivas, até ser ouvido por todos e ser por todos correspondido.

Eu, então, lhe agradeci a adhesão do corpo de policia á causa das novas instituições.

—Não posso hoje fallar pelo corpo de policia, replicou elle. Aqui estou ás suas ordens e commigo alguns outros officiaes dessa policia.

Agradeci-lhes, a todos, a sua adhesão á nossa causa e lhes pedi que se conservassem ao meu lado.

Pouco depois, puzemo-nos todos a caminho, em direcção ao Palacio Presidencial, para dar cumprimento ás ordens do Governo Provisorio; e esse trajecto foi feito no meio das mais enthusiasticas acclamações e a pé, pois não havia, em Ouro Preto, outro genero de locomoção. Pelas ruas em que passavamos, eramos recebidos com vivas, ás vezes com palmas, e, de algumas janellas, atiraram flôres sobre o préstito.

Chegámos á Praça da Independencia pouco antes das 10 horas; e já o nosso grupo era muito grande, por se terem a elle aggregado muitas pessôas que aguardavam os successos de nosso trajecto.

Ao chegarmos á Praça, no meio sempre de vivas e acclamações, divizámos as janellas do Palacio Presidencial pejadas de gente que pa-

recia nos aguardar ali. Um dos nossos amigos, que vinha daquella direcção, chegou-se a mim e me disse, á meia voz:—

—«E' uma imprudencia vocês irem agora ao Palacio. Os animos por lá estão exaltados: e, provavelmente, o pessôal que lá está não lhes deixará entrar.

E' mais conveniente dispersarmo-nos aqui e irmos, depois do almoço, nos entender com o Presidente, porque, até lá, é possivel que essa excitação se acalme.»

Não quiz acceitar esse conselho, porque julgava que era urgente implantar-se a Republica em Minas; não queria que, por uma hesitação minha, isso se demorasse um minuto mais do que devia.

Resolvêmos fazer uma volta em tôrno da columna ali erecta em memoria de Tiradentes, como homenagem ao ideal dos Inconfidentes agora realizado; e o Dr. Felicio dos Santos fez parar o préstito por alguns minutos, assignalando aquella homenagem, em bellas e enthusiasticas phrases, que fizeram brotar em todos os peitos um espontaneo e enthusiastico:

—Viva a memoria dos primeiros martyres da Republica no Brasil!

Quando passámos pela frente do edificio da cadeia, o cel.—Moura deu uma ordem a um dos officiaes de policia á paisana, que se achavam a nosso lado; este foi ter até o corpo da guarda e, immediatamente, formou-se em continencia o contigente de policia ali postado, e o clarim tocou a marcha batida.

Foi a primeira homenagem official, prestada na capital mineira, ao representante do governo revolucionario.

Seguimos, depois, para o Palacio, tomando a direcção da porta principal, que dá para a Praça, e resolvidos a penetrar ali por qualquer fórma. Fomos detidos por alguns minutos, quando subiamos a rampa, por um discurso de saudação de Zoroastro Pires, o qual me offereceu uma pequena caneta, com pena de ouro, para assignar os primeiros actos republicanos em Minas.

Ao enfrentarmos o portão largo, onde havia guarda dobrada, que hesitava em nos permittir a entrada, o Cel. Moura, que ainda não tinha sido visto pelos soldados, bradou-lhes com voz clara e emocionada:

—Camaradas, prestem continencia ao Sr. Governador da Provincia!

Os soldados apresentaram armas, e eu transpuz o largo portão e, commigo, todo o grande grupo que me acompanhava. Ao penetrarmos no pateo do Palacio, ouvimos rumores de passos apressados, que pareciam de pessoas que haviam abandonado as janellas e se dirigiam para as escadas. Retardámos um pouco os nossos passos, afim de encontral-as antes da subida, quando avistámos o vulto respeitavel e sobranceiro do dr. Visconde de Ibituruna, que vinha ao nosso encontro, cercado de diversos amigos e tendo ao lado o seu Secretario, Dr. Benjamin Aroeira.

Quando nos defrontámos, saudei ao Sr. Visconde e entreguei-lhe o officio do Dr. Aristides Lobo, pedindo que o lêsse e tomasse na devida consideração. Até então, nunca havia eu trocado uma palavra com o Visconde de Ibituruna.

Fomos então convidados a entrar; subindo as escadas em companhia do velho Presidente e de seus amigos, fomos ter ao grande salão nobre, que ficou litteralmente cheio, não cessando, no meio da multidão que entrava, os vivas e as acclamações, que não se tinham, até então, emmudecido, desde a estação da estrada de ferro.

O Sr. Visconde de Ibituruna convidou-me, em seguida, e a alguns de seus amigos, para acompanhal-o ao seu gabinete de trabalho, que ficava contiguo ao salão, no qual o povo continuava a victoriar a Republica, a Deodoro, ao Governo Provisorio, ao exercito, á armada e a Minas Geraes, e alli leu, em voz baixa, o officio que eu lhe entregára e, escreveu, no tôpo do mesmo, o seguinte :

«Em cumprimento do presente officio, entregarei o Governo desta Provincia ao Illmo. Snr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.—Ouro Preto, 17 de Novembro de 1889.—Dr. Visconde de Ibituruna.»

Depois disso, o velho Presidente leu de novo e em voz alta, para seus amigos ali reunidos, o officio e o despacho e me fez entrega do mesmo.

Seguiu-se uma ligeira palestra, de alguns minutos, sobre os acontecimentos do dia e sobre medidas administrativas em andamento, dizendo-me o Snr. Visconde de Ibituruna que, apezar de monarchista e de amigo do Imperador e do Presidente do Conselho decahido, elle era mineiro, muito mais velho do que eu e, portanto, julgava-se no direito de dar-me alguns conselhos. Fallou-me sobre o inconveniente de conservar em Ouro Preto força de linha com força de policia, depois dos lamentaveis acontecimentos, pouco antes occorridos e que determinaram a retirada precipitada do 9.º de Cavallaria, da Capital Mineira. Tranquillizei-o sobre este ponto, asseverando que ia sustar a vinda do batalhão de S. João del Rey para Ouro Preto, porque me sentia de tal forma no seio da população ouro-pretana, onde havia vivido desde menino, que não necessitava de soldados de linha para me garantirem ali. Pedi ao Dr. Benjamin Aroeira que continuasse como meu Secretario, afim de haver continuidade nas medidas administrativas iniciadas. O Dr. Aroeira objectou-me que não podia acceitar o meu convite, porque nunca havia militado nas fileiras republicanas. Eu lhe disse que isso não era razão, pois não se tratava da queda do partido a que elle servira, mas de instituições que não voltariam; appellei para o seu patriotismo, para a nossa amizade desde a infancia e, finalmente, solicitei a intervenção do Sr. Visconde de Ibituruna para vencer os escrupulos do Dr. Aroeira, afim de não haver quebra notavel entre a administração que terminava e a que se iniciava. As palavras do venerando mineiro fizeram com que o Dr. Aroeira acceitasse o meu convite.

Declarei ao Sr. Visconde de Ibituruna que S. Ex. poderia permanecer no Palacio o tempo que quizesse, visto ser minha intenção não transferir para ali a minha residencia e puz a sua disposição um carro especial para quando tivesse de se retirar de Ouro Preto, o que S. Ex. me declarou que seria nesse mesmo dia, á tarde.

Despedimo-nos em seguida, e eu fui para o compartimento onde funccionava a Secretaria do Governo, de onde transmetti telegrammas ao commandante do batalhão estacionado em S. João del Rey, sustando a sua marcha para Ouro Preto, e a todas as autoridades judiciarias e administrativas da Provincia, communicando que havia assumido o governo e recommendando que velassem pela ordem publica e solicitassem as providencias necessarias para abafar qualquer tumulto que a mudança de instituições pudesse occasionar.

Tendo encontrado pedido de exoneração de todos os chefes de serviço provinciaes, respondi-lhes communicando a minha pósse e insistindo para permanecerem em seus postos, appellando para o seu patriotismo, afim de me auxiliarem nos primeiros dias do novo governo, si não pela causa da Republica, que estava feita, ao menos pela do bem publico, que todos deviamos servir.

Nomeei chefe de policia o Dr. Aristides Maia, que começou immediatamente a agir no sentido de garantir a ordem publica, lavrei as nomeações do Dr. Benjamin Aroeira para Secretario do Governo e do Tenente Espinola para ajudante de ordens. Mandei aquartellar, no quartel de linha, que estava desoccupado, os rapazes da Escola de Minas e da de Pharmacia e outros moços partidarios das novas instituições que se apresentaram para formarem a «guarda civica da Republica».

Dadas essas primeiras providencias, fômos almoçar no Hotel Martinelli, onde foram feitos numerosos discursos, congratulações e saudações reciprocas, tendo fallado o Dr. Felicio, o Dr. Aristides Maia, o Sr. Luiz Orsini e alguns correligionarios que haviam tomado o trem especial nas estações intermediarias.

Quando regressei ao Palacio, encontrei-o cheio de amigos de diversos credos politicos e numerosos telegrammas de muitos pontos do Estado, communicando o modo festivo como haviam sido recebidas as noticias da proclamação da Republica e do estabelecimento do novo governo em Minas.

De alguns pontos noticiavam receios de ataques da *guarda negra* aos republicanos e pediam providencias; e nós aproveitámos a opportunidade para destribuir por essas localidades o corpo de policia, que continuava aquartellado e de promptidão.

Suppria-o, no policiamento da Capital e, principalmente, na guarda dos edificios e das repartições publicas, a guarda civica, dos moços republicanos, á qual foram destribuidas carabinas Comblain, com as respectivas munições, que era o melhor armamento então existente na provincia.

O resto do dia passámos em Palacio, recebendo felicitações, telegrammas e adhesões de toda parte onde chegavam noticias dos acontecimentos.

A' tarde, o Sr. Visconde de Ibituruna retirou-se para o pequeno Hotel Carvalho, proximo á Estação da Estrada de Ferro, afim de tomar o trem que devia partir pouco depois das quatro horas. Ali recebeu elle cumprimentos e despedidas de seus amigos, tendo sido acompanhado até a Estação de Rodrigo Silva por alguns daquelles e por uma commissão composta do meu Secretario, do chefe de Policia, do meu ajudante de ordens e outros cidadãos que nomeei expressamente para isso.

Permanecêmos em Palacio até tarde da noite, expedindo ordens providencias, recebendo e respondendo telegrammas, attendendo a numerosas pessoas; e nos achavamos de tal modo confraternizados, que ninguem suspeitaria, si o não soubesse, de mudança tão radical nas instituições vigentes.

Entreguei, nessa occasião, ao dr. Diogo de Vasconcellos, que era o redactor *d'União*, orgam que publicava os actos officiaes do governo, não só telegrammas, como diversas noticias e um manifesto que dirigi aos mineiros, os quaes foram publicados n'*O Estado de Minas*, orgam que substituiu á *A União*, e cujo primeiro numero sahiu a 20 de novembro.

O manifesto dizia assim :

«Cidadãos!

Resurge a nação victoriosa da lucta secular pelo triumpho das instituições democraticas.

O povo brasileiro, no exercicio solemne dos direitos da soberania nacional, congraçado no pensamento da reconstrucção da Patria sob o regimen da liberdade, vem de sellar, com o cunho de sua adhesão espontanea, o grandioso movimento operado a 15 de novembro de 1889.

A Republica Federativa do Estados Unidos do Brasil está proclamada!

Sob a bandeira da Republica, passaram para o dominio da Historia os velhos partidos e, acclamando o renascimento da consciencia nacional,—só brasileiros se grupam em torno do altar da Patria, defendendo, com a fé inabalavel de sua confiança no governo instituido, o pensamento democratico que dormitava no seu seio.

Nesta phase de organização, é necessario, para o complemento do grande acto popular, que se congreguem todos os cidadãos, para a consolidação do regimen de liberdade que é o symbolo da paz e da confraternização nacional.

Esta provincia, que é hoje o Estado de Minas Geraes, se orgulha de contemplar, após um seculo de luctas indefessas pela causa democratica, a glorificação de seus filhos martyres do despotismo monarchico da casa de Bragança, erguendo, ao lado do

patibulo de Joaquim José da Silva Xavier, o throno onde se assenta a Magestade popular da Patria Brasileira.

O regimen federal vae emancipar as velhas provincias, ligando-as solidariamente na Patria Unida, grande e cheia de confiança nos destinos auspiciosos que se rasgam no horizonte do futuro.

O Governo Provisorio acclamado saberá manter firme este regimen.

Sem odios, sem vinganças, sem outra aspiração que não seja o respeito pela legitima manifestação dos direitos de cada um, fará justiça, inoculando no espirito publico o sentimento que domina a nação, galardoando o merecimento real e mantendo, inalteravel, o patrimonio santo de todos os direitos adquiridos em face da lei.

Cidadãos! o progresso, em todas as suas manifestações da vida moderna, e a civilisação, fructo do trabalho de nossos paes, nos impõem um dever sacratissimo—a união de todos os mineiros para a sua realização, nesse novo periodo que se lhe abre, tão cheio de esperanças.

Unamo-nos, portanto, em nome da Patria, confraternizada.

Viva a Republica Federativa dos Estados Unidos do Brasil.

Viva o Estado de Minas Geraes!

Viva o Governo Provisorio!

Viva o Exercito!

Viva a Armada!

Antonio Olyntho dos Santos Pires, governador interino do Estado de Minas Geraes»

Regressei para minha casa, depois da meia noite, tendo sido acompanhado pelo commandate de policia e por diversos amigos. Lá encontrei uma força de policia commandada por um official, guardando a minha residencia, o que immediatamente despensei.

No dia 18, pela manhã, foi-me buscar em casa o cel. Victoriano Moura, e acompanhou-me até o Palicio, para onde fomos, a cavallo.

A cidade tinha o seu aspecto normal.

Cheguei ao Palacio ás 8 horas da manhã e já encontrei algumas pessoas á minha espera. Entre ellas, achava-se o sr. Barão de Saramenha, chefe liberal prestigioso, proprietario do orgão do partido na imprensa, capitalista e presidente da Camara Municipal. Communicou-me elle que havia convocado, para aquelle dia, uma sessão extraordinaria da Camara, afim de me dar posse do governo, como era de praxe; e, bem assim, que convocára a população para dar solemidade áquella sessão, e, depois, acclamarem-me Governador da Provincia, como facultava o dec. n. 1 do Governo Provisorio.

Respondi-lhe que a posse do governo, dada pelo Camara, era uma formalidade dispensavel, visto eu já haver exercido actos de Governo, como delegado, que era, de um governo revolucionario, o qual tinha aba-

tido pela base as instituições até então vigentes e, como taes, todas as auctoridades por estas constituidas.

Entretanto, em homenagem áquella corporação popular, eu acquiescia, de boa vontade, em ir á sessão solemne da Camara, como si tivesse de ser por esta empossado do governo de facto, que eu já exercia desde a vespera.

Era meu intuito, com isto, constatar a adhesão da Camara ás instituições republicanas, desde que ella se reunia, espontaneamente, para dar pósse do Governo da Provincia ao delegado do Governo Provisorio da Republica. Declarei, pois, ao sr. Barão de Saramenha que iria á sessão da Camara; mas declarei, tambem, que não podia permittir a acclamação do Governador do Provincia, que ella pretendia fazer, porque já havia sido, para esse cargo, designado o dr. Cezario Alvim, pelo Governo Provisorio, de que era eu o delegado naquelle momento, e cujas resoluções eu faria respeitar por todos os meios ao meu alcance. Muito embora me ponderasse o sr. Barão que aquillo era o exercicio de um direito permittido pelo primeiro decreto do Governo Provissorio e uma demonstração de apreço á minha pessôa e ao acto do mesmo Governo que me havia designado para iniciar, em Minas, as novas instituições, eu declarei, peremptoriamente, que não poderia permittir essa acclamação, que seria um acto sedicioso, deante da nomeação já feita pelo Governo.

A acclamação do Governador poderia ser respeitada, si ella houvesse sido feita no acto de ser conhecida em Ouro Preto a noticia da proclamação da Republica ou do alludido decreto do Governo Provisorio; naquelle momento ella era tardia e extemporanea, mórmente depois de fracassada a tentativa para se impedir a transmissão do governo ao delegado republicano, primeiramente designado. Deante dessa minha attitude resoluta, não se falou mais em acclamação do Governador.

Apenas se retirou o Sr. Barão de Saramenha, dirigi á Camara Municipal da Capital Mineira o seguinte officio:

«Palacio do Governo do Estado de Minas Geraes. Ouro Preto, 18 de Novembro de 1889.

Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal de Ouro Preto.

Communico, para vosso conhecimento e devida intelligencia, que hontem, em virtude da nomeação que me foi conferida pelo Governo Provisorio da Republica Federativa Brasileira, constante do officio do Ministro do Interior, de 16 do corrente mez, assumi o exercicio de Governador interino deste Estado. Appellando para o patriotismo dessa Camara e de seus municipes, espero que auxiliarão o Governo com lealdade e dedicação á causa publica. Saude e Fraternidade. Antonio Olyntho dos Santos Pires».

Pouco depois, recebi da Camara a seguinte resposta:

«Paço da Camara Municipal de Ouro Preto, 18 de Novembro de 1889.

Ao Illustre Cidadão Antonio Olyntho dos Santos Pires.

A Camara Municipal de Ouro Preto, reunida em sessão extraordinaria, acaba de receber o officio em que lhe communicaes que, em data de hontem, assumistes o exercicio interino de governador deste Estado por nomeação conferida pelo governo provisorio da Republica Federativa Brasileira. Congratulando-se comvosco, com os municipes e os demais habitantes das circumscripções mineiras, por essa escolha, que tão solemnemente affirma a vossa benemerencia, reconhecida e proclamada unanimemente por todos os nossos concidadãos, a Camara convida-vos a vir prestar perante ella o vosso juramento.

No vosso distincto patriotismo, põe a Camara a mais anciosa esperança de que, quanto em vós couber, haveis de manter desveladamente a paz publica em todo o vasto territorio mineiro, promovendo, ao mesmo tempo, o bem commum, em todas as relações de nossa vida social, que ora se inicia. Saúde e fraternidade.

Barão de Saramenha.»

Da sessão extraordinaria, convocada pelo presidente da Camara Municipal de Ouro Preto para me dar posse do governo do Estado, lavrou-se a seguinte acta:

«Aos dezoito dias do mez de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove, reunida, em sessão extraordinaria, no Paço Municipal, a respectiva Camara, foi lido o officio, da mesma data, em que o illustre cidadão Doutor Antonio Olyntho dos Santos Pires communicou-lhe haver, na vespera, assumido o exercicio de governador interino deste Estado, por nomeação conferida pelo Governo Provisorio da Republica Federativa Brasileira, pelo que deliberou a mesma Camara convidal-o a vir prestar, perante ella, o seu juramento. Pouco depois, comparecendo o mesmo Illustre Cidadão, proferiu, sobre o livro dos Santos Evangelhos, o juramento do teor seguinte:—*Juro promover e desenvolver o progresso do Estado, respeitar em todas as circumstancias a liberdade e reconhecer sempre os direitos e as soberania do povo*. E, para constar, lavrou-se este termo. Eu, Francisco Julio Henrique Malard, servindo de Secretario interino, o subscrevi.

Antonio Olyntho dos Santos Pires—Governador interino do Estado de Minas.

Barão de Saramenha, presidente da Camara.

Joaquim Cypriano Ribeiro, vereador.

Antonio Pereira de Faria, vereador.

Antonio José de Sousa, vereador.

Jacintho Dias Coelho, vereador.

Claudino Pereira da Fonseca, vereador.
Manoel Pires de Figueiredo Camargo, vereador.
Severo Barbosa de Oliveira, vereador.
Dr. Francisco de Paula Ferreira Velloso, vereador.
Joaquim Lourenço Machado, vereador.
Seraphim Francisco Gonçalves, vereador.
Aristides de Araujo Maia, chefe de policia interino.
Benjamin Aroeira.
José Victorino de Oliveira Moura.
Francisco Neves.
Antonio Augusto Celso Nogueira, Promotor Publico da Comarca de Ouro Preto.
Benjamin de Miranda Lima.
Eduardo Machado de Castro.
Dr. Atabalipa Americano Franco, 1.º Cirurgião.
João Dias de Freitas.
José Fernandes de Miranda Junior.
Trajano Procopio de Almeida Monteiro.
Joaquim M. de Oliveira Rocha.
Josaphat Bello.
J. Antonio de Almeida.
João Victor da Cunha.
Horacio R. Meirelles.
Antonio Dias de Paula.
Manoel Teixeira de Sousa Monteiro.
Osorio R. Meirelles.
Antonio Ferreira da Costa.
Samuel da Silva Caldas.
Antonio Aggripino.
Augusto M. da Costa Lima.
Benicio Marcondes.
Dr. Henrique de Freitas Araujo, 2.º Cirurgião do Exercito.
José Coelho Linhares.
Antonio Cesario de Lima.
Americo Vespucio Ribeiro e Sousa.
Carlos Prates.
José Cupertino de Siqueira.
Theotonio Gonçalves Pereira e Silva.
Olympio Camillo de Assis.
João Cancio de Azevedo Sampaio.
Manoel Ozzori.
Henrique de Paula Castro.
Dr. Sizinio Ribeiro Pontes.
Venancio Saturnino Gonçalves Mól.
Miguel Muzzi de Abreu.

Migel Ruas.
José Felippe de Freitas Castro.
Pharmaceutico José Rodrigues de Assis Valle.
Lazaro Hydalgo R. de Oliveira.
Jorge Pedro Lopes.
Affonso Alves Branco.
Nicanor Pamphiro.
Fernando Scotti.
Lafayette Araujo.
Antonio Juvencio Balbino.
Francisco L. de Oliveira Penteado.
João Pedro Queiroga.
Luiz Fernandes Ramôa.
Eloy Prado.
José Antonio de Sousa Pimentel.
João Souto.
Antonio Vianna Welerson.
Epaminondas Franco.
Bibiano José Teixeira Ruas—Capitão Reformado do Exercito.
Luiz Peixoto de Mello—(Te. Honorario).
Manoel José Netto.
Manoel Ignacio da Motta Pacheco.
Modestino Elisiario de Arnide (praticante do correio).
José Felicissimo de Paula Xavier (Official de Fazenda).
Stephano de Oliveira.
Raymundo Fernandes Monteiro, Tenente do Batalhão 29 de Infanteria do Exercito.
Augusto Pantaleão.
João Baptista Ferreira Velloso.
Rodrigo José de Figueiredo Murta.
Orozinho José das Neves.
Desembargador Aurelio A. P. Figueiredo Camargo.
Henrique Pereira de Mello Vianna.
Aurelio Rodrigues de Salles.
Alfredo Teixeira Baeta Neves.
João Giogliano.
Alexandre Arthur Pereira da Fonseca.
José Candido Bandeira da Rocha.
Arthur Luz.
Joaquim Machado de Mello.
Carlos Ferreira da Rocha.
Ernesto A. da Gama Cerqueira.
Antonio Martins da Silva.
Arthur Martins Torres.
Zoroastro Pires.

Severo Barbosa de Oliveira Jor. (Fiscal da Camara)
Ernesto Epaminondas de Castro.
João Baptista de Sousa Coutinho (3.º Official dos Correios).
Aurelio Pires.
João Antonio Duarte (1.º Official da Secretaria do Governo).
Pedro Gomes Vieira Ferreira.
Adolpho Julio Timburibá.
Dr. Virginio Rolemberg Bhering
Oscar Augusto da Silva Bessa, official da Fazenda
João José Alves de Resende (Tenente honorario)
João Pandiá Calogeras
Marciano Pereira Ribeiro
Joaquim de Souza Vieira
Eduardo Sanches
Raul de Oliveira
Pedro Augusto Tassara de Padua.

Terminada a sessão solemne com que a Camara Municipal me deu posse de um Governo que eu já exercia de facto, havia mais de 24 horas, agradeci aquelle acto de adhesão da Camara da Capital da Provincia e assisti em seguida á organização regular da guarda civica, feita na Praça da Independencia, onde se inscreveram, como soldados, os republicanos ali presentes, em livro especial, collocado ao lado da columna commemorativa de Tiradentes; depois pronunciaram inflammados discursos João Pinheiro, que havia chegado naquelle momento, e Aristides Maia, o qual terminou a sua formosa oração com essas palavras memoraveis, lembrando a acção do exercito na proclamação da Republica:

«Desde que o soldado se tinha feito cidadão, não era demais que o cidadão tambem se fizesse soldado!»

Retirei-me, em seguida, para o Palacio, onde, como na vespera, estivemos vigilantes, expedindo ordens e dando providencias, recebendo e transmittindo telegrammas e agradecendo as adhesões á Republica, de individuos e de corporações, que, a todo momento, chegavam, ou pessoalmente, ou por officios, cartas e telegrammas.

A guarda civica recolheu-se ao quartel de linha, que ficava proximo ao Palacio; acclamou seu commandante ao alferes do exercito Benevenuto Magalhães e se atirou a exercicio de manobras, que se seguiram ininterruptamente, até depois da chegada do dr. Cezario Alvim, que a dissolveu.

Os dias subsequentes foram, como era natural, cheios de trabalho e de apprehensões; mas tivemos a felicidade de transpol-os sem a menor alteração da ordem e no meio de congratulações e de adhesões successivas á nova ordem de cousas.

Logo que os affazeres o permittiram, visitei todas as repartições publicas, para agradecer aos respectivos chefes haverem acquiescido ao meu pedido, de permanecerem á testa de seus serviços, e aos funccciona-

rios a sua adhesão á causa republicana. Em todas as repartições, foram lavradas actas de minha visita, mais ou menos, como esta, da Directoria da Fazenda:

«Aos dezenove dias do mez de novembro de mil oitocentos e oitenta e nove, compareceu, em visita a esta repartição, o primeiro Governador do Estado Mineiro, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, investido de semelhante cargo pelo Governo Provisorio, organizado na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no dia quinze do mesmo mez, — a mais memoravel de todas as datas para o predestinado povo brasileiro, pelo triumpho incomparavel da democracia, que surgiu pujante e redemptora entre flores e applausos geraes, ao inverso de todos os paizes do mundo, onde o seu apparecimento e definitivo imperio tem custado rios de sangue e martyrios dolorosos. Para constar, eu, José Felicissimo de Paula Xavier. 2.º official, de ordem do director, cidadão Serafim Francisco Gonçalves, lavro o presente termo n'este livro, que, d'ora em diante, servirá para o registro das visitas de honra feitas a esta repartição. — Antonio Olyntho dos Santos Pires, governador interino. — Aristides de Araujo Maia, chefe de policia interino.

José Victoriano de Oliveira Moura.—Capitão Bibiano José Teixeira Ruas.—João Rarbosa Espindola.—Bento Antonio Romeiro Veredas.—Serafim Francisco Gonçalves.—Joaquim Cypriano Ribeiro.—Jucundino J. Santiago.—Zoroastro Pires.—Carlos Meirelles.—Affonso Moreira da Silva.—Galdino Augusto da Luz.—Antonio Rodrigues de Barcellos.—José Jacintho de Azevedo Baeta.—José Bernardes de P. Aroeira.—Affonso José de Oliveira.—José Rodrigues Pombo.—Augusto Coutinho.—Antonio Nicolau Tolentino de Paula Felicissimo.—Berardo Augusto da Rocha Nunan.—Vicente de Souza Neves.—Arthur Rosemburg.—Aurelio Pires.—Avelino Francisco Maximo de Jesus.—Francisco de Paula Barcellos.—Eloy Prado.—Antonio Carlos Felicissimo.—Antonio Bandeira.—Joaquim Emygdio da Rocha Couto.—Oscar Augusto da Silva Bessa.—Joaquim Teixeira de Souza.—Ernesto Augusto de Oliveira.—Carlos Joaquim da Silva.—Euzebio Carlos de Coura.—Agostinho Gonçalves Pereira.—Ovidio Saraiva Fidelis.—Ezequiel Bandeira.—Roberto Ferreira Constantino.—Alberto Dias dos Santos.—Miguel Archanjo Teixeira Ruas.—Conrado Ribeiro de Araujo.—Candido Eloy Tassara de Padua.—Antonio Pereira Soares.—José da Costa Lima.—Florencio dos Santos Godinho.—Hippolyto Fernandes Braga.—Galdino Lopes de Oliveira.—Custodio Vieira de Britto.—José Felicissimo de Paula Xavier».

O unico chefe de serviço que o abandonou de vez e não quiz attender ao meu pedido de permanecer no seu posto, em sua repartição, foi o dr. João Gualberto, que exercia o cargo de administrador dos Correios.

E assim se passaram os dias, sem grande alteração dos anteriormente descriptos, até que chegou a Ouro Preto o sr. Governador effectivo, dr. José Cezario de Faria Alvim.

Sua recepção foi festiva, na tarde radiosa de 25 de novembro. Aguardava-o, na Estação, uma multidão compacta, onde estavam representadas todas as classes sociaes; a guarda civica prestou-lhe as devidas continencias, com garbo e enthusiasmo.

E o dr. Cezario Alvim recebeu o governo no meio da mais completa calma, como si nada de anormal houvesse occorrido por Minas e pelo Brasil.

Tres dias depois de haver assumido o governo, dirigiu elle, ao povo mineiro, o seguinte manifesto:

MANIFESTO AOS MINEIROS

Mineiros! Meus prezados concidadãos!

Quando, na memoravel e solemnissima sessão da camara temporaria de 11 de junho do corrente anno, eu recebi o infeliz e ultimo gabinete da monarchia com a profissão de fé francamente republicana, estava muito longe das minhas cogitações a idéa de que, em prazo tão breve, viesse a ser chamado, como ajudante de mestre de obras, ao theatro dos desmoronamentos, para esse exame perigoso e tremendo de escombros que ainda se desconjunctam, e sob os quaes ficaremos, todos os companheiros da arriscadissima jornada, inevitavelmente, sepultados, si os reflexos da nossa lampada guiadora alluminarem outro lemma do nosso escudo que não seja:—tudo pela patria! caminho á tolerancia, á abnegação pessoal, á fraternidade e á justiça!

Os acontecimentos de 15 deste mez, que ainda estamos a fixar no espirito, e cuja realidade tememos que se esvaia qual fôra um bom sonho em alma attribulada, encontraram-me virtualmente entregue aos trabalhos agricolas, que amo com paixão.

Só um dever imperioso, qual o que sou chamado a cumprir, me arrancaria para o tumultuar das paixões, do saudosissimo canto de terra que foi sempre a minha força em politica; porque sendo a sua paz e manuseamento o meu supremo bem, nenhuma posição social, fóra delle, seduziu-me jámais, ao ponto de sacrificar, para alcançal-a, o que eu entendia ser justo, nobre, digno.

Eu havia renunciado, temporariamente, ao menos, a vida publica, no que ella tinha de apparentemente proveitosa para

mim, não por egoismo ou desalento, mas para, com o que chamavam as minhas loucuras ou excetricidades, convencer, de vez, a opinião, de que eu não era um especulador, quando tomára, em 1887, por programma, com o qual fui ás urnas mineiras naquella occasião, a causa da federação, que eu acreditava compativel com a monarchia, a cujo representante, dadas as condições conhecidas de sua alma bondosa e patriotica, não repugnaria presidir a aprendizagem dos seus compatriotas para o regimen da democracia pura, que elle proprio sentia, havia dominar em toda America.

Infelizmente para si e para os seus, escaparam ao seu alto espirito, conturbado pela enfermidade, os manejos de ambições criminosas, que, ás occultas, se lhe ajustavam em derredor, para irromperem triumphantes e dominadoras, quando a obra da corrupção e da violencia tivesse de todo abatido a alma nacional.

Mal orientada antes, do que perversa, irreflectida e subjugada, talvez, pela vertigem das alturas, a politica que subverteu de subito a causa da monarchia, á qual pudera prestar os melhores serviços, attenta a capacidade dos seus representantes, viu, acredito, com as mais pungentes commoções, o resultado da sua triste imprevidencia:—machina arrebentada, por tapamento quasi completo de valvulas.

Mineiros! meus prezados concidadãos!

Por precisar, hoje mais do que nunca, da vossa cordura, desinteresse e tolerancia na apreciação da politica, que de accordo pleno com o inclyto chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil e seus illustres auxiliares, eu vou observar, permitti-me dizer-vos o que em outras circumstancias eu não teria a indelicadeza de fazer.

A aceitação, por mim, do elevado e temeroso posto de governador deste nosso querido e importante Estado, nas condições presentes da minha vida, será, tenham por certo, a prova mais penivel de todas quantas haja o destino de impôr-me ainda, como toque á pureza e resistencia de minha gratidão para comvosco!

Em taes circumstancias, dai-me vós todos, meus prezados concidadãos, o alento e amparo de que tanto preciso para honrar a confiança do Governo Provisorio, manter a coherencia da minha longa e trabalhada vida publica e, o que é de mais relevancia, assegurar, com a vossa fortuna, a estabilidade do governo verdadeiramente livre nesta vastissima região dos Estados Unidos do Brasil.

Esperando o concurso de todos, leal, solicito e vigilante, uma vez que é geral, no Estado inteiro, a adhesão sincera á causa republicana, reputo-me com direito de ser mais exigente junto dos seus velhos batalhadores, meus companheiros heroicos, que, nos

maravilhosos successos de 15 de novembro, viram coroados os seus mais ardentes anhelos!

Aos que, na maior pujança do regimen imperial, batiam-se intemeratos e abnegados pela sua fé, aos que, verdadeiros Colombos do mundo que acaba de ser descoberto, só sabiam que esse mundo devia existir quando lançaram-se resolutos aos mares tempestuosos—caminho do levante, acha-se, de preferencia, confiada hoje missão mais ardua do que a que viram cumprida, graças, principalmente, ao patriotismo, devemo-nos recordar sempre, dos bravos soldados do exercito e armada nacionaes, aos quaes é força que timbremos em provar que não jogaram as suas altivas cabeças por cidadãos incapazes de bem comprehender e executar o regimen da paz, amor, fraternidade e justiça, cujo largo portico elles nos abriram!

Si está de ante-mão conjurado o perigo de uma restauração monarchica, não nos podemos ainda reputar fóra do alcance do perigo, não menos grave, qual o do enfraquecimento, pela desunião, desta grande Patria!

Dando cada Estado o exemplo de cordura entre os seus habitantes, de esforço commum e abnegação pelo adiantamento e fortuna da collectividade, conseguiremos, nesta santa emulação dentro de poucos annos, alcançar do universo o respeito e a consideração a que se impuzeram os Estados Unidos Norte-americanos, para os quaes a Providencia não foi tão prodiga em seus divinos dons!

Mineiros! meus prezados concidadãos!

A novidade da éra não póde, não deve limitar-se simplesmente á mudança de nome de seu regimen politico.

A' fórma deve corresponder a essencia.

Na instituição deposta, para cujos representantes teve o «Governo Provisorio palavras de bizarra gentileza e actos da mais fina fidalguia, a divisa era:—tudo pelos partidos vencedores e nada pela Patria!

Quebremos esse molde fatal, se pretendemos, como é do nosso dever, evitar a maldição da historia!

Como sabeis, achavam-se sob o regimen decahido, subordinados ás conveniencias partidarias, caprichosas e varias, como é o interesse dos homens, todos os serviços da publica administração.

Na instrucção publica, viação, arrecadação das rendas, sua applicação, distribuição de justiça, emfim, em todas as manifestações ou modalidades no nosso viver social ou politico nada se fazia antes de conhecidas as influencias ás quaes aproveitasse ou prejudicasse a solução administrativa requerida.

Estudar, de preferencia, essas questões, resolvel-as ou encaminhal-as bem, no sentido exclusivo da conveniencia publica, eis a missão de que encarregou-me o Governo Provisorio e que me será gratissimo poder desempenhar ; porque, concorrendo para a consolidação do regimen republicano em bases tão firmes que possam desafiar a impetuosidade de quaesquer correntes contrarias, renderei assignalado serviço ao Estado de Minas Geraes, do qual não sou um governador com poderes quasi discricionarios para fazer respeitada e temida a minha vontade, mas um filho cheio de gratidão e amor, a quem confiaram elementos sobejos para preparar a obra de sua futura grandeza!

Mineiros! meus prezados concidadãos!

Si a preoccupação exclusiva do inclyto marechal chefe do Governo Provisorio dos Estados Unidos doBrasil e dos honrados cidadãos do seu conselho é levantar sobre as ruinas do Imperio, que se esboroou, uma nova patria que continue a assombrar o mundo com as suas prodigiosas evoluções no caminho da liberdade e do bem, a minha é exclusivamente, tambem, ver o Estado de Minas Geraes tão efficazmente organizado pela liberdade e para a liberdade, que sejam as nossas heroicas e bemditas plagas o refugio seguro e generoso para quantos, fóra de seus limites, se vejam acossados pelo infortunio e pela oppressão!

José Cesario de Faria Alvim

Ouro Preto, 28 de novembro de 1889.

A imprensa era, naquella epocha, representada, em Ouro Preto, por quatro jornaes de regular circulação por toda a provincia: — «O Liberal Mineiro», orgam do partido liberal, de propriedade do Barão de Saramenha, tendo como redactor chefe o dr. Bernardo Pinto Monteiro, o qual reunia em torno de si uma pleiade de bellos talentos de que era rico o partido na velha capital mineira.—«A Provincia de Minas», orgam conservador, brilhantemente redigido por José Pedro Xavier da Veiga e que gozava de incontestavel prestigio no seio do mesmo partido.

«A União», antigo orgam conservador, que se tornou neutro por ter o contracto para a publicação de actos officiaes, que conservou, mesmo durante a situação liberal, de junho a novembro e, depois, sob o governo republicano; era de propriedade do Commendador Francisco de Paula Castro.

Finalmente, «O Movimento», orgam do partido republicano, creado pelo Congresso do mesmo partido em 1888, e cuja redacção estava confiada a João Pinheiro e a mim.

A' excepção do «Movimento», todos esses jornaes suspenderam momentaneamente a sua publicação, depois de 15 de novembro; poucos dias, porém, durou essa situação, pois que antes do fim de novembro, elles reappareceram, sob outras denominações e com outra orientação, embora sob a mesma redacção. «A União» transformou-se no «Estado de Minas Geraes» e continuou neutro; «O Liberal Mineiro» passou a denominar-se «Jornal de Minas», e a «Provincia de Minas» passou a ser «A Ordem», com os seguintes programmas:

«A' hora em que chegar a nossa folha ao ponto mais afastado do territorio mineiro, já serão conhecidos, em todos os angulos deste vasto paiz, os graves acontecimentos do dia 15 do corrente, que trouxeram como consequencia a deposição da dynastia de Bragança, a retirada da familia imperial para a Europa, a proclamação da Republica Federativa Brasileira e a formação de um governo provisorio, que se constitue depositario da soberania nacional, até a definitiva organização do novo regimen.

Representantes de um grande partido democratico, acreditando que as fórmas de governo não passam, para as nações, de puro accidente, e acceitaveis desde que garantam a liberdade em todas as relações da vida civil e politica, a prosperidade e bem-estar dos povos, entendemos cumprir um dever, imposto pelo patriotismo, que nos animou em todas as lutas, dizendo aos nossos amigos, aos que ao nosso lado mourejavam na defesa das idéas liberaes para a conquista das reformas democraticas, o que pensamos sobre o novo regimen, a posição que o patriotismo assigna a cada um.

Pensavamos que, dentro da monarchia constitucional, havia logar para todas as aspirações democraticas, e que a evolução, lentamente, operaria a mudança, sem odios, sem abalos e sem quaesquer outros inconvenientes.

A revolução, entretanto, se fez incruenta, mudou-se a fórma de governo; e, ou porque o povo já se achasse preparado para essa grande reforma, ou porque o patriotismo dos brasileiros não tem limites, o certo é que se tem mantido a ordem e a tranquillide e á curta resistencia do primeiro momento substituiu a geral acquiescencia.

Não fôra a dôr que nos produz a lembrança, que não nos deixa, da contrariedade, dos desgostos de amigos que acreditavam ser possivel ainda a permanencia da monarchia por algum tempo e que, de bôa fé, se empenhavam em mantel-a, convencidos de que ia nisso o bem da patria, e não seriamos dos retardatarios na manifestação da nossa adhesão á nova ordem de cousas, mantidas e respeitadas as promessas do Governo Provisorio na sua proclamação.

Sonhavamos com a prosperidade e o engrandecimento do territorio mineiro pela federação das provincias: pugnavamos pela liberdade individual, pela liberdade de pensamento, pela liberdade eleitoral, pela real co-participação do povo no governo da Nação e pelo consequente alargamento do voto até ao suffragio universal; e pensavamos que, no momento, era o bastante para operar a evolução.

Fez-se, porém, a Republica sem as imaginadas reformas reputadas basicas: passou-se rapidamente de um para outro regimen, e não ha como contrariar a vontade do povo, que já acceitou o facto consumado pelo assentimento expresso de uns e tacito de outros.

Si a fórma de governo é puro accidente na vida das nações; si acreditamos que o novo regimen, que se vai definitivamente constituir, póde garantir a liberdade e a paz, a ordem e o progresso em perfeita harmonia, nós, que nunca fomos idolatras de fórmas de governo, a tudo sobrepondo o bem da Patria, não temos outro conselho a dar aos nossos concidadãos, sinão:

Que concorram, franca e lealmente, para que se mantenham a tranquillidade e a paz, a união de todos os estados, não sacrificados os interesses de nenhum, porque só assim a republica fará o bem da Patria, concorrerá para que o Brasil continue grande e poderoso e, pelo desenvolvimento crescente dos seus recursos, se imponha á estima, á consideração e ao respeito das outras nações.

Neste melindroso periodo de transição, quando as relações politicas estão abaladas até á raiz e tudo está por fazer, porque o que ha é provisorio, o patriotismo aconselha muita prudencia, muita discreção e completo esquecimento de todos os odios e antigas divergencias.

No momento, só nos deve occupar o espirito a todos, mineiros ou não, brasileiros, emfim, a idéa da patria grande, forte, poderosa; a idéa dos Estados Unidos do Brasil organizados definitiva e constitucionalmente no mais breve prazo, ao molde das mais adeantadas republicas federativas.

E a nós, especialmente, mineiros, pela posição geographica do nosso Estado, pelos abundantes recursos com que prodigamente nos aquinhoou a natureza, votadas ao olvido as magoas e os desgostos que nos ficaram das antigas luctas partidarias, o que nos cumpre é empenhar tudo de que é capaz o nosso conhecido e proclamado patriotismo no desenvolvimento, prosperidade e engrandecimento do nosso Estado, que, para se tornar, em breves dias, o mais notavel da União, não precisa sinão do esforço patriotico e combinado dos seus filhos.

E foi o desejo de votar ao eterno esquecimento as antigas lutas, as accentuadas divergencias, que nos levou a substituir o titulo de nossa folha.

E' para que não mais nos lembremos, mineiros de todos os credos politicos no antigo regimen, dos velhos odios e resentimentos, que damos por finda a missão do—Liberal Mineiro—e fazemos apparecer o—Jornal de Minas».

D'*O Jornal de Minas*).

Ouro Preto, 27 de novembro de 1889.

«Nas circumstancias actuaes do paiz, creadas pelos recentes e extraordinarios acontecimentos politicos, já conhecidos em quasi todas as provincias, não teria mais razão de ser a continuação da «Provincia de Minas», que, durante cerca de onze annos, mantivemos nesta capital, em luta quasi ininterrupta contra os desmandos dos governos e abusos da publica administração. Por isso, cessou ella sua publicação.

Seria, porém, egoismo e fraqueza reprehensiveis, si, no periodo de crise e de effervescencia social em que entramos na nova e memoravel phase da vida nacional,—nos recolhessemos ao silencio da indifferença, furtando-nos ao dever patriotico de cooperar dedicadamente com os que lidam intrepidos em bem do paiz, e da sorte de nossos amigos, antigos correligionarios e concidadãos em geral, a quem devemos innumeras e generosas provas de estima pessoal e de confiança politica, estima e confiança que nos honram e que publicamente agradecemos com legitimo desvanecimento.

Esta a razão por que, para succeder e substituir a «Provincia de Minas», ora apparece esta folha—«A Ordem»—, que tem no proprio nome sua orientação e seu programma, no caminho do desconhecido em que todos estamos.

Convulsionado o paiz inteiro pela revolução militar de 15 de novembro, que depoz a monarchia, proclamando a Republica dos Estados Unidos do Brasil, qualquer que seja o regimen politico afinal triumphante pelo voto soberano da «Constituinte nacional» —unico poder competente para decretal-o—ha, desde já, uma necessidade social que a todos sobrepuja, constituindo-se o vinculo sagrado entre todos os bons cidadãos, sem distincção de seus credos politicos ou aspirações patrioticas.

Esse vinculo, forte, poderoso e vital, ao mesmo tempo cheio de consolações no presente e fecundo em confianças no futuro,

é a—ordem—sem a qual a anarchia tudo derribará, allucinada, consternando a familia, alluindo a propriedade, abysmando justiça e moral, cobrindo a face do paiz de destroços, de sangue e de lama, entre os gemidos das victimas e os brados ferozes dos algozes.

Sendo a—ordem—como a synthese da idéa conservadora, fundamento das republicas, como das monarchias, é ainda a—ordem,—como bem observa o profundo Cousin, a liberdade collectiva da sociedade. E si a monarchia, o que ninguem em consciencia contestará, foi, sob D. Pedro II, a garantia da liberdade, podemos applicar ao nosso paiz a phrase de Thiers após o 4 de setembro em França: «A Republica será conservadora ou não subsistirá».

Em consequencia dos ultimos e extraordinarios acontecimentos, os antigos partidos, quaes se achavam organizados, desappareceram fatalmente, mas os principios conservadores—base de toda a ordem social—nunca, como agora, foram tão necessarios, tão salvadores e tão dignos de patrioticas adhesões. Trata-se da reconstrucção da patria, e si aquelles principios não lhe forem solido fundamento—sob a fórma que dictar a sabedoria dos Igisladores constituintes—ter-se-ha edificado na aréa, e a obra não resistirá á primeira lufada das tempestades.

A «Ordem», affirmando aquelles principios, vem, em momento opportuno, offerecer o seu humilde concurso a quantos, no novo e futuroso Estado de Minas Geraes quizerem, de boa vontade, sem antigas, mesquinhas e condemnadas prevenções partidarias—unidos e abnegados—se inspirar no patriotismo, unico sentimento que póde salvar-nos na phase difficilima e melindrosa em que nos achamos.

Esperando, mais uma vez, o apoio dos amigos, que nunca nos recusaram confiança, dos antigos e bons correligionarios, cuja causa, acreditamos, será sempre a nossa, no futuro que se desdobra ainda cheio de incertezas, e dos concidadãos em geral, a cujos legitimos direitos e justas aspirações protestamos dedicar-nos com esforço, franqueza e lealdade, não hesitamos em contar que a «Ordem» merecerá do generoso povo mineiro acolhimento benevolo, animação cordial e apoio efficaz.

Só assim poderemos, como desejamos, desempenhar-nos da tarefa ardua que o patriotismo nos impõe».

(Da *Ordem*).

Nossa attitude

Em face da situação, resultante de tão inopinados e extraordinarios acontecimentos, nossa attitude é traçada pelo dever, que cumpriremos, por mais custoso que elle nos seja.

Mortos, ou liquidados ingloriamente os antigos partidos, só ao amor da patria pediremos inspiração nesta crise, em que se jogam a integridade nacional, a paz, o bem estar, a segurança, a liberdade, e—quem sabe?—a propria vida de nossas familias e de nossos concidadãos.

A revolução é um facto, indiscutivel em si mesmo, dominador pela força que o produziu e mantem, facto extraordinario que avassala o paiz de norte a sul, embora nas adhesões numerosas que suscita entrem por muito—triste é dizel-o—a fraqueza de caracter e a especulação de politicos sem fé, já desacreditados sob o regimen imperial.

Como o raio, a revolução feriu de subito, aturdiu, assombrou; e o Governo Provisorio, que delle surgiu armado, é hoje o unico poder constituido, que o patriotismo nos manda não só respeitar, mas tambem auxiliar em seus nobres esforços, emquanto souber mostrar-se justo, prudente, esclarecido e patriota, para que o paiz não sossobre nos abysmos da dissolução social.

Si a revolução trouxe, comquanto, por ora, de caracter provisorio, um novo regimen, que não podemos festejar, mas respeitamos, e cuja responsabilidade cabe inteira a seus auctores, partilhemos com estes, como bons cidadãos, a gloria de uma solução feliz, que restaure a legalidade, avivente as origens do direito e assegure, em bases solidas, o progresso e a regeneração nacional.

Cooperando, unidos, no magno e patriotico empenho, —sem selecção de velhos partidos já aniquillados—seja nosso objectivo commum a urgente conquista constitucional.

Causas accumuladas, e que a incapacidade dos dous ultimos ministerios não soube remediar, explicam o grande acontecimento de 15 de novembro. Mas ao desastroso ministerio 7 de junho cabe, especialmente, a tremenda responsabilidade da situação de que explodiu a revolta. A historia tomar-lhe-ha contas severas. Possa o seu juizo ser ensinamento proficuo aos governos e aos povos!

Comquanto armado de poderes dictatoriaes, o Governo Provisorio patenteou logo, nos seus primeiros actos, moderação esclarecida, patriotismo previdente e magnanimidade de sentimentos que cumpre reconhecer e louvar. A esta ultima categoria pertence o seu memoravel decreto relativo á dotação e recursos concedidos

á ex-dynastia imperial, acto que tem genuino cunho brasileiro, pela elevação de vistas e generosidade de impulso que o caracterizam. Proseguindo por este teor, fazendo da consciencia o seu movel, do patriotismo a sua inspiração, da justiça o seu phanal, o Governo Provisorio tranquillizará os animos apprehensivos, concitará nobremente a confiança publica e abrirá caminho largo e firme ao proselytismo sincero, unico que pode salvar a Republica.

Consoante á attitude respeitavel do Governo Provisorio,—o procedimento dos antigos e convictos republicanos tem sido tambem, nesta capital e em outros logares, correcto e digno—pela moderação nos seus actos e palavras, expressão fiel dos intuitos patrioticos que os animam. Prova disso, entre muitas, deram elles no dia 17, na camara municipal no Rio de Janeiro, não consentindo no vandalismo de uma multidão inconsciente, que alli pretendia dilacerar um quadro com a effigie do ex-imperador.

Contrastando com esses bellos exemplos de criterio, delicadeza e prudencia, alguns convertidos de 15 de novembro—operarios da undecima hora—ardem em enthusiasmos espectaculosos por idéas que nunca tiveram, agitam-se febris no vacuo das declamações aggressivas e levam, não raro, o fervor das crenças até á provocação aos vencidos e ao insulto soez aos grande desgraçados proscriptos!

Felizmente, os directores da nova ordem de cousas teem, por certo, bastante discernimento para conhecer que as paixões ruins e grosseiras não podem ser bom cimento para a Republica. Por outro lado, — conscios de que os governos intelligentes só devem se apoiar naquelles que intelligentemente resistem,—elles hão de garantir, nós o esperamos, as justas manifestações da imprensa honesta, que na conjunctura actual, sem partido nem preconceitos, só almeja uma feliz e gloriosa reorganização da Patria.

Unica égide e salvaguarda dos povos livres, a dictadura, dolorosa necessidade nos periodos de transição politica, deve limitar-se a periodo breve. Prolongar-lhe o dominio além do prazo estrictamente indispensavel, fôra ludibriar o direito, escravizar a Nação e protrahir a época em que—obedientes á soberania do povo, expressa no Estatuto da Constituinte,—devemos ficar todos republicanos ou todos monarchistas, em sã consciencia e de fronte erguida, na altivez da propria dignidade resalvada.

Em nome do povo, pois, bradamos pela Constituinte, e pela liberdade de sua eleição, liberdade verdadeira, fecunda, exemplar, sem insidias, sem fraudes, sem violencias, sem acção corruptora do Poder que tanto tem estragado, entre nós, os costumes, aviltando o caracter nacional e degradando-nos no conceito das nações.

Venha a Constitutinte, e, assim organizada, assegure-lhe o Governo Provisorio plena liberdade de deliberação. Então, a

ninguem mais será licito ir de encontro á vontade nacional, legal e legitimamente manifestada em acto definitivo — a constituição politica deste grande paiz.

Por emquanto, tudo é provisorio, como o proprio governo, com louvavel franqueza, reconhece e proclama. Antigos conservadores, antigos liberaes, antigos republicanos, sob o regimen da monarchia deposta pela revolução militar, hoje estamos todos como o proprio governo constituido, no dominio do provisorio apenas, submissos á logica dos esperados e proximos acontecimentos, logica que será inflexivel e incontrastavel procedendo da soberania nacional.

Venha a Constituinte, e, com ella, o regimen do direito e da liberdade confiscados em nome da ordem social, e sem cuja reivindicação chegariamos miseravelmente aos extremos affrontosos em que, na phrase de Lamenais, nenhum outro futuro resta mais á sociedade sinão uma dissolução hedionda, uma morte inevitavel e um sepulcro infame».

— (Da Ordem) —

Alguns dias depois, tendo o dr. Cesario Alvim necessidade de ir ao Rio, para se entender com os membros do Governo Provisorio, passou-me, de novo, o Governo da Provincia, que exerci de 15 a 23 de dezembro. Nesse periodo, nada occorreu de interessante; estavamos numa situação completamente normalizada.

Antonio Olyntho dos Santos Pires.

Bernardo Guimarães na intimidade

POR

Carlos José dos Santos

184

O antigo professor Carlos José dos Santos conviveu largo tempo, em Ouro Preto, com o notavel romançista e poeta mineiro, Bernardo Guimarães.

O estudo que se segue, em linguagem singela e repassada de saudades, fixa reminiscencias do tempo de tal convivio.

Da Direcção.

Bernardo Guimarães na intimidade

Pelo amigo e admirador do poeta, Carlos José dos Santos

Traçar as impressões profundas, recebidas pela minha alma na infancia, junto a uma entidade de eleição como a de Bernardo Guimarães, transmittir o que tão agradavelmente recolhi das influencias maravilhosa, desse astro de primeira grandeza no céo das letras patricias, desde o momento em que meus olhos o viram; tracejar, pallidamente embora, o perfil de tão distincta quão importante personalidade; é tarefa mui superior ás forças de quem já sente a intelligencia amortecida pela acção devoradora dos annos.

Nasceu Bernardo Guimarães, em Ouro Preto, a 15 de agosto de 1825, e falleceu, na mesma cidade, a 10 de março de 1884, contando 59 annos de edade.

Era filho de João Joaquim da Silva Guimarães, notavel cultor das letras, que, aos 80 annos de edade, falleceu em Ouro Preto.

Era João da Silva Guimarães da escola classica, como diz o dr. Badaró, o qual, apesar disso, tinha um cunho original, não se deixando avassalar pelos abusos das illusões mythologicas, como os seus contemporaneos de Portugal e do Brasil; inspirava-se sempre nos principios de uma philosophia christan, revelando nobres sentimentos de um coração bem formado e qualidades de um caracter puro e honrado. Seu irmão o Padre Manoel Joaquim da Silva Guimarães, era tambem poeta, havendo, infelizmente, fallecido muito moço ainda.

As scenas dos sertões, a vida campezina davam-lhe inspirações cheias de bellas harmonias, levando-o, como a seu irmão Bernardo, a emancipar-se do estylo lusitano, como se vê da poesia que se segue:

«NÃO QUEIRAS MORRER»

Porque motivo, linda e fresca rosa,
Inclinas para o chão a fronte pura?
Porque tão cedo, virgem lacrimosa,
Suspiras pela paz da sepultura?

Não, não queiras morrer. No albôr da vida,
Na quadra da esperança e da ventura,
Quando as flores colher o céo convida,
Não, não falles na paz da sepultura.

Não, não queiras morrer. Deus te conforte!
Nem sempre no céo reina noite escura
Moça e linda, qual és, pede outra sorte
Ah! não queiras tão cedo a sepultura!

Não, não queiras morrer. Flor tão mimosa
Não deve, assim, murchar na desventura.
Resista aos vendavaes a fragil rosa,
Não traz a aurora o véo da sepultura.

Não penses em morrer. E' cedo ainda;
Pede, espera do céo paz e ventura.
Não morras, não; sê forte, como és linda;
Não, não queiras a paz da sepultura.

Não, não chames a morte. A'quella estrella
A mais formosa que no céo fulgura,
Confia o teu destino e ao brilho della
Esquece-te da paz da sepultura».

Nomeado juiz municipal de Catalão (Goyaz), para aquella cidade dirigiu-se Bernardo Guimarães, cavalgando o seu decantado CYSNE (1), de casaca e cartola.

Pouco tempo lá esteve. (2)

Conheci-o, em 1856, já como professor de Grammatica, Philologia e Rhetorica no Lyceu Mineiro.

Suas aulas eram boas e muito frequentadas. Em certa occasião, como não tivesse alumnos para apresentar a exame, escreveu em seu relatorio:

Quanto aos estudantes,
nicles!
São uns villipendios;
Quando não têm cobres,
Vendem os compendios!

De uma feita, encontrou uma empregada de sua casa chorando copiosamente, por se haver quebrado um catita, que ella tinha sobre a mesa.

---

(1) O Cysne é o celebre cavallo, que Bernardes decantou nos «Cantos da Solidão».

(2) A' judicatura do poeta em Catalão referesse a anedocta, commumente contada de haver Bernardo dado liberdade aos presos, que encontrou na cadeia local. Indagando eu ao poeta sobre a veracidade de tal acontecimento, respondeu-me negativamente. E', pois, mais uma das muitas inverdades, que se tem querido attribuir ao poeta.

Immediatamente, tomando um pedaço de papel, escreveu estes versos:

Aqui, em cima desta mesa,
Eu tinha um bello catita,
Com a carinha tão bonita,
Tocando no seu flautim...

Coitado do meu catita!
Que teve o mais negro fim..

Valei-me, Senhor dos Passos!
Meu catita está sem braços,
Não pode a flauta tocar
Uma tão triste dôr
Hei de sempre lamentar... (1)

Chamado para fazer parte do corpo docente do Collegio de Congonhas do Campo, deram-lhe a cadeira de Philosophia. Ficou contrariado com o procedimento do Reitor do Collegio, a quem pedira a cadeira de Portuguez e Rhetorica.

Na primeira aula, estavam todos de batina, e Bernardo começou solemnemente:

Vou pregar um sermão de São Coelho
Com seu barrete vermelho...
Nos tempos da moura torta,
Viu-se um sapo de espadim
Que perguntava em latim
Pela casa da mosca morta...

Em frente á sua casa, havia um padeiro e, em seguida, um negociante, que vendia um delicioso vinho Figueira superior, a 500 rs. a garrafa.

O poeta costumava chamar-me e, mostrando as duas casas dizia-me: «Mandei chamar-te, porque vou dizer missa e quero que ajudes a ella; temos pão e vinho».

De uma feita, comprou uma *besta* de capim (2), entregando ao capineiro uma nota de 20$000 para que tirasse os 18$000 da carga. O sujeito desappareceu... Durante alguns dias, o nosso poeta, ficava á janella e perguntava, por troça, pelo troco. Mas não foi tudo. Emquanto Bernardo esperava tal troco, entrou pela casa outro individuo: «Seu doutor, Você pode me dar, agora, o dinheiro do capim?»

---

(1) Vão os versos, que guardei de memoria. E' provavel que tenha escapado alguma incorrecção, quebra de metrica, etc., que o poeta não commetteria. Após tantos annos, é natural alguma imperfeição, que deve ser attribuida á memoria do narrador e nunca ao excelso vate patricio.

(2) Denominava-se besta de capim uma grande quantidade de capim que se comprava para animaes de cocheira.

«Não tenho dinheiro
Sou um homem pobre,
Por mais que me dobre,
Pelo mundo inteiro...»

E assim foi levando o homem até á porta, em meio de uma saraivada de versos engraçadissimos. Retirou-se o sujeito encantado e si o poeta não teve mais noticias de seus 20$000, ao menos não pagou o capim duas vezes...

Como muito bem attentou o Dr. Badaró, Bernardo Guimarães era um homem simples, chegando mesmo a ser muito humilde. Sempre cuidou, com o angelico Santo Agostinho, que a humildade sómente faz bem e communica paz e tranquillidade á consciencia: «Ubi charitas, ibi humilitas est. Ubi humilitas, ibi pax».

Era uma acerrimo inimigo das honrarias. Em nossa longa convivencia de tantos annos, nunca o ouvi fallar em politica; e era, entretanto, um patriota ardente e devoto. Durante a guerra do Paraguay, o seu estro sempre vibrou de patriotismo sincero e a sua lyra inspirada afinou accordes vibrantes dos mais enthusiasticos hymnos patrioticos.

Em 1842, contando apenas 17 annos, Bernardo Guimarães tomou parte na batalha ferida na cidade de Queluz de Minas. Em companhia do inesquecivel José Ferreira de Araujo (Gutemberg) puxou uma peça de artilharia.

O nosso poeta achava-se bem entre as crianças e evitava os moços recentemente formados em São Paulo, *maxime* quando queriam exhibir-se perante elle. Certa vez, um delles (o Dr. Jeronymo Penido) apanhando-o, perguntou-lhe: «Sei que vae publicar novas poesias, que titulo vae dar-lhes?»

«Direitos... novos e velhos...» respondeu immediatamente Bernardo Guimarães. Essas respostas promptas e engraçadas eram frequentes. Na reorganização do Lyceu Mineiro, depois de lido o discurso de que fôra encarregado, como professor de Rhetorica, o Dr. Saldanha Marinho, Presidente da Provincia, perguntou-lhe: «Bernardo, qual o auctor que você adopta na aula?» «Simão de Nantua», respondeu logo.

Discutindo, uma vez, o Dr. Lagoa, professsor de Philosophia, com o Dr. Carneiro, José Rodrigues Duarte, Joaquim Cypriano e outros, sobre a existencia da alma, como operam as impressões, que vão ao cerebro, as suas faculdades, etc., logo, após sua retirada do corpo, estava o Bernardo calado, accendendo um eterno cigarro, de repente pulou no meio delles e disse: «Escutem, já sei!»

Todos se calaram. O Dr. Lagoa tinha uma conversação tão grave que até incommodava. Disse o Lagoa: «Vamos ouvir a opinião do Bernardo». Disse elle: «Já sei, descobri o verdadeiro caminho para o céo. Por onde é? E' alli, por São José do Chopotó!»

Estando no Rio, trabalhava em diversos jornaes. Não sabia tachygraphia. Tomava o resumo dos discursos dos senadores para a «Actualidade», jornal importante da época.

Certa vez, estava orando o Marquez de Olinda, e o Bernardo prestava-lhe toda a attenção.

O Marquez incommodou-se com isso e quando acabou, disse-lhe: «Snr. Bernardo, estava me encarando tanto! E' preciso dizer-lhe que vim hoje de calças brancas e quando assim me visto, é porque estou atacado de outras cousas...»

Tempos depois, voltou para Ouro Preto. Já não existia seu pae. Foi morar com um parente, um pouco sovina. Certo dia, recebi delle, o seguinte bilhete, que ainda conservo:

«Mon ami. Pourquoi ne venez-vous pas chez moi?»

«Ne savez-vous pas que je suis enfermé et solitarie dans ce sombre cachot? J'ai quelque chose à vous dire. Venez, s'il vous plait, jusqu' ici, un petit moment ou, si vous ne pouvez pas, attendez moi chez vous aujourd'hui nuit close. Votre ami Bernardo Guimarães.

A tardinha, fui á sua casa. Levei-o para a nossa residencia. A esse tempo, moravam commigo os estudantes Juca Pinto e Candido Cebolla, meu Pae, o Capitão José Ignacio dos Santos e meu mano João Ignacio. Observei que Bernardo conduzia uma pequena *trouxa* no braço. Era uma preciosa blusa de brim pardo, que lhe havia dado Gonçalves Dias, no Rio de Janeiro.

No dia seguinte, enfiou-se nella o nosso poeta.

Quando esses estudantes (de pharmacia) liam suas lições, Bernardo, sómente pela leitura dellas, as explicava magistralmente aos rapazes, com irreprimivel pasmo nosso. Outras horas, passava com elles a cantar e tocar violão, em uma convivencia encantadora.

Foi durante essa estadia em nossa casa, que o poeta compoz o seu famoso drama «A Inconfidencia».

Encarreguei-me de levar á scena esse drama. A representação foi no theatro da cidade de Ouro Preto, causando extraordinaria emoção nos expectadores, que o applaudiram sem reservas.

Tomaram parte na interpretação dessa obra prima:

O coronel Agostinho Cabral, o Prof. Randolpho Bretas, Eliziario da Rocha (no papel de Tiradentes), João Bandeira (Claudio Manoel da Costa), coronel Antonio Hermogenes (Ermitão da Serra do Caraça), Pedro Angelo e Santos Augusto da Silva.

Naquelle tempo, as mulheres não tomavam parte em representações theatraes, de sorte que o papel de Marilia foi interpretado por Antonio Nunes Bandeira, que era, então, muito joven ainda.

O ponto foi o Cap. João Antonio Affonso, pae do Visconde de Ouro Preto.

Era presidente da provincia o Conego Sant'Anna, que recebeu com muita sympathia a idéa da representação da peça; o Chefe de Policia,

como prova de admiração ao Auctor, dispensou a leitura prévia do drama, cousa que se não fazia nunca, naquelle tempo.

Foi deliciosa a nossa convivencia com Bernardo, durante o tempo em que esteve em nossa casa. Era homem alegre, sempre espirituoso, gostava de diversões innocentes, puramente literarias, decifrava em companhia de amigos, charadas e logogryphos, cantava poesias (de preferencia as de Gonzaga), com uma excellente voz de tenor, recitava versos de improviso, e fazia *bestialogicos* deliciosos. Sua conversação agradava a todos, grandes e pequenos, letrados e rusticos; tinha um coração bondoso. Ao mesmo tempo que cobria de ridiculo os vaidosos e orgulhosos, parodiando, com graça, os seus escriptos, era amigo dos humildes e gostava de conversar com elles. Passava, por exemplo, horas inteiras, ouvindo meu pae, Cap. José Ignacio da Costa, recitar os dialogos de Carlos Magno e os Doze Pares de França.

Gostava dos ágapes e refeições intimas, nas quaes, rodeado de amigos, podesse conversar, recitar e ouvir versos. Em certa occasião, ceiavam um perú, elle e outros (1). Bernardo e alguns amigos collocaram uma quadra de versos em cada um dos pallitos, que crivavam aquelle assado. Eram admiraveis esses versos de Bernardo, elle proprio declarou-me que jámais se sentira tão inspirado, lamentando não haver guardado alguns desses versos. Era crente sincero e catholico convicto. Não perdia a missa e ficou, certa vez, muito nervoso, porque, durante a estação da missa, sem o querer, distrahidamente, parodiou, durante todo o tempo, mentalmente, os canticos de uma devota, que estava perturbando o silencio religioso da solemnidade.

Era, realmente, muito distrahido. Indo a Marianna em um pessimo burro, de volta queixou-se de que, invertidos os papeis, fôra elle que carregára a cavalgadura, durante todo o caminho. Fôra para contractar a publicação de obras suas e levara estes trabalhos; pois bem: só, ás nove horas da noite, quando palestrava com o dr. Lagoa e outros, lembrou-se de seus manuscriptos e verificou que os havia perdido, na viagem... «Ora, perdi todos os meus papeis no caminho de Marianna», disse com a maior frescura e continuou muito calmamente a conversar, como se não houvesse acontecido nada. Mandámos logo um portador, que encontrou os papeis, á entrada da cidade.

Certo dia, desappareceu, indo morar com o prof. Ovidio João Paulo de Andrade, de onde me escreveu uma carta que ainda conservo, pedindo que lhe mandasse suas camisas, sua botina de verniz, sua escova de dentes e seus rascunhos.

Tempos depois, passeando nós dois, juntos, Bernardo disse-me de repente: «Carlos, foste meu discipulo e és meu amigo; devo casar-me com d. Thereza?» Respondi-lhe affirmativamente e, depois de casado, pagou-me elle esse conselho, abraçando-me e declarando-me, em

(1) O poeta Aureliano Lessa tomava parte na ceia.

uma expansão de alegria: «Carlos, foi uma felicidade para mim casar-me com a filha de D. Felicidade!»

Realmente, d. Felicidade tratava o poeta com o carinho de uma verdadeira mãe.

Depois de seu casamento, Bernardo residiu muito tempo com ella, em um sitio denominado *Rancharia*.

Foi nesse tempo que se deu o seguinte e curioso episodio:

Em companhia do Commendador Paula Santos (avô de Santos Dumont), eu acompanhava a Brigada Mineira, que, sob o commando do coronel Galvão, partia para o Matto-Grosso.

Lá estava tambem o poeta. Apenas me viu, chamou-me de parte— e disse:

«Minha sogra, Carlos, ha mais de tres mezes, não me deixa tomar um *telles*!»

Perto, o rancho regorgitava de passageiros, de regresso do Rio de Janeiro. Fomos para lá e entrámos.

Muitos estavam deitados em suas rédes de *tucum* e outros em suas canastras. Nenhuma attenção nos deram, pois, não conheciam o poeta.

Bernardo tirou um tição e, ascendendo o cigarro, disse, muito calmamente, e, fitando um, que estava na rêde mais proxima:

«Das costellas de Sansão
Fez Ferrabraz um ponteiro,
Só para coser um cueiro
Do filho de Salomão...

Todos accorreram e escutavam attentos. Bernardo continuou:

«Gema embora a Humanidade!
Cáiam coriscos e raios
Chovam chouriços e paios
Nas azas da tempestade...

Triumpha sempre a verdade,
Com quatro tochas na mão.
O mesmo Napoleão,
Empunhando uma raio aceso,
Supportar não póde o peso
Das costellas de Sansão!...

Applausos por toda parte. Um delles abriu uma garrafa e offereceu ao poeta um calice de excellente vinho. Bernardo bebeu e continuou:

Quando Horacio foi á China
Vender sardinhas de Nantes,
Viu tresentos estudantes
Reunidos numa tina!

Mas sua peior mofina,
E sua grande afflicção
Foi ver de rôjo no chão
Noé virando cambotas
E Moysés calçando as botas
Do filho de Salomão!...»

A um sujeito, que estava deitado proximo, disse: «E tú, que és o primeiro espirro, que Adão deu no Paraizo?»

Todos affirmavam, una voce: «E Bernardo Guimarães, é Bernardo!

(Eram todos de Diamantina, já se sabe; são todos intelligentes).

Nesse momento, montavam a cavallo meus companheiros, sahi, apressado, deixando Bernardo, recitando.

Quando morava em Queluz, escreveu-me, pedindo-me noticias de seu drama e dando-me conta de outros, que estava escrevendo.

Eis a carta:

Carlos.

Queluz, 14 de dezembro de 1876.

Muita atrapalhação, alguns affazeres, alguma molestia e alguma preguiça, não pouca, não me permittiram promptificar o Drama «Os Inconfidentes», como eu pretendia, e tinhamos conversado, para a Sociedade Dramatica de S. Miguel do Piracicaba dal-o a 2 de dezembro do corrente. O trabalho, aliás, não era insignificante.

Relendo esse drama, achei-o soberbamente defeituoso e carecendo de ser refundido completamente. E não podia sahir cousa muito boa. Melhor do que ninguem, sabes com que pressa, e em que circumstancias manipulei semelhante droga. Agora, desejo saber si, em qualquer outro tempo, serve. Si servir, porei mãos á obra e lá para Janeiro estará prompto; assim como tambem poderei fornecer, para o mesmo Theatro, a «Captiva Izaura», que está promptinho, ou outra qualquer composição dramatica, que me sahir da cachola.

Conversa, pois, com os interessados a esse respeito (parece-me que são os Vellosos) e manda-me resposta com a brevidade que puderes. Agora, outro assumpto.

Quando estiveres com o nosso bom visinho, e meu amigo e confessor, o piedoso Anachoreta—D. Frei Sebastião de Santa Perpetua, (1) queira apresentar-lhe os meus respeitos e pedir-lhe sua santa benção para este seu humilde irmão e servo no Senhor, assegurando-lhe que nunca delle me esqueço em minhas orações e praticas devotas, de jejum e abstinencia.

Communica-lhe tambem a noticia que este seu humilde famulo está compondo uma jaculatoria mui devota e pede sua benevola auctorisação

---

(1) Capitão Augusto Pinto, official da Secretaria da Instrucção Publica, amigo do poeta e meu.

para que este fraco producto lhe seja dedicado e debaixo de seu apostolico patrocinio possa correr mundo. Adeus, Carlos; goza saude e prosperidade, e acceita os protestos de sincera estima e affeição do Teu amigo velho Bernardo Guimarães».

Morava o poeta em Ouro Preto, quando alli chegou Sua Magestade, o Imperador Pedro II, o qual lhe pediu as suas obras.

Bernardo foi, acompanhado de suas filhas e de um criado, carregando uma bandeja, cheia de livros. A seu pedido, acompanhei-o.

Ja havia principiado a orchestra, no Palacio da Assembléa Provincial, quando entrámos pelo corredor.

D. Pedro, vendo o, levantou-se logo e, com elle, todo o auditorio.

Sua Magestade dirigiu-se ao poeta: «Como vae. Sr. Bernardo?

Estas são suas obras»? Elle apontou para as filhas «E estas tambem.»

D. Pedro riu-se.

Retirei-me. Elle, tendo perdido o chapéo, não pôde sahir e logo improvisou o seguinte:

«Hoje, a casaca enverguei
(Cousa que muito me custa),
Para ver a face augusta
Do Rei, que sempre estimei.
Como aconteceu, não sei,
Pois que estando em Palacio,
Aconteceu-me um labéo,
Julgando ir para o céo,
Fiquei qual um pascacio,
De casaca e sem chapéo.»

O governo provincial deu-lhe uma modica pensão, para escrever a historia mineira.

Abalou-se muito com a morte repentina de seu filhinho — João Nabor. (1)

Era uma creancinha interessantissima.

Certo dia, entrou em minha casa. Assentou-se. «Oh! meu filhinho, você está passeando?» «Não, vim visitar o Senhor, que é amigo de meu Pae». Dez minutos depois, levantou-se. «Pois já vae?» «Vou; mas deixo-lhe o «O' doce»—da Salve Rainha...» Tinha elle apenas dez annos.

Era o poeta muito amigo do capm. Francisco Felicissimo. Encontravam-se sempre em um logar perto da casa de minha residencia.

---

(1) Essa creancinha, que fazia as delicias de sua familia, encontrou um vidro que continha um veneno mortifero, sacudiu o vidro e bebeu, envenenando-se. Isso dera-se porque a casa, onde se achavam, havia sido uma pharmacia e lá ficára o vidro do toxico.

«Chico, dizia elle, quando eu morrer, você ha de ir como meu ordenança». Esta phrase elle repetia sempre. (1) Coincidencia interessante! Ambos falleceram a 15 de agosto, um no principio, outro no fim da mesma rua (Rua das Cabeças). O pessoal que tomou parte no sahimento do Bernardo, passou pela casa do Felicissimo, levando os dois juntamente, no mesmo prestito funebre...

Bernardo tinha excellente voz de tenor; era bom musico e assim poz em musica diversas poesias suas e de outros, entre as quaes, esta:

«Pensam que vejo
Não vejo
Não vejo que cego estou.
De que me serve ter olhos
Si minha luz se acabou!
Ah! não deixes que eu me perca
Nesta immensa escuridão
Oh! anjo, que me castigaste,
Vem, ao menos, dar-me a mão...»

Bernardo Guimarães era incorruptivel; não elogiava a ninguem por interesse; pois nunca se esquecia de que pertencia ao numero daquelles que, antigamente, eram considerados de geração divina: «sacer interpres Deorum»; e procuravam abrandar costumes «ridendo castigat mores»; moderar as más paixões e lascivos affectos «concubitus prohibere vago... Dare jura maritis...»

Além das lições, que me dava, de latim, francez e historia, falava-me sempre do Evangelho. Um dia, não se exprimiu bem sobre o mysterio da transubstanciação de Nosso Senhor Jesus Christo. Deixou, pela expressão de sua physionomia, transparecer que não o comprehendia. Pois bem: na madrugada do dia 15, de sua morte, appareceu-me em sonhos, dizendo-me:

Eis a Hostia Sagrada
Feita de Nosso Senhor;
Trazida nas azas da morte
Trazida nas azas do amor...

E eu perguntei-lhe, no sonho, «Feita de Nosso Senhor ou por Nosso Senhor? — «De Nosso Senhor», respondeu-me.

Acordei e levantei-me. Disse á minha mulher: «Morei sempre com Bernardo Guimarães e nunca pude aprender a fazer um verso. Entretanto, esta noite, elle veiu recitar esta quadra, e repeti os versos. No mesmo momento, uma pessoa falou na rua ao Manoel dos Santos Leal: «Morreu o dr. Bernardo Guimarães...»

---

(1) O capitão Felicissimo, na qualidade de official reformado do Exercito era sempre convidado para ajudante de ordens dos presidentes. Bernardo, pois, caçoava com elle, lembrando sua qualidade de official, ajudante de ordens.

Bernardo Guimarães não foi, em seu tempo, muito applaudido nos circulos literarios do Rio de Janeiro, porque criticou, com muito espirito, a «Nebulosa» do Macedo, a mais importante das composições desse escriptor.

Ora, Macedo era o oraculo daquelle tempo e apezar da grande amizade que o grande artista dramatico João Caetano votava ao poeta foram baldados os seus esforços. Os dramas de Bernardo foram sempre rejeitados pelo Conservatorio Dramatico do Rio, por influencia de Macedo.

Era muito trabalhador Bernardo Guimarães; não corrigia muito seus versos. Não se esquecia dos preceitos de Quintilhano: «Ipsa emendatio finem habet» e nem do que dissera Catullo, a respeito do poeta Helvecio Cina, que nove annos gastára para compôr o seu poema intitulado Smirna e outros tantos para corrigil-o e emendar.

Eis o que me occorre sobre a pessoa do poeta Guimarães, cuja biographia, aliás, é bem conhecida e, como todos comprehendem, não cabe nestas toscas e despretenciosas linhas.

Bello Horizonte, 15 de agosto de 1925.

Carlos José dos Santos.

---

(1) A parte mais interessante da critica é a seguinte: Uma certa nympha sahia pelos bosques, gritando: «Jámais!» E os échos respondiam: «Te verei!...» E Bernardo, paroliando, disse que a nympha gritava: «Jámais!» e os échos respondiam: «Peixe frito!»

198

199

Faculdade de Medicina de Bello Horizonte

(Subsidios e documentos para a historia da fundação da mesma)

POR

AURELIO PIRES

Libros consule ut ab illis discas qui ante nos cogitarunt.

(Continuação do Fasciculo I do anno XXI, de 1927)

200

201

Faculdade de Medicina de Bello Horizonte

(Subsidios e documentos para a historia da fundação da mesma)

POR

AURELIO PIRES

(Continuação do fasciculo I D — Anno XXI, de 1927)

TERCEIRA PHASE

(1897—1910)

Transferida a séde do governo de Minas Geraes, de Ouro Preto para Bello Horizonte, a 12 de Dezembro de 1897, cinco annos depois, isto é, em 1902 (tres annos, portanto, após o inicio da segunda phase do persistente tentamen), recrudesceu, com novo impeto e enthusiasmo mais intenso, a idéa que vinha germinando lentamente no espirito e no coração de muitos mineiros desejosos do desenvolvimento intellectual de seu Estado.

E' assim que, a 4 e a 6 de julho daquelle anno (1902), o *Minas Geraes*, orgão dos poderes publicos do Estado, publicava as notas seguintes :

«Faculdade de Medicina»

Volta á arena da discussão a idéa da fundação de uma Escola de Medicina no nosso Estado, tendo feito o *Diario de Minas*, na sua edição de ante-hontem, ligeira referencia ao assumpto.

A idéa não é nova e já esteve a pique de ser levada a effeito.

Effectivamente, s. exc. o sr. dr. Silviano Brandão, quando Secretario do Interior, no governo do exmo. sr. dr. Affonso

Penna, no relatorio relativo ao anno de 1893, refere-se nos seguintes termos á necessidade da creação de tal estabelecimento:

«Antes de terminar as considerações relativas á instrucção, seja-me licito chamar a attenção de v. exc. para um ponto, que reputo de importancia capital para o Estado de Minas.

Uma das maiores mais e justas aspirações do povo mineiro deve ser emancipar-se, em materia de ensino.

Neste vasto, rico e populoso Estado, existem sobejos elementos para que, dentro de suas fronteiras, tenhamos os meios necessarios para completa cultura e desenvolvimento intellectual do nosso povo.

A creação de uma Faculdade de Medicina, em Minas, se impõe como uma indeclinavel necessidade.

Será um complemento logico da fundação da Faculdade Livre de Direito, bellissima realidade, devida á iniciativa e aos esforços de v. exc., efficazmente auxiliado nessa idéa generosa e benefica pela dedicação e patriotismo de cidadãos illustres, cujos nomes devem sempre despertar a gratidão e o reconhecimento do povo mineiro.

Não será necessario que tenha a Faculdade de Medicina, que se fundar, o programma apparatoso das Faculdades existentes no paiz; bastará que nella se ensine o que fôr restricta e propriamente attinente á medicina e á cirurgia, para o que será sufficiente que sejam creadas algumas cadeiras, as quaes, juntas ás existentes na Escola de Pharmacia, cujo curso não deverá ser modificado, constituirão uma Faculdade modesta, como tantas outras existentes em paizes, aliás, muito adiantados.

Esta creação será a satisfação de um grande *desideratum* do povo mineiro, que vê todos os annos victimados os seus filhos pelas epidemias do littoral.

Com a creação da Faculdade, prestará o Congresso Mineiro, sempre patriotico e bem orientado, um inolvidavel serviço á patria mineira.»

Por sua vez, o exmo. sr. dr. Affonso Penna, na Mensagem dirigida ao Congresso Mineiro, naquelle, anno sallenta, nos seguintes termos, a necessidade da referida Escola:

«A creação de laboratorios e gabinetes bem apparelhados na Escola de Pharmacia, é melhoramento que muito vae contribuir para elevar o ensino nesse instituto de estudo superior, o mais antigo do Estado e que bons serviços tem já prestado.

Peço licença para lembrar-vos a conveniencia de ampliar-se o curso dessa Escola, convertendo-a em Faculdade de Medicina.

Montados, como estão, os laboratorios e já creadas cadeiras que são communs aos cursos de pharmacia e medicina, bastarão poucos cursos de medicina e cirurgia para se obter tão notavel melhoramento.

O tributo pesado de vidas que pagam as familias mineiras, que mandam seus filhos estudar nas cidades maritimas, a necessidade que tem o Estado de facilitar a seus filhos o preparo para todas as carreiras liberaes, são razões que justificam plenamente a creação que lembro.

Com dispendiode poucas dezenas de contos, teremos, no Estado, estabelecimentos para o ensino de todos os ramos de estudos superiores.

Temos já a Escola de Minas e Engenharia Civil, a Escola de Pharmacia, a Faculdade Livre de Direito gosando das regalias das Faculdades da União, e, com pequeno esforço, poderemos ter a Escola de Medicina.»

No seu relatorio de 1894, insiste o exmo. sr. dr. Silviano Brandão «sobre a indeclinavel necessidade da fundação de uma Faculdade de Medicina em Minas.»

Eis as palavras de s. exc.:

«Não posso, porém, deixar de insistir sobre a indeclinavel necessidade da fundação de uma Faculdade de Medicina em Minas, idéa consignada no meu passado relatorio e que figura na mensagem por v. exc. apresentada ao Congresso, em sua ultima reunião.

Precisamos ter, dentro das nossas fronteiras, tudo o que fôr necessario aos mineiros; o Estado de Minas deve e pode emancipar-se intellectualmente dos demais Estados; -só lhe falta uma Faculdade de Medicina.

Basta que nos lembremos das dezenas de moços mineiros, todos os annos victimados pela febre amarella, não havendo, talvez, em Minas, familia que não tenha pago o seu triste tributo a esse terrivel flagello, para vermos que será larga e generosamente compensado qualquer sacrificio pecuniario que o Estado tenha de fazer com a creação da Faculdade.

Além de que o dispendio não será grande, caberá perfeitamente nas forças do orçamento do Estado, pois ha o grande e poderoso contingente ministrado pela Escola de Pharmacia: pessoal docente e material de ensino.

A Escola de Pharmacia não perderá os seus direitos e prerogativas, sendo respeitados os provimentos do seu pessoal docente; ficará, porém, constituindo um dos cursos da Faculdade de Medicina».

Julgando o momento azado para se tratar desse grande emprehendimento, o illustre sr. dr. Domingos Penna, distincto medico e operoso agente executivo do municipio de Santa Barbara, veiu a esta Capital e nos incumbiu de tornar publico o seu pensamento sobre essa importante questão.

O illustre profissional entende—e é esta a opinião de todos os seus collegas ouvidos a esse respeito—que a idéa é perfeita-

Penna, no relatorio relativo ao anno de 1893, refere-se nos seguintes termos á necessidade da creação de tal estabelecimento:

«Antes de terminar as considerações relativas á instrucção, seja-me licito chamar a attenção de v. exc. para um ponto, que reputo de importancia capital para o Estado de Minas.

Uma das maiores mais e justas aspirações do povo mineiro deve ser emancipar-se, em materia de ensino.

Neste vasto, rico e populoso Estado, existem sobejos elementos para que, dentro de suas fronteiras, tenhamos os meios necessarios para completa cultura e desenvolvimento intellectual do nosso povo.

A creação de uma Faculdade de Medicina, em Minas, se impõe como uma indeclinavel necessidade.

Será um complemento logico da fundação da Faculdade Livre de Direito, bellissima realidade, devida á iniciativa e aos esforços de v. exc., efficazmente auxiliado nessa idéa generosa e benefica pela dedicação e patriotismo de cidadãos illustres, cujos nomes devem sempre despertar a gratidão e o reconhecimento do povo mineiro.

Não será necessario que tenha a Faculdade de Medicina, que se fundar, o programma apparatoso das Faculdades existentes no paiz; bastará que nella se ensine o que fôr restricta e propriamente attinente á medicina e á cirurgia, para o que será sufficiente que sejam creadas algumas cadeiras, as quaes, juntas ás existentes na Escola de Pharmacia, cujo curso não deverá ser modificado, constituirão uma Faculdade modesta, como tantas outras existentes em paizes, aliás, muito adiantados.

Esta creação será a satisfação de um grande *desideratum* do povo mineiro, que vê todos os annos victimados os seus filhos pelas epidemias do littoral.

Com a creação da Faculdade, prestará o Congresso Mineiro, sempre patriotico e bem orientado, um inolvidavel serviço á patria mineira.»

Por sua vez, o exmo. sr. dr. Affonso Penna, na Mensagem dirigida ao Congresso Mineiro, naquelle, anno saliente, nos seguintes termos, a necessidade da referida Escola:

«A creação de laboratorios e gabinetes bem apparelhados na Escola de Pharmacia, é melhoramento que muito vae contribuir para elevar o ensino nesse instituto de estudo superior, o mais antigo do Estado e que bons serviços tem já prestado.

Peço licença para lembrar-vos a conveniencia de ampliar-se o curso dessa Escola, convertendo-a em Faculdade de Medicina.

Montados, como estão, os laboratorios e já creadas cadeiras que são communs aos cursos de pharmacia e medicina, bastarão poucos cursos de medicina e cirurgia para se obter tão notavel melhoramento.

O tributo pesado de vidas que pagam as familias mineiras, que mandam seus filhos estudar nas cidades maritimas, a necessidade que tem o Estado de facilitar a seus filhos o preparo para todas as carreiras liberaes, são razões que justificam plenamente a creação que lembro.

Com dispendio de poucas dezenas de contos, teremos, no Estado, estabelecimentos para o ensino de todos os ramos de estudos superiores.

Temos já a Escola de Minas e Engenharia Civil, a Escola de Pharmacia, a Faculdade Livre de Direito, gosando das regalias das Faculdades da União, e, com pequeno esforço, poderemos ter a Escola de Medicina.»

No seu relatorio de 1894, insiste o exmo. sr. dr. Silviano Brandão «sobre a indeclinavel necessidade da fundação de uma Faculdade de Medicina em Minas.»

Eis as palavras de s. exc.:

«Não posso, porém, deixar de insistir sobre a indeclinavel necessidade da fundação de uma Faculdade de Medicina em Minas, idéa consignada no meu passado relatorio e que figura na mensagem por v. exc. apresentada ao Congresso, em sua ultima reunião.

Precisamos ter, dentro das nossas fronteiras, tudo o que fôr necessario aos mineiros; o Estado de Minas deve e pode emancipar-se intellectualmente dos demais Estados: -só lhe falta uma Faculdade de Medicina.

Basta que nos lembremos das dezenas de moços mineiros, todos os annos victimados pela febre amarella, não havendo, talvez, em Minas, familia que não tenha pago o seu triste tributo a esse terrivel flagello, para vermos que será larga e generosamente compensado qualquer sacrificio pecuniario que o Estado tenha de fazer com a creação da Faculdade.

Além de que o dispendio não será grande, caberá perfeitamente nas forças do orçamento do Estado, pois ha o grande e poderoso contingente ministrado pela Escola de Pharmacia: pessoal docente e material de ensino.

A Escola de Pharmacia não perderá os seus direitos e prerogativas, sendo respeitados os provimentos do seu pessoal docente; ficará, porém, constituindo um dos cursos da Faculdade de Medicina».

Julgando o momento azado para se tratar desse grande emprehendimento, o illustre sr. dr. Domingos Penna, distincto medico e operoso agente executivo do municipio de Santa Barbara, veiu a esta Capital e nos incumbiu de tornar publico o seu pensamento sobre essa importante questão.

O illustre profissional entende - e é esta a opinião de todos os seus collegas ouvidos a esse respeito - que a idéa é perfeita-

mente realizavel, não se devendo reluctar em presença das difficuldades financeiras, nem se considerar como embaraço o que diz respeito ao lado pratico do ensino—que encontrará no hospital já existente, e que se irá melhorando e augmentando de dia para dia, o campo necessario, ainda que modesto, para a sua acção.

O lado financeiro encerra dois pontos capitaes:—a construcção do edificio e a acquisição do indispensavel material, e a manutenção do estabelecimento de ensino.

Entende o sr. dr. Domingos Penna que, para a construcção do edificio e compra do material, devem as municipalidades mineiconcorrer com determinada quota—de dois a tres contos de réis —e que a manutenção do estabelecimento não trará grande augmento de despeza ao Estado—desde que a Escola de Pharmacia, já existente, se reuna á de Medicina. Haverá apenas o augmento de algumas cadeiras, podendo cada lente, com maior esforço, mas sem grande sacrificio para si e sem prejuizo para o ensino, leccionar duas cadeiras, ao menos por algum tempo.

A municipalidade de Santa Barbara, pela palavra auctorizada de seu digno agente executivo, compromette-se a concorrer com a quantia de dez contos de réis para a construcção do edificio, e o Conselho Deliberativo desta Capital, provavelmente, concorrerá com uma quota razoavel, pois, além dos beneficios de ordem geral que a Faculdade virá trazer ao nosso Estado, que por esse modo se emancipará completamente em materia de ensino,—concorrerá tambem não só para o embellezamento da Capital com mais um bello edificio, como para o seu progresso e desenvolvimento, moral e materialmente considerados.

A idéa merece a attenção dos competentes e ha de ser, naturalmente, abraçada pelos mineiros com carinhoso amor e vivo interesse, pois, além das demais vantagens, collocará ao abrigo das epidemias que ceifam annualmente, nas cidades do littoral, tão consideravel numero de existencias preciosas, os moços que se destinem á humanitaria e nobre carreira da medicina.

Se outros interesses de grande monta não estivessem ligados a essa generosa idéa, bastaria este para tornal-a digna de exame e merecedora de realização.

Ahi fica ella».

(Do *Minas Geraes*, de 4 de julho de 1902).

Faculdade Livre de Medicina

Reunidos hontem, no salão da Junta Commercial, ás 7 horas da noite, os srs. drs. José Pedro Drummond, Salvador Pinto, Olyntho

Meirelles, Cicero Ferreira, V. Bhering e Benjamin Moss, resolveram tomar a iniciativa da fundação de uma Faculdade Livre de Medicina nesta Capital, para isso pedindo o concurso das municipalidades e empenhando o melhor dos seus esforços pessoaes.

Nessa reunião, foram largamente debatidas, em 2 ½ horas, os principaes assumptos que dizem respeito á fundação da Faculdade, sobre os quaes daremos amanhã circumstanciada noticia.

Ficou resolvido convidar-se o sr. dr. Prefeito, a imprensa local e as duas casas do Congresso Mineiro e medicos actualmente na Capital para uma reunião, que se realizará domingo proximo, á 1 hora da tarde, no edificio do Congresso, afim de resolver sobre as bases para a fundação da Faculdade.

A' reunião de hontem compareceram tambem o sr. dr. Gaspar Ferreira Lopes, deputado estadoal, e o representante desta folha».

(Do *Minas Geraes*, de 6 de julho de 1902).

Nesse mesmo dia, *O Commercio de Minas*, de Bello Horizonte, inseria, em sua columna de honra, o seguinte artigo, da auctoria de Aurelio Pires:

Faculdade de Medicina

Ainda bem que se agita de novo a idéa da creação de uma Faculdade de Medicina em nosso Estado.

Já era tempo. Todos quantos se interessam pelo bom nome e pelos creditos da administração mineira devem empenhar-se calorosamente pela realização desse *desideratum*

Idéa longamente acariciada pelo actual presidente do Estado, como provam as citações de trechos de seus relatorios, quando secretario do Interior, publicadas pelo *Minas Geraes* de hontem, acha-se a mesma lançada no manifesto com que elle se apresentou solicitando os suffragios do eleitorado mineiro.

Além de outras considerações sobre as necessidades do ensino publico, encontra-se, em sua circular de 24 de dezembro de 1897, o seguinte :

«Julgo de grande necessidade a fundação de uma Faculdade de Medicina, que será um grande serviço prestado aos mineiros, que encontrarão dentro das fronteiras do Estado, intellectualmente emancipado, toda a instrucção necessaria a seus filhos.»

Ora, estando prestes a terminar-se o seu mandato e havendo cessado, pelo menos em grande parte, os embaraços financeiros aos quaes s. exc. subordinou a realização deste e de outros compromissos contrahidos, tem toda opportunidade a promulgação

da lei da creação da Faculdade de Medicina, a qual, ao mesmo passo que virá satisfazer as aspirações legitimas do povo mineiro, será a chave de ouro com que se encerre o actual periodo presidencial.

Por outro lado, é mister que o congresso legislativo mineiro, ao findar o quatriennio, para que foi eleito, deixe em sua passagem uma esteira de luz, para que não se justifique a pécha de iconoclasta que já pésa sobre o mesmo, por só haver destruido o que possuimos em materia de ensino, nada deixando em substituição ao que supprimiram.

Quanto á exequibilidade da idéa, tem esta a seu favor a opinião dos competentes, mais de uma vez enunciada.

Certo, não se poderá, desde já, crear uma Faculdade de Medicina amplamente dotada e funccionando com o apparato das já existentes.

Todos os grandes emprehendimentos tiveram principio modesto, mesmo porque não se reproduz mais a lenda de Minerva sahindo apparelhada da cabeça de Jupiter.

Funde-se a Faculdade e, dentro em pouco, veremos a mesma prosperar e attingir o grau de belleza e perfeição que lhe auguram a amenidade de nosso clima e as tradições de ponderação, sisudez e criterio de que Minas tem dado tão sobejas provas.

Haja vista o incremento que, em tão poucos annos, adquiriu nossa *Escola de Minas*, fundada, a principio, sobre bases tão modestas. Haja vista a actual *Faculdade Livre de Direito*, hoje frequentada por avultado numero de alumnos, e tão bem reputada dentro e fóra do Estado.

Que se funde, pois, a Faculdade de Medicina, e todos quantos amam devéras a terra mineira applaudirão sem reserva e com ambas as mãos o acto daquelles que, dest'arte, hão de tornar-se credores da gratidão e do respeito de todos nós.»

O *Minas Geraes*, do dia seguinte (7), estampava em suas columnas a seguinte desenvolvida noticia:

«Faculdade Livre de Medicina

Conforme promettemos em nossa ultima edição, offerecêmos hoje aos leitores o *compte-rendu* da sessão ante-hontem effectuada pelos medicos da Capital, para a fundação da Faculdade Livre de Medicina.

Afóra os medicos presentes, cujos nomes já mencionámos, os outros residentes na Capital, que são os srs. drs. João Miranda e Gonçalves Ferreira, não se recusam a prestar a essa tentativa o auxilio que delles depender.

Está assim, *ipso-facto*, á frente do movimento a «Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia».

O sr. dr. José Pedro Drummond, que presidiu á reunião, fez o historico dos esforços por vezes empenhados por elle e outros medicos mineiros para a fundação de uma Faculdade Livre de Medicina no Estado de Minas.

Inspirado, sem duvida, pela Mensagem do exm. sr. dr. Affonso Penna, então presidente do Estado, e pelas palavras do relatorio do exm. sr. dr. Silviano Brandão, as quaes realçavam a necessidade de satisfazer esta nobre aspiração da familia mineira, completando o ensino superior do Estado, em 1893, o sr. senador dr. Virgilio de Mello Franco apresentou o projecto para creação de uma Faculdade, que por não estar de accordo com os moldes e regulamentos da Faculdade de Medicina, do Rio, mereceu do orador um substitutivo, que, muito impugnado por collegas, em cujo espirito se afigurava inviavel essa idéa, fosse por falta de cadaveres para o estudo anatomo-pathologico e para estudos de operações ou pela falta de um quadro nosologico para estudo clinico, o facto é que a opposição era forte e grande.

Assim combatido em primeira discussão, o orador não o quiz sujeitar a segunda, tão certo estava de que elle cahiria, e ainda se acha na respectiva pasta, muito embora tivesse occasião de verificar, pelo interesse que naturalmente lhe inspirou o assumpto, que o hospital de Ouro Preto offerecia numero conveniente de cadaveres para o estudo.

E de então para cá, não se lembra de outro projecto a não ser este...

O sr. dr. Cicero Ferreira :—Que está como a *Bella Adormecida* no Bosque.

—O sr. dr. José Pedro... pelo qual se esforçou pessoalmente, mas, debalde, dada a pertinacia com que 6 ou 7 dos seus collegas defendiam e sustentavam opiniões em contrario.

No fim do governo do sr. dr. Bias Fortes, o sr. dr. Henrique Diniz lembrou ao orador a conveniencia da apresentação de um novo projecto, que o então presidente do Senado, dr. Silviano Brandão, julgou melhor se deixasse para o proximo quatriennio governamental.

Uma vez feita a mudança da Capital, já em Bello Horizonte, o orador teve do exm. sr. dr. Silviano Brandão palavras de animação e de boa vontade para esse commettimento, que o anno passado, s. exc. dizia ser talvez possivel, modestamente embora, tornar realidade tempos depois, justamente agora.

Mas, de tal modo o Estado se viu assoberbado e constrangido pela situação financeira e outros embaraços, que á uma sobre elle desencadeiram, que por mais firme a sua vontade e vivazes os seus

desejos, não teve coragem, como mineiro e patriota, de ventilar esse projecto, que vae tomar nova feição, por caminho diverso.

Com a doença do sr. dr. Silviano Brandão, não se lhe deparou novo ensejo de lhe falar a respeito, depois que se notaram melhoras na situação geral do Estado.

Do interior de Minas, porém, onde, por egual e premente, a familia mineira sente a falta deste instituto de ensino, pelas constantes perdas que annualmente soffre no Rio, veiu agora uma offerta generosa accordar esse emprehendimento, que se os seus collegas o ajudarem, e se como elle estiverem dispostos a todos os sacrificios, apesar do Estado não poder ainda dar-lhes o preciso amparo, a Faculdade Livre de Medicina se fundará, e ha de ir por deante, como o foi a Faculdade Livre de Direito que planejada por essa fórma e por identica maneira inaugurada, prospera, graças á sabia iniciativa e o devotado apego do seu corpo docente.

O dr. Domingos Penna, conforme os seus collegas terão lido no «Minas Geraes», offereceu, em nome de seu municipio, a quantia de 20:000$000 para a Faculdade, e a Prefeitura da Capital, certo, entre os primeiros, secundará esse municipio.

Não é crivel, nem julgo alguem tão afoito a ponto de pensar que se trata da organização de uma Escola como a do Rio, que tem 67 doutores em medicina, 11 dentistas, 9 parteiros e 20 internos. Em conversa com o director do «Minas Geraes», que solicito se dispoz do modo mais gentil, a prestar-lhes o auxilio, externou o seu pensamento, quanto á possibilidade da fundação de uma Faculdade de Medicina, porém modesta, ensinando o estrictamente preciso e vasada em moldes diversos da do Rio de Janeiro.

Em Minas, nas condições actuaes, é materialmente impossivel a fundação duma Escola com 67 lentes, doutores em medicina, dos quaes 26 cathedraticos e 13 assistentes de clinica, preparadores e substitutos; repete isso, para que não se julgue que o orador deseja fazer obra de phantasia, porque elle quer projecto modesto para se fazer logo e praticamente.

Todo o apparatoso programma da Faculdade de Medicina, que o orador lê, na sua opinião, poderá ser reduzido a duas secções – clinica-medica e clinica-cirurgica, diminuindo assim, grandemente, o numero de cadeiras.

Em logar de 67, tendo 27, faremos perfeitamente o curso, sendo desses 21 cathedraticos e 6 substitutos.

E, considerando que a fundação da Faculdade de Medicina é um acto de patriotismo...

O dr. Olyntho Meirelles:—De urgente necessidade.

O dr. José Pedro... não será demais que os collegas se encarreguem provisoriamente de 2 cadeiras, ficando por esta fórma reduzido o numero a 13, o que não está fóra do campo do possivel.

Ora, a Escola de Pharmacia de Ouro Preto tem lentes em disponibilidade, possue quasi todos os gabinetes e laboratorios necessarios, que, como os primeiros, ficaram desaproveitados com a ultima reforma, os quaes, examinados em 1894 pelo orador, apresentavam excellentes condições.

Accresce que o governo tem permittido que a renda de 20:000$000, que essa Escola aufere, seja applicada em seu beneficio; logo, estes gabinetes e laboratorios, daquella data até hoje, devem estar muito melhorados.

Para inteira satisfação do Codigo do Ensino, caso se queira o reconhecimento da Escola pela União, faltam pequenos gabinetes, que se irão formando uns, de facil arranjos outros, excepção feita do de bacteriologia, que se poderá montar, não sendo isso, afinal, motivo que mereça importancia.

Lembrou-se, então, o orador de que o Congresso, reunido como se acha, pode votar uma lei auctorizando a transferencia da Escola de Pharmacia para aqui, e cedendo-a, annexando-a, ou que melhor nome tenha, á Faculdade de Medicina que, porventura, se montar.

Serão assim aproveitados os lentes, quer os que estão na actividade, quer os que a lei deixou em disponibilidade.

Nestes termos, e para esse fim, convocou a presente reunião, esperando as objecções dos collegas, para que explane melhor o seu pensamento, pois para outra cousa não se acham alli.

O dr. Benjamin Moss — acredita que a Faculdade precisa, para ser reconhecida, de lentes *doutores em medicina*.

O dr. José Pedro, está certo de que os pharmaceuticos das Escolas assim annexadas ou fundidas, continuarão a ser reconhecidos, porque, como no Rio, a Escola de Pharmacia deriva naturalmente da Faculdade de Medicina.

Os lentes da Faculdade são os que preleccionam na Escola de Pharmacia.

O sr. dr. Benjamin Moss: — Elles, para isso, têm capacidade.

O sr. dr. Olyntho Meirelles: — O Codigo do Ensino aqui os encontrou e os tem de respeitar, porque tinham direitos adquiridos.

O sr. dr. Cicero Ferreira: — Dada a fusão, serão reconhecidos os futuros pharmaceuticos, como o são agora, sendo ou não reconhecidos os medicos da Faculdade Livre, porque os lentes são os

mesmos e a engrenagem se move como antigamente, accrescida pela Faculdade de que a União tomará, ou não, conhecimento.

O sr. dr. José Pedro julga que não, porque, dada a fusão, desapparece a entidade moral — Escola de Pharmacia, portanto não serão reconhecidos uns nem outros, se a Faculdade o não fôr.

O sr. dr. Cicero: — Ha um meio de burlar a União: Minas terá sua escola, Rio Grande a tem, São Paulo vae ter; ora, estes Estados reconhecem os medicos sahidos das faculdades respectivas e, sem o *placet* da União, nelles exercerão a profissão.

E fica assim tambem burlada a lei que exige 67 doutores em medicina.

O sr. dr. Olyntho Meirelles: — No Rio Grande do Sul já se fundou uma Faculdade Livre de Medicina, que foi aliás reconhecida pelo Governo da União, e, lá como aqui, não acredita se houvesse conseguido o numero de doutores em medicina exigido para o corpo docente.

Logo, o melhor é pedir os estatutos e estudar a organização daquella para se fazer esta.

O sr. dr. José Pedro: — A proposta do dr. Olyntho Meirelles póde ser aproveitada, mediante um pedido aos srs. secretario do Interior ou ao ministro da Justiça.

O sr. dr. Benjamin Moss: — Não seria mau que um dos medicos presentes fosse até lá, para ver e observar o que fizeram, e o que podemos adoptar aqui.

No papel, a União póde estar satisfeita...

O sr. dr. José Pedro: — Com certeza, resumiram, como nós havemos de fazer, porque o assistente de clinica, por exemplo, o que vale, senão para crear difficuldades e gerar attritos entre elle e o lente da cadeira?

O dr. Cicero Ferreira: — Até aqui parece que estamos contando com a «pelle do urso».

Ninguem duvidará da sinceridade com que me proponho a trabalhar pela fundação da Faculdade Livre de Medicina.

Acho que, pugnando pela sua creação, agimos não como profissionaes, mas como paes de familia que somos, e nella vemos uma das mais palpitantes necessidades, porque os moços vão sendo dizimados no Rio ás porções, deixando os lares enluctados.

Essa reunião deve ser o inicio dum movimento, o ponto de partida para uma grande reunião, a que devem assistir os medicos da Capital e os que aqui estiverem, os deputados e senadores, que uns e outros exercem influencia nas suas localidades, reunião em que o compromisso de todos seja o penhor da fundação da Faculdade, e positivação de todos os votos.

A proposta do sr. dr. Domingos Penna é um incentivo que provocará o apoio das municipalidades, grangeando elementos seguros para a manutenção da Faculdade Livre de Midicina.

O «modus faciendi», ao contrario do que se está resolvendo nesta reunião e contra a proposta do seu illustrado collega dr. Olyntho Meirelles, o orador deixaria para depois, porque é a unica, a primordial questão do momento, buscar os recursos...

O sr. dr. Olyntho Meirelles: — «Pas d'argent, pas de suisses».

O sr. dr. Cicero... indispensaveis para emprehender e concluir esse projecto, que, sem duvida, o povo mineiro vae amparar com o seu peculiar acolhimento.

Medicos que somos, conhecendo o Codigo do Ensino e tendo perlustrado todo o curso, familiares á organização da Escola que frequentámos, não nos custa tratar amanhã, ou depois, da economia da Faculdade, desse capitulo — detalhe, que, por ora, pouco adeanta.

Quer uma reunião em que largamente se debatam as principaes questões, attinentes á manutenção da Faculdade, pesando-se os pró e os contra, vendo-se, emfim, como e quando se póde tornar realizada essa idéa, a que hypotheca o melhor do seu apoio.

Pede, portanto, se nomeie uma commissão para fazer os convites e se marque o dia da reunião.

Devem ser convidados quantos possam efficazmente cooperar para o estabelecimento da Escola, e a reunião deve ser o quanto possivel ampla.

O dr. Salvador Pinto: — Sem discordar da proposta de uma grande reunião, como quer o dr. Cicero Ferreira, acho que é preciso encarar se outro que não o lado financeiro.

Sem os elementos e condições precisas, sem saber com o que se pode e deve contar no tocante á parte technica, por hypothese, não obstante sobrar o dinheiro, a Faculdade seria inexequivel.

Antes, será preciso ver os elementos de que carecemos, se a Faculdade é possivel em nosso meio e depois para elle pedir os recursos que a sustentem. Esta reunião vae, no seu modo de entender, prestando serviços e não haveria mal que fossem feitas uma ou duas mais, antes da grande reunião, para, na intimidade dessas confabulações, prevenir e organizar as bases com que nos devemos apresentar perante aquelles que vão sagrar o nosso esforço, porque está certo de que a população da Capital acolherá, como o povo de Minas, sympathicamente, a idéa.

O dr. Cicero: — Antes de nos reunirmos, sabiamos que a creação da Escola era possivel; portanto, se organizarmos regulamentos, distribuirmos cadeiras, etc., e não acharmos recursos, e as municipalidades não puderem vir ao nosso encontro, prestando-nos braço forte?

O dr. Olyntho Meirelles:—Havendo recurso, está fundada a Faculdade.

O dr. Cicero:—Se as 134 camaras que temos no Estado concorrerem com 2:000$000, está creada a Escola.

O dr. Salvador:—Esta questão virá depois, reclamando agora discussão as medidas de que iamos tratando.

O dr. Cicero Ferreira:—Antes de tudo é preciso saber com que havemos de mover a Faculdade, cogitando-se dessas questões nas nossas pequenas reuniões da sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia.

O dr. José Pedro:—Discorda do dr. Cicero, porque, discutidas essas medidas primordiaes, se tratará do resto mais tarde.

Os municipios entram com a quota para o edificio á razão de 2:000$000; o Estado fornece além dos 40:000$000, que actualmente dá para a Escola de Pharmacia, uns 100:000$000 mais por que ficará livre desse encargo que lhe pesa com a fusão dessa Escola na Faculdade de Medicina.

O dr. Cicero:—Os municipios darão 2:000$000 annualmente?

O dr. V. Bhering:—Não crê que elles façam isso: concorram, e não é pouco, com 2:000$000 para o edificio, e a Faculdade há de viver pelo sacrificio do seu corpo docente.

Ella vingará se se fizer tudo de accordo com o que houve para a fundação da de Direito.

O dr. Cicero:—Ainda ha pouco, falando ao sr. Jovelino Mineiro, soube que a Escola de Pharmacia com pequeno augmento de lentes e laboratorios se presta perfeitamente para a Faculdade de Medicina. Lentes não precisam ser doutores em medicina, porque haja vista a Escola de Pharmacia, onde homens como W. Schwacke, que é um botanico afamado e realmente notavel, e o sr. Jovelino Mineiro professam suas especialidades com a maestria que difficilmente se encontrará.

O dr. Bhering:—Precisamos crystallizar os nossos modos de ver e os nossos intuitos em resoluções, dizendo o que pretendemos, para se expôr e pedir nessa grande reunião.

Do contrario, acontecerá o que tem acontecido á «Enfermaria Ferreira de Araujo», em cuja edificação estão todos, aliás, accordes.

E' facil convencer quando a gente se acha convencida, mostrando claramente o que quer.

O dr. José Pedro:—Conta a vida precaria da Faculdade de Direito nos principios, em que os lentes entravam, do seu bolso, com o sufficiente para manter a Secretaria, e disse que si os collegas, como antes pediu, se manifestam dispostos a todos os sacrificios, confiante, fará outros convites, para o corpo docente.

Lembra-se de alguns, que, por estarem muito proximos á Capital, como o dr. Sepulveda, de Sabará, e alguns mais que para

aqui transferem breve sua residencia, como os drs. Cornelio Vaz de Mello e Gomes Freire de Andrade, e, finalmente, dos lentes em disponibilidade, como os drs. Claudio A. B. de Lima, Syzinio Pontes, Magalhães Gomes e João Velloso, não se pouparão a trabalhos para vir para aqui, com semelhante fito; conjunctamente com os medicos da Capital, formarão o corpo docente da Faculdade Livre de Medicina.

E isto fez, tomou esses alvitres, porque não acredita que se animem a mandar propôr a lentes do Rio ou medicos preparados dali ou do interior para participar d'um sacrificio, que a esses outros talvez custe menos.

E assim, o Estado, fornecendo os apparelhos, laboratorios etc., tendo o predio feito pelos municipios, depois se constituirá o corpo docente da melhor fórma que se puder.

O dr. V. Bhering: — A sua desillusão é completa a respeito de tudo que nasce grandioso.

S. Paulo, na sua opinião, porque a tem querido faustosa e cheia de apparato, não obteve até agora a Faculdade de Medicina.

Cumpre fundar a Faculdade, ver restrictamente o que se deve pedir, reclamar dos municipios e do Estado o que a elles fôr facil e deixar o resto á conta da perseverança e do esforço dos fundadores.

O dr. Salvador Pinto: — O nosso collega dr. Bhering referiu-se á fundação da Faculdade de Medicina de S. Paulo, que lhe inspira o receio de, uma vez inaugurada aquella, a nossa não floresça, pela pequena frequencia que ha de ter.

Os drs. Olyntho. e Cicero pensam que uma não depende de outra

O dr. José Pedro: — Entende que os 13 lentes fundadores devem ficar com duas cadeiras, porque desse onus presente advirá a vantagem de se poder escolher um corpo docente habilitado.

E não teme, pela sua parte, como já tem ouvido por ahi, a falta de cadaveres para o estudo, porque o manequim, observado como deve ser, produz outro resultado, sendo feito o estudo nos cadaveres, quando os alumnos conhecerem bem o manequim, e assim o estudo de anotomia descriptiva será concluido satisfactoriamente.

Fica, por outro lado, resumido muito trabalho em pura perda.

Demais, ha 21 annos passados se conservava um cadaver 10 e 12 dias; hoje que se tem novos meios...

O dr. Olyntho Meirelles — Como o formol.

O dr. Cicero Ferreira: — E as camaras frias.

O dr. José Pedro... se prolongará esse prazo muito mais.

O campo clinico se deve limitar aos casos communs, variados, de toda hora, porque os casos extraordinarios que nos apre-

sentaram nas Escolas raro nos aproveitarão e muito menos se nos deparam na clinica.

Confesso sem vexame que, formado de pouco, tratei de um doente de sarampo, como se elle estivesse de bronchite.

O dr. V. Bhering, corroborando, em aparte, as asserções do dr. José Pedro, diz que na Europa assistiu um facto digno de nota: dois moços, um francez e outro russo, de visivel competencia este e que conhecia toda a operação a fazer, teve de ceder o logar ao francez, quando se fez a sutura da ferida operatoria, o que prova a necessidade de descer ao terra á terra em que o medico moureja diariamente, esposando assim a opinião ha pouco manifestada.

Não colhem, continuou o dr. José Pedro, os motivos porque em 1884, alguns collegas affirmaram que fariamos *medicos estaduaes*, porque admittimos os extrangeiros, que ás vezes sem competencia nem escrupulo, desconhecem as condições climatericas e nem as procuram observar.

Ficam, portanto, arredados os tropeços que se lhes pudessem oppôr, e deliberando fundar a «Faculdade Livre de Medicina», constituindo-se os medicos presentes em commissão para se dirigir aos municipios e fazer o convite para a grande reunião, que se effectuará domingo, á 1 hora da tarde, na Camara dos Deputados, sendo, para isso, dirigida á imprensa local, ás duas casas do Congresso, ao sr. dr. Prefeito e aos medicos que estiverem nessa occasião na cidade, a seguinte circular, que, redigida pelo dr. Moss, será subscripta pelos presentes:

«Exmo. sr. — Resolvidos a organizar nesta cidade uma Faculdade Livre de Medicina, tomamos a liberdade de convidar a v. exc. para comparecer a uma reunião que se deve effectuar domingo, 13 do corrente, á 1 hora da tarde, na sala da Crmara dos Deputados, afim de tratar-se das bases de sua fundação».

A sessão terminou as 9 1 2 da noite.

Muito penhorados, registramos as expressões elogiosas com que a classe medica da Capital, ante-hontem — durante a sessão, por vezes, se referiu ao nosso director, sr. F. Bressane, que alli se achava representado pelo nosso companheiro Assis das Chagas.

Ouvimos dos medicos presentes palavras de sincero dó pelo traspasse do moço mineiro José Maria Ribeiro de Castro, quartanista de medicina, que foi, ha dias, victimado no Rio pela febre amarella, conforme noticiámos.

«E' ainda um doloroso estimulo, na phrase de um dos medicos presentes, para que a Faculdade Livre de Medicina se funde e quanto antes».

(Do «Minas Geraes», de 7 de julho de 1902).

— A 10 de julho de 1902, distribuiu-se profusamente, pelas ruas de Bello Horizonte, o seguinte boletim:

«MEETING

Convida-se a mocidade de Bello Horizonte, e o povo em geral, para se reunirem em MEETING, hoje, ás 7 e meia horas da noite, junto ao Theatro Soucassaux, afim de manifestarem a sua adhesão á grandiosa idéa da fundação de uma Faculdade Livre de Medicina nesta Capital.

Espera-se o comparecimento de todos, visto tratar-se de uma medida de necessidade palpitante e que traduz o engrandecimento e o progresso do nosso Estado.

Bello Horizonte, 10—7—1902.

A COMMISSÃO».

O «Minas Geraes», desse dia, publicou a seguinte noticia:

«Academicos e preparatorianos reunem-se hoje, ás 7 e meia horas da noite, nas immediações do theatro Soucassaux, afim de deliberarem sobre a attitude a tomar em presença da idéa da fundação de uma Faculdade Livre de Medicina nesta Capital».

O «Commercio de Minas», da capital, inseriu, egualmente, a seguinte local:

«A mocidade de Bello Horizonte, querendo manifestar a sua valiosa adhesão á idéa que actualmente se agita, de fundar, nesta cidade, uma Faculdade de Medicina, promove para hoje, ás 7 horas da noite, no theatro «Soucassaux» um animado *meeting* em que, além de outros oradores, se farão ouvir os drs. Prado Lopes, Aurelio Pires e Antonio Braga».

Este mesmo jornal, sob a epigraphe «Faculdade de Medicina», publicou, nesse mesmo dia, o seguinte artigo de fundo, da lavra de Aurelio Pires:

«Vae seguindo caminho de realização proxima a idéa da creação de nossa *Faculdade de Medicina*.

Lançada pela imprensa local, sob inspiração de alguns conterraneos cheios de amor pelo nosso progresso e adeantamento, foi esta idéa, em boa hora, apropriada por illustres clinicos desta Capital, os quaes se reuniram, a cinco do corrente, para accordarem sobre o modo pratico de levarem por deante tão util emprehendimento.

Do que se passou nessa primeira reunião, já estão inteirados nossos leitores pelas noticias publicadas.

Em segunda reunião, que se revestirá de caracter mais solemne, e que se effectuará no domingo proximo, serão lançadas as bases definitivas desse novo instituto de educação, que virá remediar a uma das necessidades mais prementes que ainda pesam sobre nosso Estado, em materia de ensino.

Não se trata de uma questão que virá interessar sómente a certa determinada zona. Os beneficios redundantes da «Faculdade» que se pretente fundar irão espalhar-se por todo o Estado, o qual não só verá firmar-se sua autonomia intellectual, como se libertará desse pesado e doloroso imposto de vidas annualmente pago ás epidemias reinantes no Rio de Janeiro, por filhos queridos desta terra que alli vão conduzidos pelo amor ardente de se fazerem apostolos da religião, que tem por culto proteger a saude de seus similhantes.

O assumpto que ora se debate é da ordem daquelles que se impõem por sua propria magnitude.

E' imprescindivel, pois, que todos os mineiros verdadeiramente patriotas se congreguem em torno dos promotores de tão louvavel idéa, secundando-lhes os esforços, amparando-os em seus desfallecimentos e facilitando-lhes meios de converterem em brilhante realidade o plano gigantesco que se desentranhará em resultados proficuos. E, mais do que tudo, que os poderes publicos, cuja investidura foi delegada em nome do povo e para bem servirem ao povo, não consintam que se mallogre tentativa tão auspiciosa, á mingua de apoio e de auxilios indispensaveis em taes occasiões.

O Estado do Rio Grande do Sul já possue uma excellente «Escola de Medicina», devida á iniciativa particular, porém largamente patrocinada pelo governo, si bem que de um modo indirecto.

No Estado de S. Paulo funcciona com admiravel regularidade e bem firmados creditos uma «Escola de Pharmacia», nas mesmas condições e optimamente organizada, a qual, por todo este anno, segundo nos informam, será transformada em «Escola Medica». O remoto Estado do Pará cogita actualmente, e com seguras condições de exito, da fundação de uma «Faculdade Livre de Medicina».

Deixar-nos-emos distanciar por esses Estados, nós que, ainda ha pouco, serviamos de modelo a todos elles, em questões de instrucção publica?

Tal não acontecerá, estamos certos, por honra de nossos creditos de povo culto e progressista.

E' esta, pelo menos, nossa convicção. Oxalá que ella se radique com a mesma intensidade no espirito de quantos zelam pelos fóros que tanto nobilitam nosso Estado, e dos quaes, com bem justificados motivos, tanto nos desvanecemos!»

Os jornaes do dia seguinte noticiavam a realização do «meeting» annunciado, nos seguintes termos:

"Faculdade Livre de Medicina

No meio do maior enthusiasmo realizou-se hontem, á noite, um «meeting», promovido pela mocidade academica, para a fundação da Faculdade Livre de Medicina neste Estado, ao qual compareceu grande parte da população da Capital.

Precedida da banda de musiça da Brigada, a grande massa popular que se reuniu em frente ao theatro Soucasaux e foi até o fim, 9 1/2 da noite, percorreu as ruas da Capital, aos vivas aos que têm cooperado para a realização desse generoso «desideratum» e aos altos poderes do Estado, pela sua attitude e animação, secundando os nobres esforços da Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia.

Entre outros oradores, foram ouvidos os srs. pharmaceutico Aurelio Pires, drs. Prado Lopes e João Luiz, do «Diario de Minas», pharmaceutico Antonio Braga e os academicos Alvaro Vianna, J. Neves, do «Commercio de Minas», sr. João Camelo e academicos Navantino Santos e Auto Sá.

Respondendo ás saudações que lhe foram dirigidas e ao appello que lhes fez o povo, reunido em frente ás suas residencias, falaram os srs. dr. Costa Sena, vice-presidente do Estado em exercicio, dr. David Campista e senador Antonio Martins, os quaes prometteram os seus esforços em proveito da generosa idéa, justa aspiração da familia mineira.

Desta redacção, em resposta á saudação feita ao nosso director, então ausente, falou o nosso companheiro de trabalhos academico Nelson Baptista.

A' reunião presidiu a melhor ordem, salientando-se o ardor e patriotismo da mocidade, que dá, assim, uma nova prova do seu acrysolado affecto á terra mineira, por cuja emancipação intellectual pugna com a proverbial galhardia. A essa reunião compareceram representantes de todas as classes. Pelo «Minas Geraes» assistiu á reunião o nosso companheiro Assis das Chagas.» (Do «Minas Geraes», de 11 de julho de 1902).

"Meeting"

«Foi extraordinariamente concorrida a manifestação publica que os estudantes promoveram hontem em favor da creação de uma Escola de Medicina nesta capital.

A' hora aprazada, em frente ao theatro Soucasaux, reuniu-se grande massa de povo, na sua maioria composta de academicos, preparatorianos e lentes de diversas escolas, fazendo-se ouvir o

illustre professor Aurelio Pires, que em bello discurso, traduziu o pensamento dos promotores do «meeting», fazendo a apologia da grandiosa iniciativa, que, a seu ver, era tempo de realizar-se em Minas, para sua emancipação intellectual.

Os manifestantes percorreram as ruas centraes da capital, parando nas redacções dos jornaes, á porta do Grande Hotel, e em frente á casa de residencia do sr. dr. Costa Sena, vice-presidente do Estado.

Durante esse percurso, fizeram-se ouvir muitos oradores: o dr. Prado Lopes, saudando ao *Diario de Minas* e dr. João Luiz Alves, agradecendo em nome dessa folha; dr. Silva Braga, perante o vice-presidente do Estado, que respondeu declarando que as difficuldades financeiras de Minas tem até então retardado a creação da Academia de Medicina, na sua opinião uma idéa generosa e humanitaria; prometteu todos os seus esforços pela sua proxima realização, esperando que o futuro governo não deixará de protegel-a e terminou com uma saudação ao dr. Silviano Brandão, e á mocidade academica. Ao academico Alvaro Vianna respondeu o dr. Campista, manifestando-se favoravel á idéa.

O academico Auto Sá saudou ao sr. senador Antonio Martins, presidente do Senado, que respondeu pondo francamente á disposição dos iniciadores os seus esforços e serviços, quer como homem publico, quer como homem particular.

O academico Navantino Santos falou em frente da Imprensa Official saudando o seu director, que, estando ausente, foi representado pelo academico Nelson Baptista, agradecendo em seu nome a saudação.

Em frente ao nosso escriptorio, falou o nosso collega de imprensa João Camelo, saudando-nos pela attitude que assumimos em prol da creação da academia de Medicina. Por esta folha respondeu o nosso companheiro José Neves que confirmou o apoio franco desinteressado e espontaneo do *Commercio*, para secundar tão patriotica iniciativa.»

(Do *Commercio de Minas*, de Bello Horizonte, de 11 de julho de 1902.)

«Faculdade de Medicina

Publicamos hoje, na integra, o discurso pronunciado pelo illustre professor Aurelio Pires, na manifestação popular em favor da creação da Faculdade Livre de Medicina, o qual foi stenographado pelo academico Salomão de Vasconcellos:

O SR. AURELIO PIRES:—Meus senhores! Bem poucas vezes, uma reunião publica tem-se revestido de caracter tão eloquente como a que hoje se realiza. Quando a alma popular vibra tão in-

tensamente, é que a idéa que a impelle é elevada e concretiza as aspirações da collectividade.

O sentimento que ora nos inspira e a cujo influxo obedecemos com enthusiasmo tão sincero e tão geral, é da ordem daquelles que avassallam as consciencias, conquistam os corações, arrebatam os espiritos, destroem as resistencias, superam os obstaculos, para, afinal, pompearem as glorias do seu triumpho ao sol rútilo e purissimo das causas vencedoras (*Muito bem!*)

Senhores! Desde longa data, a patria mineira acaricia uma aspiração sublime:—a de fechar o circulo dentro do qual se encerram os grandes problemas do saber humano. Uma longa solução de continuidade tem, até hoje, impedido que se approximem as extremidades da grandissima curva que circumscreve a vasta zona luminosa, á conquista da qual os espiritos se atiram, sedentos e vorazes, no afan de quem padece fome e sêde de verdade.

Para satisfazerem, em parte, a essa dupla necessidade incoercivel, muitissimos dos nossos patricios têm corrido a regiões inhospitas e ingratas; e dezenas—que digo eu!—e centenas delles lá têm ficado, devorados pelo Minotauro terrivel, cujo halito pestifero nos tem crestado tantas esperanças em flor, cujos pés impiedosos têm esmagado talentos tão robustos, promessas tão bem fundadas! (*Muito bem!*)

E' tempo de erguermos bem alto o nosso grito de angustia; de atroarmos, com o rumor das grandes aguas, todo este vasto territorio mineiro. E que este grito repercuta por todas estas quebradas, e que esses clamores abalem todos os corações, dizendo-lhes, em nome dos que se foram e em nome dos que hão de vir, a grande, a inadiavel, a imperiosa necessidade que sentimos de uma Faculdade de Medicina em nosso Estado (*Muito bem!*)

Sim! devemos e podemos tel-a (*apoiados*), e havemos de tel-a. (*Apoiados*). Havemos de tel-a, porque a idéa da sua creação já se radicou profundamente em todos os espiritos, já sahiu do dominio das concepções abstractas, já transbordou dos cerebros dos que a acalentavam, e veiu para a praça publica, porque ella é uma necessidade publica. (*Muito bem! Palmas.*)

Nem se diga, senhores, com uma modestia que seria irrisoria, se não fôra perfida, que nos faltam os elementos indispensaveis para a fundação da mesma. Nem se diga que não possuimos aqui campo bastante vasto onde se possa aprender «a sciencia que ensina a prolongar a vida, combatendo as molestias e protegendo a saude». Essa evasiva tem apenas servido para procrastinar a solução desse problema, que ha de ser resolvido, uma vez que nelle se concentrem esforços persistentes e vontade firme.

O povo mineiro, senhores, é generoso e patriota; elle sempre tem sabido amparar as grandes iniciativas. Pois bem: faça-

mos mais um appello a essa generosidade nunca desmentida, a esse impulso de amor ao progresso; dirijamo-nos ao nosso Estado, por meio de subscripções populares, e, em breve, se erguerá, pomposo e magnifico, o templo da sciencia, para cuja construcção vamos todos trabalhar. (*Apoiados; muito bem!*)

Senhores, o fallecido dr. Francisco de Castro, que foi e será sempre uma gloria da medicina brasileira (*apoiados*), disse, um dia, em uma das suas mais notaveis peças oratorias: «O desenvolvimento das sciencias não conta maior tropêço que esse que lhe contrapõe o espirito rotineiro. Elle é a encarnação da inercia, a glorificação do marasmo, a apologia das aspirações retrogradas, o symbolo da opposição á luta cerebral na concurrencia moderna.»

Guiados por esse espirito tão lucido, reajamos tambem contra a rotina que nos enerva o espirito e atrophia nossos mais caros idéaes.

Vamos daqui, ligados todos pela solidariedade de uma necessidade commum, animados do mesmo espirito e das mesmas esperanças, solicitar, para a fundação da Faculdade de Medicina Mineira, o apoio de quantos possam patrocinal-a com o prestigio de seu nome, com o poder de sua penna, com o valor de sua palavra.

E é tão segura a certeza que tenho de que todos esses esforços hão de germinar, florir e fructificar, que, desde já, vos convido a erguermos um *viva*, repassado de todo o enthusiasmo das convicções sinceras:

VIVA A AUTONOMIA INTELLECTUAL DO ESTADO DE MINAS GERAES !!

(*Muito bem! Muito bem! Vivas e estrepitosos applausos cobrem as ultimas palavras do orador, sendo este vivamente felicitado e abraçado por muitas pessoas do povo e medicos presentes*).

(Do *Commercio de Minas*, de 13 de julho de 1902).

O *Diario de Minas*, editado em Bello Horizonte, estampou, a 12 de julho de 1902, sob a epigraphe *Actualidade*,—o seguinte criterioso artigo escripto pelo malogrado jornalista mineiro Augusto Franco, que, modestamente, se occultava sob o pseudonymo *Aufra*:

«A questão do momento em a nossa Capital é a da fundação da Faculdade Livre de Medicina.

A idéa, bella e impolgante que é, já se apoderou de todos os espiritos esclarecidos, já prendeu a attenção de todas as mentalidades cultas.

O enthusiasmo pela execução immediata da excellente iniciativa, que preoccupa agora as camadas superiores da nossa adeanda sociedade, vai-se communicando a todos que tomam serio interesse pelo futuro intellectual da patria mineira.

Não são apenas os medicos e os pharmaceuticos, sem duvida mais intimamente ligados ao ardoroso movimento, que a elle emprestam as luzes de sua palavra competente e os esforços fructiferos de sua acção prompta e disposta a coadjuvar as aspirações geraes. O movimento é da totalidade dos individuos pensantes no cultivado meio horizontino.

Começando pelo honrado e sabio dr. vice-Presidente de Minas até aos proprios estudantes de Direito, sendo que estes ultimos, pela propria natureza de sua brilhante carreira, deveriam necessariamente ser contrarios á idéa da Faculdade Medicina, ou, pelo menos, de certo modo indifferentes a ella; começando, como disse, pelo chefe do Estado e passando por escala os homens de influencia e de prestigio pelo saber e posição, vemos que não ha dous modos de pensar quanto á necessidade imperiosa e imprescindivel de se levar a effeito tamanho commettimento, de se transformar em ultima realidade tão futurosa iniciativa, de se attingir, por meios quaesquer, objectivo tão nobre, tão humano, tão almejado.

No seu ponderado discurso—castigado na forma impeccavel e conceituoso no fundo, especialmente pela sinceridade das expressões—, o illustre professor Aurelio Pires, dos dignos oradores o unico que me foi dado ouvir, em phases que, com justiça, arrebataram o povo, fez considerações de tão elevado peso a proposito da attrahente questão, que pareceu não deixarem as suas vibrantes e eloquentes palavras a minima, a mais tenue duvida no espirito dos conterraneos sobre a exequibilidade da grandiosa idéa.

Não sei até que ponto se poderá avançar a affirmativa de que, realmente, nada ha a temer quanto á viabilidade do patriotico emprehendimento, com cuja realização todo o nosso glorioso Estado espantosamente lucraria.

A questão, porém, com ser de magna importancia, não está isenta de, talvez por isso mesmo, ir deparando em seu curso difficuldades duras de vencer, impecilhos resistentes demais para se arredarem facilmente, embaraços por demais fortes, que, em dado instante, poderiam offerecer energia de tal arte invencivel que se não conseguiria arredar, nem mesmo com dispendio de grandes forças. E, então, a cruzada heroica teria forçosamente de retroceder, os guieiros do tentamen desacoroçoariam antes do fim da viagem, o calor enthusiastico pelo resultado positivo da extraordinaria empresa arrefeceria e tudo seria, infelizmente, negativo no terreno pratico e concreto.

Ninguem veja, todavia, no meu dizer qualquer sombra de augurio ao fracasso da idéa, pois os meus votos mais ardentes, mais intimos e mais do coração, como jornalista e, sobretudo, mi-

neiro, tendem no sentido de que tenhamos muito em breve a Faculdade Livre de Medicina em Bello Horizonte.

Ainda posso garantir mais. Esses votos, de caracter essencialmente cordial, seriam mesmo para que possuissemos a *Universidade Livre de Minas* com séde nesta Capital.

Sou, portanto, insuspeito para falar. Mas acho que emprehendimentos gigantescos, como este de que se cogita assim com tanto fervor, não são, sahidos do dominio abstracto para o terreno da pratica, de tão prompta exequibilidade como a varios espiritos lucidos se afigura.

E' verdade que, em contraposição a differentes circumstancias e não poucos motivos que se nos apresentam como guerreando as nossas mais fagueiras aspirações, dispomos, para os combater e derrotar, de diversos elementos poderosos, cada qual mais forte para nos auxiliar nas luctas incruentas pelos ideaes alevantados.

Entretanto, ha um elemento — e agora generalizo o caso e o applico aos brasileiros em massa — ha um elemento, de que não dispomos: é a tenaz perseverança, que tanto distingue os inglezes e lhes deu essa supremacia quasi absoluta no mundo das conquistas e das realidades.

O mineiro póde constituir, sem duvida, uma excepção, ou, melhor, a constitue de facto. Por isso, talvez se não dava com precisão applicar ao nosso caso especial a regra, que, com relação aos nossos patricios, é, por assim dizer, geral, sob certo ponto de vista.

E, exactamente por essa razão, não vacillo em acreditar que vá por deante a installação da falada Escola, tanto mais quanto, si não nos é caracteristica a tenacidade ingleza, nol-a é, por outro lado, a tenacidade *mineira*, e esta, por ventura, vale mais, ao menos para nós, do que a *outra*».

A 11 de julho desse mesmo anno (1902), o *Minas Geraes* publicou a seguinte noticia:

«Assignada pelos srs. drs. senador José Pedro Drummond, Benjamin Moss, Cicero Ferreira, Olyntho Meirelles, Salvador Pinto e Virginio Bhering, recebemos hontem uma circular convidando-nos para comparecer a uma reunião que, como já noticiámos, se effectuará no proximo domingo, á 1 hora da tarde, na sala das sessões da Camara dos Deputados, afim de se tratar das bases de organização da projectada Faculdade Livre de Medicina».

O resultado dessa reunião, realizada a 13 de julho, foi verdadeiramente lastimavel.

Verificou-se, com desalento profundo e intensa magua, que o plano grandioso, que despertára enthusiasmos tão generosos e dedicações tão abnegadas, não se achava, ainda, sufficientemente amadurecido no espirito das classes dirigentes.

O mallôgro da reunião convocada, aliás sob auspicios tão promissores, transparece das seguintes noticias dos jornaes da época:

«Conforme estava annunciado, realizou-se hontem, na sala das sessões da Camara dos Deputados, a reunião convocada por diversos membros da Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia, desta Capital, tendo comparecido diversos congressistas, o sr. dr. Prefeito, medicos, advogados, engenheiros, pharmaceuticos, estudantes, representantes da imprensa e outros cavalheiros.

Ladeado pelos srs. drs. Olyntho Meirelles e Benjamin Moss, secretarios da Sociedade de Medicina, o sr. Senador José Pedro Drummond presidente da mesma Sociedade, assumiu a presidencia e expoz os fins da reunião.

Oraram diversos cavalheiros, não se tendo tomado nenhuma deliberação».

(Do *Minas Geraes*, de 14 de julho de 1902).

«Conforme em tempo annunciámos, realizou-se ante-hontem no salão do Congresso a sessão convocada pela Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia para o fim de se tratar da fundação da Faculdade Livre de Medicina, nesta Capital.

A despeito do grande numero de convites expedidos, foi diminuto, insignificante mesmo, o numero dos presentes.

O dr. José Pedro expoz os fins da sessão, tendo-se feito ouvir tambem diversos oradores.

Infelizmente, nenhuma resolução definitiva se tomou, a não ser que se solicitasse do Congresso a transferencia da Escola de Pharmacia para esta Capital afim de ser doada á projectada Faculdade de Medicina, logo que esta se organize definitivamente.

A imprensa local, como sempre, esteve representada».

(Do *Commercio de Minas*, de 15 de julho de 1902).

Esse insuccesso, todavia, não intibiou a fé dos propagandistas da idéa, como se verifica das seguintes locaes, então publicadas:

«Com avultado numero de socios, celebrou hontem a *Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia* uma sessão ordinaria, na qual foram relatadas interessantes observações clinicas, feitas por illustres medicos, membros da mesma.

Como nota caracteristica, agitou-se, mais uma vez, no seio daquella douta corporação a idéa da fundação da *Faculdade Livre de Medicina*, ficando resolvido fazer-se um appello a diversos medicos residentes em differentes pontos do Estado, pedindo-se-lhes seu concurso e apoio para a realização de tão patriotico emprehendimento. Resolveu-se, outrosim, dirigir-se á *Sociedade de Medicina* ao exmo. sr. dr. Silviano Brandão, no sentido de collocar-se a futura *Faculdade* sob o patrocinio desse illustre mineiro que se tem revelado, em diversas épocas, um dos mais fervorosos adeptos da mesma, sendo o nome delle lembrado, com applausos, para primeiro director da futura *Faculdade*».

(Do *Commercio de Minas*, de 16 de julho de 1902).

Sociedade de Medicina e Cirurgia

Realizou-se ante-hontem a XXVI sessão ordinaria da *Sociedade de Medicina e Cirurgia*, comparecendo grande numero de socios.

Presidida pelo sr. dr. José Pedro Drummond, secretariado pelos srs. dr. Benjamin Moss e pharmaceutico Aurelio Pires, oraram o sr. dr. Benjamin Moss, que apresentou um trabalho sobre modalidades da influenza, e um appello á Sociedade para que se manifeste sobre a incompatibilidade da associação do calomelanos ao bicarbonato de sodio, o sr. dr. Sepulveda sobre apresentação de indicação de amputação pelas feridas de arma de fogo com fractura, os srs. dr. Cicero Ferreira, Salvador Pinto, José Pedro e Cornelio Vaz de Mello sobre a creação da Faculdade de Medicina Livre em Bello Horizonte.

A Sociedade elegeu uma commissão composta dos drs. Cicero Ferreira, pharmaceuticos Aurelio Pires e F. Mendonça para elaborar um parecer sobre a questão aventada pelo sr. dr. Moss.

Com relação á idéa da creação da Faculdade de Medicina, ficou resolvido fazer-se um appello a diversos medicos residentes em differentes pontos do Estado, pedindo-se-lhes seu concurso e apoio para a realização de tão patriotico emprehendimento.

Resolveu-se, outrosim, dirigir-se a *Sociedade de Medicina* ao exmo. sr. dr. Silviano Brandão, no sentido de collocar-se a futura Faculdade sob o patrocinio desse illustre mineiro, que se tem revelado, em diversas epochas, um dos mais fervorosos adeptos da mesma.

O nome de s.exc. foi lembrado para director do futuro estabelecimento».

(Do «Minas Geraes», de 17 de julho de 1902).

Começou, então, na imprensa da Capital e do interior um grande movimento de opinião, na sua maioria favoravel á creação da Escola de Medicina, havendo, tambem, como era natural, vozes dissonantes, prestemente abafadas pelo côro altisono dos partidarios da remontada idéa.

Nos artigos que se seguem, ver-se-á como foi intenso e como foi sincero tal movimento.

O «Commercio de Minas», de Bello Horizonte, em edição de 17 de julho de 1902, publicou a seguinte carta, não assignada, mas de auctoria de Aurelio Pires:

Sr. redactor.—Em uma local de vosso bem orientado jornal de hoje, lastimastes, com justo motivo, não haver-se tomado resolução alguma definitiva na reunião a que se procedeu no domingo ultimo, para se tratar da fundação da Faculdade Livre de Medicina.

Mais uma vez, déstes prova do ardor com que propugnaes o interesse publico.

Na verdade, é para extranhar-se que uma idéa tão geralmente acceita, e que virá satisfazer a tantas aspirações e remediar tantas necessidades, tivesse tido aolhimento tão pouco lisonjeiro, da parte daquelles que tanto poderiam impulsional-a,—como são os illustres represntantes do Estado no Congresso Mineiro. Estes, como vistes, nessa reunião brilharam... pela ausencia; e os poucos que lá compareceram, mantiveram uma reserva tão impenetravel, que seria capaz de arrefecer o enthusiasmo dos promotores da idéa, si elles não tivessem o calor vivaz e a fè ardente dos apostolos.

Estamos, entretanto, certos de que essa falta será reparada, por occasião de lhes ser feito o pedido de transferencia da Escola de Pharmacia de Ouro Preto para esta Capital,—condição *sine qua non* da creação da Faculdade de Medicina.

Nem é de suppôr-se que este projecto repugne aos amigos de Ouro Preto, que somos todos nós. A velha e tradicional cidade não creará obices á patriotica idéa, cujos beneficios se estenderão a todo o Estado.

«A cidade berço, a cidade escola, a cidade fortaleza, cidade templo, esta patria commum do povo mais livre, mais morigerado, mais solidario deste seculo,»—na bella phrase de Diogo de Vasconcellos, não consentirá que, por um espirito de bairrismo estreito e mal entendido, se deixe de levar por deante a fundação de nossa Faculdade de Medicina.

A legendaria Ouro Preto, estamos certos, fará como o velho fidalgo d. Martinho d'Aguilar, do formoso poema de Thomaz Ribeiro, o qual, no momento em que a patria exigiu sacrificio de parte de seus filhos, despojou-se de sua amada e reluzente espada, socia de suas glorias, entregou-a a seu vigoroso e destemido filho d. Jayme dizendo-lhe:

«Bem vês, trago-te aqui a minha espada,
Certo que has de guardar-lhe o antigo brilho
De que nunca por mim foi deslustrada!...»

Julho, 15 de 1912.

Na *A Peleja*, jornal que se publicava na Villa de Aguas Virtuosas, appareceu, nessa época, o seguinte artigo:

Faculdade de Medicina

«Diz o *Diario de Minas* ter despertado enthusiasmo em Bello Horizonte a idéa da creação ali de uma faculdade livre de Medicina, subvencionada pelas camaras municipaes.

Eis ahi duas extravagancias em um só tempo: crear escola medica e mantel-a pelas municipalidades.

E' absurdo pensar em faculdades medicas em um centro acanhado, onde não existem hospitaes, nem seria possivel montal-os tão cedo, quer pela falta de recursos financeiros, quer pela impossibilidade nosologica indispensavel aos estudos praticos.

Faculdade medica em Minas significaria apenas mais uma sanguesuga aos cofres do Estado, mais uma corporação de professores de simples convite ou nomeação, sem preparo provado e mais uma chusma de doutores theoricos, que infestariam o paiz, como uma praga junta ás muitas que já nos perseguem.

Não são poucos os letrados abstractos e inuteis que andam á procura de empregos publicos.

Já é tempo de se pensar no modo de evitar em nosso paiz o desenvolvimento do proletariado scientifico, tão humilhante para o homem de brio.

Antes de promover a fundação de escolas de medalhões, fôra mais meritorio tratar da instrucção elementar de nossos patricios, sepultados na ignorancia e levantar com força e resolução os institutos profissionaes, em que se nos prepare o futuro, dando ao nosso meio os homens preparados para o trabalho.

Bello Horizonte presta-se muito para a Escola de Direito, de Bellas Artes, de Commercio (si quizerem), de Engenharia; mas nunca para Escola de Medicina, emquanto as condições permanecerem as que são ou ainda decuplicando seus recursos»,

No *Commercio de Minas*, de 20 de julho, em Carta, sem assignatura, mas do punho de Aurelio Pires, appareceu a seguinte contradicta ao artigo supra:

«Sr. redactor.—*A Peleja*, hebdomadario que se publica em *Aguas Virtuosas*, neste Estado, tratando da grande questão que ora preoccupa os espiritos, nesta Capital, isto é, a creação da *Faculdade Livre de Medicina*, diz o seguinte:

«Eis ahi duas extravagancias a um só tempo: crear escola medica e mantel-a pelas municipalidades».

Não tem razão *A Peleja*. O motivo allegado de «não haver aqui hospitaes, nem ser possivel mantel-os tão cedo, quer pela falta de recursos financeiros, quer pela *impossibilidade nosologica indispensavel* aos estudos praticos (o gripho é meu), desapparece perante a possibilidade de se estabelecerem relações entre as provedorias dos hospitaes existentes nas cidadesproximas a esta Capital, como Sabará, Santa Luzia, Villa Nova de Lima e Ouro Preto, de modo a poderem os estudantes de clinica, guiados pelos respectivos lentes, visital-os em épocas estabelecidas, completando, dest'arte, os estudos iniciados no hospital daqui, o qual tende a

desenvolver-se e, certamente, se desenvolverá, como funcção, que é, da escola de medicina a crear-se.

Nem os promotores de tão alevantada empreza seriam tão desprovidos de bom senso e tão ingenuos, que, ao lançarem a idéa da mesma, não houvessem cogitado dessa necessidade suprema.

Quanto á manutenção da escola pelas municipalidades, seria realmente absurda, e nem nos consta que alguem houvesse jámais pensado em semelhante dispanterio.

O que se pretende é dirigir-se um appello ás municipalidades do Estado, solicitando de cada uma, na medida das forças dos respectivos orçamentos, um pequeno auxilio para a construcção do edificio necessario á *Faculdade Livre de Medicina*. Tão sómente isto, e não um auxilio permanente, como suppõe *A Peleja*.

A futura *Faculdade* não será mais uma sanguesuga dos cofres do Estado, como erradamente prevê aquelle illustre orgam de publicidade.

Feita á mesma a cessão da *Escola de Pharmacia* de Ouro Preto, com os respectivos laboratorios e com os recursos pecuniarios actualmente dispensados áquella *Escola* pelo Estado, e com o producto das matriculas e outras fontes de renda que a mesma terá, não será absurdo manter-se aqui uma *Faculdade Medica*, modesta e sem o apparato das *Faculdades* officiaes, a qual virá prestar reaes serviços aos mineiros.

E' de toda a conveniencia que a imprensa concorra com o auxilio de suas luzes para se esclarecer tão importante assumpto, de modo a crear-se um estabelecimento de ensino que honre o Estado. Mas que a mesma imprensa não venha animada de idéas tão pessimistas, como as d'*A Peleja*, as quaes, como vimos, são infundadas e improcedentes».

(Do *Commercio de Minas*, de 2[1] de julho de 1902).

Por essa época, um frouxo raio de esperança veiu, de novo, illuminar os corações desalentados com o mallôgro de 13 de julho.

Tal vislumbre alviçareiro foi acêso por uma local publicada em um dos jornaes da Capital. Essa local, que é a seguinte, bem denota o estado de fluctuação e de incerteza, dominante nos espiritos:

«Parece que se tornará em realidade, mais cedo do que esperavam os seus inciadores, a idea da fundação da Faculdade de Medicina nesta Capital.

Estão resolvidas as difficuldades mais serias que se oppunham a principio e já se congregaram elementos de alto valor para converterem o projecto de *Escola Livre* em estabelecimento estadoal.

Um dos senadores mais enthusiastas da idéa apresentará o projecto organizado de accordo com grande maioria de congressistas, de modo que não soffrerá impugnação.

Podemos mesmo adiantar que a escola funccionará provisoriamente na avenida Liberdade, em predio de Estado, devendo a matricula ser aberta em março proximo».

(Do *Commercio de Minas*, de 25 de julho de 1902).

Entretanto, em tôrno do grande sonho que acalentava alguns espiritos optimistas, continuava accêsa a polemica pelas columnas dos jornaes, como se evidenciará dos seguintes artigos:

Sr. redactor do *Diario de Minas*. — Um dos mais obscuros redactores d' *A Peleja* vem pedir a vossa gentileza o agasalho destas linhas nas columnas do brilhante jornal.

Motiva meu pedido o artigo publicado no *Commercio de Minas*, editado nesta Capital, sob a epigraphe — *Faculdade de Medicina*.

Entendo que as questões de interesse devem ser largamente debatidas a toda luz para que sejam as resoluções tomadas com inteira segurança.

Auctor do artigo d' *A Peleja* impugnado no *Commercio de Minas*, cabe-me o dever de apresentar os fundamentos, em que me apoiei para tomar aos hombros a responsabilidade de uma opinião, que só me pode trazer o odioso, tanto por parte dos illustres promotores da idéa, como da população da Capital, empenhados todos em alcançar as possiveis prosperidades.

Não costumo fugir ás consequencias, que possa acarretar meu modo de pensar.

Antes de mais, devo notar o prazer, que parece ter sentido o articulista griphando a phrase — *impossibilidade nosologica indispensavel*, sem querer perceber o lapso de revisão, que supprimiu as palavras — de obter variedade, o que daria o sentido original — pela impossibilidade de obter variedade nosologica indispensavel, etc.

Emfim... dos erros alheios vivem os escrivães e... passemos adiante.

Preso-me de ser mineiro e a ninguem concedo o direito de ser mais amante desta terra do que eu.

Ambiciono todos os progressos e todas as grandezas para meu Estado, mas não me posso conformar com a idéa de um possivel ridiculo.

A fundação de uma Faculdade de Medicina é, presentemente, uma utopia.

Demonstremos.

A Faculdade de Medicina precisa de predio, de corpo docente, de hospitaes e de apparelhos para as demonstrações praticas, sem tratar de outras necessidades.

Diz o articulista que «o que se pretende é dirigir-se um appello ás municipalidades do Estado, solicitando de cada uma, na medida das forças dos respectivos orçamentos, um pequeno auxilio para a construcção do edificio necessario á Faculdade Livre de Medicina.»

Por muito modesto que fosse o edificio, não poderia importar em pequena quantia, porque exigiria as accommodações apropriadas ás necessidades do ensino.

Assim, deveria ter salões para aulas, para dissecções, laboratorios, além das salas da congregação e da bibliotheca.

Pelo menos, isso. E boa que fosse a vontade das municipalidades, em sua quasi totalidade sobrecarregadas de compromissos, difficil ou impossivel seria adquirir os recursos para a construcção do predio.

Supponhamos, porém, a existencia do edificio e passemos ao corpo docente.

Uma Faculdade de Medicina deve ter mais de quarenta professores.

Para argumentar, admittamos que os professores fossem limitados a 25, encarregando-se todos ou alguns de mais de uma disciplina, embora o grave inconveniente para o ensino por não ser commum, sinão bastante raro, que seja alguem proficiente em duas materias.

A população da Capital, mesmo duplicada, não offerecendo campo clinico para todos os medicos de modo a lhes dar uma renda sufficiente, só poderiam elles contar com a remuneração do seu magisterio.

Os medicos habilitados para o ensino são, em geral, clinicos, que procuram exercer sua profissão em ambitos largos.

Dado, porém, que se resolvessem á vida modesta, sem a cogitação do futuro, não poderiam viver decentemente sem um ordenado de 600$ por mez.

Seria, pois, uma verba de 15 contos mensaes ou e 150 em dez mezes de curso lectivo.

Não será muito avaliar em 20 contos a despeza com empregados, compras de drogas, reforma de mobilias, etc., o que eleva a manutenção annual da faculdade a 170 contos.

Vejamos agora quaes são as verbas da receita.

Em primeiro logar, os recursos pecuniarios dispensados á Escola de Pharmacia de Ouro Preto; em 2.°, producto das matriculas e outras fontes de renda, que a faculdade terá (?).

Admittamos que a Faculdade Livre de Medicina fosse mais feliz do que a de direito e consegnisse a matricula de 150 alumnos com a taxa de 400$ por anno, e teriamos um total de 60 contos.

Havia um *deficit* annual de 110 contos, que deveria ser preenchido pela verba, que o governo dispensa á Escola de Pharmacia e pela outra renda, que não sei qual possa ser.

Não conheço o dispendio do Estado com a Escola de Pharmacia de Ouro Preto, mas creio que não chegará para cobrir a differença entre a receita e a despeza provaveis da Faculdade. Supponhamos ainda que a renda seja sufficiente para sua manutenção e examinemos a questão do ensino pratico nos hospitaes.

Conta-se com os estabelecimentos hospitalares da Capital, Sabará, Santa Luzia, Villa Nova de Lima e Ouro Preto.

Esse recurso do ensino clinico é realmente de pasmar e não posso crer que seja tomado ao serio, de boa fé, pelo articulista, que deve ser um competente.

Ninguem ignora que o estudo das molestias deve ser feito junto dos doentes, acompanhando todas as phases dos casos morbidos. Si o hospital de Bello Horizonte não offerecer todos os elementos para o estudo clinico, não será razoavel acreditar no seu complemento pelos outros citados, porque nem poderiam ser mais providos em numero de doentes, nem, em diversidade de molestia.

Ainda que o fossem, quem pagaria a viagem dos alumnos e os seus dispendios de alimentação nesses logares?

E' facil comprehender que uma observação de pouco tempo não permittiria proveito.

Em taes condições, os resultados seriam pouco mais que nullos e os medicos formados teriam deficiencia inevitavel de conhecimentos de clinica.

Póde-se, portanto, affirmar que uma Faculdade de Medicina com professorado insufficiente e mal remunerado, sem hospitaes com *variedades nosologicas* sufficientes, com *deficits* infalliveis todos os annos, se pudesse manter com honra para o Estado de Minas e *prestando reaes serviços aos mineiros?*

Seria uma Faculdade menos que modesta em sua installação e em seu funccionamento e aristocratica nas taxas de matricula de seus alumnos, si não se quizer que os *deficits* se acumulassem indefinidamente.

Quando o Estado concorresse para a manutenção, nenhuma vantagem haveria em preparar portadores de cartas, meros titulos nobiliarios.

Não posso admittir Escolas de Medicina modestas, *sem o apparato das faculdades officiaes*, a não tratar de ornamentos estranhos ao fim do instituto.

Ou é completa uma escola para crear homens capazes de ser profissionaes dignos, ou a modestia está na deficiencia dos meios de ensino e é um crime pensar em encher a sociedade de incom-

petentes, que vão pôr em perigo a vida de nossos concidadãos.

Ahi está para inteira demonstração a nossa Faculdade de Direito.

Fundada por homens de competencia acima de toda a excepção, ornada de talentos e de sabios, venerados em todo o paiz, dispondo de todos os recursos technicos, e só agora conseguiu a frequencia de cem alumnos.

Os professores recebem honorarios insignificantes, que não lhes compensam os serviços.

Resistem, porque são notabilidades em jurisprudencia e recebem causas de todo o Estado.

Não fôra essa circumstancia feliz, e a instituição já teria cahido.

Em vista desse exemplo, como pensar em Faculdade de Medicina?

Quizera eu que tivessemos todos os elementos para a realização da nobre aspiração dos meus illustres collegas, mas por honra delles e do nome de Minas, lançarei o meu protesto, fraco, mas sincero, contra o tentamen na actualidade.

Não quero que, em tempo algum, se possa dizer com certo ar de mofa: *é medico de Minas*.

Quando nossas condições permittirem levantar uma Faculdade na altura de nossa Capital, eu serei o primeiro a concorrer com toda força para que seja realidade o projecto, *que tanto preoccupa os espiritos* dos illustrados collegas.

Por emquanto, não.

Bello Horizonte, julho—31—902.

DR. EUSTACHIO GARÇÃO STOCKLER».

(Do «Diario de Minas», de Bello Horizonte, de 2 de agosto de 1902).

«Faculdade de Medicina

Escreve-nos o sr. Aurelio Pires:

«Sr. redactor. Tendo sido eu o autor do artigo sob a epigraphe «Faculdade de Medicina», acolhido nas columnas editoriaes de vosso jornal, — artigo esse no qual procurei rebater argumentos contrarios á idéa da fundação da mesma, editados pel' «A Peleja», que se publica em «Aguas Virtuosas», apresso-me, por um dever de lealdade, a vir ao encontro da réplica com que, no «Diario de Minas» de hontem, me honrou o sr. dr. Eustachio Garção Stockler, illustre redactor do referido periodico.

S. s., querendo demonstrar ser presentemente uma utopia a fundação, aqui, de uma «Faculdade de Medicina», disse, e com

razão, que a mesma precisa de predio, de corpo docente, de hospitaes e de apparelhos para as demonstrações praticas.

Examinemos cada uma dessas necessidades :

Quanto ao predio, os promotores da idéa contam, com bons fundamentos, que o governo do Estado lhes ceda, temporariamente, até que se possa construir um definitivo, algum dos edificios publicos que se acham sem applicação immediata, com a suppressão dos serviços que nelles funccionavam.

Em relação ao corpo docente, acho exaggerado o computo feito por s. s., quando estabelece a necessidade de mais de quarenta professores para uma «Faculdade de Medicina». Os vinte e cinco que s. s., a bem da argumentação, considerou como imprescindiveis, bastam para o começo da mesma.

Melhor do que eu, sabe s. s., que o desdobramento, em diversas cadeiras, das materias professadas na «Faculdade» do Rio, data de época relativamente recente, isto é, de 1881, quando o dr. Vicente Saboia, nomeado director da mesma «Faculdade», promoveu a execução de algumas disposições da reforma de 1879, ainda não postas em vigor até áquella época.

A evolução das faculdades medicas brasileiras póde ser bem estudada no magistral artigo que, sob a epigraphe — « Das sciencias medicas e pharmaceuticas desde o anno de 1808 até fim de 1899» — foi publicada pelo dr. Agostinho José de Souza Lima, no volume segundo do livro dado á estampa o anno passado pela «Associação do Quarto Centenario do Descobrimento do Brasil».

Desse estudo verifica-se que, de 1854 até 1879, as faculdades federaes posssuiam apenas dezoito cadeiras; muitas dellas sem gabinete e laboratorios, visto como só em 1874 foram esses institutos providos de um gabinete anatomopathologico, e só em 1881, com a reforma Saboia, é que o ensino pratico foi dotado de treze laboratorios e gabinetes bem montados.

Entretanto, foi dessas « Faculdades », assim modestamente apapparelhadas, que sahiram muitos mestres dos actuaes mestres das mesmas.

A deficiencia de hospitaes é, a meu ver, uma difficuldade realmente séria, e nem eu me animaria a dissimulal-a, convencido, como estou, de que não ha livro mais instructivo, para o medico, do que o doente. Bem sei que, parallelamente ás licções theoricas, devem andar os trabalhos praticos, tratando-se de uma sciencia experimental, como é a medicina. Já desde a antiguidade se consignou o asserto contido no bem conhecido verso :

« Segniús irritant animos demissa per aures quam quae sunt oculis subjecta fidelibus».

Dada, porém, a impossibilidade material de irem os alumnos da futura *Faculdade Mineira* aos hospitaes das cidades vizinhas a esta Capital, afim de estudarem casos notaveis de molestias que forneçam elementos para o aprendizado da clinica, poderão os doentes, portadores dessas molestias, ser recolhidos ao hospital daqui, sempre que as mesmas molestias o permittirem. Demais, creada a *Faculdade*, e constituido aqui um nucleo de medicos, muitos dos quaes se dedicarão ás especialidades das respectivas cadeiras, é de esperar-se que nosso hospital se desenvolva e seja procurado por doentes de diversos pontos do Estado, os quaes poderão servir para um estudo de clinica consciencioso e proficuo.

O lado financeiro da questão, que tantos receios inspira a meu illustre contendor, não é tão tenebroso, como lhe parece.

O governo do Estado despende annualmente quarenta contos de réis com a *Escola de Pharmacia* de Ouro Preto, não incluindo-se, nesta verba, a quantia, não pequena, que é despendida com o pagamento de vencimentos, pela metade, a um grande numero de professores daquelle instituto, os quaes foram postos em disponibilidade, em virtude de uma reforma desastrada que o mesmo soffreu o anno passado. Addicione-se a essas quantias o producto da matricula de mais de cem alumnos que actualmente frequentam aquella *Escola*, matricula essa que se elevará, uma vez transformado aquelle instituto em *Faculdade de Medicina*, e chegar-se-ha á conclusão de que, com mais uma pequena dotação por parte dos cofres publicos, se poderão realizar as aspirações de nos libertarmos das cidades do littoral, em materia de ensino.

Gabinetes e laboratorios para os estudos praticos e experimentaes, a actual *Escola de Pharmacia* os possue, e magnificos, pois, como não deve ignorar o illustre redactor d'*A Peleja*, até fins do anno passado, aquella *Escola*, além das cadeiras propriamente do curso pharmaceutico, possuia uma quarta série de estudos, na qual se proleccionavam, theorica e praticamente, as cadeiras de anatomia descriptiva e historia natural medica, physiologia e chimica biologica e medicina judiciaria.

Aproveitados, pois, os lentes daquelle estabelecimento de ensino, os quaes já têm longo tirocinio de magisterio, e nomeados mais alguns que tenham dedicação e amor á causa do ensino, poderemos ter, em Minas, uma *Faculdade de Medicina*, muito regular e muito acreditada, só com vinte e seis lentes, numero, aliás, superior áquelle que possuiam as Faculdades do Rio e da Bahia, até o anno de 1881.

Lamento que os limites naturaes de um escripto para jornal de pequeno formato não me permittam dar mais amplo desenvolvimento ás idéas que acabo de esboçar. E' possivel que, em subsequentes artigos, me seja dado ensejo de esclarecer melhor o

que aqui deixo condensado, si não com a proficiencia de um competente, ao menos com os bons desejos de um fervoroso amador.

Bello Horizonte, 3 de agosto de 1902.—*Aurelio Pires.*

(Do *Commercio de Minas*, de 5 de agosto de 1902).

Nesse anno fatidico de 1902, a 25 de setembro, falleceu o Presidente do Estado, Francisco Silviano de Almeida Brandão, e com elle, morreram as melhores esperanças daquelles que, em seu vulto dominador e impressivo, enxergavam o palladio augusto de sua aspiração sublimada.

Taes esperanças, porém, estavam tão fundamente radicadas, que refloriram, mais tarde, com intensidade tão poderosa, que foram, afinal, realizadas, quasi dez annos depois, como veremos dentro em pouco.

Com a eleição do conselheiro Affonso Penna para Presidente da Republica, no quatriennio de 1906 a 1910, recomeçou-se a propaganda a favor da velha aspiração, que se tornava cada vez mais empolgante.

E' assim que, a 24 de junho de 1906, a *Tribuna do Norte*, editada em Bello Horizonte, publicava o seguinte artigo, escripto por Aurelio Pires:

«Faculdade de Medicina

Faz agora treze annos que, no seio do Congresso Mineiro, se levantou a voz auctorizada de um politico illustre, para submetter á consideração do Senado o projecto da creação, em Minas, de uma *Faculdade de Medicina e Pharmacia*.

Esse projecto, sob n. 37, bem como o discurso com que o fundamentou o senador Mello Franco, encontra-se á pagina 13 dos *Annaes do Senado Mineiro*, de 1893.

No anno seguinte (1894), após um longo e substancioso discurso do senador Pedro Drummond, o qual pode ler-se á pagina 157 dos *Annaes do Senado* desse ultimo anno, foi o referido projecto approvado em primeira discussão, sendo remettido á commissão de instrucção publica.

De então para cá, nem mais uma palavra se ouviu no seio daquella alta corporação sobre tão palpitante assumpto. Entretanto, a necessidade que dictou a apresentação do malsinado projecto n. 37 continúa, cada vez mais premente, cada vez mais imperiosa. Tão premente e tão imperiosa, que a tentativa para sua satisfação se tem renovado com mais ou menos ardor, em circulos extranhos á politica.

E' assim que, ha quatro annos, isto é, em julho de 1902, a *Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia* de Bello Horizonte, —essa bella instituição que, para o nosso mal, deixou de existir,—se reuniu em diversas sessões para tratar do assumpto alludido.

Amplamente explanado e discutido sob todas as suas faces, por profissionaes competentes, conforme se vê dos jornaes que nessa época se editavam nesta Capital (*Minas Geraes*, *Diario de Minas* e *Commercio de Minas*), a idéa que elle consignava transbordou do seio daquella corporação scientifica para a praça publica; e um *meeting*, de uma grandiosidade poucas vezes observada entre nós, effectuado aqui a 10 de julho de 1932, veiu provar, de modo eloquente e irrefragavel, que o povo mineiro anceia pela realização desse ideal, estando disposto a auxiliar moral e materialmente a *Faculdade de Medicina*, que virá completar o cyclo dos estudos superiores em Minas.

Agora que se acha em vesperas de assumir a suprema magistratura da União um notavel patricio nosso, que, quando presidente deste Estado, se manifestou francamente favoravel á idéa que propugnamos,— parece-nos propicio o momento para renovar-se (desta vez com probabilidade de exito) a tentativa tantas vezes mallograda.

Em mensagem dirigida ao Congresso Mineiro, em 1893, s. exc. o dr. Affonso Penna, tratando da Escola de Pharmacia, assim se exprimiu :

(*Seguem-se trechos já transcriptos em artigos anteriores*).

Na cúspide governamental, até onde o elevaram seus meritos proclamados, muito poderá s. exc. fazer a bem da *Faculdade de Medicina* que o Estado aqui fundar, prestigiando-a com seu apoio moral e facilitando-lhe o necessario reconhecimento por parte do Governo da União.

Aqui fica, pois, mais uma vez, lançada a idéa patriotica. E não se diga que, promovendo os interesses da zona do Norte, olvidamos o engrandecimento de todo o Estado de Minas, patria commum, lar abençoado, torrão estremecido por todos nós que aqui nascemos».

Em maio do anno seguinte, o *Minas Geraes*, publicava o artigo abaixo transcripto, o qual provocou uma amistosa polemica entre o auctor do mesmo e o dr. Fernando Soares Brandão, como se verá dos escriptos que se seguem :

«UM APPELLO

Está annunciada para breves dias a installação, nesta cidade, da Escola de Odontologia, devida á iniciativa de um grupo de patricios nossos, cheios de fé e animados de boa vontade.

Esse acontecimento alviçareiro, que vem assignalar mais um passo na senda de nosso progresso intellectual, suggere-nos a idéa de um outro melhoramento que a elle se prende por connexão

natural. Referimo-nos á creação, em Minas, de uma Escola de Medicina, velha aspiração que, por mais de uma vez, se tem manifestado na imprensa, em peças officiaes e na tribuna dos comicios populares, chegando mesmo a echoar no seio da representação estadoal, para onde foi levada, ha annos, sob a fórma de um projecto que, infelizmente, não seguiu seus tramites por motivos que não vem a pêlo relembrar.

Bem sabemos que a actual administração do Estado, justamenmente preoccupada com o problema da remodelação do ensino primario, não poderá desviar suas vistas do momentoso assumpto, cuja solução será, em futuro proximo, uma realidade brilhante.

Não é, pois, para os poderes publicos que appellamos. E' para essa mesma iniciativa particular que, entre nós, já deu provas exuberantes de sua capacidade, creando essa prestigiada instituição de ensino, essa acreditada Faculdade Livre de Direito, que é um dos padrões de nossa cultura, e fundando, agora, a Escola Livre de Odontologia, que virá a ser, esperamos, o nucleo em tôrno do qual virão crystallizar-se todas essas aspirações esparsas, a que ácima nos referimos.

A necessidade e a opportunidade da creação da Escola de Medicina em Minas são faces da questão já desvendadas, pontos já resolvidos, tendo mesmo recebido a consagração official em mensagens de mais de um estadista, dos que têm occupado a cadeira presidencial do Estado, nomeadamente em uma das mensagens do illustre mineiro que hoje se acha na cúspide governamental, o exmo. sr. conselheiro Affonso Penna. A exequibilidade da idéa foi amplamente discutida e criteriosamente resolvida no seio da Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia, — proveitosa e util associação que, em annos anteriores, funccionou nesta Capital.

Julgamos mesmo poder affirmar que foram, então, lançadas as bases da Escola de Medicina, não se tendo erguido o grandioso edificio, por motivos ponderosos, occorrentes na occasião, os quaes, para nosso mal, vieram embaraçar a realização de uma idéa que fôra saudada com applausos quasi que univocos, como uma flammula de esperanças e como interprete de aspirações longos annos acariciada.

No momento actual, em que se escuta como que o despertar de energias adormecidas, em que o espirito publico, desprendido de preoccupações subalternas, como que se levanta para alturas donde jorra a luz e onde fulgura a verdade,— parece-nos propicia a occasião de renovar-se a tentativa tantas vezes mallograda, utilizando-se, para leval-a a effeito, todos esses proveitosos elementos esparsos que em tão grande cópia possuimos.

Ao distincto profissional, director da Escola Livre de Odontologia, e a seus illustres collegas desse instituto,—dirigimos, daqui, o nosso appello fervoroso, concitando-os a praticarem esse nobre rasgo de audacia, que os sagrará benemeritos:— o de ampliarem as bases dessa fecunda creação, fundando, entre nós, uma Escola Livre de Medicina e Cirurgia.

AURELIO PIRES.

(Do «Minas Geraes», de 3 de maio de 1907).

Escola Livre de Medicina e Cirurgia

Nas columas do «Minas Geraes», de 3 do corrente, publicou um bem feito artigo o Sr. Aurelio Pires, director da Escola Normal da Capital, no qual faz um appello aos fundadores da Escola Livre de Odontologia para abrangermos, no esforço que fizemos para a fundação desse instituto de ensino superior, a idéa da creação de uma Escola Livre de Medicina e Cirurgia.

Sem duvida, de muito maior monta e de interesses mais radicaes para a sociedade e para este Estado de Minas seria a fundação da Escola Livre de Medicina e Cirurgia, com séde nesta Capital, do que a creação da Escola de Odontologia, que, entretanto, já é um grande passo para o desenvolvimento e progresso materal e intellectual de Bello Horizonte.

Todas as investigações biologicas e todos os estudos do organismo humano muito contribuem para o engrandecimento dos Estados, porque é pela medicina que chegamos ao conhecimento de factos que interessam á vida social.

E' pelas sciencias medicas que conhecemos «as leis da substancia e da hereditariedade», cuja ignorancia acarreta graves inconvenientes para a humanidade; é pelas sciencias medicas que adquirimos os conhecimentos therapeuticos que debellam as epidemias e endemias que dizimam as populações, e é tambem por ellas que muitas scincias sociaes se desenvolvem.

Que seria do Direito Criminal, se não fosse conhecida a medicina? Permaneceria na velha Bastilha do empirismo, sentindo-se impotente para a solução dos casos occorrentes.

Quanto mais forem diffundidos os conhecimentos dessas disciplinas, tanto mais intensas serão as luzes que virão espancar certos prejuizos de crenças religiosas.

Encarada a questão por esse lado, bater-nos-emos com todas as forças pela fundação da Escola Livre de Medicina e Cirurgia, evoluindo da Escola Livre de Odontologia que consideramos, desde já, como o nucleo desse futuro instituto de ensino superior.

Entretanto, vemos que muitos embaraços surgem, difficultando essa idéa; porquanto, não temos aqui, em Bello Horizonte, medicos sufficientes para regerem as cadeiras de uma Escola de Medicina, nem o meio comporta que sejam contractados profissionaisde fóra, porque todos os professores, mesmo no Rio de Janeiro, não vivem sómente desse mister, precisando da clinica diaria que esta Capital não offerece, nem póde offerecer, em virtude de sua pouca população e da excellencia de seu clima.

O sr. Aurelio Pires talvez olvidasse que o corpo docente de uma Faculdade de Medicina, com lentes cathedraticos, substitutos e preparadores, para se constituir, precisa, mais ou menos, de 42 profissionaes.

Por outro lado, ha questão de cadaveres para estudos anatomicos, que aqui não temos, porque a população não é densa, a cidade é muito nova, e o hospital não comporta grande numero de doentes.

Verdade seja que s. s. nos lembrará os *mannequins*; mas essses não preenchem perfeitamente o fim a que são destinados. Sem baixarmos a essas indagações, vem a pêlo dizer que, na época em que era interdicto severamente o estudo do corpo humano, os anatomistas lançavam mão dos mammiferos mais visinhos do homem, como, por exemplo, os macacos, não conseguindo, dest'arte, para essa sciencia, os progressos que ella alcançou no seculo XIV, quando a reforma deu em terra com os velhos preconceitos reinantes. Dessa data em diante, é que surgiram os grandes anatomistas que, então, se liberiaram da antiga anatomia de Galeno, que dominou durante 13 seculos.

Nestas condições, não possuindo nós, por emquanto, elementos indispensaveis para estudos medicos, parece-nos cheio de difficuldades o plano de darmos maior amplitude á idéa que tivemos, da fundação da Escola de Odontologia.

FERNANDO SOARES BRANDÃO».

(Do *Minas Geraes*, de 11 de maio de 1907

Escola Livre de Medicina e Cirurgia

Ao illustre amigo, dr. Fernando Soares Brandão, agradeço a fineza com que, no *Minas Geraes* de hontem, acudiu ao appello que dirigi aos dignos promotores da fundação da Escola Livre de Odontologia, no sentido de ampliar-se esse instituto de ensino, convertendo-o, com mais algum esforço em uma Escola Livre de Medicina e Cirurgia.

Reconhecendo as vantagens desse tentamen, s. s. suscita, entretanto, objecções e apresenta algumas difficuldades que, segundo

pensa, se oppõem á realização de uma idéa já amadurecida, já vencedora, apezar de constantemente procrastinada, por falta, talvez, de uma concentração de esforços, efficaz e decidida.

Perante aquelles com quem tenho tido a honra de terçar armas, pela imprensa, nesta campanha que já vem de annos remotos, e na qual tenho sido parte minima, - colloco-me sempre na posição de Themistocles em frente do espartano Euripedes, quando este, no calor de uma controversia, o ameaçou com o bastão. «Bate, mas ouve», — disse-lhes Themistocles. Aos inimigos (digo mal, porque inimigos sinceros não os ha, nesta questão), aos impugnadores da creação da Escola de Midicina, em nome de uns tantos obstaculos, mais suppostos do que reaes, direi com a mesma calma soberana: «Combatam, mas escutem.»

Faz agora, em 1908, cem annos que se creou, na Bahia, o primeiro instituto de ensino medico do Brasil.

«Na manhã de 29 de novembro de 1807 (dizem os drs. José Eduardo Teixeira de Sousa e Agostinho José de Sousa Lima, em sua *Memoria* sobre as *Sciencias medico-pharmaceuticas*), quando o desvario napoleonico, ameaçando pelo tratado de Fontainebleau anniquilar Portugal, obrigou o Principe Regente com sua Côrte a buscar refugio no Brasil, cerca de 15.000 pessoas embarcaram na esquadra em que d. João VI seguiu para a America Portugueza. Nesse numeroso sequito vinha José Corrêa Picanço, natural de Pernambuco (Goyanna), medico pela Faculdade de Montpellier, e que ouvira, em Paris, a um dos maiores cirurgiões, o famoso Desault mestre de Bichat, seguindo tambem as licções de anatomia de Sabatier, cuja filha desposara.

Aportando á Bahia, Corrêa Picanço, primeiro cirurgião do Reino e da Casa Real, conseguiu que o principe d. João fundasse a primeira escola de cirurgia.

Eis o teor do diploma da fundação da mesma, o qual tem a data de 18 de feveretro de 1808:—«O Principe Regente, nosso Senhor, annuindo á proposta que lhe fez o dr. José Corrêa Picanço, cirurgião mór do Reino e do seu Conselho, sobre a necessidade que havia de uma Escola de Cirurgia no Hospital desta cidade, para a instrucção dos que se destinam ao exercicio desta arte, tem commettido ao sobre-dito cirurgião-mõr a escolha dos professores que não só ensinem a Cirurgia propriamente dita, mas a anatomia como base essencial della e a arte obstetrica, tão util como necessaria.

O que participo a v. exc. por ordem do mesmo Senhor, para que assim o tenha entendido e contribua para tudo o que fôr promover este importante estabelecimento. Deus Guarde a v. exc. Illm. e exm. sr. Conde da Ponte, D. Fernando José de Portugal».

Correia Picanço indicou os cirurgiões: — José Soares de Castro para lente de anatomia e Manoel José Estrella para leccionar cirurgia. (*Dous lentes!*)

Estando a côrte no Rio de Janeiro, no mesmo anno de 1808, e por decreto de 5 de novembro, foi instituida, no Hospital Militar e de Marinha, a Escola Anatomica, Cirurgica e Medica, composta egualmente de dous(!) lentes, sendo um delles incumbido de leccionar a «Anatomia theorica e pratica, seguindo as partes e systemas da machina humana», cabendo ao outro a cadeira de Therapeutica cirurgica e particular». (Volume 2.° do *Livro do Centenario*, pags. 62 e 63).

A que vêm — perguntar-se-á — todas essas evocações historicas?

Fazem muito ao caso, — respondo eu. Vêm demonstrar que as Escolas officiaes de Medicina, entre nós, cuja actual organização, tão complicada e tão vasta, tem servido de espantalho e de tropeço á creação de outras congeneres, tiveram, como tantas outras instituições hoje prosperas e notaveis, origens obscuras e humildes. Foi graças á acção lenta de muitos decennios que conseguiram attingir o desenvolvimento e o brilho que hoje ostentam.

Entre essa organização rudimentar, ácima referida, e a apparatosa e pujante organização hodierna, ha um razoavel meio termo no qual se poderá encontrar a virtude. E esse meio termo poderá ser fornecido, por exemplo, pelo projecto Mello Franco, que se encontra á pagina 43 dos *Annaes do Senado Mineiro*, do anno de 1893, — projecto esse criteriosamente defendido no sensato e substancioso discurso que o acompanha.

Não desejamos, é certo, uma escola egual á de Coimbra em 1772, ao tempo da installação da reforma pombalina, com seis cadeiras, sendo quatro grandes e duas cathedrilhas, tendo as grandes os nomes anachronicos de *Prima*, *Vespera*, *Noa* e *Avicenna*.

Tambem não pedimos um instituto que tenha um exercito de docentes, mas onde, ás mais das vezes, falta a harmonia de vistas e a sequencia de organização programmatica, taes e tantas são as especializações em que se subdividem as cadeiras.

O que desejamos e podemos ter é uma Escola de Medicina que forneça conhecimentos menos vastos, porém mais profundos, compensando a quantidade do ensino pela sua qualidade.

E que bella, que luminosa pagina escreveriamos nos annaes de nossa vida intellectual, si celebrassemos, a 18 de fevereiro de 1908, o centenario da creação do ensino medico no Brasil, com a fundação da Escola Livre de Medicina e Cirurgica!...

AURELIO PIRES.

(Do *Minas Geraes*, de 12 de maio de 1907).

Escola Livre de Medicina e Cirurgia

Escreve-nos o sr. cirurgião dentista Fernando Soares Brandão:

«Delicadamente, cingindo a armadura d'oiro dos antigos cavalleiros, o illustre director da Escola Normal da Capital, sr. Aurelio Pires, volta á imprensa, pelo *Minas Geraes* de 12 do corrente, combatendo os meus argumentos contrarios á fundação, neste Estado, da Escola Livre de Medicina e Cirurgia.

Historiando o acontecimento da creação do curso medico no Brasil, facto esse que se verificou pelo decreto de 18 de fevereiro de 1808, raciocinou s. s. analogicamente e concluiu que não é preciso um concurso numeroso de medicos, nem muitas cadeiras de ensino, para que possamos ter uma Escola Medica.

Não ha duvida que assim aconteceu com as Escolas de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia; mas, na actualidade, a alta cultura intellectual não permitte uma empresa dessa ordem.

O methodo analogico que s. s. procurou como uma muralha forte para proteger as suas idéas, não colhe: a analogia, é verdade, muitas vezes esclarece as controversias e até, como a espada de Alexandre, corta o *nó gordio* de numerosas difficuldades, mas nem sempre se deve lançar mão della, porque, desde logo, apparece o reverso da medalha. Os seus inconvenientes resaltam desde que se faça um exame na justiça punitiva da edade medieva.

Dest'arte pensando e previsto o evolvimento de todas as provincias do saber humano, discordamos do illustre director da Escola Normal no tocante á creação de uma Escola Medica que tenha, restricto, o numero de suas disciplinas scientificas; porquanto, assim, ficariam o ensino e os alumnos muito prejudicados.

As grandes conquistas da cosmologia e da anthropologia modernas, da biologia e da embryologia contemporaneas exigem creações de novas cadeiras nas Escolas da União, ou desdobramento dellas, afim de que esses phenomenos melhor fiquem conhecidos, tornando-se uma alavanca na indagação da verdade.

Verifica-se este facto aqui no Brasil, e até no Congresso Nacional esteve em discussão a creação de uma cadeira de Molestias Tropicaes.

E' preciso que sejam preenchidas essas lacunas para que os erros não se expliquem por um preparo scientifico *manqué*, que será uma valvula por onde se escapará a responsabilidade profissional.

A creação de uma Escola com um resumido numero de cadeiras, não pode corresponder aos multiplos fins que assoberbam os hyppocrateanos no exercicio de sua clinica, visto como, actual-

mente, o insuccesso no tratamento de certos casos clinicos é considerado um crime, taes os meios de que a Medicina dispõe para evital-os e cural-os.

Outr'ora, assim não succedia: ignoravam-se o microscopio para o infinitamente pequeno; os methodos de investigação microscopicos e biologicos; a verdadeira pathologia; e a chimica applicada, etc., etc.

Sendo certas e inconcussas estas affirmativas, facilmente o sr. Aurelio Pires ha de, comnosco, reconhecer os embaraços que surgem para a creação de uma Escola de Medicina e Cirurgia sob os auspicios da iniciativa particular tão sómente. Entretanto, si s. s. quizesse ceder um pouco de suas convicções, tornar-se-ia muito viavel, dentro das raias do possivel, livre dos grilhões da da duvida, a idéa da fundacção de *uma pequena Escola Medica*, onde sómente houvesse a aprendizagem da Medicina, inteiramente ficando de lado os cursos de Pharmacia e Cirurgia, podendo os graduados por esta Escola clinicar em todo o Estado de Minas, e nos outros Estados, depois de haverem prestado um exame de sufficiencia, como os titulado, extrangeiros, perante uma das Faculdades da União.

Fraccionando se o curso, achamos que se deve fazer um tentamen para a creação da Escola nesses moldes, mesmo porque Minas Geraes, pela sua população e pela sua extensão territorial perfeitamente comporta um instituto dessa natureza».

(Do Minas Geraes, de 19 de maio de 1907).

Em janeiro de 1908, *A Gazeta*, de Bello Horizonte, acolheu em suas columnas editoriaes o seguinte artigo de Aurelio Pires:

Ensino Medico

Voltará, este anno, á téla da discussão, no Congresso Nacional, o debatido problema da reforma do ensino, o qual, por falta de tempo, não foi discutido no Senado, na sessão que findou o mez passado.

Julgamos, pois, opportuno o ensejo para solicitarmos a esclarecida attenção do chefe supremo da Republica para uma das faces desse problema, que ainda não foi devidamente examinada.

Referimo-nos á parte relativa ao ensino medico.

E' de uma evidencia intuitiva que os actuaes institutos, onde se ministra tal ensino, são insufficientes e não bastam ás necessidades do mesmo.

Possuindo, apenas, as duas Faculdades officiaes, do Rio e da Bahia, e uma outra devida á iniciativa particular, no Rio Grande

do Sul, parte da mocidade brasileira, que se sente com pendor para os estudos medicos, vê-se privada dos necessarios meios de apprendizagem. Esta insufficiencia é exuberantemente comprovada no excesso de alumnos que affluem para as Faculdades existentes, em uma das quaes, a do Rio, houve, o anno passado, mais de quatrocentos alumnos matriculados no primeiro anno.

Ora, tal superabundancia esteriliza o ensino, mórmente tratando-se de uma sciencia de caracter expirimental e pratico.

Para o ensino da engenharia, ha as cinco escolas do Rio, de S. Paulo, de Minas, da Bahia e de Pernambuco; para o direito, contam-se oito ou dez. Entretanto, o ensino medico é fornecido em tres escolas sómente, sendo que, nestes dezoito annos de vida republicana, fundou-se apenas mais uma, a de Porto Alegre.

Nestas condições, ouzamos recordar a s. exc., o sr. presidente da Republica, as phrases cheias de verdade e os conceitos cheios de patriotismo, emittidos por sua s. exc., a tal respeito, ha quatorze annos, isto é, em 1893, quando s. exc. presidia a este Estado.

Nessa occasião, já s. exc. considerava opportuna e necessaria a creação de uma Faculdade de Medicina, em Minas Geraes.

Agora, que o problema do ensino nacional, em todos os seus graus, está preocupando tão intensamente o espirito publico; agora, que a necessidade de fomental-o e desenvolvel-o se impõe com um caracter cada vez mais urgente, dada a nossa expansão intellectual, parece-nos azado o momento para voltar-se ao assumpto.

E é nesse sentido que daqui, da Capital mineira, creação sua, onde se abriga o seu lar, e cujos habitantes o veneram e o acatam por suas excelsas virtudes civicas; em nome deste Estado que se desvanece de tão illustre filho; em nome da mocidade brasileira, que pede o ensino e que deseja aprender; em nome dos supremos interesses da grande patria que tanto espera de tão operoso administrador; invocando todos estes sentimentos tão gratos ao seu coração, sem preocupações subalternas de um regionalismo estreito, mas em bem da communhão brasileira,—vimos hoje solicitar a intervenção de s. exc., no sentido de ser dotada esta Capital de mais uma officina onde se elabore a cultura nacional, e donde saiam para as luctas do pensamento, que se antolham brilhantes, phalanges de moços que bemdirão o seu nome.
O momento é opportuno. A necessidade se impõe.

Esperemos, confiantes em seu patriotismo *nunca desmentido*.

(Da *A Gazeta*, de Bello Horizonte, de 26 de janeiro de 1908).

Quarta phase

(1910 - 1922)

Em julho de 1910, a Associação Medico - Cirurgica de Minas, com séde em Bello Horizonte, por iniciativa dos abalisados clinicos drs. Cicero Ferreira e Cornelio Vaz de Mello, resolveu chamar a si a fundadação definitiva da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte.

Depois de ampla e demorada discussão, que revelou, mais uma vez, a opportunidade e a exequibilidade de idéa, votou, finalmente, a creação desse instituto, na sessão, que se tornou memoravel, de *5 de março do anno seguinte (1911)*.

Nem sempre foi juncado de flores o caminho longo e aspero, cujas diversas etápas tiveram de percorrer os corypheus desse arrojado emprehendimento. Vozes hostis se ergueram, perturbando o côro quasi unanime, de acclamações, que os saudaram em sua passagem triumphante.

Relembremos alguns episodios dessa lucta, para verificar-se, ainda uma vez, quanto póde uma fé ardente, e de quanto é capaz uma convicção profunda.

Logo que a imprensa divulgou o proposito da Associação Medico-Cirurgica de Minas, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em sua edição vespertina, de 22 de fevereiro de 1911, publicou o seguinte artigo

> «Fala-se na fundação de mais uma Escola de Medicina e Pharmacia no paiz. Bello Horizonte seria a sua séde.
>
> Pertence á Sociedade Medico-Cirurgica de Minas a idéa dessa criação, para a qual já se deram os primeiros passos, que consistiram na nomeação de commissões incumbidas de buscar o apoio do Governo mineiro e da elaboração do projecto das leis que regerão o estabelecimento. Ha, segundo informa o nosso correspondente telegraphico de Bello Horizonte, grande enthusiasmo pela realização do grandioso plano.
>
> Nada mais natural do que a intellectualidade mineira mostrar-se jubilosa e enthusiasmada ao sentir-se com forças para pôr hombros a tão trabalhoso e difficil commettimento. Os medicos

do visinho Estado sempre se distinguiram por solido saber e abalisado espirito pratico, o que, de resto, não é de estranhar numa terra a que se liga a invejavel reputação de rigorosa zeladora da seriedade e do aperfeiçoamento dos estudos, em todos os seus graus. Existem ali estabelecimentos de ensino secundario cuja fama, de longa data, se diffundiu pelo Brasil inteiro; para attestar a excellencia de seu ensino superior, podem os filhos do prospero Estado apontar com orgulho a Escola de Minas, cujos diplomas valem pela melhor das recommendações; por sua vez, o ensino primario progride a grande passos, estando na memoria de todos o notavel incremento que lhe deu o malogrado dr. João Pinheiro, a quem Minas deve a criação de consideravel numero de escolas e um bem orientado remodelamento da instrucção publica.

Sobram, portanto, á intellectualidade mineira tradições e provas de capacidade que animem e justifiquem o projecto da criação de uma Faculdade de Medicina e Pharmacia na sua capital.

Mas disporão os mineiros dos multiplos e custosos elementos materiaes que exige um estabelecimento de tal ordem? Parece-nos licito responder que não.

Ninguem ignora quanto é extenso e complicado o ensino medico de hoje, o qual não poderá ser convenientemente feito e aproveitado se não estiver apparelhado de indispensaveis installações que só se alcançam mediantes consideraveis despezas. O laboratorio é na actualidade o complemento da clinica, que já não se limita, como ha vinte ou trinta annos atrás, aos exclusivos methodos de observação; presentemente, esta precisa ser confirmada ou completada pelas pesquizas experimentaes e outras que se praticam nos laboratorios.

Ora, o custo e o funccionamento de taes gabinetes, numerosos e bem providos como devem ser, elevam as despezas dos estabelecimentos de ensino medico. Poderá a Escola que se projecta criar em Bello Horizonte supportar tão elevado onus? Não o cremos, sobretudo se lançar-mos as vistas para o que se passa na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que, apezar de absorver fortes verbas orçamentarias, accrescidas repetidamente de creditos especiaes para acquisição de material e reforma dos laboratorios, tem os seus gabinetes mal apparelhados e em imperfeitas condições de funccionamento.

Não seriam, porém, sómente as deficiencias de laboratorio que difficultariam e comprometteriam o ensino na Escola Medica de Bello Horizonte. A propria observação clinica se acharia em *deficit*. A capital mineira, contando apenas 30 mil almas e sendo de notavel salubridade, só póde apresentar acanhadissimas installações hospitaleres, em que os doentes são poucos e poucas as

variedades de molestias. As clinicas de especialidades, sobretudo, lutariam com grandes difficuldades para obter casos sobre os quaes fizessem os mestres as suas prelecções. E, por serem pouco povoados os hospitaes, tambem rareiam os cadaveres em que os estudantes realizariam as dissecções, fundamento da medicina pratica.

Por todas essas razões, não nos parece feliz a idéa da criação de uma Faculdade de Medicina em Bello Horizonte.

De resto, no proprio Brasil encontram-se exemplos que, neste particular, valem por proveitosas lições.

São Paulo, a segunda cidade brasileira, rica, populosa, movimentada, cheia de bons medicos, tambem acariciou o projecto de possuir sua Escola de Medicina, o qual projecto, depois de valentes diligencias junto aos Governos estadual e federal, parece definitivamente abandonado.

Porto Alegre tem um estabelecimento desse genero. Protege-o fortemente o governo do Estado, amparam-n'o poderosamente as associações de assistencia privada e a população em geral, que é quatro ou cinco vezes superior á de Bello Horizonte. Apezar de tudo, o estabelecimento mantem-se com grande difficuldade graças, sobretudo, á abnegação do corpo docente e dos alumnos, muitos dos quaes, entretanto, vêm concluir o seu curso na Faculdade do Rio.

Preferiamos que o esforço e os sacrificios a despenderem-se na criação de uma Escola de Medicina em Bello Horizonte fossem antes empregados na fundação de institutos profissionaes, que, depois das escolas primarias, representam a nossa maior necessidade em materia de instrucção publica.

Doutores, temol-os, em demasia. Faltam-nos, porém, rapazes que conheçam sufficientemente os multiplos officios em que se subdivide a industria moderna, solida garantia da subsistencia individual e grande factor da riqueza nacional».

A esse artigo, e sob o pseudonymo de *Avérrhoes*, respondeu Aurelio Pires com a carta que se segue:

Escola de Medicina em Bello Horizonte

Sobre a fundação de uma Escola de Medicina em Bello Horizonte, escreve-nos um filho do Estado de Minas, que se occulta sob a assignatura de *Avérrhoes*:

«Pedindo permissão para discordar das observações com que essa redacção impugnou o projecto da fundação de uma Escola de Medicina em Bello Horizonte, julgo que tal idéa merece francos applausos de quantos se interessam pela elevação de nossa cultura mental.

As duas seculares Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia (criação, ainda, d'El-Rei D. João VI, em 1808), e a Escola Livre de Medicina e de Pharmacia de Porto Alegre, fundada depois de proclamada a Republica, já são insufficientes para as necessidades do ensino medico.

Tem-se erguido, nestes ultimos tempos, uma grita geral contra a decadencia desse ensino entre nós. Tem-se chegado, até, ao extremo de appellar-se para demonstrações de força armada, afim de se normalizar a situação pouco cordial entre docentes e alumnos, como, com grande dor d'alma, presenciou quem escreve estas linhas.

A decadencia incriminada é palpavel, é visivel, invade dolorosamente os espiritos, ainda os mais estranhos a cousas de ensino, e traduz-se no desanimo, na ausencia de iniciativa, no deperecimento das tradições, na falta de enthusiasmo, de fé e de amor pela carreira, que se nota, tanto da parte dos mestres, como das dos alumnos.

Já não se estuda a medicina como se estudavao utr'ora, — eis a pungente verdade.

Entretanto o nivel intellectual de nossa mocidade não baixou, podendo, ao contrario, affirmar-se que os novos e sempre crescentes elementos de cultura, que recebemos diariamente dos centros civilizados, têm, cada vez mais, apurado a natural intelligencia, vivaz e clara, dos jovens brasileiros.

Lentes de medicina, possuimol-os, para ufania nossa, provectos, illustrados e de competencia tal e tanta, que fariam honra a qualquer instituto do Velho Mundo.

Entretanto, clama-se em altos brados, mesmo de dentro de nossas Faculdades, que o ensino decahe, que os moços pouco aprendem, sendo necessario aos mais estudiosos recorrer a lições particulares, nos cursos livres, pela insufficiencia das licões que lhes ministrem os professores officiaes.

Por que tudo isto?

A causa, a nosso vêr, está no excesso de alumnos que, em ondas sempre crescentes, affluem annualmente para as nossas Faculdades Medicas.

E' materialmente impossivel a qualquer professor, por mais bem dotado que seja, ministrar lições proficuas, de materia eminentemente pratica, como é a medicina, a centenas de alumnos que se atropelam confusamente em salas ou enfermarias relativavamente exiguas, afim de receberem um ensino em tal grau de dynamização, que só lhes póde fornecer a *meia sciencia*, a qual, na phrase de Pascal, é a peor das ignorancias.

Os lentes, não lhes sendo possivel renovar a multiplicação biblica dos pães e dos peixes, desgostam-se naturalmente, vendo

o seu ensino esterilizado. Os alumnos aborrecem-se de lições que chegam frias a sua intelligencias e não lhes penetram o espirito com a insinuação e a intimativa necessarias. Os exames finaes, ou são feitos atabalhoadamente, de modo a não se poder apurar o grau de aproveitamento de cada examinando, ou se arrastam infindaveis, invadindo, na primeira época, o tempo destinado ás férias, ou penetrando, na segunda, pelo anno lectivo a dentro, cerceando o periodo destinado ás lições.

Em taes condições de ensino, atropelado, disputado quasi que á viva força, como se dá, pelo menos, na Faculdade do Rio, os laços da disciplina afrouxam-se, o espirito de colleguismo se annulla, a solidariedade entre professores e alumnos se enfraquece, a serenidade de espirito se conturba, o gosto pelo estudo se extingue.

E' esta a verdade que se impõe, e nem enxergo outra causa para explicar a decadencia tão malsinada do ensino medico brasileiro.

Qualquer esforço, portanto, tendente a facultar novos centros de aprendizado aos moços que aspiram a carreira medica, deve ser secundado como uma tentiva generosa e digna de apoio.

Eis porque, como brasileiro que se interessa vivamente pelo ensino nacional, e como mineiro que acompanha com desvanecimento o progresso de seu Estado,—bato palmas á Sociedade Medico-Cirurgica de Minas, pela iniciativa bemfazeja, da fundação, em Bello Horizonte, de uma Faculdade de Medicina e de Pharmacia».

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio, edição da tarde, de 8 de março de 1911).

Dous dias depois, publicava esse mesmo jornal a columna seguinte, na reproducção da qual não figura, infelizmente, a interessaute carta historica de Carlos Sanzio, por não se achar a mesma no retalho que temos á mão:

«A's objecções que levantámos ao projecto, patrocinado pela Sociedade Medico-Cirurgica de Bello Horizonte, da creação de uma Escola de Medicina e Pharmacia na Capital Mineira, devemos o recebimento de algumas cartas interessantes, nas quaes se procura defender a planejada fundação.

Já estampámos a missiva de *Avérrhoes*. Damos hoje publicidade ás *Avicenna* e do Dr. Carlos Sanzio. Fazemol-o com satisfação, porque entendemos de vantagem para o esclarecimento da questão um amplo e documentado debate.

Devemos, entretanto, declarar que continuamos a pensar da mesma maneira por que nos exprimimos em nosso primeiro editorial. A nossa convicção, já revigorada pela resposta que nos foi dada em sessão da sabia Sociedade lançadora da idéa, ainda mais se affirma com a leitura das cartas que estamos publicando, pois nem uma nem outras conseguem destruir os argumentos praticos, palpaveis, com que fundamentámos o nosso modo de ver.

Avêrrhoes e Avicenna dizem que Bello Horizonte deve possuir uma Escola Medica pela razão de que á do Rio afflue excessivo numero de alumnos. Ora, a nós parece que tal argumento, longe de contrariar-nos, nos favorece.

Se os rapazes demandam com tão apressada preferencia a Faculdade daqui, onde se vêm matricular até os alumnos dos estabelecimentos congeneres da Bahia e de Porto Alegre, é porque não encontram nos referidos estabelecimentos as facilidades e opportunidaes de ensino que existem nesta Capital, apezar de serem tanto a cidade bahiana como a riograndense dous centros muito adiantados, cujos recursos são de todo ponto superiores aos de Bello Horizonte. De resto, do facto de se achar a Faculdade do Rio super-frequentada não se poderia concluir que devesse ser a capital mineira a séde do estabelecimento que a haveria de desafogar.

Para que tal se désse, tornar-se-ia indispensavel que Bello Horizonte apresentasse, conforme já detalhámos, as condições materiaes de installação, e de população, que tão cedo não poderá ter.

Nestas condições — repetimos ainda uma vez — parece-nos inopportuno e adiavel o projecto da Sociedade Medico-Cirurgica, para cuja realização iria a brilhante phalange de medicos horizontinos despender um precioso esforço intellectual e o vizinho Estado fortes sommas.

Só o vizinho Estado? Com certeza, não.

E' infallivel — já se está fallando nisto — que não tardaria a ser solicitado o auxilio da União, pobre victima de todas as fantasias que cogumelam na fecunda imaginação de seus filhos...

Seguem-se as cartas. Diz *Avicenna*: (1)

«Li o que *Avêrrhoes* escreveu nesse *Jornal* e sahiu publicado na edição da tarde de hontem sobre a futura Escola de Medicina de Bello Horizonte.

Pareceram-me sensatas suas ponderações sobre a necessidade de ampliar-se o campo de aprendizado de medicina, no Brasil.

Essa idéa, já aventada por diversas vezes no Estado de Minas, parece tomar vulto agora e abeirar-se de proxima realização.

A imprensa do Rio começa a ligar importancia ao caso, si bem que em sua maioria, para ridicularizal-o, como fizeram, o scintillante chronista do *Microcosmo*, do *Paiz*, e o paradoxal e subtil R. Manso, da *Gazeta de Noticias*, sendo o *Jornal do Commercio* o unico que tem encarado o assumpto com a seriedade que elle merece.

---

(1) *Avicenna* é outro pseudonymo de Aurelio Pires.

Em todo caso, essa mesma hostilidade já é uma contribuição a favor da idéa. As tentativas mais felizes e cuja realização tem trazido os mais inesperados beneficios á humanidade (conta-nos a historia) foram, a principio, recebidas com desdem de uns, escarneo de outros e hostilidade de quasi todos.

Avêr/hoes tem carradas de razão, quando affirma que ha poucas officinas de sciencia medica, entre nós.

A republica brasileira, ao ser proclamada, encontrou, em materia de ensino superior, duas Faculdades de Direito, duas de engenharia e duas de Medicina.

Em quatro lustros da vida republicana, as escolas de direito quadruplicaram, as de engenharia foram além do dôbro, e as de medicina augmentaram, apenas, de mais uma unidade.

Ora, a população do Brasil tem-se augmentado a olhos vistos, sendo natural e necessario que, parallelamente, se augmentem os fócos de cultivo mental.

Clama-se que ha super producção de bachareis em direito, — e é uma queixa muito justa. Entretanto, ha escassez de engenheiros, apezar de duplicado o numero das respectivas escolas, e a falta de medicos no interior do paiz é deplorabilissima.

Porque? A resposta acha-se facilmente no pequeno numero de escolas medicas.

Muitos jovens brasileiros, que seriam optimos medicos, fazem-se bachareis, apezar de não sentirem grande pendor pela carreira juridica, sómente porque o que elles têm á mão é uma Escola de Direito, e já o poeta francez disse, com muita verdade:

«*Quand on n'a pas ce que l'on aime*
Il faut aimer ce que l'on a.»

Não parece, Sr. Redactor, que, encarada, ainda, sob este novo aspecto, a fundação de mais uma escola de medicina corresponde a uma nessidade premente ?»

Em sua edição de 21 de março de 1911, o *Diario de Minas*, de Bello Horizonte, publicou o seguinte editorial:

Escola de Medicina

Fomos dos primeiros a applaudir e não cessaremos de, por todos os meios convincentes e persuasorios, sustentar o utilissimo projecto de uma Escola de Medicina nesta capital.

Como o assumpto é de natureza positiva, prescindimos de entrar na justificação de projecto baseado na longa aspiração de homens de eminente estatura scientifica e de comprovado valor moral e politico, para dotar o Estado de Minas de um curso de Medicina e Cirurgia.

Deixamos, por isso, de mencionar as numerosas tentativas feitas nesse sentido desde os primeiros dias do Imperio, com a autorisada iniciativa de José Pedro Dias de Carvalho, Bernardo de Vasconcellos, Gonçalves Gomide e outros.

Em vez de longas dissertações em apologia da idéa, desçamos á apreciação dos ataques que recentemente lhe dirigiu o «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, na sua edição da tarde.

Por duas ordens de motivos, pareceu ao orgam vespertino não ser feliz a iniciativa da Sociedade Medico-Cirurgica desta Capital:

1.º porque o novo estabelecimento não poderia dispôr da complicada e custosa installação que a sciencia hodierna exige, em casos taes;

2.º porque Bello Horizonte é uma cidade ainda pouco populosa e movimentada, para alimentar os vastos e variados serviços hospitalares indispensaveis ao ensino clinico.

Não procede nenhum dos dous fundamentos.

Quanto ao primeiro, é certo que a installação de uma Faculdade de Medicina acarreta grandes despesas, mórmente encarando-se a sua totalidade. E si houver quem desconheça essa verdade, não será nenhum dos competentes profissionaes, que se acham á frente desse nobre commettimento. Chega a ser uma affirmação á La Palisse enunciar tal proposição, que exprime um vulgarissimo conceito, ao alcance do mais rude bestunto.

Mas o articulista ignora, ou affecta ignorar, que a nossa capital já conta, installados, quasi todos os laboratorios exigidos pelo curso medico e pharmaceutico, estando os que restam em via de formação, de modo a poder, dentro de um anno, entrar em funccionamento normal. As despezas com taes installações constituem já um facto, independente da Escola de Medicina, e esta vem dar maior proveito e melhor applicação áquellas.

Como o primeiro, não procede o segundo fundamento.

Bello Horizonte, além de contar uma população superior a 35.000 habitantes, o que garante já ao seu hospital uma taxa regular de casos clinicos para o estudo pratico, recebe, diariamente, um sem numero de doentes vindos das mais diversas procedencias, principalmente da zona norte do Estado, cujas cidades, a despeito de terem medicos, não dispoem de hospitaes, com as accommodações precisas para o tratamento de certas molestias, e até a maior parte carece de leitos sufficientes pàra receber os enfermos indigentes, recorrendo estes ao Hospital da Santa Casa de Misericordia de Bello Horizonte.

Allega o *Jornal* que o ensino das varias clinicas, que constituem o curso medico, seria prejudicado pela deficiencia de obser-

vação no Hospital de Bello Horizonte, que, em novembro do anno passado, teve um movimento apenas de 87 doentes. Com esta allegação pretedde o *Jornal* destruir o que affirmou a Associação medico-cirurgica, de poder o hospital comportar 400 leitos.

Podemos responder, com mais perfeita segurança, que, si esse numero não tem sido attingido, é isto devido sómente ao corpo clinico do Hospital, que, diariamente, é obrigado a impedir entradas de doentes, por não se acharem concluidas as ultimas enfermarias em construcção, estando ellas muito adiantadas e devendo ficar promptas em brevissimo tempo, o que affirmamos com a maior segurança.

Quanto á variedade de molestias e diversidade dos casos clinicos, seria pueril affirmar que escasseariam aqui, maximé no tocante á dermatologia e syphilis, cujo contingente de doentes é enorme.

Em cidades pequenas da Allemanha e da Inglaterra, com hospitaes identicos ao nosso, ha uma aprendizagem medica perfeita.

No que se refere ao serviço de molestias de mulheres, nenhum outro está tão bem apparelhado como o de Bello Horizonte. Possúe o hospital uma vasta sala de operações asepticas, podendo comportar, folgadamente, um grande numero de espectadores, obedecendo a sua sua installação aos mais modernos e rigorosos preceitos da sciencia.

O material clinico é numeroso; basta dizer que a enfermaria mantém, diariamente, 30 leitos occupados, tantos quantos os da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Do relatorio apresentado ao provedor consta que, só no serviço de molestias de mulheres, foram praticadas 214 intervenções cirurgicas, sendo digno de ser destacados 39 laparotomias.

Occorre perguntar: ter-se-á operado o mesmo numero de casos nas enfermarias do Rio?!

A maternidade, composta de leitos, está perfeitamente installada, com a sala de parto, completa, já sendo procurada, e é provavel que a frequencia augmente, á medida que essa dependencia do hospital se vá tornando mais conhecida.

A clinica cirurgica dos homens acha-se perfeitamente, installada, mantendo a enfermaria 30 leitos. O hospital possúe, além disto, um perfeito e completo gabinete de electricidade, egual aos melhores do Rio de Janeiro.

Para completar as suas actuaes installações, dispõe o Hospital de um pavilhão para isolamento de tuberculosos e outro para as chamadas infecções cirurgicas.

Nessas condições, podemos, sem a menor sombra de escrupulo, antes cumprindo um dever de animar, estimular e defender as idéas que digam respeito ao progresso mineiro, juntar o nosso

modesto esforço á patriotica iniciativa do illustre corpo medico de Bello Horizonte».

Em compensação, porém, a *Gazeta de Noticias*, do Rio, em columna editorial, e firmado pelo notavel publicista Alberto Torres, estampava a 23 do mesmo mez de março, o seguinte artigo, de franca hostilidade á idéa da fundação da Faculdade:

Mais doutores...

Bello Horizonte pensa em fundar uma Escola de Medicina. Já possue uma de Direito. O desenvolvimento do ensino profissional superior tem sido um dos resultados visiveis do nosso regimen federativo.

Esse desenvolvimento representa um progresso?

Nem para o paiz, nem para a nossa mocidade.

Não eram medicos, nem engenheiros, nem advogados, que nos faltavam, quando ganhou o extraordinario incremento que observamos a inundação de estudantes nas academias e faculdades.

Nem esses moços, nem seus pais, procuram saber, no momento da escolha da carreira, se a profissão escolhida está em falta de profissionaes; se ha necessidade, no paiz, de tal ou qual arte liberal, para verificar se a entrada para uma ou outra representa um serviço á sociedade e uma probabilidade de exito na vida.

São sympathias pueris, exemplos, conselhos que dirigem, na quasi totalidade dos casos, a escolha da carreira. Em regra, o moço que sae dos gymnasios não tem uma idéa muito precisa do que sejam as sciencias fundamentaes da carreira escolhida, os seus deveres, as suas responsabilidades, os seus percalços...

Uma cousa está geralmente assentada no espirito de todos os brasileiros que têm algum dinheiro: é que seus filhos hão de ser doutores. E isso ficou sendo por tal forma obrigatorio, que todo o nosso ensino é organizado, de alto a baixo, como tendo por fim preparar doutores.

Muito provavelmente, essa tendencia tem origem na educação de nossa raça, propensa, tradicionalmente, aos estudos theoricos, á cultura academica; desenvolveu-se, nos primeiros annos da nacionalidade, por força da natural aspiração, em um paiz novo, colonizado por gente rude, ou pouco ácima de analphabeta, de possuir uma cultura intellectual, desenvolver as artes, as lettras, as sciencias. O exemplo dos diplomados de Coimbra e dos que vieram de outras universidadas européas, figuras proeminen-

tes dos movimentos da Independencia e da formação do Imperio, deixou o typo pelo qual se modelou o homem brasileiro.

Do analphabeto para cima, todo o mundo, no Brasil, é mais ou menos bacharel; da escola primaria ao curso superior, o preparo que se dá aos moços é um preparo declamatorio, rethorico, ornamental, todo de palavras e definições, com o qual parece que se tem em mira adestrar os nossos patricios nessa especie de eloquencia e de literatura, sob cujas formas decorativas, vasias de emoção e de pensamento, percebe-se a penna que cae sobre o papel e a palavra que salta dos labios, sem um sentimento, sem uma idéa, sem uma imagem, previamente formados no espirito.

Dessa cultura de memoria e de logomachia, resulta singular agitação de uma mentalidade, que faz rebentar e extinguir-se em phrases os impulsos progressivos e reformadores.

A marinha, que, depois de se agitar, durante mezes, numa ardente febre cerebral, delirando pelos jornaes em vehementes debates technicos, mas principalmente pessoaes, acabou por expôr a prova de sua incapacidade organizadora numa demonstração fulminante, que escancarou aos olhos de brasileiros e do mundo inteiro as brechas de sua diciplina, de seu preparo e de outras condições primordiaes do regimen militar, não soffreu tal vicissitude, senão porque é uma corporação de bachareis de espada.

Assim, no exercito; assim, na engenharia; assim, na justiça; assim, em tudo mais...

A rhetorica das formulas e dos algarismos, um copioso cabedal de opiniões e de observações dos sabios de todos os cantos da terra, os quentes e recheiados pareceres, em que se define a liberdade republicana com citações de Blakstone, o jurisconsulto aulico de 1760, e se interpreta a Constituição com as regras hermeneuticas de Paula Baptista, não impedem que os canos de abastecimento d'agua rebentem, porque são de má qualidade, apesar de, provavelmente, muitissimo bem pagos; que o ensino medico esteja atravessando uma crise gravissima; e que a justiça e a administração tenham descido a tal estado de anarchia e de desordem, que, no dédalo das formalidades, das tolerancias, das incertezas e incoherencias do direito, das duvidas sobre a utilidade e a efficiencia das medidas, o espirito chega a duvidar de que haja, de facto, nos pleitos judiciaes, um direito real pleiteado entre as partes, e a inquirir si tudo quanto se faz, entre nós, como acto de governo ou de administração, não se dissipa, afinal, por effeito da desorientação geral e pela perda de força dos movimentos governamentaes, da alta administração para os executores inferiores, numa luminosa poeira de ingenua e confiante boa fé.

Todo esse mal vem da decadencia do espirito universitario, academico, que insufla a nossa instrucção superior e circula, como

um gaz empolante e excitante, na intelligencia nacional, pelo canal dos diplomados, que são os seus directores e inspiradores permanentes.

A universidade e a academia representam, no balanço do pensamento contemporaneo, a geração D. Quixote da cavallaria intellectual.

Não ha duvida de que a crise victoriosa da liberdade e da iniciativa intellectual, forças de que nasceram as grandes e efficientes descobertas da sciencia e das artes praticas, vae tendo por principal effeito annullar e destruir essas velhas instituições de ensino, filhas legitimas da Escholastica, verdadeiros parlamentos de doutrinação, com todos os vicios e fraquezas das collectividades, de onde, em contra-peso a algumas fortes e definidas personalidades que se destacam, para o progresso da sciencia e para o bem do homem, pullulam, para a batrachomiomachia das letras e da meia sciencia, milhares e milhares de portadores de diplomas.

A desmoralização da sciencia universitaria seria um facto consummado, si as contingencias da nossa sociedade e, sobretudo, do exercicio das profissões baseadas em conhecimentos experimentaes, não impuzessem ainda a auctoridade do diploma como criterio vulgar de acceitação dos profissionaes. Estivessem o ensino livre e a aprendizagem livre organizados, de forma a conciliar a liberdade da escolha dos mestres, dos methodos e das auctoridades com a fé publica na habilitação, e não ha duvida que já se teria evidenciado a verdade, encoberta pela confusão de professores e discipulos nas communidades de ensino, que as verdadeiras capacidades em todas as profissões, encontram-se nas minorias dos que se rebellam contra a tradição, o espirito classico e a convenção, contra as doutrinas e os principios acceitos e apregoados a força de votos ou a peso de numero de annos...

Não ha quem tenha soffrido o supplicio de lidar com livros didacticos, esses pesados e indigestos manuaes, que se diriam feitos para horrorizar as vocações e estragar as intelligencias e quem tenha atravessado as escolas superiores, onde, de cada materia, se professa, durante o anno, uma parte insignificante, que possa crer na seriedade da sciencia, attestada pela carta e pelo anel das academias...

Que não ha falta de medicos para as necessidades do povo, é prova cabal a agglomeração de clinicos no Rio de Janeiro, onde, em cada quarteirão, os portaes mostram tres, quatro e, ás vezes, mais placas; o amontoamento delles em todas as grandes cidades; e a luta acirrada, em pequenas povoações, entre dous ou tres profissionaes, que exgottam todos os recursos da actividade para conquistar a clientela. Se ha paragens cujos habitantes não têm a quem pedir soccorro medico, isso se explica ou porque essas regiões

são beneficiadas pela assistencia salutar da natureza, que os liberta dos males, como... das drogas, ou porque a clientela não dá ahi para sustentar clinicos.

Ha, porém, uma cousa de que o Brasil está carecendo muito, que são os «homens». A tendencia para as profissões liberaes operou, no caracter dos nossos patricios, uma especie de poda, que eliminou as qualidades viris, para desenvolver, inflar, e estender as qualidades de apparencia, de superficie, de decoração, que distinguem o typo do cavalleiro das lettras.

E' um pouco latino, isso; mas nós assentamos a mão com vontade. E o peior é que os homens de outros costumes que para aqui vêm seguem a trilha dos que encontram e vão preparando para os filhos esse futuro de miseria physica e de mendicidade economica, que é o fructo do bacharelado...

Minas, o bello e r busto «thorax» do Brasil, poderia dar aos outros Estados um esplendido exemplo de sabedoria, substituindo o seu detestavel projecto de Escola de Medicina pela creação, em Bello Horizonte, de uma dessas escolas praticas, meio industriaes, meio economicas, meio commerciaes, meio agricolas, no genero das escolas coloniaes da Inglaterra, onde, com o minimo possivel de theoria e com o maximo de observação e de experiencia, de habito de iniciativa e de aptidão para se ageitar ás contingencias do meio e tirar dellas todo o proveito possivel, os moços mineiros, ao mesmo tempo que robustecessem e adestrassem o corpo, amadurecessem o caracter e preparassem a intelligencia para descobrir, explorar e valorizar as immensas riquezas de sua terra, com a energia e a perseverança que nos faltam.

Uma escola com essa orientação poderia ser o centro de onde sahisse o typo do brasileiro do futuro.

S. Paulo, que, com os bandeirantes, desvendou uma grande parte do Brasil, está começando a ter consciencia do problema e inicia a creação de um novo typo de bandeirante da éra industrial; mas a educação economica que o paulista está recebendo é prejudicada pelas miragens do café e de seus altos preços. A illusão do «millionarismo» já perturba a evolução economica de S. Paulo e é uma séria ameaça para seu futuro.

Alberto Torres.

O *Jornal do Commercio*, do Rio, a 28 de março do mesmo anno, em titulos garrafaes e sub-titulos impressionantes, estampava, em edição da tarde, a seguinte nota:

A Escola Medica de Bello Horizonte

Um artigo do dr. Alberto Torres—O eminente jurista considera, como nós, «detestavel» o projecto de fundar tal Escola—Já basta de doutores—Deem-nos escolas praticas com o minimo de theoria e o maximo de observação e experiencia—Uma carta que nada adianta—Ninguem consegue provar que Bello Horizonte possa ser um centro util de ensino medico.

A projectada creação de uma Escola Medica em Bello Horizonte foi, ha dias, nas columnas da *Gazeta de Noticias*, brilhantemente combatida pela penna erudita e ponderada do dr. Alberto Torres, o qual demonstrou que tal estabelecimento, caso viesse a ser uma realidade, só serviria para aggravar um sério mal que vicia e corroe o organismo nacional—o excesso de doutores.

Tão extraordinario é o seu numero que, depois de haverem dividido e subdividido entre si todas as possibilidades de subsistencia offerecidas pelo exercicio da profissão em que são diplomados, transbordaram para a quasi totalidade dos outros ramos da actividade humana, encontrando-se doutores com os mais exdruxulos empregos e muitos, muitissimos, sem emprego nenhum.

Essa inquietadora plethora de homens formados—e já começa a esboçar-se a de mulheres—é o fruto do nosso velho e desmedido amor ao diploma, cuja conquista ardentemente se almeja—como a de um seguro viatico a todas as ambições politicas e sociaes.

Resulta como consequencia de tão falso ponto de vista que o ideal da immensa maioria dos pais brasileiros e estrangeiros aqui domiciliados é possuirem um filho doutor, havendo, até, casos de cinco e mais irmãos cursarem as Faculdades.

Espalhou-se por tal fórma o nocivo preconceito de que neste paiz só o doutor poderá vir a ser «alguma cousa» que não ha privação, não ha sacrificio diante do qual recuem os progenitores para darem aos seus rebentos o direito de trazer ao dedo o annel symbolico. De resto, já este distinctivo, que só se usa no Brasil, bastaria para denunciar quanto prezamos e nos envaidece a posse do pergaminho academico, o qual, não podendo ser mostrado a toda gente, se condensa no rubi, na esmeralda, na saphira, no topazio, na granada, na opala, emfim, em uma série interminavel de pedras preciosas, que, enfiadas no dedo, annunciam á distancia o presumido mandarinato de seu dono.

Do immoderado amor ao diploma resulta que «todo o nosso ensino é organizado, de alto a baixo, como tendo por fim preparar doutores». Prepara-se assim «esse futuro de miseria physica e de mendicidade economica, que é o bacharelado».

No emtanto, o que nos falta são homens efficientes, sem palavreado campanudo, nem rhetorica bombastica, sabendo o que querem e capazes de executar o que querem, nada doutores, mas muito praticos.

Para que mais uma fabrica de medicos, si elles já nos sobram?

«Que não ha falta de medicos para as necessidades do povo, dá prova cabal a agglomeração de clinicos no Rio de Janeiro, onde, em cada quarteirão, os portaes mostram tres, quatro e, ás vezes, mais placas; o amontoamento delles em todas as grandes cidades e a luta acirrada, em pequenas povoações, entre dous ou tres profissionaes que esgotam todos os recursos da actividade para conquistar a clientela. Si ha paragens cujos habitantes não têm a quem pedir soccorro medico, isso se explica ou porque essas regiões são beneficiadas pelo assistencia salutar da natureza, que os liberta dos males, como... das drogas, ou porque a clientela não dá ahi para sustentar clinicos».

E assim termina o dr. Alberto Torres o seu bello e sensato artigo, no qual folgamos em encontrar completo apoio ás considerações que nos suggeriu o projecto da creação de uma Faculdade medica na Capital mineira:

«Minas, o bello e robusto «thorax do Brasil, poderia dar aos outros Estados um esplendido exemplo de sabedoria, substituindo o seu detestavel projecto de Escola de Medicina pela criação, em Bello Horizonte, de uma dessas escolas praticas, meio industriaes, meio economicas, meio commerciaes, meio agricolas, no genero das escolas coloniaes da Inglaterra, onde, com o minimo possivel de theoria e com o maximo de observação e de experiencia, de habito de iniciativa e de aptidão para se ageitar ás contingencias do meio e tirar dellas todo o proveito possivel, os moços mineiros, ao mesmo tempo que robustecessem e adextrassem o corpo, amadurecessem o caracter e preparassem a intelligencia para descobrir, explorar e valorizar as immensas riquezas de sua terra, com a energia e a perseverança que nos faltam.

Uma escola com essa orientação poderia ser o centro de onde sahisse o typo do Brasileiro do futuro.

S. Paulo, que, com os bandeirantes, desvendou uma grande parte do Brasil, está começando a ter consciencia do problema e inicia a creação de um novo typo de bandeirante da éra industrial; mas a educação economica que o Paulista está recebendo é

prejudicada pelas miragens do café e de seus altos preços. A illusão do «milhonarismo» já perturba a evolução economica de S. Paulo e é uma séria ameaça para seu futuro».

Uma carta que nada adianta

Recebemos a seguinte carta:

«Permitta-me, sr. redactor, que eu tambem venha trazer meu desvalioso contingente á elucidação do problema da projectada Escola de Medicina Mineira—o qual vai sendo versado com a necessaria elevação e louvavel desejo de acertar, tanto por essa illustrada redacção como pelos diversos collaboradores que têm tomado parte em tal estudo.

Antes de mais nada, peço licença para estranhar o qualificativo de—*inopportuna*—com que esse jornal fulminou a projectada criação.

Que é *inopportuno*? Tanto etymologicamente, como de accôrdo com a lição dos mais abalizados diccionaristas, é «aquillo que vem fóra de tempo ou logar» (Moraes), ou «o que succede, ou que se faz, fóra de tempo, fóra de occasião propria ou conveniente». (Candido de Figueiredo).

Ora, essa tentativa de crear-se, em Minas, um instituto de ensino medico tem fóros de ancianidade, é coéva de Tiradentes, nasceu antes do Imperio, e precedeu em muito a Republica.

Ella vem de fins do seculo XVIII: despontou quando ainda eramos colonia portugueza; resurgiu no Brasil Reino (carta régia de 17 de julho de 1801); preoccupou os primeiros estadistas do Imperio, logo após a Independencia (Assembléa Constituinte de 1823); reappareceu diversas vezes durante longa phase imperial (1829, 1831, 1832, 1839); reviveu nos primeiros annos da Republica (projecto Severiano de Rezende, de 1891, e projecto Mello Franco, de 1895). Tudo isto, aliás, ficou lucidamente demonstrado na substanciosa carta de Carlos Sanzio, publicada na edição da tarde do *Jornal* de hontem.

Como taxar-se, pois, de *inopportuna* uma idéa que mergulha raizes em um passado tão remoto, e que já era considerada vital e necessaria por estadistas da envergadura de Montezuma, Bernardo Pereira de Vasconcellos, José Pedro de Carvalho e tantissimos outros?!...

Atravessámas as quatro grandes phases de nossa vida de povo, passando de colonia a reino, de reino a imperio, de imperio a republica, e a idéa da fundação de uma escola de Medicina, cuja semente foi lançada no sólo úbere de Minas, durante os tempos coloniaes, ainda não está apta a desentranhar-se em fructos?

Transformar-se uma colonia espesinhada e opprimida pelo guante de um despotismo feroz, em uma republica liberrima e florescente, será, porventura, mais do que converter-se a utopia generosa dos sonhadores de 1789 em realidade fecunda!

Não, venerando mestre! Sua argumentação contra a Escola de Medicina de Bello Horizonte, baseada na *inopportunidade* da idéa é improcedente. Não colhe, tampouco, a affirmativa ironica de que as considerações historicas da carta do Dr. Sanzio nos conduzem ao pleno dominio da archeologia. A historia, apezar de tudo, continuará a ser a *Grande mestra da vida*—como lhe chamou o grande Cicero. Março—14—1911.—*Berzelius*. (1)

Como se vê, a carta acima publicada tem por unico objecto provar o nosso erro ao dizermos que a fundação da Escola de Medicina horizontina é *inopportuna*; no entanto, conseguiu apenas, reeditando algumas datas citadas pelo Dr. Sanzio, relembrar que o projecto de tal creação é *antigo*.

Não será por datar de fins do seculo XVIII que elle escapará á accusação de vir «fóra de tempo, fóra de occasião propria ou convenniente». Idade é uma cousa, conveniencia é outra bem diversa.

O que *Berzelius* não alcançou demonstrar, como ninguem o alcançará, é que o ensino medico possa encontrar em Bello Horizonte as multiplas e sérias condições, já por nós enumeradas, indispensaveis ao seu bom exito. Fóra dessa demonstração, tudo mais póde ser interesssante como literatura, historia, archeologia ou bairrismo, mas nada adianta em favor do injustificavel projecto em cuja realização se consumiriam preciosas energias e valiosos capitaes, dignos de melhor destino».

Fundada a 5 de Março de 1911, foram os primeiros Estatutos da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte approvados a 3 de maio do mesmo anno, sendo eleito Director da mesma o dr. Cicero Ferreira, Vice-Director o dr. Cornelio Vaz de Mello, e secretario-thesoureiro o dr. João Baptista de Freitas.

Essa directoria tomou posse a 25 de junho seguinte.

Os primeiros Estatutos da Faculdade trazem a assignatura dos seguintes medicos fundadores do instituto:

Dr. Cicero Ferreira.

Dr. Cornelio Vaz de Mello.

Dr. Olyntho Meirelles.

---

(1) *Berzelius* é outro pseudonymo de Aurelio Pires.

Dr. Zoroastro Alvarenga.
Dr. Hugo Werneck.
Dr. Antonio Aleixo.
Dr. Eduardo Borges da Costa.
Dr. Samuel Libanio.
Dr. Alfredo Balena.
Dr. Octavio Machado, relator.

As nomeações dos primeiros professores foram as seguintes:

Cadeira de Anatomia medico-cirurgica, operações e apparelhos,—dr. Cornelio Vaz de Mello.

Cadeira de Hygiene,—dr. Zoroastro Alvarenga.

Cadeira de Medicina legal,—dr. Cicero Ferreira.

Cadeira de Clinica Cirurgica,—dr. Eduardo Borges da Costa.

Cadeira de Clinica Medica—dr. Alfredo Balena.

Cedeira de Gynecologia e Obstetrica,—dr. Hugo Werneck.

Cadeira de Clinica pediatrica,— dr. Octavio Machado.

Cadeira de Molestias nervosas,—dr. Samuel Libanio.

Cadeira de Clinica dermatologica e syphiligraphica, — dr. Antonio Aleixo.

Cadeira de Microbiologia,— dr. Ezequiel Dias.

Cadeira de Clinica de olhos, garganta, nariz e ouvidos,— dr. Honorato Alves.

Cadeira de Pharmacologia,—dr. Olyntho Meirelles.

Esta affirmação de coragem e de confiança no proprio esforço não diminuiu a má vontade tão insolitamente manifestada pelo *Jornal do Commercio* contra a Faculdade de Medicina mineira, nesta ultima phase da creação da mesma.

Pelo contrario, de qualquer circumstancia minima e inteiramente extranda ao caso, tirava o velho orgão da imprensa brasileira argumento contra esse magno emprenhedimento.

Tal malevolencia resalta, mais uma vez, da seguinte local, relativa ao Setimo Congresso Brasileiro de Medicina e Ciruargia, o qual, entretanto, veiu a realizar-se em Bello Horizonte, no anno seguinte de 1912:

> «A Sociedade de Medicina e Cirurgia recebeu a lamentavel communicação de que, por falta de recursos, ao que transparece, deixou de realizar-se o 7.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, de séde marcada em Bello Horizonte.
>
> Conclaves desta natureza e de tal importancia nunca devem deixar de reunir-se, pela indiscutivel utilidade do saldo aproveitavel que fica dos debates.
>
> Si as conclusões são platonicas, como na maioria dos casos, a troca de idéas, de subsidios e de obervações concorre muito efficazmente para um nivelamento geral de cultura e de experiencia, cujos effeitos irradiam por toda parte.

Cada um dos congressistas, mesmo o que trouxer maior contribuição, sempre terá o que levar de util a ser applicado no meio clinico de onde veiu.

No caso particular de certos factores morbidos da nosss estatistica mortuaria, ha theses e problemas para cujas explanação e solução muito póde concorrer a acção dos congressos.

E' sempre, pois, lementavel contar com um congresso medico ... de menos.

Entretanto, não é difficil atinar com as razões pelas quaes não se poude reunir mais esse, em Bello Horizonte, cuja situação, como capital do Estado de Minas Geraes, a colloca mais distante de muitas zonas do proprio Estado do que da Capital Federal.

Dirão, porém, que, como o de Minas, estão outros Estados. De accordo, mas tambem ninguem se lembraria de reunir congressos desta especie senão em dous ou tres dos nossos Estados não affectados por esses obices.

Por isso mesmo e sem accrescentar argumento novo á contraprova que ahi fica evidente é que estavamos convencidos de que a ninguem occorreria a bizarra idéa de fundar uma escola de medicina na Capital do grande Estado.

Enganamo-nos, mas não perdemos o ensejo de aproveitar este caso para mostrar, mais uma vez, que nós é que estavamos com a razão.»

(Do «Jornal do Commercio» (edição da tarde), de 6 de julho de 1911.

Nesse mesmo dia, foi dirigida áquella redacção a carta que se segue:

«Sr. Redactor — Em artigo da edição da tarde de hoje, informa o *Jornal do Commercio* a seus leitores que não se realizará mais em Bello Horizonte, como se resolvêra, o 7.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia.

Lamentando comvosco o deploravel acontecimento, que vem privar a nossa sciencia medica dos valiosos subsidios que lhe adviriam desse certamen intellectual, peço-vos permissão para, discordando, em alguns pontos, de vosso editorial, trazer ao caso, e desde logo, o meu depoimento, antes que informações mais completas e auctorizadas venham de todo elucidal-o.

Filho de Minas e tendo a honra e a satisfação de cultivar a preciosa amizade do Dr. Cicero Ferreira, merecidamente eleito Presidente desse Congresso, posso testemunhar-vos que não foi sem grande relutancia e justificadas hesitações de sua parte que elle acceitou a insigne investidura que lhe conferiram seus collegas do 6.º Congresso realizado em S. Paulo; e que sómente acquie-

ceu á idéa de ser Bello Horizonte a séde do 7.º Congresso, depois de haver obtido promessa formal de apoio efficaz e auxilio directo por parte do mallogrado Presidente da Republica, o Exmo. Sr. Affonso Penna, em homenagem ao qual — creio eu — se accordou em escolher a Capital de seu Estado para esse fim.

Foi isto em Stembro de 1907.

A rajada da catastrophe de 14 de junho de 1909 veiu, porém, em hora aziága, frustar esse plano, abatendo, como a muitas outras, mais essa formosa esperança, e privando o meu Estado de receber a alta distincção que lhe estava destinada.

Entregue a seus proprios recursos, e não lhe sendo possivel, agora, acolher condignamente, com a rasgada e franca hospitalidade costumeira, os embaixadores das cultura medica nacional, — preferiu Bello Horizonte — cidade novissima, de 16 annos apenas — abrir mão da honra com que se pretendeu prestar homenagem merecida a um seu digno filho, então Presidente da Republica,— a expôr-se ao vexame de ver deslustrada a fidalguia com que Minas costuma celebrar suas festas magnas.

Aquelle povo parece ter adoptado, para si, a conhecida divisa de conhecida ordem religiosa: "*sint ut sunt, aut non sint*".

Agora, de um acontecimento fortuito e de occasião, como esse, tirar illações contra a projectada fundação de uma Escola de Medicina em Bello Horizonte é, Sr. Redactor, — creio eu, e com a devida vénia, — forçar demasiado a logica dos factos. — Julho —6—1911.—*Aurelio Pires*».

A essa carta, retrucou o *Jornal*, de 10 de julho com o artigo seguinte:

«Numa carta que publicámos na edição vespertina do *Jornal*, sexta feira, o dr. Aurelio Pires lamenta comnosco o insuccesso do 7.º Congresso Medico, com séde marcada em Bello Horizonte, e vem ainda uma vez confirmar o que já haviamos concluido do facil corollario que essa noticia nos suggerira.

E' assim que diz o dr. Aurelio Pires:

... «posso testemunhar vos que não foi sem sem grande relutancia e justificadas hesitações de sua parte que elle (o dr. Cicero Ferreira) acceitou a insigne investidura que lhe conferiram seus collegas do 6.º Congresso realizado em S. Paulo, e que sómente acquiesceu á idéa de ser Bello Horizonte a séde do 7.º Congresso depois de haver obtido promessa formal de apoio efficaz e auxilio directo por parte do mallogrado Presidente da Republica, o exmo. sr. Affonso Penna, em homenagem ao qual — creio eu — se accordou em escolher a Capital de seu Estado para esse fim».

O digno Presidente do 7.º Congresso presentiu, pois, o insuccesso, prevendo, decerto, os obices que filiámos á sua causa,

Por motivos fataes e lamentaveis, essa promessa não não poude ser cumprida e, diz ainda o missivista:

«...preferiu Bello Horizonte—cidade novissima, de 16 annos apenas- abrir mão da honra com que se pretendeu prestar homenagem merecida a seu digno filho, então Presidente da Republica, —a expor-se ao vexame de ver deslustrada a fidalguia com que Minas costuma celebrar suas festas magnas».

Basta confrontar essas declarações com o que dissemos para verificar-se a procedencia da affirmações que continúa a ser, pelo menos, uma inopportunidade – a criação de uma Escola de Medicina em Bello Horizonte.

Uma carta ferro-viaria do Estado e um golpe de vista aos seus coefficientes de população e de mortalidade são a prova material do que affirmámos.

Todas as razões estão indicando para o Estado de Minas a frequencia natural da Escola do Rio, pelas suas mais faceis condições de accesso.

Além das difficuldades de frequencia, ha outra mais grave para o bom funccionamento da tentada Escola de Medicina e muito lisonjeira para os creditos de salubridade de Bello Horizonte.

Com os numeros de mortalidade da Capital mineira, já aqui publicados, a futura Escola, si persistir o contrasenso que pretende leval-a por diante, não terá nem os cadaveres de que preciza para o curso de anatomia, desfalcada, assim, de sua materia prima.

Não se trata, pois, de um acontecimento fortuito, de occasião, como pondera o nosso illustre missivista, mas da mesma causa que tanto impediu a reunião do Congresso, como tornará impraticavel a Escola de Medicina de Bello Horizonte, isto é, a excessiva descentralização ferroviaria da Capital mineira, com o seu pequeno coefficiente de população.

A illação é rigorosa e qualquer logica desprevenida o reconhecerá.

Acontece, entretanto, que o mallogrado Congresso recebeu numerosas communicações que é de toda opportunidade serem discutidas.

A' vista disso, ousamos esperar que activas providencias sejam tomadas, afim de que se realize esse Congresso, para que não se percam, no insuccesso, esforços e trabalhos empregados para a sua reunião.

Lançamento da primeira pedra do edificio da Faculdade

A's tres horas da tarde, do dia 30 de julho de 1911, na Avenida Mantiqueira (hoje Oswaldo Cruz), em um terreno do Parque Municipal, cedido pela Prefeitura, pela quantia de 15 contos de réis, descontada da verba de 25 contos votada pelo Conselho Deliberativo, como auxilio á nova instituição, perante uma grande concorrencia de familias e cavalheiros da melhor sociedade bello horizontina, e de grande massa popular, foi lançada a pedra fundamental do edificio da futura Faculdade de Medicina.

O *Jornal do Commercio*, do Rio, que mandára um representante especial a Bello Horizonte, para assistir a essa solemnidade, assim descreveu a mesma:

.....

«Não se fez demorar o sr. Bueno Brandão, Presidente do Estado, acompanhado dos srs. Commandante Coronel Vieira Christo, ajudante de ordens da Presidencia, Dr. Delphim Moreira, Secretario do interior, Dr. José Gonçalves, Secretario da Agricultura, Dr. Olyntho Meirelles, Prefeito da Capital, Dr. Léon Roussouliéres, Official de gabinete do Secretario das Finanças, pelo dr. Arthur Bernardes, Secretario das Finanças, Antonio Affonso de Moraes, Director do Gabinete de Identificação, pela Sr. Chefe de Policia.

Entre as pessoas presentes notavam-se os srs. Senadores Bernardo Monteiro, Camillo de Brito, Levindo Lopes e Pedro Matta, Desembargadores Antonio Saraiva, Edmundo Lins, Ribeiro da Luz, Theophilo Pereira, Tito Fulgencio, Continentino, Arnaldo de Oliveira, Dr. Edgard da Cunha, pela mesa da Camara dos Deputados, e pelo sr. Deputado Jayme Gomes, Deputado Antonio Augusto Spyer, pela Camara Municipal de Montes Claros, Deputados Edmundo Blum e Elias Theotonio, Drs. Hugo Werneck, Carlos Chagas, João de Miranda Lima, Borges da Costa, Cicero Ferreira, Guilherme Gonçalves, Samuel Libanio, Ignacio Magalhães, Sabino de Almeida, Pedro Paulo, Antonio Aleixo, Alfredo Balena, Zoroastro Alvarenga, Henrique Portugal, João de Freitas, Ezequiel Dias, João Antonio Avellar, Pacifico Mascarenhas, Almada Horta, Levy Coelho, Carlos Pires de Sá, Nuno de Mello, Moreira da Rocha, Abeilard Pereira, Honorato Alves, Cornelio Vaz de Mello, Atalba Borges da Costa, Francisco Botelho, Virgilio Machado, Antonio Amador, Haberfeld, O. Machado, Mendes Pimentel, Necesio Tavares, pelo Dr. Estevão Pinto, Coronel Pedro Jorge Brandão, Dr. Herculano Cesar, Major Castorino Magalhães, Dr. Fidelis Reis, Luiz Apocalypse, Dr. Agostinho Porto, Francisco Fernandes, Jayme Noronha, Francisco Villela, Coronel Emygdio Germano, Antonio Cesario de Lima, coronel Fran-

cisco Mascarenhas, Dr. Francisco Peixoto, Dr. Francisco Brant, Antonio Ribeiro de Abreu, Drs. Viriato Mascarenhas e José Vianna. Major Alberto Cintra, Benjamin Flores, Major Narciso Coelho e Frederico De Jaegher, Ferreira Paulino, Joaquim Lacerda pelo *Jornal do Commercio*.

Encaminhando-se todos para o ponto em que devia ser collocada a pedra basilar deu-se então começo á cerimonia.

O Dr. João Baptista de Freitas lavrou a acta da solemnidade, da qual, depois de assignada por quantos alli se achavam, foi encerrada uma copia, juntamente com diversas moedas brasileiras em circulação, dentro de um cofre, que collocou depois no centro da pedra angular.

O paranympho Dr. Miguel Couto, tomou então de uma colher de pedreiro, cobrindo, com ella, de cimento, aquelle cofre. Por essa occasião, ouviram-se enthusiasticas e prolongadas salvas de palmas.

Logo após seguiram todos para o predio da Directoria de Hygiene, onde foi servida uma taça de «champagne».

Tomou, então, a palavra o dr. Cicero Ferreira, pronunciando o seguinte inspirado discurso, que foi ouvido entre calorosos applausos.

«Exmo. Sr. Professor Miguel Couto:

«O acontecimento que acaba de realizar-se na terra de Minas e de que V. Excia. é testemunha de alto destaque, representa a crystalização de um sonho que vem povoando a imaginação dos nossos conterraneos desde épocas muito remotas.

Quando ainda os destinos do Brasil se achavam manietados aos da velha Metropole, um grupo de Mineiros bastante audaciosos para exporem suas vidas em pról de um principio, com a bandeira da liberdade levantou tambem a idéa da fundação de uma escola de medicina no nosso Estado.

Desde então, através das gerações que lhes succederam, este legado, concebido na imaginação ardente dos primeiros martyres, nos foi transmittido como obrigação imperiosa a ser satisfeita, e, nos annaes da nossa historia, seja nos comicios legislativos, seja nos centros medicos, seja, mesmo, nas camadas populares, á maneira de um santelmo rememorador elle brilha com clarões intermittentes, pedindo execução.

Condições do meio, Exmo. Sr., que não se achava ainda sufficientemente preparado, faziam com que tristes e abatidos palmilhassemos a estrada da vida amarrados ao nosso compromisso; foi preciso que se levantasse com o todo o conforto de que dispõe, que os nossos administradores abrissem mãos largas e generosas á installação de um hospital modelo e que o novo centro de acti-

vidade attrahisse para aqui um corpo clinico de grande valor intellectual, para que pudessemos declarar sazonado o fructo ha tantos annos germinado.

Nesta lenta evolução dos acontecimentos, com uma tenacidadade que honra meus conterraneos, hoje um material, amanhã outro, foi pouco a pouco sendo trazido para a construcção do majestoso edificio, que pode agora affrontar a furia dos vendavaes, e a V. Ex. que é uma das glorias mais dignamente celebradas da medicina brasileira e que do alto da cathedra de professor esparge ensinamentos inspiradissimos aos seus discipulos, está nas condições indispensaveis de apreciar si aqui póde ou não conseguir conhecimentos solidos a arte de curar.

Dista bem poucos passos deste local o edificio em que são a colhidos os doentes de toda a procedencia do Estado; ahi V. Ex. poderá ver suas installações modernissimas, a variedade de casos clinicos, a estatistica das operações de alta cirurgia, a superioridade de peças anatomicas que enriquecem o nosso Museu, o cuidado que temos dispensado a tudo o que constitue a base fundamental dos ensinamentos praticos de medicina.

Só nos resta darmos parabens a nossa estrella por ter sido a nossa geração a executora deste ideal!

No corpo clinico que constitue a congregação da futura Faculdade não falta fé, que é a propulsora dos grandes commettimentos, e, na alta administração do Estado, acha-se collocado um Mineiro na mais lidima accepção do termo, que se tornou chefe desta santa cruzada, incutindo no nosso espirito a coragem necessaria para não esmorecermos na acção. Temos, por consequencia, reunidos, no momento actual, os elementos de exito, e a patria mineira póde agora repousar tranquilla e socegada. A ultima de suas independencias, que era a independencia intellectual, ha de ser conquistada e, com ella, inscrever-se-ha em nossa historia o nome immorredouro de Julio Bueno Brandão, a que nossos filhos, a que as gerações futuras saberão repetir carinhosas lôas, como o de um Presidente legitimamente amado, como de um Mineiro justamente querido, pelos muitos serviços prestados á nossa terra, entre os quaes se destaca a fundação da nossa escola de medicina...

Bem haja o Exmo. Sr. Presidente do Estado. Quem esparge beneficios tantos, póde, amanhã, no recolhimento intimo do lar, afastado deste pesado encargo de governar um povo, dormir o somno reparador de quem tudo fez para ser util a seus governados e lá, por entre as bençãos destes, V. Exc. se tornará cada vez mais querido, dia a dia mais bemdito.

Não são, não podem ser, Exmo. Sr. Presidente, palavras blandiciosas que se levam aos poderosos do dia; são os corolla-

rios inevitaveis que se tiram de um facto concreto e facto cuja solemnidade é consideravelmente assignalada pela presença de um dos mais notaveis mestres da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que, dignando-se aceitar o nosso convite, não trepidou em se expôr aos desconfortos de uma viagem penosa e longa, com prejuizo de seus clientes, que saberão perdoar o nosso egoismo, attendendo á grandeza do fim collimado.

Exms. Srs., de hoje em diante, após o lançamento da pedra fundamental deste edificio, terminam os trabalhos de propaganda e começam os trabalhos de facto. Caminhemos».

Soavam ainda os applausos, quando pediu a palavra o dr. Miguel Couto. Estabeleceu-se profundo silencio.

Começou dizendo que sobre aquella pedra que tivera a honra e a alegria de bater e cimentar, o grande Estado de Minas fundava a sua primeira Faculdade de Medicina.

A' semelhança da outra que sustenta, immovel, a sua carga millenaria, o seu eterno e incomparavel edificio, ella tambem havia de resistir aos tempos, como as montanhas de ouro, ferro e granito desta terra abençoada.

A obra que a outra symbolisa, não obstante, divina, foi desde logo negada e ultrajada; esta, não obstante a modestia das suas aspirações, e a benemerencia e desinteresse dos seus intuitos, foi, logo no berço, combatida. Certamente, a critica não tem designios malignos, nem reservas inconfessaveis, mas é injusta é iniqua.

Minas é o mais vasto e populoso Estado da União; não sabe si o mais rico, mas sem duvida, o que mais riqueza encerra nas suas entranhas: seus filhos distinguiram-se sempre por uma notavel predilecção pelos estudos medicos e formaram em todos os tempos entre os primeiros alumnos da Faculdade de Medicina. Agora, esse poderoso Estado medra em evidente prosperidade; no seu intermino territorio sulcam em todos os sentidos linhas ferreas; o progresso penetra-o por todas as portas; os seus habitantes agitam-se em torno desse progresso; tudo é actividade e vida: por que, pois, embargarmos o passo a tão nobre commettimento?

A critica parece esquecer a relatividade de todas as cousas. A Faculdade de Bello Horizonte, durante muito tempo, não poderá entestar com a do Rio de Janeiro, erguida sobre uma tradição de quasi um seculo, em uma grande capital; mas tambem a do Rio não se póde comparar com as universidades allemãs de uma opulencia espantosa.

Entretanto, a do Rio de Janeiro faz medicos e goza de justa aureola. Refere-se ás universidades italianas a poucos passos uma das outras, e as da Belgica. E pergunta: não seria mais util

ou mais economico reunirem-se tantas energias e farturas dispersas? Não, porque no ensino das disciplina praticas a disseminação é um factor da proficuidade.

O Rio Grande do Sul não possue a sua Faculdade de Medicina onde professam algumas capacidades de que se orgulharia a do Rio de Janeiro?

Discutindo a questão de falta de material diz que, ainda aqui, é a pura apparencia que avulta como phantasma, e a allegação, portanto decahe, a menos que se tome a serio o paradoxo de Anatole France que a unica realidade são as apparencias. Feito o calculo de proporção entre o numero de estudante, no Rio e o numero provavel delles em Bello Horizonte, relativamente a essa necessidade, não sabe qual a que sahirá perdendo. Quanto aos laboratorios, não se afflija a nova Faculdade. Nem elles custam fortunas, nem são elles que fazem os investigadores. As primeiras grandes descobertas de Claude Bernard foram realizadas num subterraneo escuro e humido; ha dez annos, o professor Gehuchten dava ao orador a honra de acolhel-o no seu laboratorio de Louvain, um estreito corredor, onde se tem operado verdadeira revolução na anatomia fina do systema nervoso.

Bretonneau, do fundo do seu modesto recanto da Touraine, foi um dos maiores nomes do seu tempo e o mestre adorado de Trousseau. O que nos falta, aqui e lá, não são laboratorios, são laboradores. O mal, porém, não é sómente, nosso. Consolemo-nos; diz um insuspeito autor francez, que o laboratorio de physica da Sorbonne só é habitado por aranhas, e que, quando apparece por lá um candidato apressado a fazer sua these, pode-se affirmar que este primeiro trabalho será o ultimo.

Depois que se realizar a crystallização desse sonho, de que fallou, ha pouco, o illustre director, Bello Horizonte será um nucleo de attracção, para as suas summidades e, como corollario, um grande centro hospitalar pela attracção dos doentes.

Dá um conselho aos seus collegas: é que se esqueçam, por completo, dos velhos moldes, por onde aprenderam: elles são francezes e estes dizem que os receberam na China. Já foram julgados e condemnados na sua patria. *A enquête sur l'enseignement* é um formidavel libello, cujos provarás não se acabam.

Falle por nós uma das summidades inquiridas, cujo nome basta citar: Hannotaux. Para elle, o regimen das palavras a educação verbal, fez seu tempo e seu trabalho, isto é, formou um povo de collegiaes, de candidatos, de *bêtes* de *concours*. A pretensa superioridade intellectual e social franceza, affirma-se, segundo elle, pela arte de repetir as mesmas palavras e os mesmos gestos; emfim copiar, decorar e repetir.

O modelo está na Allemanha. Ha um seculo, exactamente, Mme. De Stael comparava no seu mirificio livro *L'Allemagne* as instituições no seu paiz com as do paiz que a agazalhava, e não poude conter a sua admiração extrema pelo segundo. Deve-se conversar com um Francez, dizia ella, mas aprender com um allemão.

A vossa relativa pobreza, meus collegas, é propicia a este systema de ensino pratico, fundamentalmente pratico, quasi exclusivamente pratico.

Elle é uma creação vossa, sr. presidente, com a qual vos revelais um verdadeiro homem de Estado.

Todo o dispendio com a instrucção é um excellente emprego de capital, que reverte em beneficio de todos pelo aperfeiçoamento do primeiro factor do progresso,—o homem. A capacidade de uma nação mede-se pela cultura do seu povo, e é por isso que a Allemanha é a primeira nas sciencias, nas industrias, na guerra.

Promovendo a fundação da Faculdade de Medicina no vosso Estado, vós vos tornais o emulo de Cezar, como administrador: foi elle quem concedeu licença aos medicos da velha Roma de se congregarem em associações: e estes, então, construiram, sobre o *Esquilino* a primeira *escola medicorum*, onde professavam, faziam experiencias, ensinavam a medicina junto do doente e sustentavam aquellas famosas discussões que Celso nos havia de contar.

Assim integrada a instrucção publica no vosso Estado, póde se preparar nelle essa especie de gente por todos amada, senão temida, os medicos, que já Plinio, o antigo, denominava, imperadores da vida e da morte, *Imperatores vitæ necisque*. Fiquemos, porém, tranquillos, que, nem por isto, a Republica correrá perigo na patria de Tiradentes; apenas, quando se realizar o sonho do nosso director, e a Faculdade de Bello Horizonte attingir os apices de sua utilidade e da sua gloria, esta formosa Capital em que a grandiosidade de concepção, a audacia do traçado, a magnificencia monumental da architectura, o surto de suas grandes avenidas, trahem a fé serena dos seus fundadores no futuro, no valor dos seus homens, na Justiça de Deus, receberá talvez o cognome, daquella outra da antiguidade, cidade de Hyppocrates, *civitas Hippocrata*.

Um instituto desta ordem é uma casa de ensino e de trabalho, segundo a formula—ensinar trabalhando, no laboratorio e no hospital, ou, melhor, no laboratorio, dentro do hospital, para que o estudante, desde o momento em que lhe acudiu a idéa de exercer a medicina, se compenetre de que a nossa arte está toda na observação, *ars tota in observationibus*, alliando a sciencia á caridade, si já não é uma fórma de caridade aprender em uns para acudir aos outros.

Terminando, disse: Exmo. sr. Presidente do Estado. A suprema generosidade dos meus eminentes collegas de Bello Horizonte, reincidente hoje, nas expressões sobremodo excessivas de benevolencia do meu prezado amigo, professor Cicero Ferreira, creou um parentesco de coração e de espirito que me faz estremecer pela vossa Faculdade com as mesmas véras que consagro áquella onde me formei, sob o influxo das lições e dos exemplos de grandes mestres, e que constitue hoje, com a minha familia, a minha unica preoccupação. Eis porque eu peço venia a v. excia. para juntar os meus aos agradecimentos que vos acabam de ser feitos de um modo tão expressivo, pela vossa protecção, vossos carinhos e vosso interesse ao novo instituto de ensino».

Ao terminar foi o sr. dr. Miguel Couto applaudido com enthusiasmo.

Teve, depois, a palavra o professor Cornelio Vaz de Mello, vice-director da Faculdade, o qual, após um discurso em que salientou a benemerencia do sr. Presidente do Estado, Bueno Brandão, fez entrega ao mesmo do diploma de grande bemfeitor da mesma Faculdade.

O sr. Presidente Bueno Brandão, recebendo o diploma que lhe foi conferido de grande bemfeitor da Faculdade de Medicina, agradeceu a distincção recebida, dizendo que a sua acção em pról da realização do desejado estabelecimento de ensino obedece ao exemplo da iniciativa levantada. Ha muitos annos que o Estado anceia pelo promissor passo que trará reaes beneficios aos seus habitantes, indo ao encontro de sua cultura intellectual.

O Presidente faz judiciosas considerações sobre a utilidade da organização da Faculdade e, depois de agradecer os elogios que lhe foram dispensados pelo professor dr. Miguel Couto, declarou que envidará esforços para que seja um facto a vida da Faculdade de Medicina, não poupando para isso os esforços de que é capaz, como Mineiro e patriota.

O edificio cuja pedra fundamental foi collocada nesse dia, com tão extraordinaria solemnidade, foi orçado em 2.800:000$000.

A construcção do primeiro pavilhão, onde a Faculdade passou a funccionar, em abril de 1913, custou 380:3558740; com a competente installação de agua, electricidade e mobiliario, despendeu-se a quantia de 85:8528585.

A planta do edificio foi organizada pelo architecto Izidro Monteiro, e os constructores foram os srs. Garcia de Paiva & Pinto, sob a fiscalização do engenheiro do Estado, dr. Benedicto José dos Santos.

Com a acquisição de laboratorios e gabinetes, despenderam-se até ao anno de 1919, 329:0428551.

Apezar de proclamada a viabilidade desse instituto por uma voz tão alta como a de Miguel Couto, o *Jornal do Commercio*, do Rio, ainda depois de lançada a primeira pedra do mesmo, teve, contra elle, palavras de azedume, que obrigaram *O Estado*, de Bello Horizonte, a publicar a 10 de dezembro de 1911, o seguinte artigo de Aurelio Pires:

Cá de longe

«O velho *Jornal do Commercio* não perdôa á iniciativa mineira o ter tido o arrôjo de crear uma Faculdade de Medicina em Bello Horizonte.

Ainda ha poucos dias, a proposito do projecto Camillo Prates, relativo á fundação de um nosocomio para o estudo e o tratamento da molestia de Chagas — voltou elle a repizar esse assumpto, já tão debatido, tão elucidado, de todo afastado da esphera das cogitações especulativas, por já haver entrado em via de realização a idéa que o mesmo consubstancia.

A fundação da Faculdade de Medicina Mineira é um facto, e sua installação, em março proximo, é cousa inteiramente resolvida, definitivamente assentada, brilhantemente preparada e anciosamente esperada, em que peze á má vontade agourenta do auctoritario decano de nosso jornalismo.

Telegrammas de hontem para a imprensa carioca transmittiram-nos a noticia alviçareira da obtenção do predio necessario a esse instituto, da acquisição dos laboratorios indispensaveis e da installação dos cursos em março vindouro.

Ora, ahi está. E' assim que se faz em nossa terra.

Depois de maduramente estudado um melhoramento arealizar-se, ou um emprehendimento a executar-se; depois de pesadas meticulosamente todas as suas consequencias; de examinadas attentamente suas multiplas faces; de confirmada sua utilidade e verificada sua exequibilidade; depois de tudo isto, ella passa a entrar em via de realização, em principio de execução, serenamente, seguramente, firmemente, sem que seus promotores se detenham em escutar a grita que, porventura, provoquem, ou em responder a picuinhas que a inveja ou a má vontade engendrem.

Foi assim, com essa serenidade soberba, com essa segurança inquebrantavel, com essa firmeza imperturbavel, que se descortinaram e se povoaram os sertões de Minas; que se descobriram e se exploraram seus jazigos auriferos e diamantinos; que se resistiu ao despotismo colonial; que se affirmou sua soberania; que se organizou esse populoso Estado; que se construiu sua nova capital; que se fundaram a Escola de Direito e as Escolas

de Odontologia e de Pharmacia; e será assim que se installará a Faculdade de Medicina.

Não posso, aliás, atinar com os motivos desconhecidos que impellem o velho orgão carioca a franzir o sobrecenho e oppôr o seu roncante — *quos ego*..., todas as vezes que vem á baila a fundação da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte.

Não é, positivamente, o interesse pela saude publica, assanhado pela idéa apavorante de se formarem, em Minas, medicos incompetentes, que possam, futuramente, pôr em risco a integridade physica ou a vida de nossos semelhantes. Não! não é isso' porque o *Jornal* não emprega sua colera veneranda contra os charlatães, os curandeiros, os herbanarios, os adivinhos, os milagreiros e as cartomantes, que pullulam aqui, no coração da cidade, em plena Capital Federal, francamente, escancaradamente, com taboletas nas portas e annuncios nos jornaes.

Outras razões haverá, certamente, mui respeitaveis, acredito, mas tão subtis, que escapam a meu fraco intellecto.

Allegar-se que Bello Horizonte não comporta uma Faculdade de Medicina por deficiencia de meios de estudo, é uma objecção pouco sincera.

De feito, qual é o meio de estudo mais proveitoso, o livro mais eloquente para aprender-se medicina? Sem duvida, é o doente. Onde se encontram taes doentes? No hospital, evidentemente.

Ora, ouçamos o que disse o provecto, o respeitado, o competentissimo professor Miguel Couto, a respeito do hospital de Bello Horizonte, depois de uma visita de tres horas que fez ao mesmo:

«*Não sei como render graças á boa fortuna que me trouxe a esta casa, porque ainda não vi nada igual no meu paiz. A caridade é exercida com tanto carinho, com tanta sciencia, que eu ainda não encontrei assim associados em nenhuma parte. Não aproveitar para o ensino tanto material é um crime.* (*Vide Jornal do Commercio, edição vespertina, de 1 de agosto de* 1911).

Vê, pois, o *Jornal do Commercio* que bastante razão teve aquelle jornalista americano, nosso amigo, quando disse que *os mineiros são um povo que prefere um kilo de factos a uma arroba de boas intenções.*

Aurelio Pires.

Rio, 7 de dezembro de 1911.»

INDICES DOS LIVROS

DO

Archivo Publico Mineiro

Feu de Carvalho

276

O operoso primeiro official do *Archivo Publico Mineiro*, sr. dr. Theophilo Feu de Carvalho, a quem o mesmo já deve a organização do Indice Geral da respectiva Revista, iniciou no volume XX (1924), dessa *Revista*, a publicação dos *Indices dos Livros do Archivo*, havendo, então, publicado os Indices do Livro Primeiro (1605—1799), do Livro Segundo (1605—1753), do Livro Terceiro, do Livro Quarto (1709—1721), do Livro Quinto (1701—1753) e do Livro Sexto (1709—1754.

Publicam-se, no presente fasciculo, os Indices do Livro Setimo (1709—1713) e do Livro Oitavo (1711—1713).

Da Direcção

INDICE

DO

LIVRO SETIMO

(Continuação do vol. da «Rev. do Arch. Pub.» correspondente ao anno XX—1924).

7—Registros de resoluções, bandos, cartas patentes, provisões, patentes e sesmarias.—1710—1713. (1)

DATAS		PAGINAS
18—Julho—1710.	BANDO do governador e capitão general, prohibindo que nenhum mameluco, bastardo, mulato, carijó, pretos, escravos ou forros, possam trazer arma alguma de fogo, terçado ou catana em S. Paulo.....	8
1.º—Dez.—1710.	BANDO pelo qual Antonio de Albuquerque manda prohibir aos escravos usarem de armas e as negras de venderem bebidas e comestiveis nas lavras.....	37 v.
7—Dez.—1710.	BANDO do governador para todos os officiaes de guerra e ministros de justiça apresentarem na Secretaria deste governo, as suas patentes e provisões com que se acham servindo os seus postos e cargos	39 v.
22—Jan.—1711.	BANDO para que qualquer descubrimento de ouro que se fizer, logo se dê parte ao governador e aos guarda-móres	73 v.
27—Agosto—1711.	BANDO em que se declara a ordem de S. Mag. sobre a expulsão dos estrangeiros para fora das Minas.....	132

(1) Indice do livro setimo (antigo de n. (2) dous do catalogo publicado na «Rev. do Arch. Pub. Min.» do anno—XII—1907, a pagina 715.—Comprehende os annos de 1709 a 1713.

DATAS		PAGINAS
30—Agosto—1711.	BANDO pelo qual o sr. general Antonio de Albuquerque declara a ordem de S. Mag. para o castigo que hão de ter os soldados que desertarem dos Terços pagos do Rio de Janeiro.....	131
2—Julho—1710.	CARTA DE SESMARIA concedida a Maximiano de Góes e Sequeira entre Itú e Sorocaba, na paragem denominada—Itahyguassú,—as terras se acham entre as do Cap.m mór Pedro Tagues de Almeida e Sorocaba.....	3
2—Julho—1710.	CARTA DE SESMARIA concedida a Diogo de Lara e Moraes, Luiz Castanho, Diogo de Lara, Christovão Antunes, Pedro Leme e Ignacio de Almeida, das terras entre o termo da villa de Itú e Sorocaba, servindo de padrão um ribeiro que corre pelo meio do campo que desagua no rio de Sorocaba até o salto de Jurumirin.—De testada seis legoas e de sertão o que se achar.....	2 v.
10—Julho—1710.	CARTA DE SESMARIA passada a Thomé Rodrigues da Silva e Maria Leyte, de meia legoa de testada e outra meia de sertão, na paragem chamada—Tatuape e Peguiri—termo da villa de São Paulo, sobre o Tieté anhenbuhy.....	6
22—Julho—1710.	CARTA DE SESMARIA concedida ao Alferes Manoel do Valle Porto, de meia legoa de terras de campinas e mattos, no districto de—Coriotuba que chamam— Piraconva que fica entre o rio Itaquy e rio Piraconva e outra campina onde tem sua fazenda entre o rio Itaquy e o rio Pequeno.....	9 v.
23—Julho—1710.	CARTA DE SESMARIA concedida a Manoel da Costa Leme, Faustino Pereira e Silva, José da Silva Rego e João Corrêa de Magalhães, de duas legoas de testada com legoa e meia de sertão, na villa de Pindamunhagaba, partindo com Domingos do Prado nas cabeceiras das terras dos moradores de Currupehytiva, come-	

DATAS		PAGINAS
	çando do marco do dito Domingos do Prado, rio do Parahyba abaixo, aos quaes vão intestar com o mar.....	11 v.
23—Julho—1710.	CARTA DE SESMARIA concedida a Isabel Pedrosa, viuva de Manoel Vieira Barros, das terras que já possue ha quarenta e cinco annos no termo da villa de São Paulo, na paragem chamada—Caguassú, com legoa e meia de testada e uma de sertão começando do Ribeirão Guaricandiba.....	12 v.
29—Julho—1710.	CARTA DE SESMARIA passada ao capm. Bartholomeu Paes de Abreu, concedendo por sesmaria a fazenda que ha cinco annos mandou seu irmão Bento Paes da Silva fabricar nas Minas do Rio das Mortes Pequeno, junto a estrada que vae destas villas para as Minas, com todos os campos, capoeiras, mattos marinhos, alagadiços e tudo mais que ficar incluso na sua data, começando a correr do mesmo logar da sobredita fazenda, uma legoa para a parte do Rio Grande e meia legoa para a te do Rio das Mortes e do mesmo ribeirão em que está o logar e sitio, legoa e meia para baixo e outro tanto para cima, fazendo tres legoas.....	17 v.
31—Julho—1710.	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Bueno da Fonseca e mais herdeiros do capm. Diogo Bueno moradores em São Paulo, de um sitio que possuem ha mais de sessenta annos, chamado—Tieté—com meia legoa de comprido e de largo o que se achar de uma banda e da outra do rio Tieté, ficando o dito rio em meio e começará da barra de um Ribeirão do moinho de Miguel de Camargo, chamado —Guayguy—até o porto de Manoel Pinto Ribeiro e mais trezentas braças de largo e quinhentas de comprido que pedem.....	21
5—Agosto—1710.	CARTA DE SESMARIA de Antonio Raposo da Silveira, concedendo as terras que começam de uma paragem chamada—Teitie-	

DATAS		PAGINAS
	thequera—que fica abaixo donde morou Anna Maria de Siqueira, correndo pelo rio acima chamado—Teitipigiça—correndo pelo caminho da villa de São Paulo até as cabeceiras de um ribeirinho chamado - Pernagoa—e deste partindo pelos vallos velhos de Antonio de Almeida, até os vallos velhos de Anna Maria da Siqueira, correndo por elles abaixo até fechar no—Teitequera,—que serão seiscentas braças em quadra pouco mais ou menos.—Esta sesmaria foi confirmada a 5 de Maio de 1713.....	26
5—Agosto—1710.	CARTA DE SESMARIA de João de Toledo e Piza, concedendo a terra que fica, começando do pé da — Amantiqueira — para diante da banda de lá, paragem chamada - Cacrethéica—correndo pelo caminho que vai para as minas da parte esquerda, meia legoa de testada e tres de sertão...	25
5 - Agosto—1710.	CARTA DE SESMARIA concedida a Manoel de Castro de Oliveira, tres legoas de terras, partindo a dita sesmaria com a do capm. João de Castro de Oliveira, correndo o rumo pela estrada que vem para São Paulo, e o sertão em quadra por uma e outra banda da dita estrada.....	25
5—Agosto—1710.	CARTA DE SESMARIA concedida ao capm. João de Castro de Oliveira, de tres legoas de terras, partindo a sesmaria com a de Manoel Gonçalves, correndo o rumo pela estrada que vem para São Paulo e o sertão em quadra por uma e outra parte da dita estrada.....	24 v.
5—Agosto--1711	CARTA DE SESMARIA concedida ao capm. André Cursino de Mattos e a João de Carvalho Pinto, ao dito capm. nos Campos Geraes da villa de Canintuba, tres legoas de Campos, começando donde acabasse a sesmaria de Manoel de Castro de Oliveira com todos os capões e restingas que se acharem dentro das ditas tres legoas, ficando o sertão de uma ban-	

DATAS PAGINAS

da e outra em quadra pela estrada real que vem para São Paulo, servindo de rumo a mesma estrada e assim mais ao dito João de Carvalho Pinto legoa e meia de terras, que começariam da Barra de um ribeirão chamado — Pussaúna — correndo rio acima, fazendo sertão de uma banda a um matto chamado — Queririo - e da outra banda os campos de — Tinguiguira, com todos os capões e restingas que cercam o dito rio Pussaúna, Rio Grande e rio de Merigoy, que terão de comprimento a mesma legoa e meia e de largura meia legoa..... 24

6—Agosto—1710 CARTA DE SESMARIA de Manoel de Campos e Antonio Antunes Maciel, de terras na paragem chamada—Ibiticahe,—correndo pela Estrada dos Sertanistas até o ribeirão chamado — Jacuhi — intestando da banda direita com os mattos de — Ayembi — e da parte esquerda com o ribeirão de — Taputininga, — que serão nove ou dez legoas, pouco mais ou menos, assim de largo como de comprido. — Das nove ou dez legoas de terras ficou resolvido conceder seis, tres a cada um em quadra na fórma das ordens regias..... 28

6—Agosto—1710 CARTA DE SESMARIA de Manoel do Rego Cabral e seu irmão José de Sá, concedida na paragem chamada — Guareité ao matto de Ibiticatugue terá de distancia sete ou oito legoas pouco mais ou menos e da parte direita até o matto de — Axembi, — e da parte esquerda pelo ribeirão de Juarei abaixo, até fazer barra no Taquiritininga, e pelo Taquiritininga abaixo até os mattos de Ibiticatú e quando os ditos Campos estejam dados, correrão começando do Ribeirão de Jacuhy, até a entrada do matto do Paranapanema que terá a distancia de tres legoas em quadra ou o que na verdade se achar.

DATAS		PAGINA
	Das seis legoas de terras declaradas seriam tres para cada um.....	28
6—Agosto—1710	CARTA DE SESMARIA de Felix Sanches Barreto, das terras que elle tem compradas a João Martins Bonilha e Diogo Barbosa que será pouco mais ou menos uma legoa de testada e outra de sertão, que começa do ribeiro chamado—Iquiriri—junto do sitio de Jeronymo Machado, correndo por elle abaixo até dar no ribeirão—Aricandibá, e por elle acima até intestar com Domingos Machado Jacome.....	27v.
6—Agosto—1710	CARTA DE SESMARIA do capm. João de Camargo Pimentel, concedendo tres legoas de testada e seis de sertão, correndo rio abaixo legoa e meia de uma banda e legoa e meia da outra, que começará da feitoria que tiveram os garulhos que fica uma legoa acima donde os dous rios fazem barra, correndo o sertão pelo rio Sapucahy abaixo até encher a dita quantia.....	27
7—Agosto—1710	CARTA DE SESMARIA passada a Estevão Ortiz de Camargo, de uma fazenda que possue haverá dezesete annos, que começa da porteira da capella de N. Senhora do O', até um ribeirão chamado Yaguabussú, que faz barra sobre o rio Tieté, e de sertão meia legoa, outrosim reservando a testada a dita capella que são duzentas e setenta braças, entre elle supplicante com mais cento e noventa braças que acabam em um ribeiro do moinho de Miguel de Camargo, as noventa com uma legoa de sertão; as cem acabam logo em um ribeiro que vem do sitio de Antonio Bueno, incluindo todas as vargens, e alagadiços de todo o fronteiro da outra banda do rio Tieté, começando do ribeiro ao moinho até o ribeirão de Yguabussú.....	30
7—Agosto—1710	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel de Campos, concedendo uma legoa de ter-	

DATAS		PAGINAS
	ras em quadra na paragem chamada — Cajucatinga — nas cabeceiras das terras de Vicente Anes Bicudo.....	30 v.
8—Agosto--1710	CARTA DE SESMARIA passada a Thomé Rodrigues da Silva, das terras na paragem chamada — Paratii, — termo da villa de Mogy, que começavam da testada de Manoel da Cunha Lobo e de Lourenço Corrêa, uma legoa de testada e duas de sertão, correndo para a parte do — Moquira.....	134
8—Agosto--1710	CARTA DE SESMARIA a Miguel Soares Ferreira, concedendo tres legoas em quadra de terras sobre o ribeirão chamado — Tapiltininga.....	31 v.
28—Setem.--1710	CARTA DE SESMARIA passada ao Cap.^no Felix de Gusmão Mendonça Bueno, concedendo uma legoa de terras a margem de dous rios, um chamado—Trepuhy—que verte para o—Passa-dez, nomes que lhes deram os pau'istas primeiros descobridores, cujo Passa-dez confinava com o arraial do— Quaquende — do Ouro Preto e do Trepuhy com o campo, e dos lados com as serras por cujos sitios vinha o caminho do povoado, fazendo pião no alto que ficam os dous sitios que vertem para o Passa-dez e Trepuhy, em cujo alto e matta se acha uma cruz com todas as mais vertentes e serras.....	35 v.
3—Deze^m.—1710	CARTA DE SESMARIA passada a Francisco Duarte de Meirelles, concedendo terras entre— Parahupeba — cordilheira do Itatiaya e a encruzilhada do caminho das Aboboras, que vai para Itabira e Rio das Velhas, tendo duas legoas em quadra e fazendo pião no mais alto monte que está entre o curral e o serro.....	39
3—Deze^m.—1710	CARTA DE SESMARIA passada ao Tenente General Manoel de Borba Gatto, concedendo terras entre o rio Parahupeba e a cordilheira de Itatiaya, e de Matheus	

DATAS		PAGINAS
	Leme até fechar na barra do ultimo ribeiro delle que terá de comprimento cinco legoas e de largo tres, fazendo pião no meio dos pastos que ficam entre os districtos e demarcações declaradas..	38
15—Deze^m^.—1710	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel da Sylva Rosa, concedendo terras que se acham situadas passando o rio da Itabira pela estrada que vem dos curraes até o rio da Cachoeira, que terá legoa e meia.	41
14—Janeir^o^—1711	CARTA DE SESMARIA de Domingos da Silva, concedendo terras nas minas do Rio das Velhas, detraz do morro que chamam — Tombadouro, — começando do vallo até a Cachoeira Grande com duzentas e dez braças.....	44
14—Janeir^o^—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Sargento mór Gomes Chaves, de legoa e meia em quadra no arraial do Caethé, de umas terras que chamam as — Cabeceiras do Sabará Bussú, serviddo de pião o caminho que vae para Matto Dentro, e da parte do arraial começará nas cabeceiras das roças de Frey Simão e Domingos Fernandes.....	53 v.
14—Janeir^o^—1711	CARTA DE SESMARIA do Cap^m^. mór Sebastião Pereira d'Aguillar, concedendo tres legoas de terras de comprido, com legoa e meia em quadra, o sitio da Matta Pequena do Sumidouro, principiando do sitio a que chamam de Domingos Rodrigues do Prado a entestar com a serra das Congonhas, fazendo pião no sitio a que chamam de Bento Pires.....	45
15—Janeir^o^—1711	CARTA DE SESMARIA do Cap^m^. mór Sebastião Pereira de Aguillar, de meia legoa de comprido e trezentas braças de fundo, principiando pela parte do norte da passagem do Rio das Velhas no Arraial Velho, correndo rumo direito pela estrada do Capão, até as nascentes do dito riacho, e pela parte do Sul, pelo Rio das	

DATAS		PAGINAS
	Velhas acima, até o riacho e ponte dos Moreiras, correndo d'ahi rumo direito até as mesmas nascentes, comprehendendo as cabeceiras, mattos e campos daquelle sitio.....	45 v.
16—Janeir°—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Domingos Dias da Silva, de dous sitios, um chamado Sumidouro e outro Jequitibá, começando dos Limoeiros da Matta Grande, tapera que foi do Tte. General Borba Gatto, até a barra do ribeirão do dito Jequitibá, correndo rumo para o sertão até a estrada de Itabira e dos Limoeiros cortando rumo direito ao Rio das Velhas e de outra parte ao caminho da Itabira com tres legoas de terras.....	42 v.
16—Janerio—1711	CARTA de SESMARIA passada a Antonio de Araujo dos Santos, de um sitio no Rio das Velhas, na paragem chamada o — Curralinho — de uma legoa de terra de testada na mesma paragem onde tem um engenho, servindo este de pião e pela beira do Rio das Velhas com todas as pontas e entradas que fizer o dito Rio meia legua para baixo e meia para cima com tres legoas de sertão, correndo rumo direito para a parte do nascente caminho do nordeste.....	55 v.
17—Janeiro—1711	CARTA DE SESMARIA passada a José Ribeiro de um sitio defronte do Curral d'El Rey da outra banda do Ribeirão que vem do sitio que chamam o—Cercado,—partindo com o Tte. Manoel de Borba Gatto, correndo o rumo pelo ribeirão acima de uma banda e da outra.....	47
17—Janeiro—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Cap. João de Souza Netto, no districto do Sabará das terras que começam da roça e sitio de Francisco de Souza a contestar com as do Superitendente José Corrêa de Miranda. Começando da roça de Francisco de Souza, cortando para as do Tte. Gnl.	

DATAS		PAGINAS
	Manoel de Borba Gatto, e dellas para defronte de João da Fonseca Barata da mesma parte do Rio das Velhas até contestar com a sesmaria do Superintendente José Corrêa de Miranda, com todos os seus mattos e campos circumvizinhos para pastos..	56
18—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Cap. João de Souza Netto de um sitio no Sabará, que partia pelo nascente com Manoel Pinto, do poente com Virissimo Antunes e teria pouco mais ou menos trezentas braças, começando do sitio para cima correndo para o norte a partir com Pedro da Siva Chaves.....	57 v.
18—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada a Fructuoso Nunes Rego de meia legoa de testada e meia de sertão, na ribeira do rio chamado—Sabará Buçu,—frente do morro grande e entre o dito rio e morro tem suas lavouras, começando na passagem pelo rio acima até a barra do corrego grande que vem do morro, cortando rio direito.....	46 v.
18—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada a João Ferreira dos Santos de meia legua em quadra de terras começando no Rio do Caethé para cima onde mora Sebastião Luiz e Domingos Pereira, e pela outra parte faz divisão um morro que está entre elle Supplicante e Manoel Paes.....	46
18—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada a Francisco Duarte de Meirelles, de um sitio no Rio das Velhas, havido do Tte. Gnl. Manoel de Borba Gatto, o qual começam suas *cabeceiras* digo, suas capoeiras da cachoeira de Urbano de Castro, correndo rio abaixo, começando das vertentes do corrego de Urbano de Castro para baixo do Rio das Velhas, de testada trezentas e tantas braças, pouco mais ou menos e de sertão correndo da outra banda do rio pela cachoeira de Urbano de Castro, até attestar com a roça nova do Supplicante meia legoa.....	47 v.

DATAS		PAGINAS
19—Janeiro-1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Tte. Gnal. Manoel de Borba Gatto, de meia legoa ne terra correndo da barra que faz o ribeirão do Tombadouro no ribeirão que vem do cercado para cima, pelo dito ribeirão de uma e outra parte delle.....	48
19—Janeiro-1711	CARTA DE SESMARIA de João Leite da Silva, concedendo a fazenda que já possuia desde 1701, no districto do Rio das Velhas, em a paragem que chamam o — Cercado,—toda a terra da dita fazenda, começando a sua data do pé do Serro das Congonhas, até a Lagoinha estrada que vae para os Curraes da Bahia que será uma legoa, e da dita estrada correndo para o Rio das Velhas tres legoas por encheio, entrando todos os pastos, campos, capoeiras, etc.....	49
20—Janeiro-1711	CARTA DE SESMARIA passada a Domingos Pereira de Lima, concedendo um sitio, o qual parte pela banda de cima com João Ferreira e pela outra com a estrada que vae para Matto Dentro e pelo meio da dita roça vem um corrego. meia legua de terra pelo dito corrego acima, pegando do engenho para cima e aquelles mattos que se achar para a parte do campo que junto do dito sitio fica.....	49 v
20—Janeiro-1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Superintendente Domingos do Couto, de um sitio chamado Casa Branca no Caethé com novecentas braças de largo e uma legoa de comprido, principiando a medir da parte do norte em uma ponte da estrada que vae para o dito sitio e um ribeirão que divide alguns sitios que ficam para a parte do sul, com uma legoa de comprido, ribeirão acima caminho de léste que principiará da mesma ponte.....	50
20—Janeiro 1711	CARTA DE SESMARIA do Ajudante Pedro de Andrade Pimentel concedendo uma roça no districto de Sabará, a qual parte de	

DATAS		PAGINAS
	uma banda com o Cap. Lucas de Andrade e da outra com o campo, com mil braças em quadra, fazendo pião na barra dos Tres Ribeiros que na dita roça desaguam	48 v
21—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada a Domingos Duarte Galvão de uma roça em um capão junto ao caminho que vae para as Macahubas, com meia legoa em quadra, fazendo pião na dita roça.....	50 v
23—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada a Ignacio da Rocha Feyo, de um sitio que chamam Bento Pires, principiando da encruzilhada da Matta Pequena, que toma para o Sumidouro, até a Matta Grande, que serão duas leguas e meia e de fundo a entestar com o sitio das Aboboras e pela outra parte até as beiradas do Rio das Velhas	51
24—Janeiro -1711	CARTAS DE SESMARIA passada a José de Seixas Borges concedendo um sitio no Rio das Velhas com meia legoa de testada comarcando-se com o sitio do Sargento mór José Borges da parte de cima, correndo rio abaixo de uma e outra parte do rio com o sertão de meia legoa.....	52
28—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Pinheiro de Serqueira, de uma legoa de terras de testada correndo do ribeiro chamado Brumado, rumo direito pelo fundo da sua roça até o Curralinho, ou até onde alcançar a legoa com o sertão para léste que tenha tres legoas de distancia	53
29—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada a Pedro da Silva Portilho, de seiscentas braças de terra em quadra confinando por um lado com Roberto Muniz e pelo outro com as de João de Castro, fazendo suas testadas com a beira do campo.....	54
29—Janeiro -1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Cap.^{m} João de Souza Sotto Mayor, de uma legoa de terra principiando nas cabeceiras do Ria-	

DATAS		PAGINAS
	cho do Tombadouro para a parte debaixo com os mattos que inclue o dito ribeiro para o Rio das Velhas até atestar com o sitio de Clemente Pereira.....	54 v.
29—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Cap.m João de Souza Sotto Mayor, do Sitio das Aboboras, com tres legoas de comprimento e uma de sertão, principiando do segundo ribeiro que fica antes de chegar a casa, correndo para o palmital sendo a legua de sertão de uma e outra parte da estrada.....	55
30—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Cap.m João de Souza Netto, de um sitio para a parte do norte, sul e nascente meia legoa de terras e para o poente um quarto de legoa na fórma do estylo. O sitio partia da banda do norte com o campo, do sul com Simão Barbosa, do nascente com Antonio de Aguiar e do poente com Manoel Dias Leite.....	57
31—Janeiro--1711	CARTA DE SESMARIA passada a Francisco de Souza e Moura, no districto de Sabará por detraz da roça de Amaro Soares Louzada com tresentas e cincoenta braças para cada banda, fazendo pião aonde tem o seu sitio e casas de vivenda.....	56 v.
3—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Dias Leite, de um sitio no ribeiro do Sabarabussú e cento e cincoenta braças de Mattos na testada do dito sitio, cortando pelo corrego acima, que vem do sitio do Cap.m João de Souza Netto e donde acabar as ditas que pede força rumo de norte a sul, com todas as vertentes que se acharem de uma e outra parte do corrego.	58
5—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA, passada a Antonio de Oliveira, Manoel Vieira e Antonio de Miranda, de sua roça com duzentas braças de largo e duzentas e cincoenta de comprido	60 v.
4—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Francisco Duarte de Meirelles, de um sitio em uma	

DATAS		PAGINAS
	volta grande que faz o Rio das Velhas, correndo noroéste sudoéste, cujo principal da volta faz nas casas em que se acha morando o guarda-mór José Rodrigues Bitim e defronte José Ribeiro, aonde faz barra um corrego pequeno e d'ahi para baixo correm suas roças, correndo para a parte do nordéste meia legoa pouco mais ou menos e para a parte do sudoéste cento e cincoenta braças até o alto de suas capoeiras.....	61
4—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a José de Seixas Borges, as terras devolutas que começam do Ribeiro do Jequitibá, entre os rios de Paraopeba e das Velhas até o de São Francisco.....	61 v.
5—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. Antonio Pinto de Magalhães, de um sitio nos Raposos principiando da parte do norte na passagem da ponte nova do ribeiro da Prata, partindo pelas capoeiras do supplicante com as de Pedro da Silva Portilho, cortando rumo direito até o Brumado, e da parte do sul correndo pelo dito ribeirão acima, até a cachoeira grande que está no mesmo ribeirão, cortando a entestar com a sesmaria de Manoel Pinheiro de Sequeira até o Brumado que será pouco mais ou menos meia legoa de comprido e de largura num quarto de legoa.....	63
6—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Jorge Gonçalves Porto, de uma roça no districto de Sabará no ribeiro de Manoel Pinto, com mil braças em quadra e um pedaço de matto acima, até uma cachoeira que partia junto com a roça de Domingos Duarte, que era a largura de sua roça, fazendo pião na barra de um corrego que na dita roça tinha.....	63 v.
7—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Domingos Dias da Silva, das terras que vão do	

DATAS		PAGINAS
	Jequitibá para o Sumidouro, tres legoas e mais o que falta para chegar ao Ribm. da Matta Grande	68
7—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Antonio de Sá Barbosa, de uma roça na ribeira do Rio das Velhas, freguezia da Roça Grande, que terá de comprido seiscentas braças e outras tantas de largo; partindo por uma parte com uma capoeira do Capm. Domingos Dias, e pela debaixo com José Ribeiro.....	66
7—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Placido Nunes Vieira, de um sitio que fazia extrema por uma parte com Manoel Dias Leite e por outra com Francisco Pacheco de Andrade e o Capm. João de Souza Netto, com duzentas e quarenta braças em quadra	66 v.
7—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. Lucas de Andrade Pereira, de um sitio no Rio das Velhas, fazendo pião no mesmo sitio, intestando pela parte de cima com as roças do Ajudante Pedro de Andrade, pela debaixo com as do Ajudante José Ribeiro, que terá em quadra pouco mais ou menos quinhentas braças.....	65
8—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a José Marques, do Sitio de Lagoa Dourada que começa do Riacho dos Macacos, Rio Paraopeba abaixo até contestar com a sesmaria de José de Seixas Borges e por outra parte com a de João Leite da Silva; das Sete Lagoas até o dito Riacho dos Macacos	68 v.
27—Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. Manoel de Mendonça e Lima, do sitio que chamam dos Macacos, principiando da estrada que toma para os Curraes na passagem do Riacho com legoa e meia para uma e outra parte do Riacho e por elle abaixo tres legoas de sertão até entestar com a Lagoa Dourada.	

DATAS		PAGINAS
	Nota:—O Capm. Manoel de Mendonça e Lima abriu mão da — Carta de Sesmaria — que tinha alcançado, em Setembro de 1709, de Antonio de Albuquerque, das terras que principiam da encruzilhada que toma para a Matta Pequena do Sumidouro, com legoa e meia em quadra para a Lagoa Grande. — Feu.....	69
17 — Fev.º —1711	CARTA DE SESMARIA passada a Don Francisco Rondon, de um sitio cujas terras nos Limoeiros a intestar com Domingos Dias da Silva para a parte, do Sumidouro e para a parte de cá a testar com o Capm. mór Sebastião Pereira de Aguillar que terão quatro lagoas pouco mais ou menos	69v.
23 — Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Pires de Carvalho e Antonio Pires de Carvalho, de um sitio, parte com tresentas braçade testada, partindo com Bartholomeu dos Santos e rio abaixo com Domingoa Monteiro e para o sertão meia legoa de terras de uma e outra banda, fazendo pião na na casa onde viveu.....	72v.
27 — Fev.º—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Antunes de Lemos, de um sitio no districto do Ribeirão de N. S. do Carmo, junto ao Morro de Domingos Velho Cabral, com meia legoa, correndo para a banda do Sumidouro	74
4—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Paulo Henriques, de um sitio na estrada que vae para Santa Barbara, cujas terras vão das vertentes do morro que a dividia com Estevão Dias de Vergara até Ignacio Gonçalves Borges, que seria pouco mais ou menos um quarto de legoa.....	76
5—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passado ao Padre Manoel Mattos de Siqueira, de um stitio situado no ribeirão que vem do Curral d'El-Rey a desaguar no Rio das Velhas, junto a Francisco de Arruda de Sá e um pedaço de matto de uma e outra banda	

DATAS PAGINAS

do ribeiro, comprehendendo tudo mil braças de circuito ..... 76v.

6—Março—1711 CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Pegado, de umas terras na estrada do Caminho Novo que vem do Rio de Janeiro, no vão da Caveira até a chapada da vista do sitio do guarda mór Garcia Rodrigues e Ribeiro dos Pinheiros, fazendo pião a dita estrada do Rio de Janeiro, de comprimento uma legoa, de uma e outra parte e de largura o vão que faz da Caveira até contestar com o limite do dito Guarda mór..... 83

7—Março—1711 CARTA DE SESMARIA passada ao Alferes Domingos Vieira, de um sitio no ribeiro chamado de — São Francisco, — com suas roças de uma e outra parte, com meia legoa de terras em quadra de uma e outra parte, ficando o dito sitio em meio, que era divisa que poderia haver..... 77

7—Março—1711 CARTA DE SESMARIA passada a Fernando Bi-de Andrade, de tres quartos de legoa para cada parte, fazendo pião no Engenho chamado da Conceição, onde o supplicante estava situado, correndo para todas as partes, que para as Catas Altas partia com Sebastião Preto e para Santa Barbara com Francisco Ribeiro e João de Almeida, e, nas mais partes corria para o Sertão..... 77v.

14—Março—1711 CARTA DE SESMARIA passada a João de Castro, de uma roça situada no arraial dos Raposos a beira do Rio das Velhas, onde se achava situado, principiando do no corrego de Antonio Teixeira até entestar com Custodio de Azevedo Leitão, que seriam duzentas braças pouco mais ou menos, com a largura de um quarto de legua para o campo..... 79

14—Março—1711 CARTA DE SESMARIA passada a Francisco Luiz, de uma roça no arraial de Raposos a beira do Rio das Velhas principiando no

DATAS		PAGINAS
	corrego onde mora Antonio Teixeira, até a roça do Brumado que seriam tresentas braças, pouco mais ou menos com a largura de meia legoa para o campo.	79.v.
16—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Estevão Dias de Vergara, de um sitio junto ao Ribeirão de Santa Barbara, com meia legoa de testada, começando no espigão que fica entre o seu Engenho e o sitio de Paulo Henriques, correndo para o Ribeirão de Santa Barbara e do sertão legoa e meia, começando do alto do seu cannavial para o nascente.....	80v.
16—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Sebastião de Arruda da Costa, de uma legoa de terras em que se acham os sitios de seus tios Jeronymo Tavares, Antonio do Rego e Francisco de Arruda, por ser administrador dos mesmos e vivendo cada um no seu, e que esta principia aonde acabam as terras de Francisco Duarte Dias até onde principia a do Padre Serrão, cujo circuito occupa uma e outra banda do Rio das Velhas.....	80v.
18—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao capm. de Cavallos Leonel da Gama Belles, das terras que se acham devolutas, da encruzilhada que faz o caminho que vem dos Curraes e na Itabira, correndo pela estrada que vae para a Itatiaya até chegar ao caminho que vae para o Rio das Velhas, partindo pela outra parte com a sesmaria do Alferes Manoel da Silva Rosa, e vindo da dita encruzilhada do caminho do Rio das Velhas, correndo pelo dito caminho até chegar a dita sesmaria do Alferes Manoel da Silva Rosa, que em todo este circuito serão duas legoas e meia.....	80v.
26—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Gaspar de Godoy Moreira, de umas terras em que tinha seu sitio, começando da roça do	

DATAS		PAGINAS
	Pe. Vigario Miguel Rebello de Alvim, rio abaixo quinhentas legoas com o sertão que se costuma dar.....	81v.
26—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Coronel Salvador Fernandes Furtado, das cabeceiras de uma sesmaria, no sitio do Morro Grande para a parte do Brumado, com uma legoa de sertão para Guarapiranga.....	81
26—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Jeronymo Pimentel Salgado, de um sitio na Borda do Campo, junto das Congonhas, a que chamam dos—Carijós, freguezia de N. S. da Conceição, com legoa e meia em quadra que principiará do Ribeiro da Casa Branca pelo caminho do povoado até a Egreja de N. S. da Conceição, meia legoa da estrada para o poente e uma legoa para o nascente e matto-grosso, partindo com as terras de João da Silva da Costa, e com as de Amaro Ribeiro que se acham devolutas.....	82
27—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada a João Antonio Rodrigues, das terras que se acham devolutas e partem da sesmaria do Coronel Salvador Fernandes Furtado para rio abaixo e com o sertão uma legoa para a parte do Brumado, sendo que, da sesmaria do Coronel Salvador Fernandes Furtado, até a aguada de Albano de Góes, poderão ser duzentas braças pouco mais ou menos.....	82v.
28—Março—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. Antonio Forquim da Luz, de suas roças e casas ribeirão abaixo ao pé do Sumidouro, fazendo testada rio abaixo, começando da roça de Estevão Francisco até o fim da roça do Padre Vigario com as braças que se achar, cortando para o Brumado até Miguel Garcia, e rio acima a mesma largueza de sua testada, da mesma sorte as terras fronteiras ao seu sitio da banda do norte do dito rio em que	

DATAS		PAGINAS
	estam situados os seus escravos com a mesma testada delle e de largo quinhentas braças desertas.....	84v.
9—Abril — 1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Simão Fernandes, de um sitio nas cabeceiras do Rio São Francisco das Catas Altas e roça junto do dito rio na estrada que vem do Ribeirão de Santa Barbara para Hytapeva, meia legoa de terra em quadra fazendo pião na casa do sitio, que está no caminho junto ao dito rio de São Francisco, correndo por uma parte para a Hytapeva e da outra para o dito Ribeirão da Santa Barbara, e das outras partes corre uma para o nascente, e outra para o poente.....	85
10—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Sebastião Rodrigues da Gama, de meia legoa de terra de seu sitio pelo rio acima com duas legoas de sertão correndo para o nascente	85 v.
13—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Francisco da Fonseca, de um sitio no Ribeirão Abaixo que poderia ter quatrocentas braças em quadra ou o que na verdade se achasse, começando dellas e do ribeirão para o lado onde o supplicante se achava situado, ficando o seu sitio em meio e ficando por divisa o dito ribeirão.....	87
14—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Pedro Anes Soutto, de um sitio nas cabeceiras do Rio das Velhas, começando do mesmo rio pora o campo e de testada quinhentas braças partindo de uma parte com Seraphim Monteiro e da outra com Jacintho Moreira.....	88 v.
15—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada ao Doutor José Rodrigues de Abreu, de umas terras partindo com o Sargento-mór Felix de Gusmão, até a subida do morro de Tapanhoacanga, começando das primeiras lavras do arraial de Ouro Preto, até o caminho de Ouro Branco quatrocentas braças	89

DATAS		PAGINAS
16—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a José Ferreira de Lemos, de um sitio no Ribeirão Abaixo, com mil braças de sertão, correndo a medição dellas da direitura de umas capoeiras que foram de Gaspar Nunes dos Reis que estavam abaixo da barra do dito ribeirão para cima, de uma e outra banda do rio.....	89 v.
16—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada ao Sargento-mór Paschoal da Silva Guimarães, uma legoa de terras de testada, fazendo pião na sua capoeira dos limoeiros, meia legoa rumo direito para Tapanhoacanga e outra meia para o campo e para as ilhargas, fazendo cruz em rumo para baixo e para cima.....	90
16—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Domingos da Silva Raposo, de um sitio na Cachoeira em que assistia, o qual comprou por uma arroba de ouro a Antonio Leite de Barros, com quinhentas braças de largo, fazendo testada pelo campo, com o sertão para o fundo de outro tanto...	90 v.
16—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada ao Ajudante José Lourenço Ferreira, de um sitio junto ao ribeiro de São Bartholomeu, principiando o pião nas casas do mesmo sitio, partindo de uma parte com Manoel da Hora e pela outra com Manoel Rangel que serão quinhentas braças de largo e de comprido mil para o sertão de uma e outra parte do mesmo ribeirão.....	91 v.
18—Abril—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Clemente Pereira de Azevedo Coutinho, de um sitio no logar chamado o—Arraial Velho— que partia por uma ilharga com o corrego da Egreja de Santo Antonio para cima até o campo e pela outra com a roça do Capm. João de Souza Sotto Maior, que serão de uma parte a outra quinhentas braças pouco mais ou menos de testada com o sertão para o campo, que terá de comprimento oitocentas braças e	

DATAS		PAGINAS
	outro no pé do Tombadouro da parte do Curral d'El-Rey, com seiscentas braças de terra em quadra	91
18—Abril—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Ignacio Goncalves Borges, de um sitio no districto de Matto Dentro, na estrada que vae para o Ribeirão de Santa Barbara, que estam devolutas, começando do sitio de Paulo Henriques até o sitio de Francis-Cubas, que poderá ser meia legoa pouco mais ou menos, e outra meia legoa em quadra....	93
18—Abril—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. Antonio Corrêa Sardinha, de um sitio adiante das Cattas Altas, partindo o dito sitio com Manoel Vieira, meia legoa em quadra.	
	Nota:—A' margem deste livro a fls. 95 vem a nota seguinte: — «Esta carta foi confirmada por S. Mag. em 6 de Fev. de 1717.»	
	E' um engano, como se verifica do livro numero—(2)—dous, fls.—(31 v.)—trinta e um verso, foi confirmada á—(26)—vinte e seis de Feveiro.—Fen..... ..	96
22—Abril—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Bartholomeu dos Santos, de um sitio no caminho do Sumidouro, partindo com o Capm. Manoel Antunes de Lemos, meia legoa correndo para o Sumidouro e outra meia de sertão, fazendo o pião onde tem a casa do sitio.....	93 v.
22—Abril—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. Manoel Pereira Ramos, de terras devolutas e em sertão de Itacolomim em um ribeiro que chamam da—Bocaina—o qual desagoa no ribeirão de Miguel Garcia, uma legoa de terras correndo para o Sul....	93
22—Abril—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Pedro Corrêa de Godoy de um sitio nos Gualachos, ribeirão chamado de—Miguel Garcia, correndo uma legoa de uma banda do rio	

DATAS		PAGINAS
	e outra da outra banda, começando da borda da sua roça para rio abaixo até encher a dita lagoa.....	93 v.
27 – Abril – 1711	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel da Cunha Lobo, em substituição a que lhe fôra passada em 1703, de uma roça no Caminho Velho, na paragem que chamam—Tapiasengo,—do morro de Tapiasingo até a borda do Campo no alto do outeiro da Bôa Vista que mais ou menos será uma legoa, com outro tanto de sertão, ficando em meio o caminho....	95 v.
29 - Abril – 1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. João Carvalho de Oliveira, de um sitio no ribeiro de São Bartholomeu, com meia legoa de sertão para a parte de leste e de testada quatrocentas braças, partindo de uma parte com Manoel Mayo da Hora e da outra com Ambrosio da Motta.....	96 v.
30 – Abril – 1711	CARTA DE SESMARIA passada a Antonio Dias Leme, de uma roça junto a Ribeirão Abaixo, correndo para baixo e partindo com terras da roça de Sebastião Gil de Godoy e pela parte de cima com roça de Paulo Luiz, que teria tresentas e cincoenta braças, pouco mais ou menos de um sitio a outro, fazendo testada no dito ribeirão, correndo com o sertão para os Gualachos com seiscentas braças	97
4 – Maio – 1711	CARTA DE SESMARIA passada a Sebartião Gil de Godoy, de um sitio no Ribeirão Abaixo, fazendo testada no dito ribeirão, correndo de uma parte para Antonio Dias Leme e para a parte de baixo com Bartholomeu Bueno, que haveria de um sitio ao outro setecentas braças de testada e correndo para o sertão teria mil braças pouco mais ou menos, correndo até o ribeirão de Miguel Garcia, na testada a capoeira que se achar, aonde está situado o dito ribeirão.....	98 v.

DATAS		PAGINAS
6—Maio—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Sardinha, de um sitio no Ribeirão Abaixo com duzentas braças de terras de testada pelo dito Ribeirão abaixo, principiando do corrego que fica por baixo do sitio de Manoel Rodrigues Gayo, até o do sitio em que mora João Soares Caldas, e uma legoa de sertão correndo para o norte e ribeirão do Gama.....	97 v.
11—Maio—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Domingos Velho Cabral, de um sitio com meia legoa de testada léste a oéste com legoa e meia de sertão norte e sul, ficando as casas do sitio em meio da testada, numa legoa de sertão para o norte e meia para o sul, incluindo nellas suas capoeiras e roças com entradas e sahidas e logradouros	99
12—Maio—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Luiz da Costa de Mello, de umas terras devolutas no Campo das Minas Geraes, com uns mattos, capoeiras e campos misticos em que teve roça a viuva Maria Bueno, que, estam entre as sesmarias de Antonio Alves Magalhães, partindo pelas capoeiras e testada de Felix de Gusmão, e de Manoel da Silva Rosa, e pela outra parte com a de Martinho Gonçalves que poderá ser meia legoa em quadra, pouco mais ou menos.....	99 v.
13—Maio—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Francisco Leme da Silva, de um sitio no ribeirão de São Bartholomeu, com meia legoa de terras em quadra fazendo pião no dito sitio.....	99 v.
17—Maio—1711.	CARTA DE SESMARIA passada ao Padre Paulino Pestana e Souza, de uma fazenda na ribeira do Rio das Velhas aonde tem casas de vivenda, canaviaes, engenhos e roças de uma e outra parte do rio, e as terras desde um ribeirão que lhe fica pela parte de baixo, aonde termina o sitio de Simão da Costa Cabral, até o sitio de Ve-	

DATAS		PAGINAS
	rissimo da Silva exclusive os mais proximos e immediatos visinhos do supplicante que terão pelo comprimento do rio duas mil e quinhentas braças de terra....	100 v.
18—Maio—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Francisco Alves Corrêa, de um sitio na Cachoeira, com os mattos e aguas vertentes da sua roça, começando da estrada da passagem da Cachoeira, até a barra do corrego do Padre Belchior de Souza e pela outra parte começando do sitio de Lourenço de Meirelles até a estrada do Curralinho a rumo do norte, que terá de comprimento da passagem até a barra do corrego mil braças e de largura da Cachoeira até as vertentes de um morro que cahe para a sua roça seiscentas pouco mais o menos.....	102
19—Maio—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a João Thomaz, de trezentas braças em quadra de terras e mattos que estam na estrada que vae para Curralinho antes de chegar ao rio da Cachoeira adiante do Padre Belchior de Souza Barbosa e com Vicente de Pina e Francisco da Costa Taveyro	102
23—Maio—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Mario Torquato Teixeira de Carvalho, de suas roças no districto do Ribeirão de N. S. do Carmo, as quaes partiam do nascente com a sesmaria do Capm. Raphael da Silva e do poente correndo para o Itacolomim, com meia legoa de terras em quadra na referida paragem.....	102 v.
23—Maio—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Pedro da Rocha Gandavo, de um sitio de matto no districto da Itatiaya, o qual parte com a sesmaria do Capm. mór Antonio Francisco donde começa, correndo pela beira do ribeirão abaixo da dita Itatiaya até a distancia de uma legoa, e da beira do mesmo ribeirão para a banda do poente outra tanta terra de matto que se vae	

DATAS		PAGINAS
	seguindo na largura do dito sitio a confrontar com a mesma largura da sobredita sesmaria do Capitão mór.....	103
30—Maio—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Simão de Meirelles, de um sitio nos Campos de Minas Geraes, chamados os Pousos Altos, que faz testada pelo caminho que vae da Itatiaya, para as Lavras Novas sitas ao pé do - Itacolomim—e todo capão em que está o dito sitio, como tambem os capões visinhos que tiver em distancia de meia legoa em sua redondeza, fazendo pião no mesmo sitio de Pouso Alto.	104 v.
4—Junho—1711.	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. Manoel de Almeida Costa, de um sitio no Tapanhuacanga e os mattos circumvizinhos, começando do caminho novo que vae para São Bartholomeu, costeando a serra, até o sitio de Francisco de Novaes Pereira exclusive que serão mil braças de testada do dito sitio, buscando o rumo de São Bartholomeu até a roça de Manoel de Almeida Pereira, e da roça do dito buscando a passagem do ribeirão que está no caminho velho de São Bartholomeu a que chamam a aguada—fazendo quadra no dito caminho novo que poderá ser mil braças em quadra com as ditas demarcações.....	105
6—junho—1711.	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. mór Domingos Fernandes Pinto, de uma roça com duzentas braças em circuito de matto virgem e uma legoa de terra em quadra correndo para o Brumado, principiando das ditas duzentas braças.....	106 v.
10—Junho—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel de Lima Pereira, de um sitio nas vertentes de S. Bartholomeu e uns mattos virgens para cima que contem pouco mais ou menos quatrocentas braças em quadra até o morro de Tapanhuacanga, e seiscentas braças de um seu roçado, correndo	

DATAS		PAGINAS
	para baixo pelo proprio corrego rumo de nordeste tambem em quadra.....	107
10 – Junho – 1711.	CARTA DE SESMARIA passada a João Soares de Sousa, de um sitio no districto do Ribeirão do Carmo que parte com Catherina Leite e com as capoeiras de Manoel de Alvarenga districto de um e outro, sito na vargem, aguas vertentes para o ribeiro do Itaqui, com dusentas braças de terra em quadra nas testadas do mesmo sitio.....	108 v.
14—Junho – 1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Miguel Barbosa Sotto Maior, de uma roça que possuia abaixo do morro das Tres Cruzes, junto ao ribeiro das Congonhas, entre José Lopes e Manoel Barrêto, tendo tresentas braças em quadra.....	109
14 – Junho – 1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Antunes de Azevedo, de um sitio no ribeiro de São Bartholomeu, que parte de norte com Manoel da Silva Borges, de léste com Miguel da Silva e de oéste com Miguel Gonçalves, tendo um quarto de legoa de testada entre os dous visinhos que ficam collateraes de léste e oéste com uma legoa de sertão para o sul...	109 v.
15 – Junho – 1711.	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. mór Antonio Francisco da Silva, de um sitio que foi de Antonio Leal da Costa, situado na estrada do povoado aonde chamam – Paraupeba, – com meia legoa de terra de comprido e meia de largo e as terras que ficam e estam devolutas Até Amaro Ribeiro, e da parte do Rio das Mortes, meia legoa com outra meia mais para rio abaixo, com as mesmas confrontações	110
16 Junho – 1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Geronymo Teixeira, de um sitio em os mattos do Ribeiro de S. Bartholomeu, assim como das vertentes e quatrocentas braças de terras fazendo pião no meio.	111
17 – Junho – 1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Antonio Pompeo Taques, de meia legoa em quadra no	

DATAS		PAGINAS
	districto de Antonio Pereira, principiando donde acaba o do Capm. mór Pedro Frazão de Britto.....	111 v.
17—Junho—1711.	CARTA DE SESMARIA passada a João Baptista de Carvalho, de um roçado aonde chamam o —Cachambum— com mil braças de terras em quadra, para uma e outra parte, fazendo pião no dito roçado.....	112
23—Junho—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Jerouymo de Oliveira, de um roçado no ribeirão dos —Monçus — com oitocentas braças por cada parte quatrocentas, fazendo pião no meio do roçado, partindo com a sesmaria do Ajudante José Coelho da Cunha	113
27—Junho—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Paschoal Al-Alves de Mendonça, do sitio de—Raposos—que fôra do Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca, com quatrocentas braças de terras de testada, rio acima das furnas e mil braças de fundo para o rio das Velhas.....	114
6—Julho—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Francisco Fernandes de Almeida, de um sitio no ribeiro dos Monçus,—sendo o primeiro «morador e descobridor», com meia legoa de terra correndo para o norte do sitio aonde mora a testar com os tapanhuacangas tanto de uma, como de outra parte, indo correndo pelo ribeiro acima até atestar com o Ajudante José Coelho.....	119 v.
10—Julho—1711	CARTA DE SESMARIA passada a José Ventura de Mendonça Sotto Maior, das terras que se achavam entre a data que possuia hoje o Capm. mór Antonio Francisco que foi de Francisco Leal, chamado o—mulato da Bahia,—e o Capm.—Amaro Ribeiro, sendo o pião pelo caminho da estrada que de presente serve geral a todos, pelo vento que correr, e para a parte do Caminho Novo, que vem do Rio de Janeiro até a primeira terra que fôr dada, e para outra parte até a primeira	

DATAS		PAGINAS
	serra que topar com a primeira medição que fôr feita.....	123
10—Julho—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Machado Dutra, de um sitio nos Campos de Minas Geraes, para a parte dos — Pousos Altos e os mattos que lhe pertencem com tresentas braças em quadra.....	122 v.
24—Julho—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Capm. Domingos Martins Pacheco, de um sitio nas Congonhas, principiando da barra do ribeiro pequeno com uma legoa de comprido, rio acima, e de largo a distancia que ha entre o dito ribeiro e o ribeiro grande com um quarto de legoa pouco mais ou menos.....	127
27—Julho—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Domingos Duarte Galvão, de uma legoa de terras, aonde tem seu engenho de moer canna no Rio das Velhas e fazendo pião no dito engenho.....	127 v.
27—Julho—1711	CARTA DE SESMARIA passada ao Padre Manoel de Almeida, de um sitio no Rio das Velhas, cujas terras começam do ribeirão chamado do Padre Almeida, continuando Rio das Velhas acima, meia legoa de uma e outra parte do Rio, por ter em ambas suas roças e bemfeitorias, tendo portanto meia legoa de largo e meia de comprido.....	128
11—Agosto—1711	CARTA DE SESMARIA passada a Antonio Martins Leça, de uma roça nas cabeceiras do São Bartholomeu, com meia legoa de terras em quadra na dita paragem, fazendo pião na dita roça.....	129 v.
19—Agosto 1711	CARTA DE SESMARIA passada a Manoel Gonçalves Vianna, de um sitio no Caminho Novo, com o campo aonde chamam a—Ressaca—uma legoa de terra de testada na mesma paragem, servindo de pião o dito sitio, meia da outra com tres legoas de sertão, correndo com ella rumo direito pelo caminho das minas adiante.....	133

DATAS		PAGINAS
25--Ag.to--1711.	CARTA DE SESMARIA passada a Antonio Alvares de Magalhães, de umas terras nos Campos de Minas Geraes onde tem um sitio com suas roças as quaes partem por uma banda com o Cap.m mór Francisco de Godoy Moreira, correndo de léste a oéste com o sertão que se achar até o Rio das Velhas, com mil e quinhentas braças, fazendo testada e rumo em umas covancas ao pé do caminho, que vae para o Rio das Velhas, seguindo o rumo do norte pelo mesmo caminho, fazendo fumo e testada no Rio das Velhas, partindo com a sesmaria de Martinho Gonçalves..	123 v.
11--Set. -- 1711.	CARTA DE SESMARIA passada ao Coronel João Raposo Bocarro, de um sitio no districto do Rio das Velhas, de uma parte começava mistico com o Rio das Velhas defronte do sitio do Cap.m Constantino Pereira, intestando na cabeceira de uma banda com Francisco Dias de Aguiar, até onde tinha seu cercado dos cavallos, cortando pelo mesmo cercado pela beira do riacho acima, de uma e outra banda do riacho; com os capões e restingas que tem até a serra e d'ahi em diante entrando pela portella do morro da serra que faz, por onde vae o caminho de Santa Barbara até a subida da serra do frio aonde entra o Riacho de Iguaparuma em que tem a sua faisqueira e faz as suas assistencias com as restingas e capões que tem o dito riacho e campo até o emparedado alto e dahi pela outra parte correndo direito ao compito com a mesma largura em que começa pela beira do Riacho de S. Barbara até a primeira portella e da dita portella seguindo, sendo sempre o mesmo comprimento pelo riacho que dá no Rio das Velhas, com os capões e restingas que tem e apanhando toda a terra do campo e restingas que ha	

DATAS		PAGINAS
	no meio da dita largura. Comprimento, a saber a pedra que toca como sino, as cachoeiras, caminho e encruzilhada que vai para o Caraça, cabeceira de S. Barbara e o meio que ha no dito espaço, que tudo contem em si duas legoas de comprido e meia de largo, pouco mais ou menos, declarando que fiquem livres os dous sitios a saber, o do Alferes Antonio Alves da Costa e o de Mathias Cardoso, os quaes, dous sitios, têm por termo e divisa a estrada que vae para o Caraça e Santa Barbara.....	136
14 - Set. — 1711. —	CARTA DE SESMARIA passada ao Cp.m José Rodrigues Betim, das terras entre Paraopeba e a estrada que vae para as Abobaras, cuja distancia poderia ser tres legoas pouco mais ou menos em quadra, correndo e começando do Ribeirão da Cachoeira para o norte entre o dito rio e estrada.....	137 v.
26 - Set. — 1711.	CARTA DE SESMARIA passada a João Soares Caldas, de duzentas braças de testada, partindo das terras do Coronel Salvador Fernandes Furtado para baixo e as terras devolutas entre João Antonio Rodrigues e o Cp.m Sebastião Alves de Frias com uma legoa de sertão para o Sumidouro, fazendo testada no Ribeirão Abaixo....	140
27 - Set. — 1711.	CARTA DE SESMARIA passada aos officiaes da Camara de Villa Rica de Albuquerque, da passagem do Ribeirão até o terreno da dita villa, e da serra do Itacolomim até a de Antonio Pereira, correndo até intestar com o Cap.m Manoel de Mattos, com todos os mattos, campos e recantos que não estiverem dados por sesmaria, como tambem os campos que estivessem devolutos desde o Tripuhy, Curralinho e Serro do Itatiaya, porem no que toca a divisão pela parte Mestre de Campo dos Auxiliares, Domingos da Silva Bueno,	

DATAS		PAGINAS
	para ficar em sua ausencia assistindo na Praça de Santos.....	32
22—Abril—1713.	CARTAS DE SESMARIA concedida ao Coronel Domingos Rodrigues d'Affonseca, de umas terras e sitio na Borda do Campo e Caminho Novo do Rio de Janeiro para Minas com uma legoa em quadra, ficando a estrada em meio e fazendo pião, o mesmo sitio com meia legoa para um outro lado com nova sesmaria.....	142
8—Agosto—1710.	NOMBRAMENTO a Simão Affonso do posto de Alferes da companhia do Capm. Cursino de Mattos do terço que de novo se levanta de infantaria paga, e a dita companhia ha de assistir na Praça de Santos	33
11—Setembro 1710.	NOMBRAMENTO passado a Antonio José de Mendonça, do posto de Alferes da companhia do Capm. Francisco Bueno, do novo terço das minas, que assiste na villa de São Paulo.....	36
15—Fevereiro—1711.	NOMBRAMENTO para Manoel Gonçalves, ser Sargento de numero da companhia do Capm. André Curssino de Mattos, na Praça de Santos.....	100
15—Fevereiro—1711.	NOMBRAMENTO para o Cabo de Esquadra José Alvares, da companhia do Capm. André Curssino de Mattos, na Praça de Santos.....	100
17—Julho—1711.	NOMBRAMENTO passado a Antonio Nunes, do posto de Alferes da companhia de que é Capm. Frutuoso Nunes, do terço auxiliar de que é Mestre de Campo Sebastião Pereira de Aguilar.....	125
22—Junho—1711.	ORDEM para o Capm. Manoel Gonçalves Ferreira, continuar a servir o posto de Capm. da companhia da Conceição e mais villas de que é donatario o Conde da Ilha do Principe.....	7 v.
4—Julho—1710.	ORDEM para o escrivão da camara de villa de São Paulo, Antonio Corrêa de Sá fazer as receitas dos novos direitos ao Thesouro delles, por não haver escrivão da receita do dito thesoureiro.....	4

DATAS		PAGINAS
22—Julho—1710.	ORDEM para o governador da Praça de Santos, fazer os soldados que achar capazes para a mesma praça e para o Provedor da fazenda real os matricular.....	19
8—Agosto—1710.	ORDEM de Antonio de Alburquerque Coelho de Carvalho, pela qual nomea Mestre de Campo dos Auxiliares, Domingos da Silva Bueno, para ficar em sua ausencia assistindo na Praça de Santos.....	32
21—Agosto—1710.	ORDEM para Juiz ordinario da villa de Guaratinguetá, quintar o ouro que traz das minas Lourenço Cardoso de Negreiros, e assim mais todo o que vier chegando e se achar nas mãos de algumas pessôas que o troscerem.....	33 v.
3—Setembro 1910.	ORDEM para o Superintendente do Rio das Mortes, fazer quintar todo o ouro que levarem quaesquer pessôas que passarem pelo Caminho Velho, para as villas de Serra acima e de Paraty.....	31 v.
19—Novembro—1710.	ORDEM para o Capm mór do Rio das Velhas, dar toda ajuda e favor aos Prelados e Ministros Ecclesiasticos.....	36
15—Novembro—1710.	ORDEM para o Capm. Luiz de Almeida prender o Licenciado Antonio de Souza e seu irmão Francisco de Souza. Nota:—Este Capm. levou dez soldados e um cabo e teve ordem de, no caso de se terem ausentado, mandar postar a porta dos mesmos, os dez soldados e o cabo, este venceria seis oitavas por dia e os soldados quatro cada um no primeiro dia; no segundo venceria em dobro, até que aparecessem os presos—Feu.....	37
23—Novembro—1710.	ORDEM para o Provedor dos Quintos da capitania de São Paulo, abrir n'aquella villa a—Casa e Officina dos Quintos— e publicar editaes para que todo o ouro em pó a ella fosse levado.....	37
6—Dezembro—1710.	ORDEM para Manoel Teixeira Tourinho, servir o officio de escrivão da superintendencia do Ouro Preto, por impedimento do que servia	40 v.

DATAS		PAGINAS
7—Dezembro—1710.	ORDEM para o Tenente de Cavallos Francisco Leite e mais officiaes nella declarados, fossem as paragens por onde vêm os comboios e cargas de fazendas da Bahia; os confiscassem e trouxessem para entregar a superintendencia do Rio das Velhas.	40
12—Janeiro—1711.	ORDEM para Lourenço da Costa Martins, servir de escrivão do Capm. e Guarda-mór dos novos descobrimentos, Antonio Dias de Oliveira.....	43
21—Janeiro—1711.	ORDEM para o Capm. mór do Ribeirão Domingos Fernandes Pinto, fazer prender muitos escravos fugidos que andavam roubando e escalando roças.....	50 v.
27—Janeiro—1711.	ORDEM para Paulo Nunes Felix, ir fazer as diligencias nos descubrimentos dos dous ribeiros do morro de Juitipóca e os exames necessarios.....	52 v.
6—Fevereiro—1711.	ORDEM do Governador Antonio de Albuquerque pela qual encarrega do governo do districto do Serro do Frio ao Mestre de Campo Manoel Alves de Moraes Navarro	64
6—Fevereiro—1711.	ORDEM para o Capm. mór Garcia Roiz Velho, que vae ao descobrimento das esmeraldas, pôr um paradeiro nos conflictos de jurisdicções, entre o Coronel Manoel Corrêa Arzão e Gerardo Domingues.....	64 v.
7—Fevereiro—1711.	ORDEM passada a requerimento do contratador dos dizimos, para os moradores até a barra do Rio da Velhas, lhe pagarem os mesmos dizimos.....	70
27 Fevereiro—1711.	ORDEM para o Tenente de Cavallos Francisco Leite de Faria, ir para a estrada dos curraes da Bahia a confiscar os comboios de fazendas prohibidas que por ella vieram.....	78
27—Fevereiro—1711.	ORDEM para o superintendente do Rio das Velhas, matricular o Tenente de Cavallos e os officiaes e soldados que o mesmo Tenente levou, para confiscar os com-	

DATAS		PAGINAS
	boios que viessem pela estrada dos curraes da Bahia.....	78 v.
20 Abril—1711.	ORDEM para José Rodrigues servir o officio de porteiro do districto e juizo da superintendencia do Ribeirão do Carmo...	75
20—Abril—1711.	ORDEM para o Capitão mór do Rio das Velhas mandar prender Francisco Gomes de Almeida, que se situou nos campos e caminhos que vem dos curraes para estas minas, para poder avisar e acolher os que vêm com comboios.....	110 v.
30 Abril—1711.	ORDEM para os Capitães mores dos districtos do Rio das Velhas, Sabará, Caethé e Serro do Frio e os Ministros de Justiça, darem ajuda e favor ao visitador daquelles districtos, Reverendo Dout or Lourenço de Valladares Vieira, quando lhe for necessarias.....	97
9—Maio—1711.	ORDEM do Governador Albuquerque, para o superintendente José Rabello Perdigão, tirar devassa do levantamento que intentaram os negros minas do Ribeirão Abaixo	98
25—Maio—1711.	ORDEM para o guarda-mór Antonio Corrêa Arzão, como capitão mór governar o districto do Serro do Frio até segunda ordem do governador e capitão general.....	104
22—Junho—1711.	ORDEM para o Capm. Manoel Antunes de Lemos, levar ao Rio de Janeiro a Ignacio Cardoso, preso por ordem do Santo Officio.....	112 v.
23—Junho—1711.	ORDEM para o Meirinho da superintendencia do Rio das Velhas, ir com o Furriel e soldados para campo e estrada dos curraes que vem da Bahia para confiscar os comboios.....	113
28—Junho—1711.	ORDEM para o superintendente do Ribeirão do Carmo tirar um summario de testemunhas sobre os descaminhos que por causa de Francisco Gomes de Almeida consta haver, acerca dos combois que vem pela estrada dos curraes da Bahia	114 v.
7—Julho—1711.	ORDEM para o mestre de Campo Domingo Fernandes Pinto, ficar governando o dis-	

DATAS		PAGINAS
	tricto do Ribeirão, na fórma que o faria como Capitão-mór.....	128 v.
7-Julho-1711.	ORDEM para os Juizes Ordinarios da Villa do Ribeirão do Carmo, poderem servir e julgar sem embargo de não terem Cartas de Uzança.....	120
10-Julho-1711.	ORDEM para os Juizes Ordinarios de Villa Rica de Ouro Preto, poderem servir e julgar, sem embargo de não terem Cartas de Uzança.....	120
20-Julho-1711.	ORDEM para os Juizes Ordinarios da nova Villa Real que se levantou no arraial do Sabará, poderem servir e julgar, sem embargo de não terem Cartas de Uzança...	120
27-Julho-1711.	ORDEM para o Mestre de Campo dos Auxiliares dos districtos do Rio das Velhas, Sabará e Caeté, Sebastião Pereira de Aguillar, ficar governando os ditos districtos, na fórma que o faria como capitão mór	128 v.
7-Agosto-1711.	ORDEM sobre o ouro dos quintos, pertencentes a Sua Mag. e pedido para as despezas da guerra, que leva o Sargento mór Engenheiro Pedro Gomes Chaves, ao Rio de Janeiro.....	129 v.
23-Agosto-1711.	ORDEM para o Administrador da Fazenda Real do Rio das Velhas, fazer entrega ao Provedor e Administrador do contracto dos dizimos, Domingos Pinto de Magalhães os papeis que forem necessarios, para poder tratar da cobrança dos ditos dizimos sem embargo de se ter feito sequestro em tudo.....	130 v.
27-Agosto-1711.	ORDEM para o Mestre de Campo Paschoal da Silva Guimarães governar no districto de Ouro Preto.....	132 v.
27-Agosto-1711.	ORDEM para o Juiz Ordinario de Villa Rica tirar um summario de testemunhas no caso de um crime que commetteu Antonio Velho e largueza com que fallou..	132 v.
14-Setembro-1711.	ORDEM para o Tenente General Manoel de Borba Gatto ir aos Districtos de Pitanguy e Paraopeba ás deligencias de	

DATAS		PAGINAS
	harmonisar e regular o bom governo entre aquelles moradores.....	137
7—Julho—1710.	PATENTE Passada a André Curssino de Mattos, de Capm. de uma companhia do terço pago que S. Mag. manda levantar em São Paulo.....	18 v.
8 -Julho—1710.	PATENTE passada a Antonio de Oliveira Cordeiro, do posto de Capm. de Infantaria da Ordenança da villa de Jundiahy.....	4 v.
8 Julho—1710.	PATENTE de confirmação, passada a Antonio de Moraes de Sequeira de Sargento mór da Ordenança da villa de Jundiahy e que já servia o dito posto por outra do Governador Arthur de Sá e Menezes.....	4
14 Julho—1710.	PATENTE passada a Pedro Dias Paes do posto de Capm. de uma das duas companhias de infantaria da ordenança da villa de Pernahyba.....	9
11—Julho - 1710.	PATENTE passada a Francisco Jorge Velho, do posto de Capm. de infantaria da ordenança de uma das duas companhias da villa de Pernahyba.....	9
15 -Julho—1710.	PATENTE passada a Luiz Pedroso de Barros do posto de Sargento mór da ordenança da villa de Pernahyba.....	8 v.
15 Julho—1710	-PATENTE passada a Thomé Moreira Velho, do posto de Sargento mór de infantaria da ordenança da villa de Mogy	11
15—Julho—1710.	PATENTE passada a Antonio Pires d'Avilla, de Capm. de Auxiliares do districto de Penha de França, Cahaguassú incluindo o bairro de S. Miguel....	16
16 -Julho—1710.	PATENTE passada a Manoel Pimenta, do posto de Capm. da Ordenança da villa de Mogy.....	10 v.
16—Julho—1710.	PATENTE passada a Antonio da Cunha de Abreu, do posto de Sargento mór da Ordenança da villa de Jacarahy.....	33
16—Julho—1710.	PATENTE passada á Antonio Moreira, do posto de Capm. da Ordenança da villa de Jacarahy.....	33

DATAS		PAGINAS
16—Julho—1710.	PATENTE passada a João Vaz dos Reys, de Capm. da Ordenança da villa de Jacarahy.....	33
16—Julho—1710.	PATENTE passada a Domingos de Figueiredo Freire, do posto de Capm. da Ordenança da villa de Mogy.....	11
16—Julho—1710.	PATENTE passada a Pedro Domingos Paes, de Sargento mór da Ordenança da villa de Sorocaba.....	13 v.
16—Julho—1710.	PATENTE passada a Ternon Paes, do posto de Capm. de infantaria de uma das duas companhias da ordenança da villa de Sorocaba.....	14
16—Julho—1710.	PATENTE passada a Domingos Soares, do posto de Capm. de uma das companhias de infantaria da ordenança da villa de Sorocaba.....	14 v.
18—Julho—1710.	PANTENTE passada a João Diniz da Costa, do posto de Capm. de infantaria de uma das companhias da ordenança da villa de Itú.	16 v.
18—Julho—1710.	PATENTE passada a Antonio Pires de Campos, de Capm. da Ordenança de uma das duas companhia de infantaria da villa de Itú.....	17
18—Julho—1710.	PATENTE passada a Mathias de Oliveira Gago, do posto de Capm. da ordenança da villa de Itú.....	17
21—Julho—1710.	PATENTE de confirmação passada a Gaspar Soares de Sequeira, do posto de Capm. de infantaria da ordenança do districto de Conceição da villa de São Paulo.....	10 v.
26—Julho—1720.	PATENTE passada a Domingos Jorge da Silva, do posto de Sargento mór da Ordenança do districto da villa de Itú.....	17
26—Julho—1710.	PATENTE passada a Jacintho Vaz de Gusmão de Sargento mór da ordenança da villa de São Vicente.....	15
29—Julho—1710.	PATENTE passada a Simão Dias, do posto de 2.° Capm. da aldea dos Pinheiros...	19 v.
29—Julho—1710.	PATENTE passada a Bonifacio Rodrigues de Oliveira do posto de Capm. da aldea da Conceição.....	19 v.

DATAS		PAGINAS
29 — Julho - 1710	PATENTE passada a Felix de Macedo, do posto de Cap^m. da aldea de Bavori.....	19 v.
29 — Julho — 1710	PATENTE passada a José de Almeida, do posto de 2.º Cap^m. da aldea de Bavori..	19 v.
29 — Julho — 1710	PATENTE passada a Salvador Paes de Barros, do posto de Cap^m. da aldea de Bavori.....	19 v.
29 — Julho — 1710	PATENTE passada a João de Carvalho, do posto de Sargento mór da aldea de São Miguel	19 v.
29 — Julho - 1710	PATENTE passada a Affonso Cabral, do posto de Sargento-mór da aldea de Bavori.....	19 v.
29 Julho — 1710	PATENTE passada ao indio João Velloso de Siqueira, do posto de Cap^m. e Cabo dos indios da aldea de S. Miguel.....	19 v.
29 — Julho — 1710	PATENTE passada a Alexandre Rodrigues, do posto de Sargento-mór da aldea da Conceição.....	19 v.
29 — Julho — 1710	PATENTE passada a Francisco Corrêa, do posto de Cap^m. da aldea dos Pinheiros..	19 v.
30 — Julho — 1710	PATENTE passada a Salvador Furtado, do posto de Cap^m. dos Auxiliares do districto de Virapcura=do terço de que é Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno.....	20 v.
30 — Julho — 1710	PATENTE passada a Fernando Lopes Camargo, do posto de Cap^m. de Auxiliares do districto da -Cutia do terço de que é Mestre de Campo Domingo da Silva Bueno.....	20 v.
30 — Julho — 1710	PATENTE passada a Joseph de Aquirre de Carvalho do posto de Cap^m. dos Auxiliares do districto de—Juquiry - de que é Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno.....	20
1—Agosto — 1710	PATENTE passada a Manoel Carvalho da Silva Bueno e Aguiar, do posto de Cap^m. de infantaria do terço pago.....	21 v.
3 Agosto—1710	PATENTE passado a João Leite de Barros, de Cap^m. de Auxiliares do districto dos Pinheiros, Urúvùquissava até Jaraguá....	22

DATAS		PAGINAS
3—Agosto—1710	PATENTE passada a Manoel de Camargo Pires, de Cap^m. de Auxiliares da companhia do districto de —Tieté e mais bairros annexos, começando de Urabiassava até Iguássu.....	22 v.
3—Agosto—1710	PATENTE passada a Domingos Lopes de Lima, de Cap^m. dos Auxiliares do districto de Nazareth.....	23
3—Agosto—1710	PATENTE passada a Antonio do Prado, do posto de Cap^m. dos Auxiliares do districto de São João.....	23 v.
6—Agosto—1710	PATENTE passada a Francisco Bueno, Cap^m. da Infantaria de uma das tres companhias que se formaram na villa de São Paulo, pertencentes ao novo terço.....	26 v.
7—Agosto—1710	PATENTE passada a Bartholomeu Paes de Abreu, do posto de Cap^m. de uma das companhias de infantaria paga do novo terço.....	29
21—Novem—1710	PATENTE passada a João de Barros Pereira, do posto de Cap^m. do Matto do districto de Minas Geraes.— Nota:— Os capitães do matto, tinham direito de cobrar pelos escravos fugidos até a serra de Itabira dose oitavas de ouro, até o Sumidouro, vinte e quatro e dahi para diante ao Rio de S. Francisco quarenta oitavas, sem nada levar de sustento; pois eram obrigados a dal-o aos prezos, até os entregar a seus senhores. Esta foi a determinação de Antonio de Albuquerque em 1709 —Fev.....	36
11—Dezembro—1710	PATENTE passada a Francisco Nunes de Onhati, do posto de Cap^m. do Matto do districtos de Itatiaya, Rio das Mortes, até a Mantiqueira.....	40v.
17—Dezembro—1710	PATENTE passada a Sebastião Gonçalves Murilho, do posto de Cap^m. do Matto...	41v.
12—Janeiro—1711	PATENTE passada a Antonio Dias de Oliveira de Cap^m. e guarda mór de todos os descobrimentos de ouro que fizer desta data em diante.....	42v.

DATAS		PAGINAS
13—Janeiro 1711	PATENTE de Thomé Rodrigues Nogueira, do posto de Cap.m de infantaria da ordenança do districto da Piedade, em que tinha sido eleito pelos officiaes da Camara da villa de Guaratinguetá.....	43
2—Fevereiro—1711	PATENTE passada ao Tenente General Manoel de Borba Gatto, conservando-o neste posto que já o exercitava ha doze annos por provimento de Arthur de Sá e Menezes.....	53v.
3—Fevereiro—1711	PATENTE passada ao Cap.m mór Garcia Rodrigues Velho, do novo descobrimento das esmeraldas.....	59v.
7—Fevereiro—1711	PATENTE para Braz Rebello Marinho do posto de Cap.m de uma companhia de infantaria da ordenança do districto de Sabará.....	67
8—Fevereiro—1711	PATENTE passada a Miguel de Araujo Velho, do posto de Cap.m do matto dos districtos do Sabará, Rio dasVelhas e Caethé	67v.
23—Fevereiro—1711	PATENTE do posto de Sargento mór, passada a Leonardo Nardes.....	71
23—Fevereiro—1711	PATENTE passada a Domigos Rodrigues da Fonseca, de Coronel da capitania de São Paulo, posto que servia por provimento do Governador D. Francisco Martins Mascarenhas de Lancastro.....	71v.
25—Fevereiro—1711	APTENTE do posto de Cap.m do matto do districto de Minas Geraes passada a Francisco Gonçalves Leça.....	73
28—Fexereiro—1711	PATENTE passada a João Mascarenhas Castello Branco, do posto de Cap.m da guarda do General Governador.....	74v.
2—Março—1711	PATENTE para João Baptista Ribeiro, do posto de Cap.m do matto do districto do Ribeirão do Carmo.....	75v.
28—Março—1711	PATENTE de Cap.m do matto passada a Antonio de Souza Godinho, do districto de Minas Geraes.....	83v.
31—Março—1711	PATENTE passada a João Amaro Maciel Parente, do posto de Cap.m mór do districto de Gurapiranga.....	84

DATAS		PAGINAS
10 Abril — 1711	PATENE de Cap.m do matto, passada a Antonio de Barros da Fonseca, do districto de Ribeirão.....	83v.
12 — Abril — 1711	PATENTE passada a Manuel Antunes de Lemos, do posto de Cap.m e cabo dos forasteiros.....	86v.
20 — Abril — 1711	PATENTE de Cap.m do matto, passada a João Colona, do districto do Rio das Mortes. — (A' margem da folha 83v.).....	83v.
20 — Abril — 1711	PATENTE passada a Salvador Fernandes Fernandes Furtado, de Coronel das ordenanças da villa de Taubaté, novamente eleito e nomeado no mesmo posto com exercicio nestas minas.....	94
2 — Maio — 1711	PATENTE de Cap.m do matto passada a José Fernandes Lopes, do districto de Minas Geraes. (A margem desta folha).....	83v.
18 — Maio — 1711	PATENTE passada a José Coelho da Cunha, do posto de Ajudante da ordenança do districto de Ribeirão do Carmo.....	101v.
19 — Maio — 1711	PATENTE passada a Thomé Pereira, do posto de Cap.m mór das entradas do districto do Rio das Velhas, Sabará e Caethé e rebeirão de Machinas.....	101v.
6 — Junho — 1711	PATENTE passada a Manoel da Fonseca Bueno, do posto de Cap.m mór da capi-	
25 — Nov.º — 1709	PROVISÃO de S. Mag. pela qual faz mercê a Manoel Pegado do cargo de Secretario do novo governo de S. Paulo e Minas, por tempo de tres annos.....	35
9 — Julho — 1710	PROVISÃO passada a Eugenio de Aguiar e Ma., para servir por mais de um anno os officios de escrivão da camara e dos orphãos, tabellião, almotaçarias e execuções da Villa de Parnahyba.....	5
9 — Julho — 1710	PROVISÃO passada ao Capitão Manoel Bueno da Fonseca, para servir o officio de Juiz de Orphãos, por um anno, da Villa de S. Paulo.....	5 v.
9 — Julho — 1710	PROVISÃO passada a Antonio Corrêa de Sá, para servir o officio de Escrivão da Co-	

DATAS		PAGINAS
	marca da Villa de S. Paulo por um anno.....	6
10—Julho—1710	PORVISÃO passada a João Baptista de Almeida, para servir por mais um anno, o officio de Tabellião do publico, judicial e notas da Villa de S. Paulo.....	7
10—Julho—1710	PROVISÃO passada a Domingos Nunes da Costa, para servir o officio de Tabellião do publico, Judicial e notas da Villa de S. Paulo.....	10
22—Julho—1710	PROVISÃO passada a João Pinheiro Homem, por um anno, para servir os officios de Escrivão e Tabellião da Villa de São Sebastião.....	13 v.
24—Julho—1710	PROVISÃO passada a Jeronymo de Faria Marinho, para mais um anno servir o officio de Escrivão dos Orphãos da Vila de S. Paulo.....	13
8—Agosto.—1710	PROVISÃO para Verissimo Cordeiro de Vasconcellos, servir os officios de Escrivão da Camara, Orphãos, Tabellião e Almotaçaria da Villa de Mogy.....	32 v.
8—Agosto.—1710	PROVISÃO para o Capm. Mor Pedro Taques de Almeida, continuar na occupação de Procurador da Coroa e Fazenda Real...	31
22—Agosto—1710	PROVISÃO a Manoel de Andrade Caldas, para servir os officios de Escrivão da Camara, Orphãos, Tabellião e Almotaçaria da Villa de Guaratinguetá, por tempo de seis mezes.....	34
10—Nov.º—1710	PROVISÃO para João Lopes Guerra servir o officio de Escrivão da Fazenda Real dos Quintos, no districto e passagem do Rio das Mortes.....	38
4—Janeiro—1711	PROVISÃO para o Tenente General Manoel de Borba Gatto, servir o cargo de Provedor e Juiz das Sesmarias dos districtos de Sabará, Caethé e Rio das Velhas.....	42
23—Janeiro—1711	PROVISÃO para João Freire de Macedo, servir de Carcereiro, da cadeia da nova Villa de Sabará.....	52

DATAS		PAGINAS
23—Janeiro--1711	PROVISÃO para Miguel Alves, servir ao officio de Aferidor do districto do Rio das Mortes	51 v.
30 – Janeiro--1711	PROVISÃO para Antonio Rodrigues Guerra, servir o officio de meirinho do provedor e Juiz das sesmarias.....	56
2–Fever.º—1711	PROVISÃO para Domingos Martins Pacheco, servir o officio de Inquiridor, Distribuidor e Contador.....	59
3—Fever.º—1711	PROVISÃO para o Sargento mór Lourenço Carlos Mascarenhas, servir o cargo de Superintendente do Serro Frio.....	62
6 – Fever.º—1711	PROVISÃO para Manoel Teixeira Cabral, servir o officio de Alcaide daVilla de Sabará	70 v.
6 - Fever.º—1711	PROVISÃO para Thomaz Luiz Moreira, servir o officio de Aferidor dos pesos e balanças da Villa de Sabará.....	67
6 —Fevº.—1711	PPRVISÃO para João Carneiro da Rocha, servir o officio de Aferidor das medidas da nova Villa de Sabará	66
6 —Fev.º—1711	PROVISÃO para Francisco Pacheco de Andrade, servir o officio de Tabellião do Publico, Judicial e Notas de Sabará....	65v.
6 —Fev.º—1711	PROVISÃO para Manoel da Costa Barreto, servir o officio de Escrivão de Alcayde da villa Sabará.....	65v.
7 —Fev.º—1711	PROVISÃO para Pedro Teixeira Cabral, servir o officio de Escrivão da Superintendencia do districto do Serro Frio em que está provido Luiz da Costa de Mello...	66v.
23 —Fev.º—1711	PROVISÃO para Salvador Cardoso Leitão, entrar na serventia do officio de escrivão da Superindendencia do Ribeirão.....	72.
23 —Fev.º—1711	PROVISÃO para José de Seixas Borges, servir a occupação de Procurador da Corôa e Fazenda Real, nos districtos de Caethé, Sabará e Rio das Velhas.....	71v.
2—Março—1711	PROVISÃO para Manoel Cabral, servir de Carcereiro da villa de Ribeirão do Carmo.....	74v.

DATAS		PAGINAS
14—Março—1711	PROVISÃO para Gonçalves Pereira, servir o officio de Aferidor dos pesos e balanças da villa do Ribeirão do Carmo.....	79
30—Março—1711	PROVISÃO para Matheus Gonçalves servir os officios de Inquisidor, Distribuidor e Contador, do districto da villa do Ribeirão do Carmo.....	86
8—Abril—1714	PROVISÃO passada a Antonio Ferreira Coelho, para servir o officio de Aferidor das medidas da villa do Ribeirão.....	84v.
11—Abril—1711	PROVISÃO para Matheus Gonçalves, servir o officio de Escrivão das Sesmarias, de todos os districtos do Ribeirão de N. S. N. do Carmo, Guarapiranga e Matto Dentro.....	86
14—Abril—1711	PROVISÃO para Francisco das Chagas Marques, servir o officio de Escrivão das Execuções do districto de Ribeirão do Carmo.....	87 v.
15—Abril—1711	PROVISÃO para Gaspar Gonçalves, servir o officio de Meirinho das execuções no districto de Ribeirão do Carmo.....	92
27—Abril—1711	PROVISÃO para José Rebello Perdigão servir de superintendeate do districto de Ribeirão do Carmo.....	94 v.
8—Maio—1711	PROVISÃO para Manoel Pires Gutterrs, servir o officio de Tabellião do Publico, Judicial e Notas da villa do Ribeirão.....	100 v.
2—Junho—1711	PROVISÃO passada a D. Simão de Toledo e Piza, do cargo de Ouvidor Geral da Capitania de São Paulo, pela ausencia do Desembargador João Saraiva de Carvalho e pela retirada do Desembargador Sindicante Antonio da Cunha Souto Maior, para o Rio de Janeiro.....	106
5—Junho—1711	PROVISÃO passada a Antonio Soares, para servir o officio de Escrivão das Sesmarias do districto de Ouro Preto.....	105 v.
5—Junho—1711	PROVISÃO para João Dias da Silva, do officio de Juiz dos Orphãos da villa de São Paulo.....	106

DATAS		PAGINAS
10—Junho 1711	PROVISÃO para Francisco Ribeiro, svrvir o officio de Aferidor dos pesos e balanças da villa de Ouro Preto.....	108
11—Junho—1711	PROVISÃO para Damasio Francisco, servir o officio de Carcereiro da cadeia do Ouro Preto.....	108
16—Junho —1711	PRVISÃO para Lourenço Tenreyro, para servir o officio de Meirinho da superintendencia do Serro do Frio.....	110
20—Junho—1711	PROVISÃO passada a Manoel Tavares do officio de Aferidor das medidas de Villa Rica de Albuquerque.....	121v.
6—Julho—1711	PROVISÃO para Carlos Monte Monteiro, servir o officio de escrivão da Camara de villa do Ribeirão do Carmo.....	116
9 — Julho—1711	PROVISÃO passada a Pedro da Rosa de Abreu, de um dos officios de Tabellião do Publico, Judicial e Notas da villa de Ribeirão do Carmo.....	120 v.
9 — Julho —1711	PROVISÃO passada a José Duarte, para servir o officio de Tabellião do Publico, Judicial e Notas de Villa Rica de Albuquerque.....	121 v.
9 — Julho—1711	PROVISÃO para Jeronymo de Barros Silva, servir o officio de Escrivão das Execuções de Villa Rica.....	121
10 — Julho—1711	PROVISÃO para Ignacio Francisco do Conto, do officio de Alcayde da nova villa Rica de Albuquerque.....	137
17 — Julho—1711	PROVISÃO passada a Lourenço de Souza Rouzado, para servir o officio de Escrivão da Camara de Villa Real da Conceição, que se erigiu no arraial do Sabará.	125
21 — Julho—1711	PROVISÃO para Manoel Esteves, servir o officio de Tabellião do Publico, Judicial e notas de Villa Real da Conceição.....	125 v.
22 — Julho—1711	PROVISÃO para José Corrêa de Miranda, servir de Administrador da Fazenda Real, sem embargo de estar aliviado da superintendencia que exercitava.....	125 v.

DATAS		PAGINAS
22 — Julho—1711	PROVISÃO passada a João Duarte, para servir o officio de Escrivão das Execuções da Villa Real da Conceição.....	126
23 — Julho -1711	PROVISÃO passada a Domingos Pereira Samora, para servir o officio de Escrivão da Almotaçaria da Villa Real da Conceição	126 v.
23 — Julho—1711	PROVISÃO passada a Manoel Antunes de Almeida, para servir o officio de Escrivão do administrador da fazenda dos districtos e nova Villa Real da Conceição	126 v.
23 — Julho -1711	PROVISÃO passada a Manoel Martins Mascarenhas, para servir o officio de Meyrinho do administrador da fazenda real da nova Villa Real da Conceição e todos seus districtos.....	127
19 - Agosto - 1711	PROVISÃO passada a Chrispim dos Santos Bueno, para servir o officio de Meyrinho do Campo de Villa Real da Conceição..	180
27—Agosto -1711	PROVISÃO para João de Azevedo de Carvalho, do cargo de Procurador da Corôa e Fazenda Real do Serro do Frio.....	135 v.
16—Setem.—1711	PROVISÃO para Salvador Cardoso Leitão, servir por seis mezes, o officio de Tabellião do Publico, Judicial e Notas da villa do Ribeirão do Carmo.....	138
27—Setem.—1711	PROVISÃO passada ao Padre Vicente de Souza, para poder advogar nos auditorios de Villa Rica.....	139
20 — Julho—1710	RESOLUÇÃO sobre os novos descobrimentos de minas de ouro, que tinham principiado Diogo Pires Moreira e Antonio Moreira, moradores da villa de Jacarahy, e Francisco Alves Castilho da de Taubaté; possam ter jurisdicção das terras entre Jaguary e Boguira, cortando para os Campos de Sapucahy, havendo-os por primeiros descobridores desta conquista e podendo lograr della as conveniencias e honras que Sua Mag. concede aos primeiros descobridores de minas.....	2

DATAS		PAGINAS
5 - Dezem. - 1709	TRASLADO da Carta de Sesmaria, de legoa e meia de terras no Caminho Novo das Minas, dadas por devolutas ao Alferes Manoel da Silva Rosa, entre a Parahybuna e Simão Pereira de Saá.....	143

NOTA: Este livro—(7)—setimo não tem termos de abertura e nem de encerramento, como tambem não são suas folhas rubricadas.—Contem—(226)-duzentas e vinte e seis folhas e só foram utilizadas—(144)—cento e quarenta e quatro, o restante se acha em branco.— De folhas, —(208-212)—duzentos e oito a duzentas e doze, se encontra um indice alphabetico dos nomes das pessoas a que foram conferidos os diversos cargos delle constantes.

Archivo Publico, 21 de Setembro de 1925.—Theophio Feu de Carvalho.—Conferi, 18-IX-925.- Feu de Carvalho.

INDICE

DO

LIVRO OITAVO

8—Registros de patentes, nombramentos e provisões.— 1711—1713.—(1)

DATAS		PAGINAS
3—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de José Jacintho de São Payo de Alferes de hua das companhias de infantaria paga, que se erigiram na Villa de São Paulo das do numero do novo terço destas Minas.....	28
5 Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Manoel de Freitas Corrêa, para Alferes da companhia do capitão Felix de Gusmão Mendonça e Bueno, do novo terço pago das Minas.....	4v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Manoel Carvalho, para Alferes da companhia do Capitão Francisco do Amaral Coutinho, uma das do novo terço das Minas..... ..	5v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Francisco Barreto de Faria, de Alferes da companhia do Capitão Simão Alz'. Mozinho, uma das do novo terço pago das Minas.....	6v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Lourenço da Silva Tourinho, de Sargento do numero da companhia do Cap.m Simão Alz'. Mouzinho, uma das do terço pago das Minas.....	6v.

—(1)—Indice do livro oitavo (antigo de n.— (5)—cinco) do catalogo publicado na—«Rev. do Arch. Pub. Min.»—do anno XII—1907, ás paginas—745.

DATAS		PAGINAS
5—Outubro -1711	NOMBRAMENTO de Antonio Borges de Carvalho, de Alferes da companhia do Capitão Manoel Pereira Ramos, uma das do novo terço pago das Minas.....	7v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Manoel Ferreira da Costa, de Alferes da companhia do Capitão João Carvalho de Oliveira, uma das do novo terço das Minas.....	8v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Sargento do numero passado a Antonio de Souza, da companhia do Capitão João Carneiro de Oliveira, uma das do novo terço das Minas.....	8v.
5 Outubro -1771	NOMBROMENTO de Bento Vieira de Souza, de Alferes do terço pago de infantaria das Minas.....	9v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Bartholomeu Gonçalves Lage, de Sargento do numero da companhia do Capitão Felix de Gusmão, uma das do novo terço pago das Minas.....	10v.
5—Outubro -1711	NOMBRAMENTO de Francisco de Saor de Menezes, do posto de Alferes da companhia do Capitão José de Seixas Borges, uma de infantaria das do novo terço pago das Minas.....	15
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Domingos da Costa Novaes, de Alferes da companhia do Capitão Bernardo Vieira de Abreu, uma das do novo terço pago.....	16v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO passado a Antonio Pereira Sardinha, de Sargento do numero da companhia do Capitão Antonio Pinto de Magalhães	17v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de João Correa, de Sargento Supra da companhia que governa o Alferes Bento Vieira de Souza.....	26v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Manoel Esteves da Cruz, de Sargento Supra da companhia do Capitão Simão Alz'. Mouzinho.....	26v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Miguel Pereira de Carvalho, de Sargento Supra da companhia de infantaria paga do Capitão Manoel Pereira Ramos....	26

DATAS		PAGINAS
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Caetano Pereira de Carvalho, de Sargento do numero da companhia do Capitão Manoel Pereira Ramos, do terço pago das Minas	11v.
5—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Antonio Nunes de Aguiar de Sargento supra da companhia de infantaria paga do Capitão José de Seixas Borges.....	26
6—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Antonio Cordeiro da Fonseca, de Capitão de companhia do novo terço das Minas.....	28
8—Outubro—1711	NOMBRAMENTO do Alferes Francisco Pedrozo Xavier da companhia do Capitão Pedro Vaz de Campos	20 v.
8—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de José de Faria, para Alferes da companhia do Capitão Braz Mendes Paes.....	21
8—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de João del Rio de Alferes da companhia do Capitão Antonio Bicudo de Brito, uma das do terço de Guarapiranga	23 v.
8—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Manoel de Moraes de Alferes da companhia do Capitão José Dias Leme, uma das do terço de Guarapiranga	24
8—Outubro—1711	NOMBRAMENTO de Francisco da Silva, de Alferes da companhia do Capitão Francisco Bicudo Chasim.....	25
3—Outubro—1711	PATENTE passada a Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, de Sargento mór do novo terço pago que S. Mag. mandou criar nas Minas.....	3
4—Outubro—1711	PATENTE passada a Damião de Oliveira e Souza, do posto de Mestre de Campo do terço auxiliar do districto do Rio das Mortes.....	22
4—Outubro—1711	PATENTE passada a Sebastião Carlos Leitão, do posto de Sargento mór do terço auxiliar do districto de Villa Rica de Albuquerque, de que é Mestre de Campo Paschoal da Silva Guimarães.	30

DATAS		PAGINAS
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Felix Gusmão Mendonça e Bueno, do posto de Capitão de infantaria de uma das companhias do novo terço pago de Minas.....	4
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Francisco de Amaral Coutinho, do posto de Capitão de infantaria de uma das companhias do novo terço pago das Minas	5
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Simão Alz.º Mozinho, do posto de Capitão de infantaria de uma das companhias do novo terço pago das Minas	6
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Manoel Pereira Ramos, do posto de Capitão de infantaria de uma das companhias do terço pago.....	7
5—Outubro—1711	PATENTE passada a João Carvalho de Oliveira, do posto de Capitão de infantaria do terço pago das Minas.....	8
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Marcos Pereira de Moraes, do posto de Capitão de infantaria de uma das companhias do terço	11
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Josè de Seixas Borges, do posto de Capitão de infantaria de uma das companhias pagas do terço das Minas.....	14 v.
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Bernardo Vieira de Abreu, do posto de Capitão de infantaria do novo terço das Minas	16
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Antonio Pinto de Magalhães, do posto de Capitão de infantaria de uma das companhias do novo terço pago das Minas	17
5—Outubro—1711	PATENTE passada a Matheus de Oliveira do posto de Ajudante do Coronel Domingos Roiz da Fonseca.....	29
6—OUTUBRO—1711	PATENTE de Manoel Rebello Peixoto, de Ajudante supra do terço auxiliar do districto do Ribeirão do Carmo, do Manoel de Campos Domingos Fernandes Pinto..	23
6—OUTUBRO—1711	PATENTE passada a João Ribeiro Simoins, do posto do Ajudante supra numerario	

DATAS		PAGINAS
	do novo terço de importancia paga das Minas.....	18 v.
6—OUTUBRO—1711	PATENTE passada a José Lourenço Ferreira, do posto de Ajudante do numero do do novo terço de infantaria das Minas.....	19
6 -OUTUBRO—1711	PATENTE passada a Pedro da Rosa de Abreu do posto de Ajudante supra numerario do novo terço de infantaria paga das Minas.....	19 v.
6—OUTUBRO—1711	PATENTE passada a José Borges Pinto, do posto de sargento mór do terço auxiliar dos districtos do Rio das Velhas e Sabará.....	13
6 - OUTUBRO—1711	PATENTE passada a Domingos Dias da Silva, do posto de capitão mór de um troço de gente dos naturaes da Serra Acima, para ir em socorro a cidade do Rio de Janeiro.....	14
6 OUTUBRO—1711—	PATENTE passada a José Furtado de Mendonça, do posto de Ajudante do numero, do novo terço de infantaria paga das Minas.....	18
6—OUTUBRO—1711	PATENTE passado a José Ferreira de Lemos, do posto de capitão do terço auxiliar do districto do Ribeirão do Carmo...	33
7—OUTUBRO—1711	PATENTE passada a João de Souza Souto Maior, do posto de sargento mór do districto do Rio das Velhas.....	12
8—OUTUBRO—1711	PATENTE passada a Pedro Vaz de Campos, do posto de capitão de infantaria da ordenança de uma das companhias do terço de que é cabo e capitão mór Domingos Dias da Silva.....	20
8 -OUTUBRO—1711	PATENTE passada a Braz Mendes Paes, do posto de capitão de infantaria de uma companhia das do troço de que é cabo e capitão mór Domingos Dias da Silva.	21
8—OUTUBRO—1711	PATENTE de Antonio Bicudo de Pinto do posto de capitão de infantaria da or-	

DATAS		PAGINAS
	denança do troço do capitão mór João Amaro Maciel do districto de Guarapiranga.....	23
8 - OUTUBRO—1711	PATENTE do capitão José Dias Leme, de uma companhia de troço de Guarapiranga, do capitão mór João Amaro Maciel.....	24
8 - OUTUBRO - 1711	PATENTE de Francisco Ricardo Chassim, do posto de capitão de uma companhia do troço de Guarapiranga do capitão mór João Amaro Maciel.....	24 v.
8—OUTUBRO—1711	PATENTE de Luiz de Barros Freire, do posto de Ajudate do troço de Guarapiranga.....	25 v.
9 - Outnbro - 1711	PATENTE de Domingos Pereira Padilha, do posto de Sargento mór do troço de gente do districto de Guarapiranga	22
12 - Abril — 1712	PATENTE passada a Manoel Antunes de Lemos, do posto de infantaria do novo terço pago das Minas.....	12 v.
28 - Abril — 1712	PATENTE passada a José Rebello Perdigão, do posto de M.º de Campo do terço auxiliar do districto de Ribeirão do Carmo.	27
26 - Fever.º—1713	PATENTE passada a Manoel de Araujo Brandão, do posto de capitão de uma das companhias auxiliares do Ribeirão do Carmo	32
28—Fever.º—1713	PATENTE passada a Manoel da Silva Rosa, do posto de Sargento mór da ordenança do districto de Ribeirão do Carmo	32 v.
23 - Maio - 1713	PATENTE passada a Diogo Corrêa Gallas, do posto de Capitão de cavallos da tropa do districto do Caethé....	33 v.
28 - Maio - 1713	PATENTE passada a Manoel de Mendonça e Lima, do posto de Tenente-Coronel da cavallaria da ordenança das Minas	34
3 - Junho - 1713	PATENTE passada a Raphael da Silva, do posto de Capitão mór da Villa de N. S. do Carmo e seu districto..... ...	34 v.

DATAS		PAGINAS
5—Outubro—1711	PROVISÃO passada a José Ribeiro perdigão, do cargo de Auditor Geral do pé de exercito que foi com Antonio de Albuquerque soccorrer a cidade do Rio de Janeiro	10
6—Outubro—1711	PROVISÃO passada a Antonio Alz.' de Magalhães, do cargo de Provedor do pé de exercito, que foi com Antonio de Albuquerque socorrer a cidade do Rio de Janeiro.....	9
15—Novbr.º—1712	PROVISÃO passada a João de Lima Curado, para advogar na Villa Real de N. Senhora da Conceição.....	31
25—Novbr.º—1712	PROVISÃO passada a Gaspar de Araujo Brandão, dos officios de Inquiridor, Contador e Distribuidor da Villa Real de N. Senhora da Conceição.....	30 v.
15—Dezbr.º—1712	PROVISÃO passada a João de Souza Soto Maior, de Thesoureiro da fazenda real da V.ª Real de N. S. da Conceição.....	35
15—Novbr.º—1713	PROVISÃO para Braz da Silva Pacheco, servir o officio de Tabellião do Publico, Judicial e Notas da Villa Real de N. Senhora da Conceição.....	31

Nota: — Este livro (8.º) oitavo, antigo n. (5) quinto, não tem termos de abertura nem de encerramento e nem tão pouco rubrica nas folhas.

Tem suas folhas numeradas até 195 e só foram utilizadas 35, as demais se acham em branco.

De folhas 1 a 3 se encontra uma lista, mais ou menos, alphabetica de nomes dos titulares constantes do mesmo.

Archivo Publico, 9 de Outubro de 1925.—*Theophilo Feu de Carvalho.*

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

PARA O

Archivo Publico Mineiro

Em auxilio desta instituição, que não pode ser indifferente aos bons cidadãos, invocamos o concurso de todas as pessoas que se interessam pelas tradições honrosas do nosso Estado, esperando que se dignem remetter-nos os documentos e informações que possuam ou possam obter concernentes á historia, aos homens e ás cousas de Minas Geraes, no intuito de serem opportunamente publicados ou de qualquer modo aproveitados convenientemente.

Alem de taes documentos e informações—que, em numero consideravel, se acham esparsos por muitas mãos, sem nenhuma utilidade para a causa publica—pedimos a remessa (com destino á Bibliotheca Mineira do *Archivo*) de todas as publicações, antigas e modernas, feitas por Mineiros ou relativas a Minas-Geraes, em geral, ou a qualquer de suas regiões e localidades, inclusivé periodicos, estatutos municipaes, noticias sobre curiosidades naturaes, templos, instituições, edificios publicos, hospitaes, asylos, fabricas, associações industriaes, litterarias e beneficentes, notas estastisticas, apontamentos biographicos de Mineiros notaveis, lendas e tradições populares, etc.

Por essas offert s e informações mostraremos em tempo publico agradecimento, re erindo os nomes dos distinctos cidadãos que cavalheira e patrioticamente attenderem ao nosso pedido, prestando taes serviços ao Estado.

Os fiscaes das rendas do Estado, os inspectores escolares, os fiscaes do serviço de immigração e os das estradas de ferro auxiliadas pelo Estado, e os engenheiros das circumscripções, ficam encarregados de procurar e obter quaesquer documentos importantes para a historia e a geographia de Minas Geraes, noticias certas sobre a vida de Mineiros distinctos, e outras informações que interessem, de alguma forma, ao Estado, filiando-se aos intuitos do Archivo Publico Mineiro, para onde devem endereçal-as.—(Art. 13, do dec. n. 860, que promulgou o Regulamento do Archivo Publico Mineiro).

REVISTA

DO

ARCHIVO PUBLICO MINEIRO

ASSIGNA-SE E VENDE-SE

NA

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO

Bello Horizonte